



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA - PROLING

CLÁUDIA SALES DE OLIVEIRA

**ANÁLISE DA MULTIFUNCIONALIDADE DA FORMA DEMONSTRATIVA *ESSA*
NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA**

João Pessoa - PB
2021

CLÁUDIA SALES DE OLIVEIRA

**ANÁLISE DA MULTIFUNCIONALIDADE DA FORMA DEMONSTRATIVA *ESSA*
NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Denilson P. de Matos

João Pessoa – PB
2021



ATA DE DEFESA DE TESE DE
CLAUDIA SALES DE OLIVEIRA

Aos dezesseis dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um (16/12/2021), às dezesseis horas, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Tese intitulada “ANÁLISE DA MULTIFUNCIONALIDADE DA FORMA DEMONSTRATIVA ESSA NA PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA”, apresentada pelo(a) doutorando(a) **CLAUDIA SALES DE OLIVEIRA**, Graduado(a) em Letras pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, orientando(a) do(a) Prof.(a). Dr(a) Denilson Pereira de Matos (PROLING-UFPB), que concluiu os créditos para obtenção do título de **DOUTOR(A) EM LINGÜÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof.(a). Dr(a). José Ferrari Neto, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof.(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos (PROLING - UFPB), na qualidade de Orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(as) Professores(as) Doutores(as) Cléber Alves de Ataíde (Examinadora/UFRPE), Adílio Junior de Souza (Examinador/URCA), Rosana Costa Oliveira (Examinadora/PROLING-UFPB) e Rubens Marques de Lucena (Examinador/PROLING-UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente, Denilson Pereira de Matos, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) Doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Sr(a). Presidente, foram encerrados os trabalhos e, para constar foi lavrada a presente ata que será assinada juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 16 de dezembro de 2021.

Observações

Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Cléber Alves de Ataíde
(Examinador)

Prof(a). Dr(a). Adílio Junior de Souza
(Examinador)

Prof(a). Dr(a). Rosana Costa Oliveira
(Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Rubens Marques de Lucena
(Examinador)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

048a Oliveira, Claudia Sales de.
Análise da multifuncionalidade da forma
demonstrativa essa na perspectiva da linguística
funcional clássica / Claudia Sales de Oliveira. - João
Pessoa, 2021.
199 f. : il.

Orientação: Denilson Pereira de Matos.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística - Funcional clássica. 2. Pronomes
demonstrativos. 3. Iconicidade. 4. Prototipicidade. I.
Matos, Denilson Pereira de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81-116.3(043)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai (*in memoriam*) que muito me
amou, à sua maneira, e me proporcionou
educação e formação integral.

À minha mãe, educadora de vida e profissão,
que renunciou sua vida e seus sonhos para nos
dar a oportunidade ao conhecimento.

Aos meus filhos, Raiff e Raíssa, que, tão
amorosamente, suportaram minhas ausências e
deram sentido à minha jornada de vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus que, por sua infinita bondade, concedeu-me a vida e as oportunidades na vida, apesar de minhas limitações.

À minha mãe, Dulce Sales de Oliveira, que incansavelmente, suportou inúmeros sacrifícios e renúncias para que seus sete filhos pudessem alcançar seus estudos superiores.

Ao meu pai (*in memoriam*), que, com dificuldades, proporcionou-nos o melhor que podia dar.

Aos meus filhos, Raiff e Raissa, que, tão amorosamente, suportaram minhas ausências e deram sentido à minha jornada de vida.

Ao meu querido orientador, o prof. Dr. Denilson P. de Matos, que entrou no meu caminho por acaso, mas causou um impacto significativo, agradeço seu esforço, seu incentivo, sua alegria e suas orientações incansáveis e constantes.

Aos meus irmãos, Angélica, Alberto, Albiege, Dulcinéia, Fabiano e Cristiano, pelo amor, companheirismo e torcida.

À Universidade Federal de Roraima (UFRR), pelo meu afastamento de 4 (quatro) anos, para cursar o Doutorado.

À Universidade Federal da Paraíba pela gentil acolhida e por oferecer Cursos de Pós-graduação de excelência;

Ao Curso de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), em especial ao prof. Dr. José Ferrari Neto por, tão amavelmente, nos receber e, de forma especial, mostrar as soluções dos trâmites do curso.

Ao funcionário Ronil Ferraro, pela especial atenção com que sempre nos atendeu.

Aos professores Drs. Cléber Ataíde, Rubens Lucena e Adílio de Souza Júnior pelas importantes contribuições na avaliação desta tese no momento da Qualificação.

Aos meus amados e inesquecíveis colegas do Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB) – Adélia, Amanda, Betânia, Cícero, Cléber, Edilma, Edna, Edson, Elisa, Emanoele, Ercilene, Francineide, Humberto, Jalusa, João Matias, José Vagner, Julieta, Marcos, Maria, Raissa, Rosângela, Walbérico, Wuilians – pela generosidade em dividir nos inúmeros encontros e eventos acadêmicos seus conhecimentos e sua amizade.

Ao estimado colega e amigo professor Dr. Tiago Aguiar, que, em muitas ocasiões e com imensa generosidade, presenteou-nos com o mais precioso de seus conhecimentos.

Aos meus amigos do *Clube de Leitura* – Flávia, Francineide, Jalusa, Raul, Denilson – que, neste período de pandemia, foram um alento nas trocas de experiências e companheirismo.

Aos informantes do Corpus D&G Natal, que tão generosamente, ofereceram suas experiências linguísticas e nos doaram as ocorrências necessárias para este estudo.

Aos professores do PROLING que, com especial dedicação, dão o seu melhor e compartilham seus conhecimentos na sala de aula, elevando o conceito do curso.

Aos meus colegas de trabalho e ao Diretor da Escola Agrotécnica da UFRR, o professor Dr. Jandiê Araújo da Silva, pelo incentivo à capacitação dos servidores da unidade.

Aos amigos que conquistei nesta jornada, sempre estarão na minha memória e no meu coração; e com os quais vivi experiências inesquecíveis.

A TODOS MINHA ETERNA GRATIDÃO.

O que tenho a dizer não é difícil, nem polêmico. O único mérito que gostaria de reivindicar para esta exposição é o fato de ser verdadeira pelo menos em parte. O fenômeno a ser discutido é bastante difundido e óbvio, e não pode ter passado despercebido pelo menos em algumas instâncias. Entretanto, ainda não encontrei quem a ele tivesse se dedicado especificamente. (AUSTIN, 1990[1962])

... a intenção do locutor apresenta-se como a explicação 'mais natural' em análise lingüística: essa intenção do locutor é que fundamenta o discurso. (FONTAINE, 1978)

RESUMO

Esta tese analisa os usos da forma demonstrativa *essa*, identificando suas funções prototípicas, suas regularidades e sua sistematicidade em termos sintáticos e semântico-discursivos. O trabalho se situa no campo da Linguística Funcional Clássica (doravante LFc), de vertente norte-americana (HOPPER; THOMPSON, 1980; GIVÓN, 1984), considerando as seguintes categorias: iconicidade e prototipicidade. Parte-se da defesa de que o uso prototípico do pronome *essa* compreende os seguintes atributos: a) a relação adjetiva com o substantivo que acompanha; b) a posição próxima a seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal; c) as relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona; e d) a indicação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa consiste apresentar a multifuncionalidade da forma pronominal *essa* (e suas variações), na perspectiva da LFc. Para alcançar este objetivo, propõe-se a análise dos seguintes critérios e parâmetros que nortearam os usos da forma *essa*: I – Funções Morfossintáticas: a) Função adjetiva; b) Função substantiva; c) Tipos de Sintagma Nominal Demonstrativo (doravante SND); II – Funções Semântico-discursivas e Pragmáticas: a) Natureza do nome relativo ao SND: concreta e abstrata; b) Processos de referência: *Dêixis*: *dêixis* espacial, *dêixis* temporal e *dêixis* memorativa; Anáfora: Anáfora direta; anáfora associativa; anáfora encapsuladora; anáfora por nomeação; anáfora metadiscursiva; III – Fatores estruturais: graus de distanciamento referente / SND (G0, G1, G2, G3, G4). Paralelamente, apresentamos a conjunção de contextos de produção com parâmetros de análise dos usos do *essa*, a saber, a modalidade da Língua – oral e escrita e os gêneros textuais. A partir do levantamento dos dados destes parâmetros, traçamos o perfil dos usos prototípicos da forma demonstrativa *essa*. Quanto aos procedimentos metodológicos, apresentamos as abordagens quantitativa e qualitativa para analisar 595 ocorrências da forma demonstrativa *essa*, identificadas no *Corpus D&G/Natal* (FURTADO DA CUNHA, 1998), em entrevistas, que transcorreram em 5 (cinco) tipos de textos orais e escritos, desenvolvidos igualmente, em torno da seguinte proposta: 1) narrativa de experiência pessoal; 2) narrativa recontada; 3) descrição de local; 4) relato de procedimento; 5) relato de opinião. Os resultados quantitativos indicaram uma predominância dos usos do *essa* na função morfossintática adjetiva; nos tipos de SND *ESSA X* e *ESSA X (Z)*; nos processos de referência anáforas encapsuladora e direta; e grau de distanciamento é G3 e G1. Com relação ao contexto de produção, há uma predominância dos usos da forma *essa* em textos orais; em gênero textual narrativa. Os usos mais prototípicos evidenciam a função primordial dos demonstrativos já mencionada, ao passo que os usos menos prototípicos revelam funções mais discursivo/pragmáticas. Podemos concluir que as funções primitivas dêiticas e fóricas mantêm-se, tanto na perspectiva textual como situacional, reveladas na escala gradiente do (+)prototípico (concreto) > (–)prototípico (abstrato). No entanto, os usos (–) prototípicos revelam também que há uma regularidade dos usos da forma demonstrativa *essa* que circulam nas falas dos usuários do português e que merecem uma atenção especial, visto que refletem ao mesmo tempo evidências de processos de variação em curso e de usos da língua em situações comunicativas específicas para propósitos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: demonstrativos, linguística funcional, funções sintático-semântico-discursivas.

RESUMEN

Esta tesis analiza los usos de la forma demostrativa *essa*, identificando sus funciones prototípicas y su sistematicidad en términos sintácticos y semántico-discursivos. El trabajo se ubica en el campo de la Lingüística Funcional Clásica (LFC), de vertiente norteamericana (HOPPER; THOMPSON, 1980; GIVÓN, 1984), levando en cuenta las siguientes categorías: iconicidad y prototipicidad. Se parte de la defensa de que la lógica del uso prototípico del pronombre *essa* comprende los siguientes atributos: a) la relación adjetiva con el sustantivo que acompaña; b) la posición próxima a su núcleo sustantivo, con función de adjunto adnominal; c) las relaciones sintáctico-semánticas en el interior de la sentencia en que se insiere, contribuyendo para mejor percepción del sentido de las estructuras sustantivas con las cuales se relaciona; y d) la iniciación, direccionamiento, con fuerte apelación al *status* locativo. Ante esto, el objetivo de la investigación consiste presentar La multifuncionalidad de la forma pronominal *essa* (y sus variaciones), en la perspectiva de la LFC. Para alcanzar este objetivo, proponemos el análisis de los siguientes criterios y parámetros que orientaron los usos de la forma *essa*: I – Funciones Morfosintácticas: a) Función Adjetiva; b) Función Sustantiva; c) Tipos de Sintagma Nominal Demostrativo (SND); II – Funciones Semántico-discursivas y Pragmáticas: a) Naturaleza del nombre en el SND: concreta y abstrata; b) procesos de referenciación: a) Déixis: *déixis* espacial, *déixis* temporal y *déixis* memorial; b) Anáfora: Anáfora directa; anáfora asociativa; anáfora rotuladora; anáfora por nombramiento; anáfora metadiscursiva; III – Factores estruturales: grados de distanciamiento referente / SND (G0, G1, G2, G3, G4). Al mismo tiempo, presentamos la conjunción de contextos de producción con parámetros para analizar los usos de *essa*, es decir, la modalidad del lenguaje - oral y escrito, y los géneros textuales. En los procedimientos metodológicos, presentamos los abordajes cuantitativo e cualitativo para analizar 595 ocurrencias de la forma demostrativa *essa*, identificadas en el *Corpus* D&G/Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), en entrevistas, que transcurrieron en 5 (cinco) tipos de textos orales y escritos, desarrollados igualmente, según la siguiente propuesta: 1) narrativa de experiência personal; 2) narrativa recontada; 3) descripción de lugar; 4) exposición de procedimientos; 5) exposición de opinión. A partir de la identificación de los datos de estos parámetros, establecemos el perfil de los usos prototípicos de la forma demostrativa *essa*. Los resultados cuantitativos indicaron una predominancia de los usos del *essa* en función morfosintáctica adjetiva; en los tipos de SND *ESSA* X, *ESSA* X (Z); con la naturaliza concreta el nombre en el SND y en los processos de referenciación anáforas encapsuladora y directa. Con relación al contexto de producción, hay una predominancia de los usos de la forma *essa* en textos orales; en SND, cuyo grado de distanciamiento es el G3 y en géneros textuales narrativos. Los usos (+)prototípicos evidencian la función primordial de los demostrativos já mencionada, al paso que los usos (–)prototípicos revelan funciones más discursivo-pragmáticas. Podemos concluir, hasta el momento, que las funciones primitivas déicticas y fóricas se mantienen, tanto en la perspectiva textual como situacional, reveladas en la escala gradiente del (+)prototípico < (±)prototípico > (–)prototípico. Sin embargo, los usos (–)prototípicos revelan también que hay una regularidade de los usos de la forma demostrativa *essa* que circulan en las hablas de los usuarios del portugués y que merecen una atención especial, una vez que reflejan, al mismo tempo, evidencias de procesos de variación en curso y de usos de la lengua en situaciones comunicativas específicas para propósitos específicos.

PALABRAS-CLAVES: demostrativos, lingüística funcional, funciones sintáticas, semánticas, discursivas.

ABSTRACT

This thesis analyzes the uses of the *essa* demonstrative form, identifying its prototypical functions and its systematicity in syntactic and semantic-discursive terms. This work belongs to the Classical Functional Linguistics (CFL) field, with a North American approach (HOPPER; THOMPSON, 1980; GIVÓN, 1984), considering the following categories: iconicity and prototypicality. It starts by defending the idea that the prototypical use of the *essa* pronoun comprises the following attributes: a) the adjective relationship with the accompanying noun; b) the position close to its substantive nucleus, with adjunct adjunct function; c) the syntactic-semantic relationships within the sentence in which it is inserted, contributing to a better perception of the meaning of the substantive structures with which it is related; and d) the indication, direction, with strong appeal to the locative *status*. Therefore, the general objective of the research is to present the multifunctionality of the *essa* pronominal form (and its variations), on the CFL perspective. To achieve this goal, we propose the analysis of the following criteria and parameters that guided the uses of *essa* form: I – Morphosyntactic functions: a) Adjective function; b) Substantive function; c) Types of DNP[SND]; II – Semantic-discursive and Pragmatic Functions: a) Nature of the name related to the DNP: concrete and abstract, b) Reference processes: Deixis: spatial deixis, temporal deixis and memorial deixis; Anaphora: Direct anaphora; associative anaphora; encapsulating anaphora; anaphora by appointment; metadiscursive anaphora; III – Structural factors: degrees of relative distance / DNP (G0, G1, G2, G3, G4). In the meantime, we present the conjunction of production contexts with parameters for analyzing the uses of *essa*, namely, the modality of language – oral and written, and textual genres. From the data survey of these parameters, we traced the profile of the prototypical uses of the *essa* demonstrative form. As for the methodological procedures, we present the quantitative and qualitative approaches to analyze 595 occurrences of the *essa* demonstrative form, identified in Corpus D&G/Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), in interviews, which took place in 5 (five) types of oral and written texts, developed equally around the following proposal: 1) narrative of personal experience; 2) narrated narrative; 3) location description; 4) procedure report; 5) report of opinion. The quantitative results indicated a predominance of the uses of *essa* in the adjective morphosyntactic function; in the types of DNP ESSA X and ESSA X (Z); with the concrete nature of the name in the SND and in the encapsulating and direct anaphora referencing processes. Regarding the production context, there is a predominance of uses of *essa* form in oral texts; in DNP, whose degree of detachment is G3 and in narrative textual genre. The more prototypical uses show the primordial function of demonstratives already mentioned, while the less prototypical uses reveal more discursive/pragmatic functions. We can conclude that the deictic and phoric primitive functions remain, both in the textual and situational perspective, revealed in the gradient scale of (+)prototypical (concrete) > (–)prototypical (abstract). However, the (–)prototypical uses also reveal that there is a regularity in the uses of the *essa* demonstrative form that circulate in the speeches of Portuguese users and that deserve special attention, as they reflect at the same time evidence of ongoing variation processes and uses of language in specific communicative situations for specific purposes.

KEYWORDS: demonstratives, functional linguistics, syntactic-semantic-discursive functions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paradigma das declinações dos demonstrativos no Latim.....	30
Figura 2 – Modelo de escala gradiente de prototipicidade.....	59
Figura 3 – Esquema de representação das Anáfora Diretas	86
Figura 4 – Representação das Anáforas Indiretas	88
Figura 5 – Contínuo anafórico AD – AI	95
Figura 6 - Catalogação dos dados em planilha Excel.....	117
Figura 7 - Escala gradiente de prototipicidade dos usos da forma demonstrativa essa	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Demonstrativos Latinos (Clássico e Vulgar).....	29
Quadro 2 – Sistema dos Demonstrativos do Português Arcaico	37
Quadro 3 – Quadro sinóptico das funções morfossintáticas da forma demonstrativa essa	68
Quadro 4 - Funções semânticas do nome relacionado à forma demonstrativa essa.....	73
Quadro 5 – Estratégias de Progressão Textual	96
Quadro 6 – Critérios e parâmetros de prototipicidade dos usos da forma demonstrativa essa.....	103
Quadro 7 – Contextos de produção como fatores estruturais dos usos da forma demonstrativa essa.....	107
Quadro 8 – Perfil dos informantes do Corpus D&G/Natal	113
Quadro 9 – Critérios de análise: parâmetros de prototipiciade e o contexto de produção dos usos da forma demonstrativa essa.....	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência das funções Morfossintáticas dos usos da forma demonstrativa essa	123
Gráfico 2 – Distribuição dos dados em função dos Tipos de SND	125
Gráfico 3 - Frequência das ocorrências dos tipos de SND por função morfossintática da forma essa	127
Gráfico 4 – Frequência das ocorrências em função da natureza do nome no SN	129
Gráfico 5 - Frequência das ocorrências da forma essa em função das estratégias de referenciação dêiticas e fóricas	131
Gráfico 6 – Frequência dos usos da forma demonstrativa essa em função da natureza do nome x estratégias de referenciação do SND	133
Gráfico 7 - Distribuição das ocorrências da forma demonstrativa essa na categoria Dêixis	134
Gráfico 8 - Frequência dos usos da forma demonstrativa essa em função do grau de distanciamento do SND e seu referente	135
Gráfico 9 - Frequência dos usos do essa na conjunção dos parâmetros Grau de distanciamento SND/Referente e Tipos de SND	137
Gráfico 10 - Frequência dos dados dos graus de distanciamento SND/Referente e estratégias de referenciação	139
Gráfico 11 - Frequência dos Graus de Distanciamento SND/Referente em função dos Gêneros Textuais	139
Gráfico 12 - Frequência das ocorrências em função da Modalidade de uso da Língua	143
Gráfico 13 – Frequência dos usos da forma essa na modalidade de língua, numa conjunção com as relações morfossintáticas	144
Gráfico 14 - Frequência das estratégias de referenciação na modalidade oral	145
Gráfico 15 -Frequência das estratégias de referenciação na modalidade escrita	145
Gráfico 16 – Frequência de usos da forma essa numa conjunção entre a modalidade de língua e o TSN	146
Gráfico 17 – Frequência do grau de distanciamento SND/Referente em função da modalidade de língua	147
Gráfico 18 - Frequência das ocorrências da forma demonstrativa essa em função dos Gêneros Textuais	148
Gráfico 19 – Correlação de dados entre a natureza semântica do nome, gêneros textuais e modalidade de língua	150
Gráfico 20 – Frequência dos usos da forma essa em função dos gêneros textuais e estratégias de progressão textual	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências dos tipos de SND por função morfossintática do demonstrativo <i>essa</i>	126
Tabela 2 - Distribuição dos dados em função das estratégias de referenciação.....	130
Tabela 3 – Distribuição das ocorrências quanto ao grau de distanciamento do SND e seu referente.....	137
Tabela 4 – Frequência dos usos da forma demonstrativa <i>essa</i> em função dos contextos de produção	142
Tabela 5 – Frequência dos usos da forma <i>essa</i> em função dos Gêneros Textuais em conjunção com a Modalidade de Língua	149
Tabela 6 – Frequência dos usos do <i>essa</i> em função dos Gêneros textuais, modalidade de usos e processos de Referenciação.....	152
Tabela 7 – Levantamento das propriedades (+)prototípicas, (±)prototípicas e (–)prototípicas da forma demonstrativa <i>essa</i>	153

SUMÁRIO

0	PREÂMBULO OU CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
0.1	Objeto de estudo e questão da pesquisa.....	17
0.2	Objetivos.....	22
0.3	Organização dos capítulos.....	22
	CAPÍTULO 1 – POR UMA DESCRIÇÃO DOS DEMONSTRATIVOS: UMA LEITURA CRÍTICA EM DIFERENTES PERÍODOS.....	25
1.1	Introdução.....	25
1.2	A visão das gramáticas	27
1.2.1	O paradigma latino.....	27
1.2.2	Do Português Antigo.....	36
1.2.3	Do Português Moderno	38
1.3	Contribuições de estudos linguísticos contemporâneos.....	42
1.4	Síntese do capítulo.....	47
	CAPÍTULO 2 - A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA: AS NOÇÕES DE ICONICIDADE E PROTOTIPICIDADE	49
2.1	Introdução.....	49
2.2	O Princípio da Iconicidade	49
2.3	O Pressuposto da Prototipicidade	56
2.4	Síntese do capítulo.....	59
	CAPÍTULO 3 – CRITÉRIOS E PARÂMETROS DE PROTOTIPICIDADE E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS USOS DO <i>ESSA</i>	61
3.1	Introdução.....	61
3.2	Os Pronomes Demonstrativos: conceito	62
3.3	Critérios e Parâmetros dos usos da forma demonstrativa <i>essa</i>	64
3.3.1	As Funções Morfossintáticas da forma demonstrativa <i>essa</i>	65
3.3.1.1	Relações Morfossintáticas da forma demonstrativa <i>essa</i>	65
3.3.1.2	Tipos de SND	67
3.3.2	As Funções Semânticas e Pragmáticas da forma demonstrativa <i>essa</i> no SND.....	69
3.3.2.1	A natureza semântica do nome no SND	69
3.3.2.2	Processos de referência demonstrativa <i>essa</i>	73
3.3.2.2.1	Processos de referência demonstrativa: <i>déixis</i>	77
I -	<i>Déixis</i> espacial	78
II -	<i>Déixis</i> temporal.....	80
III -	<i>Déixis</i> memorativa.....	82
3.3.2.2.2	Processo de referência demonstrativa: a <i>foresis</i>	83

I - Anáforas Diretas (correferenciais).....	85
II - Anáforas Indiretas (não correferenciais)	88
A - Anáfora encapsuladora ou rotuladora.....	89
B - Anáfora por Nomeação.....	90
C - Anáfora Associativa	92
D - Anáfora Metadiscursiva.....	93
III - Catáfora	94
3.4 Fatores estruturais: os graus de distanciamento do SND / Referente	96
3.5 Contextos de produção	98
3.5.1 Modalidades de uso da Língua – Oral e Escrita.....	98
3.5.2 O uso da forma <i>essa</i> em função dos Gêneros Textuais.....	100
3.5.2.1 Narrativa e Descrição	100
3.5.2.2 Relatos de Procedimento e de Opinião.....	101
3.6 Quadros Sinópticos dos critérios e parâmetros de prototipicidade e dos contextos de produção dos usos da forma demonstrativa <i>essa</i>	103
3.7 Síntese do capítulo.....	108
CAPITULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	111
4.1 Introdução.....	111
4.2 As etapas da pesquisa	112
4.2.1 A escolha e descrição do <i>Corpus</i>	112
4.2.2 Seleção dos critérios, parâmetros de prototipicidade e dos contextos de produção da forma <i>essa</i>	114
4.2.3 O tratamento e procedimentos estatísticos para a análise dos dados	117
4.3 Síntese do capítulo.....	120
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	121
5.1 Introdução.....	121
5.2 Funções Morfossintáticas da forma demonstrativa <i>essa</i>	122
5.2.1 Relações Morfossintáticas da forma demonstrativa <i>essa</i>	122
5.2.2 Tipos de SND.....	125
5.3 Funções Semânticas e discursivo-pragmáticas da forma demonstrativa <i>essa</i> no SND	128
5.3.1 A natureza semântica do nome no sintagma nominal com o demonstrativo <i>essa</i>	128
5.3.2 Processo de referenciação demonstrativa.....	129
5.4 Fatores estruturais: os graus de distanciamento do SND/Referente	135
5.5 Contexto de produção dos usos da forma demonstrativa <i>essa</i>	142
5.5.1 Usos da forma demonstrativa <i>essa</i> em função da Modalidade da Língua.....	143
5.5.2 Usos da forma demonstrativa <i>essa</i> em função dos Gêneros Textuais.....	148
5.6 Tratamento da Prototipicidade dos usos da forma demonstrativa <i>essa</i>	152
5.6.1 Funções morfossintáticas da forma demonstrativa <i>essa</i>	154

5.6.2 As relações semântico-pragmáticas da forma demonstrativa <i>essa</i>	156
5.6.3 Fatores estruturais: Grau de distanciamento SND / Referente.....	157
5.7 Análise dos princípios de iconicidade em função dos usos da forma demonstrativa <i>essa</i>	159
5.8 Síntese do capítulo.....	163
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	170
APÊNDICE	180

O PREÂMBULO OU CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese se insere numa abordagem funcionalista da linguagem, cujos postulados preveem que i) a língua é uma competência comunicativa; ii) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos; e iii) a explicação linguística deve ser procurada nos usos linguísticos. Partindo desse ponto de vista e centrados numa abordagem cujos os pressupostos partem da premissa de que a língua deve ser analisada, “do ponto de vista do contexto linguístico e da situação comunicativa” (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14), fizemos opção pelo modelo teórico-metodológico da Linguística Funcional Clássica (doravante LFc), de vertente norte-americana, representada por Hopper e Thompson (1980), Givón (1984). Acreditamos que esta abordagem atende aos anseios que almejamos alcançar e dará o norte ao estudo que pretendemos desenvolver.

Tomando o fenômeno linguístico, compreendido a partir do estudo da “língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17), buscamos as regularidades da língua para interpretar os usos da forma pronominal *essa*, a partir da identificação das formas prototípicas.

Apesar de a forma demonstrativa *essa* inserir-se na categoria dos pronomes, cuja função é de substituir o nome, estabelece junto ao substantivo uma relação de proximidade e referencialidade dentro da sentença. Acreditamos que seus usos evidenciam a possibilidade de se encontrarem funções regulares e inovadoras que tendem a ser mais discursivas que sintáticas. Desta maneira, propomo-nos analisar os usos do *essa* e variações, na perspectiva da LFc, buscando identificar seus usos prototípicos e funções discursivas que evidenciem uma tendência que revele novas configurações na categoria dos demonstrativos.

0.1 Objeto de estudo e questão da pesquisa

A forma demonstrativa *essa* se caracteriza, sintaticamente, como um determinante, seguido de um substantivo, servindo como um modificador deste. Desta maneira, manifesta usos prototípicos, considerando os seguintes atributos:

- a) Tem relação adjetiva com o substantivo que acompanha;
- b) Posiciona-se próximo do seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal;
- c) Estabelece relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo

- d) para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona;
- e) Sugere iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo, em que aponta para um referente, focando a atenção do ouvinte em um objeto, uma pessoa, uma situação, um local ou qualquer outro tipo de referente.

Para compreendermos como ocorre a prototipicidade nos usos da forma demonstrativa *essa*, observemos os exemplos 1 e 2.

Ex1: ... e eu fiquei quase um mês lá internado né ... fiquei quase um mês sem dormir ((carro passando)) sem dormir porque muito ... muitas escoriações pelo corpo né ... isso aqui ... essa parte daqui ... daqui do ... do ... no meu rosto ... abriu ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 2)

Ex2: outro dia ... tinha uma entrevistada o ano passado ... do ... do nosso ... da nossa cidade aqui ... uma mulher que cultiva ... que cria minhocas e ... e ... (...) e essa mulher ela ... ela era muito é ... como é que se diz ... bem humorada ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 71)

Nestes casos, é possível notar que a forma demonstrativa *essa* incorpora os atributos evidenciados em (a), (b), (c) e (d). Em (1), o *essa* remete a um elemento na situação comunicativa (*parte no rosto*), indicado por um item locativo (*daqui*); estabelece uma relação adjetiva; posiciona-se próximo ao núcleo substantivo, possui função adnominal; apresenta relações sintático-semânticas, ressaltando seu valor mostrativo, revelando seu *status* locativo. Em (2), o *essa* aponta para um elemento do texto (*uma mulher*); assumindo igualmente os demais atributos identificados no exemplo (1).

Entretanto, deparamo-nos com frases do tipo:

- *não me venha com essa [de];*
- *vamos nessa;*
- *sem essa;*
- *ora essa;*
- *corta essa;*
- *por essa não esperava;*
- *essa é boa.*

Estes exemplos apresentam uma espécie de desconstrução prototípica do adjetivo demonstrativo *essa*, já que se afastam do protótipo *essa(s) + substantivo*, fazem parte de uma nova sentença, em cujas relações tornam-se menos sintáticas, mais semânticas e discursivas, e, por conseguinte, mais pragmáticas. Logo, o distanciamento do núcleo e o estabelecimento de relações mais fôricas, para além dos limites da frase, dão espaço a outras regularidades de uso mais semânticas e pragmáticas. Diante desses usos insólitos da forma demonstrativa *essa*, urge

a necessidade de se buscar uma reanálise dos demonstrativos, a partir do estudo da prototipicidade dos usos da forma *essa*, para identificarmos o surgimento de usos inovadores, que orbitam em torno dos usos prototípicos, buscando a multifuncionalidade da forma demonstrativa *essa*.

Nesta perspectiva, acredita-se que estamos diante de um processo sintático-semântico-pragmático produtivo com a forma *essa*. Desta forma, perguntamos: que possibilidades funcionais menos sintáticas, mais semânticas e discursivo-pragmáticas há nos usos do pronome *essa*? Como se dá a gradiência desses usos na escala de prototipicidade, dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos? Que fatores influenciam esses usos?

Para responder a estas e outras questões que surjam no decorrer desse estudo, baseados nos princípios de iconicidade e prototipicidade da LFc, desenvolvemos nossa análise, executando os seguintes passos: primeiro, apresentamos uma descrição gramatical dos demonstrativos e um percurso histórico de sua formação e usos; segundo, fazemos uma exposição do marco teórico que dá suporte ao presente estudo; e terceiro, procedemos a análise dos usos regulares do pronome *essa*, a partir de registros de fala, coletados no *corpus* D&G/Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998).

Silva (2018), considerando suas diferentes propriedades gramaticais, semânticas e discursivas, discute, a partir de uma análise funcional, os valores exofóricos e endofóricos do demonstrativo *aquela*, ressaltando que é possível verificar, “no uso corrente do Português Brasileiro contemporâneo, além dessas, outras funções também exercidas por esse pronome distintas das registradas na literatura sobre o tema” (p. 167), com foco especial nas sentenças em que se observam os diferentes usos do *aquela*, que evidenciam gradiência no continuum “objetividade – (inter)subjetividade”.

A gradiência, na perspectiva de Bybee (2016, p. 18), refere-se

ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente porque a mudança ocorre no tempo de um modo gradual, movendo um elemento de uma categoria a outra ao longo de um contínuo. Ilustram essa gradação contínuos como o existente entre derivação e flexão, entre palavras funcionais e afixos, entre construções produtivas e improdutivas.

A autora conclui que os fatos variáveis das unidades e estruturas da língua, por meio do uso sincrônico, ocorrem “ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência” (p. 18). Assim, ao estabelecermos a escala gradiente de prototipicidade dos usos da forma *essa*, evidenciamos um conjunto de propriedades mais significativas de uma categoria, pelo maior número de traços característicos ((+)prototípicos), funcionando como referencial para as demais propriedades inerentes à categoria, de modo que os critérios e parâmetros estabelecidos para

obtermos os dados que revelaram os traços mais característicos, apontaram as propriedades que caracterizam os usos da forma demonstrativa *essa*.

Observemos, na sequência de exemplos em (3), (4), (5), (6), (7) e (8), retirados de Silva (2018), os efeitos discursivos que o pronome demonstrativo *aquele(a)* produz e sua gradiência, considerando os critérios de escalaridade (objetividade > (inter)subjetividade), adotados pelo autor.

Ex3: [...] *ai eu cheguei e disse “sim... mas **aquele colega ali** não:” comecei a apontar pra cara das pessoas... eu falei assim “não... mas **aquele ali** não está... oh... aquele outro não está... aquele também não está...*

(VOTRE; OLIVEIRA, 1996, p. 7 *apud* SILVA, 2018, p. 177).

Ex4: ***Naquele tempo**, disse Jesus aos seus discípulos: “Acautelai-vos dos falsos profetas, [...]”¹*

Ex5: F1 - [...] *porque às vezes você acha um material e você não consegue trabalhar bem **aquele material** () né...*

(FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 31 *apud* SILVA, 2018, p. 180)

Ex6: E: *e o tema que tu escolheste... vais falar sobre o quê? I: eh... educação... mais em relacionamento assim... professor e aluno... e:: eu acho que agora está... está bem melhor... antigamente... professor e aluno era... **aquela coisa assim**... aquele respeito...*

(VOTRE; OLIVEIRA, 1996, p. 40 *apud* SILVA, 2018, p. 181)

Ex7: [...] *De manhã **aquele sereno** no ar abre os pulmões, os cavalos na (con) cocheira, os porcos no chiqueiro, alguns animais já soltos no pasto enriquecem **aquela paisagem** linda.*

(VOTRE; OLIVEIRA, 1996, p. 31 *apud* SILVA, 2018, p. 184)

Ex8: F1 - *ai toda vez que eles lançam um produto americano aqui... ai todo mundo fica **naquela ansiedade**...*

(FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 35 *apud* SILVA, 2018, p. 189)

Em (3), o demonstrativo indica um elemento (*colega*) concreto, presente na situação comunicativa, expressando sua função dêitica espacial, mais objetiva, reforçada pelo item adverbial também dêitico “ali”. Em (4), o *aquele* aponta um elemento temporal, mais abstrato (tempo). Em (5), o demonstrativo *aquele* remete a um elemento textual, mencionado anteriormente – “um material”, evidenciando um processo de retomada *cotextual*. Em (6), por meio de um termo esvaziado “coisa”, *aquela coisa* evoca um referente que o ouvinte identificará a partir de seu conhecimento de mundo, o relacionamento professor/aluno, que

¹ Disponível em: <http://www.snpcultura.org/destaque_index.html>. Acesso em: 03/09/2021, in: Silva (2018, p. 179).

implica distanciamento, respeito, uma relação baseada na hierarquia.

Em (7), ocorre o que Silva (2018, p. 186) chama de “recortador conceitual de seu antecedente”. Neste caso, os sintagmas nominais demonstrativos (doravante SND) *aquele sereno* e *aquela paisagem linda*, cujos referentes situam-se num espaço-tempo distantes, só podem ser identificados por meio da memória/recordação do ouvinte, por meio de sua experiência pessoal no passado.

Em (8), Silva (2018) apresenta como um caso de uso do *aquela*, com um valor intensificador, equivalendo a mais ou menos *grande/enorme* (*ansiedade*), expressando uma supervalorização do evento narrado. Segundo o autor, “não se trata tão somente de uma ansiedade afastada espacio-temporalmente do falante, visto ser uma referência abstrata, mas de uma ansiedade intensa/excessiva causada pelo lançamento de um produto americano” (p. 189)

Assim, a partir do estudo da (inter)subjetividade das construções formadas com o demonstrativo *aquele*, podemos analisar a escala de protipicidade do *continuum* de gradiência, observada nos exemplos de (3) a (8), levando em conta os critérios de objetividade > (inter)subjetividade; do concreto > abstrato. Verificamos que os usos do pronome, em (3) e (5), caracterizam-se por serem mais objetivos e concretos, e, portanto, (+)prototípicos; ao passo que, em (4), (6) e (7), expressam uma tendência intermediária entre o objetivo e o subjetivo, entre o concreto e o abstrato, manifestando um uso (±)prototípico; e em (8), tendem a ser mais subjetivos e abstratos, e, portanto, (–)prototípicos.

Resumindo os dados mostrados em Silva (2018), referentes aos usos do demonstrativo *aquele*, apresentamos a escala gradiente da prototipicidade, nos usos indicados nos exemplos de (3) a (8):

- a) (+)prototípico: o uso do *aquele* em 03 e 05;
- b) (±)prototípico: o uso do *aquele* em 04 com tendência a (+)prototípico; o uso do *aquele* em 06 e 07, com tendência a (–)prototípicos; e
- c) (–)prototípico: o uso do *aquele* em 08.

A respeito dessa gradiência, o autor, com base em De Mulder e Carlier (2010), esclarece que

Essa gradiência se mostra numa escala que vai desde os usos mais vinculados à “concretude” referencial expressa pela construção até os casos que são vistos como mais abstratos, voltados para o locutor e relacionados à sua atitude subjetiva e/ou orientados para o interlocutor, estando sujeitos à interpretação pragmática deste e a certas negociações de sentido (SILVA, 2018, p. 195)

Como visto em Silva (2018), fica evidente que a multifuncionalidade das formas

demonstrativas favorece usos mais semântico-discursivos e pragmáticos e menos sintáticos. Nosso propósito é, portanto, estudar esta multifuncionalidade nos usos da forma *essa*, a partir da frequência de usos do *essa*, tomando como parâmetros motivadores suas funções morfossintáticas, semântico-pragmáticas e de ordem estrutural. Além disso, analisamos as implicações das condições de produção da forma *essa*, nesta multifuncionalidade, com foco na modalidade de uso da língua e nos gêneros textuais.

0.2 Objetivos

Objetivo Geral

- Apresentar a multifuncionalidade da forma pronominal *essa* (e suas variações), na perspectiva da LFc.

Objetivos Específicos

- Identificar critérios e parâmetros morfossintáticos, semânticos e estruturais que orientam os usos da forma demonstrativa *essa*;
- Identificar as motivações discursivas e semântico-pragmáticas, que influenciam o uso do pronome demonstrativo *essa*;
- Descrever a prototipicidade do item *essa*, pautada na frequência de uso e os subprincípios icônicos da integração (proximidade), da quantidade e da ordenação linear dos usos da forma *essa*.

0.3 Organização dos capítulos

Quanto à sua estrutura, este estudo compreende 5 (cinco) capítulos que, além da introdução e das considerações finais, apresentam o arcabouço teórico, os procedimentos metodológicos e a análise de dados, de modo que evidenciem a escala de prototipicidade das funções morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas da forma demonstrativa *essa*, conforme segue.

O capítulo 1, **Por uma Descrição dos Demonstrativos: a perspectiva das gramáticas e as contribuições dos estudos linguísticos**, propomos uma análise das características formais e funcionais do sistema demonstrativo, numa breve descrição na perspectiva das gramáticas e das abordagens linguísticas, com destaque às suas funções sintáticas e semântico-discursivas,

pretendendo responder questões como: constituiriam os demonstrativos uma categoria à parte? Se sua natureza dêitica e fórica é tão antiga e permanece até hoje, que funções sintático-semânticas e discursivas podem ser observadas nos usos dos pronomes demonstrativos, em diferentes momentos da tradição gramatical? Assim, com o objetivo de analisar os usos das formas demonstrativas e compreender os estudos de suas funções e de sua sistematicidade em termos sintáticos e semântico-discursivos, revisamos os seguintes registros linguísticos dessa categoria: 1. *O paradigma latino*; 2. *Do Português Antigo*; 3. *Do Português Moderno*; 4. *Contribuições de estudos linguísticos contemporâneos*.

O capítulo 2, **A Linguística Funcional Clássica: as noções de Iconicidade e Prototipicidade**, discorre sobre o marco teórico que fundamenta o trabalho: a LFc. De orientação funcionalista, a LFc, de vertente norte-americana, ganhou notoriedade a partir da década de 1970, quando autores como Hopper e Thompson (1980), Givón (1979, 1984) “passaram a advogar uma linguística baseada no uso”, cuja tendência principal fosse buscar explicações às “regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 21). Além disso, defendiam a ideia de que “a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso”. Assim, o fenômeno linguístico é visto sob diferentes perspectivas, com vista a pôr em evidência as motivações discursivas que geram as regularidades e a mudança linguística. O capítulo expõe, com base nos pressupostos teóricos da LFc, as noções fundamentais deste modelo teórico, a saber, iconicidade e prototipicidade, importantes à análise dos dados de nosso estudo.

O capítulo 3, **Critérios e Parâmetros de Prototipicidade e o Contexto de Produção dos usos do *essa***, apresenta a caracterização da complexa estrutura do sintagma nominal demonstrativo, exposta por meio de um detalhamento de critérios que envolvem as relações morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas da forma demonstrativa *essa*, observadas no *corpus* selecionado, evidenciando as funções que apontem para os usos mais prototípicos e os usos mais regulares que levem a uma configuração das formas pronominais demonstrativas atualizada. Desta maneira, o capítulo está dividido em três seções: 1. **Os pronomes Demonstrativos: conceito**; 2. **Critérios e Parâmetros dos usos da forma demonstrativa *essa***: a) **As funções morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*** (funções adjetivas e substantivas; os tipos SND); b) **As funções semânticas e pragmáticas da forma demonstrativa *essa*** (natureza do nome no Sintagma Nominal Demonstrativo (doravante SND); processos de referência: *déixis* e *foresis*; c) **Fatores estruturais** (grau de distanciamento do SND e seu referente); 3. **Os contextos de produção** (modalidades de uso da

Língua: oral e escrita; gêneros textuais: narrativo, descritivo, relatos de opinião e de procedimento).

O capítulo 4, **Procedimentos Metodológicos**, diz respeito à metodologia empregada na pesquisa: escolha do *corpus*; descrição dos informantes; indicação dos critérios e parâmetros de análises dos dados.

O capítulo 5, **Análise dos dados**, refere-se à apresentação e análise dos resultados decorrentes do levantamento dos dados de usos da forma *essa*, a partir dos critérios e parâmetros de análise, fundamentadas nas noções de iconicidade e prototipicidade. Os resultados da pesquisa foram apresentados neste capítulo da seguinte maneira: na seção 5.1, as funções morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*; na seção 5.2, as funções semânticas e pragmáticas da forma demonstrativa *essa*; na seção 5.3, os fatores estruturais; na seção 5.4, os contextos de produção; na seção 5.5, o tratamento da prototipicidade dos usos da forma demonstrativa *essa*.

Finalizamos este trabalho de tese com o capítulo 6, **Considerações Finais**, no qual destacamos as conclusões levantadas, a partir dos resultados alcançados, incluindo, entre outras considerações, aquelas relativas aos critérios e parâmetros de prototipicidade e iconicidade dos usos da forma *essa*.

CAPÍTULO 1 – POR UMA DESCRIÇÃO DOS DEMONSTRATIVOS: UMA LEITURA CRÍTICA EM DIFERENTES PERÍODOS

1.1 Introdução

Sanctius (1982, p. 111 *apud* MENON, 2004, p. 188) afirma que “antes de possuir um nome, toda coisa era chamada “isto” ou “aquilo”. Ao reconhecer a importância por sua antiguidade, ubicando os demonstrativos como anteriores aos nomes e, como tal, não devam ser chamados “*pronomes*”, o autor nos leva a investigar o comportamento dos demonstrativos, considerando a descrição dos demonstrativos em diferentes períodos.

Assim, neste capítulo, propomos uma leitura crítica das características formais e funcionais do sistema demonstrativo, com destaque às suas funções sintáticas e semântico-discursivas, em gramáticas e estudos linguísticos. Partimos nossa exposição, levando em conta as seguintes questões: constituiriam os demonstrativos uma categoria à parte? Se sua natureza dêitica e fórica é tão antiga e permanece até hoje, que funções sintático-semânticas e discursivas podem ser observadas na descrição gramatical e nos usos dos pronomes demonstrativos?

Responder a estas e outras perguntas que possam surgir não é tarefa fácil, considerando que, de acordo com estudos anteriores (KUISINGA, 1925; QUIRK *et al.*, 1972; LAKOFF, 1974; LINDE, 1979), os demonstrativos assumem um grande número de funções: estabelecer relações espacial e temporal; apontar relações anafóricas e catafóricas no discurso; além de expressar emoção do falante e indicar o foco de atenção. Muitos trabalhos mais recentes, referendam essas descobertas, como os de Chen (1990) e Diessel (1999a, 2019), reforçando a multifuncionalidade que as formas demonstrativas podem apresentar.

Esboçar o processo de classificação das palavras do discurso, em gramáticas tradicionais, em diferentes períodos, e estudos linguísticos contemporâneos, no que se refere, especificamente, aos critérios adotados para estabelecer a caracterização e usos dos pronomes demonstrativos (suas funções semântico-discursivas) constitui o ponto de partida à compreensão dos fatos linguísticos e sua sistematização na constituição das gramáticas tradicionais².

² Neste trabalho, adotamos a concepção de Gramática Tradicional de Garcia (2011, p. 222). “Como parâmetro de estudo dos fenômenos de organização morfossintática da língua, continua presente, desde a Antiguidade, tanto na academia, onde alguns de seus aspectos (conceitos, jargão) sobrevivem, reaproveitados e mesclados a novas propostas em modelos mais recentes, quanto no sistema educacional brasileiro de base onde, em um número considerável de casos, constitui ainda a única perspectiva teórica abordada (e didatizada) no processo de ensino e

Como uma categoria de especial interesse para esta pesquisa, os demonstrativos na língua portuguesa caracterizam-se por uma complexidade singular, cujo sistema está continuamente passando por reestruturações desde sua matriz latina. Numa análise interlinguística, Diessel (1999a) e Dixon (2003 *apud* CAMBRAIA, 2009) afirmam que esses pronomes constituem categorias universais e primitivas. Neste sentido, as suas funções “ostensivas” (de ostensão), de “apontar”, de “mostrar” para algo, em termos de localização espacial (*déixis*), temporal são consideradas primitivas, das quais se derivam outras, como a função discursiva fórica.

Segundo Cambraia (2010, p. 18), rastrear a forma, como a tradição gramatical tem tratado a categoria dos demonstrativos, não só pode constatar indícios das características essenciais e aspectos variáveis nas descrições não-primitivas/derivadas, mas também pode revelar que a constituição dos demonstrativos não adviria de um processo de gramaticalização de formas lexicais, ou seja, desde os primórdios já se apresentam como tal.

Assim, com o objetivo de analisar os usos das formas demonstrativas e compreender os estudos de suas funções e de sua sistematicidade em termos sintáticos e semântico-discursivos, revisamos os seguintes obras e autores que abordam essa categoria em diferentes períodos: 1. **O paradigma latino:** *Institutiones grammaticae, Institutio de nomine et pronomine et uerbo*³, de Prisciano de Cesareia (500 d. C)⁴, bem como, as contribuições de Faria (1958), Neves (2005), Mattos e Silva (2006), Ilari (2004), entre outros; 2. **Do Português Antigo:** a *Gramática da Língua Portuguesa*, de João de Barros (2006 [1540]); 3. **Do Português Moderno:** a *Grammatica philosophica da lingua portuguesa*, de Jerônimo Soares Barbosa (1822); a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2001 [1972]), a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2001); a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2009); 4. **Contribuições de estudos linguísticos contemporâneos:** Cardoso (1994); Andrade (1999); Diessel (1999a, 1999b, 2012, 2019); Mattos e Silva, (2006); Kerbrat-Orecchioni (1980); Cambraia (2010), Silva (2018).

A escolha das obras, mencionadas nos itens (1) a (4), levou em conta principalmente o aporte teórico pertinente ao estudo dos pronomes demonstrativos. A opção pelas obras de Prisciano justifica-se por apresentar o estudo dos nomes, pronomes, verbos, a partir de uma abordagem morfológica “à exaustão” (CONTO, 2011, p. 70), na *Institutio de nomine et*

aprendizagem de gramática”.

³ *institutio, -onis (f.)*: instrução, ensino, educação; método, sistema, doutrina, escola, seita. (FARIA, 1958).

⁴ In: NEVES, MHM. **A vertente grega da gramática tradicional**: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem[online]. 2nd ed. rev., São Paulo: Editora UNESP, 2005.

pronomine et uerbo.

A *Gramática da Língua Portuguesa* (1540), de João de Barros, foi escolhida, pois inovou na leitura das partes do discurso, indo além da descrição dos gramáticos gregos e latinos, percebendo e descrevendo, “com bastante acuidade, uma série de inovações do português face ao latim” (MONTEIRO, 1997, p. 25). Nesse sentido, Barros traz um novo olhar ao estudo dos pronomes pessoais e demonstrativos.

Jerónimo Soares Barbosa, em sua *A Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, apresenta uma classificação dos pronomes mais consolidada e próxima da classificação contemporânea e mais distante da tradição latina, evoluindo notadamente na classificação dos demonstrativos em relação aos dias atuais. Daí, incluímos na seção “Do Português Moderno”, as gramáticas contemporâneas de Rocha Lima (1994), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2009).

A seleção das referências dos estudos linguísticos contemporâneos justifica-se pela relevância científica e pela busca por traçar um perfil teórico que fundamente não só o discurso das gramáticas latinas, mas também, o discurso das gramáticas de língua portuguesa.

Na seção que segue, iniciamos nossa revisão com os estudos da tradição latina, considerando os trabalhos da gramática latina, tendo Prisciano como representante.

1.2 A visão das gramáticas

1.2.1 O paradigma latino

As primeiras reflexões na sistematicidade das línguas contam com a contribuição ímpar das gramáticas latinas; cuja importância excede pela qualidade e influência que exerceu e exerce nos estudos linguísticos em toda a história da humanidade; manifestando especial preocupação pela taxinomia das línguas.

Nesta seção, abordamos a descrição gramatical adotada por Prisciano (s. VI d. C). Baratin, Colombat e Holtz (2009 *apud* FORTES; MOURA, 2019, p. 49) destacam a importância da obra de Prisciano, por esta

ter se colocado, na Antiguidade Tardia, como transmissora e porta-voz do pensamento greco-romano sobre a linguagem, mas também por ser aquela que representa, de certo modo, uma “refundação da gramática”, ao mesmo tempo elo entre os mundos grego e latino e entre a tradição gramatical greco-romana e a gramática vernacular moderna.

Os autores consideram ainda “imprescindível” de se fazer essa descrição, uma vez que “pode trazer luz sobre variados fenômenos linguísticos do latim e das línguas neolatinas”.

Gonçalves e Conto (2010) observam que o método descritivo de Prisciano se assemelha muito ao que conhecemos como modelo de descrição “morfológica de Palavra e Paradigma”, não fugindo do tradicionalmente método próprio empregado pelas gramáticas antigas, as quais, segundo Matthews (1974, p. 68 e ss. *apud* GONÇALVES; CONTO, 2010, p. 93), baseiam-se na análise de “paradigmas exemplares e através de regras explícitas de formação”.

Quanto ao tratamento dos pronomes, Prisciano dedica uma breve seção, dividindo-os em primitivos e derivados. Os primeiros incluem os pronomes pessoais e demonstrativos; os segundos, os possessivos. O gramático trata essa subdivisão, elencando formas, por meio da exposição simples ou enquadrando-as no modelo de declinação (primeira, segunda e terceira) dos substantivos (GONÇALVES; CONTO, 2010).

Baratin *et al.* (2010, *apud* FORTES, 2012) traduziu os termos derivados *pronomen relatiuus* como “pronome relativo” (ou anafórico) e *pronomen demonstratiuum* como “pronome demonstrativo” (ou “dêítico”). Essas terminologias se sustentam a partir da interpretação da análise feita por Prisciano dessas duas categorias: são pronomes que fazem referência “anafórica” (retomando termo precedente) ou “dêítica” (indicando referentes externos ao texto).

Propondo uma classificação estruturalista dos pronomes demonstrativos, que dá conta das funções que cada um desempenha, Mariner (1968), afastando-se da tradição gramatical, considera como demonstrativos *hic*, *iste* e *ille*, seja no latim clássico, seja no vulgar, justificando que apenas estes apresentam como função principal a dêítica.

Maurer Jr (1962) destaca as formas reforçadas com *iste* – *ecc’iste* ou *ecc’uiste*, etc, e com *ipse* – *metipse* ou *metipsimus*. Ressalta, ainda, que “*ille* é aproveitado como pronome pessoal da 3ª pessoa e artigo definido” (p. 182). Nesse sentido, o estudioso encerra sua reflexão, resumindo que o sistema demonstrativo se tornou “simples e claro”, sintetizando, em sua *Gramática do Latim Vulgar*, a composição das formas pronominais demonstrativas no Latim Vulgar da seguinte maneira: “A língua vulgar criou um novo sistema de três pessoas, em lugar do clássico, que era expresso com *hic*, *iste*, *ille*. Passou *iste* para a 1ª pessoa (pessoa que fala), aproveitou *ipse* para a 2ª, conservando *ille* para a 3ª” (p. 108), somada à noção de proximidade – “de quem fala; de quem se fala e posição remota”, embora, como salienta o autor, “*ipse* tivesse um sentido menos definido e menos rigorosamente ligado à 2ª pessoa” (MAURER Jr., 1959, p. 110).

Nessa esteira, Ilari (2004, p. 95) identifica no latim também a categoria tricotômica dos demonstrativos, estabelecendo como critério a distinção de proximidade – próximo do falante; próximo do ouvinte e afastado tanto do falante como do ouvinte – para distribuir seus usos. No entanto, o autor esclarece que tal distinção antes expressa no latim clássico pelo uso das formas

hic, *iste* e *ille*, “passa a ser expressa por *iste* (reinterpretado como demonstrativo de primeira pessoa), *ipse* (que deixa de ser um indefinido de realce, e se torna um demonstrativo de segunda pessoa) e *ille* (demonstrativo de terceira pessoa)”, no latim vulgar.

Ilustrando a classificação dos pronomes demonstrativos no latim clássico e no latim vulgar, observe-se o Quadro 1.

Quadro 1 – Demonstrativos Latinos (Clássico e Vulgar)

	Primeira Pessoa	Segunda Pessoa	Terceira Pessoa
Latim Clássico	<i>Hic</i>	<i>Iste</i>	<i>Ille</i>
Latim Vulgar	<i>Iste</i>	<i>Ipse</i>	<i>Ille</i> <i>is</i> ⁵ Accu, eccu – <i>ille</i>

Fonte: Elaboração da autora, a partir de informações obtidas em Maurer Jr. (1959); Ilari (2004); Mattos e Silva (2006) entre outros .

Quanto às funções do sistema dêitico dos pronomes demonstrativos na língua latina, Andrade (1999) apresenta o seguinte esquema:

- a) *hic*, *haec*, *hoc* – função deíctica/fórica;
- b) *iste*, *ista*, *istud* – função deíctica/fórica; função enfática;
- c) *ille*, *illa*, *illud* – função deíctica/fórica; função enfática.

O autor ressalta que, no latim tardio, o pronome *ille* acabou por substituir completamente o pronome *is*, fórico por excelência, em situações em que este antecede o relativo. Quanto ao uso do demonstrativo *ille*, Maurer Jr. reforça essa ideia e destaca que, além do uso para indicar um ser remoto de 3ª pessoa, pode ser substituto natural de *is*, expressando função anafórica, funcionando como pronome pessoal e artigo definido, comutando neste último caso com *ipse*. Quanto aos usos dos demonstrativos, o autor apresenta a seguinte descrição:

- a) *Iste* (e reforçado: *ecc'iste*, *eccu'iste* ou *accu'iste*) = *este*, isto é, designativo de objeto próximo à *pessoa que fala*;
- b) *Ipse* (e reforçado: *ecc'ipse*, *eccu'ipse* ou *accu'ipse*) = *esse*, isto é, designativo de objeto próximo à *pessoa com quem se fala*;
- c) *Ille* (e reforçado: *ecc'ille*, *eccu'ille* ou *accu'ille*) = *aquele*, isto é, designativo de objeto

⁵ “Assim, opõe *hic-iste-ille/is*, distribuição que nos faz lembrar o esquema de Wackernagel, considerando *is* como o termo marcado, dado que este pronome tem uma função fórica básica, e não possui, pelo menos no latim arcaico e clássico, função deíctica” (ANDRADE, 1999, p. 163).

remoto.

Os demonstrativos apresentavam o seguinte paradigma de declinações (*iste*, seguido por *ipse* e *ille*):

Figura 1 – Paradigma das declinações dos demonstrativos no Latim

	<i>masculino</i>	<i>feminino</i>	<i>neutro</i>
nom. sing.	(ecc')iste ou (ecc')istī	(ecc')ista	(ecc')istud
dat.	(ecc')istui	(ecc')istaei	(= masc.)
acus.	(ecc')istum	(ecc')istam	(ecc')istud
nom. plur.	(ecc')isti	(ecc')istae	(ecc')ista(?)
gen.-dat.	(ecc')istorum(?)	(ecc')istorum(?)	(= masc. e fem.)
acus.	(ecc')istos	(ecc')istas	(ecc')ista(?)

Fonte: Extraído de Maurer Jr. (1959, p. 111)

Neste estágio do latim, segundo Mattos e Silva (2006, p. 109), por meio do uso generalizado, esse pronome ganhou o reforço de 'partículas de reforço' – *accu-* ou *eccu-* – equivalentes a *eis*, *aí está*, as quais vão se ligar à forma *ille* (*ele*), *iste* (*este*) e *ipse* (*esse*), gerando, no período arcaico do português, as formas reforçadas *aquest-*, *aquess-*, *aquel-*, permanecendo somente a forma *aquel-*, “já que a base *ill-* se especializou no português para cumprir a função de [pronome] pessoal de 3ª pessoa, singular e plural (*ele*, *eles*, *ela*, *elas*)”.

Segundo Pereira (1919, p. 398), no português medieval, as formas reforçadas de *iste* (*aqueste*) arcaizaram-se, caindo em desuso, conforme alguns exemplos, extraídos das *Regras de São Bento*, um dos “monumentos do português arcaico”:

Quem ouve **aquestas** mhas paravras, e as faz, semelharey a el o barom sages eivigou (edificou) a ssa casa sobre a pedra, veerom os rrios, soprarom os veentos, e impetarom (fizeram Ímpeto) naquela casa, e não eacou, a certas era fundada sobre pedra- E nostro Senhor complinte todas estas cousas esguarda (olha) de cada dia **aquestes** seus sanctos amoestamentos nós per feytos dever responder (T. 1.º ort. 84) — E por **aquesto** a loemos, mais (=mas) quem a non loará (C. Arch. 173) – (grifo nosso).

Com relação ao aspecto da referenciação, Fortes (2012, p. 190-1) menciona Prisciano que discute a inserção de partículas gregas no latim, com especial atenção aos artigos, ausentes no latim:

O artigo traz ao conhecimento, pela segunda vez, os termos já dados. Se, de fato, eu disser: ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν [“um homem foi”], apresento-o pela primeira vez; se, entretanto, disser ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν [“o homem foi”], seria já pela segunda. Porém, a língua latina carece de artigos prepositivos. O pronome *hic*, que os gramáticos, na declinação dos nomes, colocam no lugar do artigo prepositivo, nunca significa o

mesmo que o artigo numa oração⁶. (Prisciano, Inst. gram. XVII, GL III, 124,14)

Fortes (2012) lembra que, à época de Prisciano, o pronome demonstrativo já era usado no latim escrito na posição ou função de artigo, evidenciando uma mudança em curso. Em sua análise, o autor identificou formas pronominais – especialmente os pronomes *is*, *ea*, *id*; e *ille*, -*a*, -*ud* – em contextos que, no latim clássico, não eram esperadas. Ressalta, porém, o fato de que o latim “produziu a reanálise do demonstrativo *ille* como artigo definido” (COUTINHO, 1976, p. 250; SAID ALI, 2001, p. 98), embora não seja possível comprovar a interferência do bilinguismo (grego/latim), principalmente, porque o grego já utilizava artigos e o latim não.

Analisando os usos dos demonstrativos em *la documentación cancelleresca del reinado de Fernando II* (anos 1157-1188), Pérez González (1987) constatou que o demonstrativo *hic* é mais frequente em “termos absolutos”, frente a *ille*, *ipse*, *iste*, *is*, principalmente em textos formais como “*na ação cominatória*⁷ e *na assinatura real*” (p. 148); em usos livres, não chega a 20% do total. O autor ressalta que os valores clássicos (dêitico e fórico) permanecem, não sendo, porém, fácil identificar um ou outro valor. No entanto, nos usos pronominais predomina o valor fórico (23 casos); e nos usos adjetivais, prevalece o valor dêitico (155 casos). Já em as *cancillerías de Alfonso VIII de Castilla* (1158-1214) y *Alfonso IX de León* (1180-1230), predominam os usos de *ille* (92 e 263 casos, respectivamente, de um total 345 e 688o casos), frente a *ipse*, *hic*, *is*, *iste*. Embora, nestes documentos, *hic* tenha sido reabilitado, nas línguas romances, passa a ser representado por *iste*, *dêixis* de 1ª pessoa, cuja função clássica foi ampliada pelo enfático *ipse*, exibindo as formas de reforço como *metipse* > *mateix* ou *metipsimus* > *mesmo* (ECHEGOYEN, 1974, p. 467). Daí, o português apresentar construções do tipo *isto mesmo*, *isso mesmo* etc.

Corroborando com estas conclusões, Pinho (2012, p. 208) verifica que, na transição do Latim Clássico ao Latim Vulgar, os pronomes pessoais foram formados por meio do “desenvolvimento de um pronome de terceira pessoa, a partir dos demonstrativos *ipse* e *ille*, os quais geraram os sistemas pronominais das línguas românicas”. Ilari (2004) destaca que a distinção de pessoa que se expressava no latim clássico pelo uso em oposição de *hic*, *iste* e *ille*, resume-se a *iste*, “reinterpretado” como demonstrativo de primeira pessoa, *ipse*, como

⁶ Cf. Articulus secundam notitiam suppositorum demonstrat. Si enim dicam ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν, primam notitiam ostendo; sin ὁ ἄνθρωπος ἦλθεν, secundam. Deficit autem praepositivis articulis lingua Latina. Nam pronomen ‘hic’, quod grammatici in declinatione nominum loco praepositivi, ut dictum est, ponunt articuli, numquam in oratione sensum articuli habet.

⁷ La fórmula **cominatoria** va dirigida contra quien se atreva o esté dispuesto a contravenir el contenido promulgado por el rey en el cuerpo del texto. (PERÉZ GONZÁLEZ, 1985, p. 30).

demonstrativo de segunda pessoa, deixando de funcionar como indefinido de realce, e *ille*, funcionando como demonstrativo de terceira pessoa.

Na *Gramática Superior da Língua Latina*, Faria (1958, p. 138-9), discorrendo sobre os usos do pronome demonstrativo *iste*, ressalta que quanto à significação,

este demonstrativo, por influência da língua dos tribunais, que se estendeu à língua comum, passou a ter um matiz pejorativo. Ex: *quae est ista praetūra?* (Cíc. Verr. 2, 18, 46) “que pretura é esta (que desempenhaste)?; *non erit ista amicitīa sed mercatūra* (Cíc. Nat. 1, 44, 122) “Isto não será amizade, mas comércio”.

De fato, a tradição latina tem contribuído para reforçar as noções dêíticas e fóricas, bem como, a introdução dos artigos, a partir dos demonstrativos, especialmente em Prisciano, por influência do gramático grego Apolônio Díscolo.

Fica evidente que as formas demonstrativas latinas consagradas – *hic*, *iste*, *ille* – não possuem funções fixas e muitas vezes, em contextos específicos, compartilham usos. Além disso, é da natureza dos demonstrativos “apontar”, “mostrar”, “indicar”, no entanto, os usos dos demonstrativos têm revelado funções mais discursivas, mais pragmáticas. Vejamos as reflexões que seguem.

Analisando o valor dêítico dos demonstrativos, Brugmann (1904 *apud* FONTÁN, 1965) empenhou-se em abordar o emprego dos pronomes no âmbito literário, especialmente no teatro, destacando as funções dramáticas. Nesse sentido, analisando as funções dramáticas de dêíticos e fóricos dos pronomes demonstrativos na comédia de Plauto (séc. III a.C.), Fontán (1965) observa que, além da evidência da *dêixis* tripartida – *hic*, *ille*, *iste* – Plauto deu ênfase a duas *dêixis* locais (do mais próximo ao mais distante). À primeira, designa duas formas: *hic* e *iste* (mais próximo); opondo-se a *ille*, numa clara imitação ao grego (“ode”, *οὗτος αὐτῇ τούτο* – este, esta, isto).

Analisando as interferências de uso do par *hic/iste*, Mariner (1968), corroborando com Fontán (1965), sugere que o sistema dêítico latino opõe o binário *ille/iste-hic*, em que *ille* constitui a forma marcada, caracterizada no âmbito do não-intelocutor. Já *iste* é o termo marcado em relação a *hic*, uma vez que seu uso está diretamente ligado ao falante, com sentido pejorativo, ressaltando a função enfática, não dêítica. Ao passo que *hic* interpela o terreno do interlocutor.

Apesar de identificar algumas interferências de usos, observadas em Plauto entre *hic* e *iste*, Andrade (1999, p. 162), mencionando Fontán (1965), afirma que, nos textos de Cícero (sécs. 106-43 a. C.), ocorre “a exclusão, quase completa, de *iste* do sistema dêítico, dado que este pronome surge, na maior parte dos casos, em usos pejorativos e irônicos com valor de

desprezo e de invectiva” [uso de palavras injuriosas].

Segundo Fontán (1965), em Cícero, a forma *iste*, em contextos específicos, apresenta-se como uma “variante estilística e interrogação retórica” (p. 94), como nos trechos que seguem (exemplo 9):

*Ex9: facit enim, iudices, uester iste in me animorum oculor umque coniectus ut mihi iam licere putem remissiore uti generi dicendi (Pro Sestio, cap. 54 § 115) Quis ergo iste optimus quisque?*⁸ (*Pro Sestio, cap. 45 § 97*) (CICERO, 1891)

[Pois isso faz com que, ó juízes, seus olhos estejam voltados para a mente e o interesse jogado em mim, de modo que eu acho que pode ser lícito para mim usar uma maneira mais relaxada de falar. (Quem são eles [estes]?)⁹ (traduzido pela autora do inglês em CICERO, 1891).

O autor ressalta que o sistema dêitico se articula em torno das formas *ille* e *hic*. Cícero (1891) usa a forma *hic*, indicando a proximidade física, quando deveria usar *iste*, obrigatório na segunda pessoa. Vejamos a passagem que segue no exemplo (10):

*Ex10: exponam enim hodierno die, iudices, omnem rationem facti et consili mei, neque huic vestro tanto studio audiendi, quanta mea memoria nunquam ullo in iudicio fuit, deero*¹⁰ (*Pro Sestio, cap. 16 § 36*)¹¹ (CICERO, 1891)

[Pois eu explicarei a vocês neste dia, ó juízes, todos os princípios de minha conduta e de meus desígnios; e não estarei faltando ao seu grande desejo de ouvir a verdade, nem a *esta* multidão, a maior que, dentro de minha memória, já compareceu em qualquer tribunal de justiça.] (traduzido pela autora do inglês em CICERO, 1891).

Nessa esteira, Pociña Pérez (2007, p. 34-5) analisou o efeito dramático dos pronomes adjetivos demonstrativos em sua função dêitica, na comédia, de Plauto, *Casina*¹². Vale ressaltar que, segundo Fontán (1965, p. 78), Plauto “representa un “estado de lengua” en el que los demostrativos integran un conjunto de formas lingüísticamente eficaz, con un rendimiento expresivo adecuado al ágil movimiento dramático de la lengua del gran cómico”¹³.

⁸ Fontán (1965, p. 94)

⁹ Tradução ao inglês: For the way in which I see your attention given to me, and your eyes directed towards me makes me think that I may be allowed now to speak in a lighter tone. (Who then are They (estes]?) (CICERO, 1891)

¹⁰ Tradução ao inglês: For I will explain to you this day, O judges, all the principles of my conduct and of my designs; and I will not be wanting to your great desire of hearing the truth, nor to this multitude, the greatest which within my recollection, has ever appeared in any court of justice. (CICERO, 1891)

¹¹ *ibidem*

¹² Plautus. *Casina. The Casket Comedy. Curculio. Epidicus. The Two Menaechmuses*. Edited and translated by Wolfgang de Melo. Loeb Classical Library 61. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.

¹³ Tradução nossa: *representa um “estado de língua” no quais os demonstrativos integram um conjunto de formas lingüísticamente eficaz, com um rendimento expressivo adequado ao ágil movimento dramático da língua do grande cómico*

Em seu texto, Plauto distingue, em um sistema binário, o próximo, por meio de *hic* e *iste*, do distante, por meio de *ille*. Dessa maneira, ao utilizar *hic* e *iste*, o comediógrafo latino refere-se às pessoas ou coisas implicadas diretamente na cena, ao passo que relega a *ille* o extra-cênico. Fontán (1965, p. 88) acrescenta que *ille*, em seus usos dêiticos, em contraste com *hic* e *iste*, constitui-se o pronome do “afastamento físico ou moral e da distância”.

Além disso, Pociña Pérez ressalta o fato de que, de maneira geral, o teatro, tanto a comédia como a tragédia, não possui o dimensionamento de palco, o que leva à preocupação constante de que os espectadores estejam informados a respeito do desenvolvimento da intriga dramática, e o recurso utilizado para suprir esta carência é o emprego dos pronomes. Assim, o autor apresenta os seguintes resultados do levantamento da frequência de usos dos pronomes demonstrativos no *corpus* investigado em *Casina*: *hic*, *haec*, *hoc* (variantes gráficas e morfológicas): 104 empregos; *iste*, *ista*, *istud* (variantes gráficas e morfológicas): 34 empregos; *ille*, *illa*, *illud* (variantes gráficas e morfológicas): 47 empregos.

Nos versos 404-410 de *Casina*, Plauto apresenta casos diferenciados nos usos dos pronomes *hu(i/n)c*, *illi(e)*, *isti*. Nesta cena, há uma disputa entre dois escravos: Calino, aprovado por Cleóstrata (a esposa); e Olimpion, defendido pretensiosamente pelo amo, o velho Lisidamo (o esposo), pelo interesse da escrava Casina, a quem Lisidamo quer conquistar:

404. LY. *percide os tu illi odio. age, ecquid fit?* CL. *caue obiexis manum.*
 405. OL. *compresan palma an porrecta ferio?* LY. *age ut uis.* OL. *em tibi!*
 406. CL. *quid tibi istunc tactio est?* OL. *quia luppiter iussit meus.*
 407. CL. *feri malam, ut ille, rusum.* OL. *perii! pugnīs caedor, luppiter.*
 408. LY. *quid tibi tactio hunc fuit?* CH. *quia iussit haec luna mea.*
 409. LY. *patiundum est, siquidem me uiuo mea uxor imperium exhibet.*
 410. CL. *tam huic loqui licere oportet quam isti*¹⁴

Lisidamo ordena a Olimpion que ataque a Calino, referindo-se a este com o adjetivo demonstrativo *illi* (v. 404), de acordo com a norma, pois presume-se que esteja igualmente distante de ambos. Da mesma maneira, Cleóstrata refere-se a Olimpion com *ille*, no v. 407; no entanto, quando Cleóstrata se refere a seu defendido, usa *istunc* (v. 406), o mais normativo seria

¹⁴ Caso 404-410: "LISIDAMO (a Olimpion).- Rómpele la cara a ese tío odioso; venga, ¿a qué esperas? CLEÓSTRATA (a Olimpion).- No se te ocurra ponerle la mano encima. / OLIMPION (a Lisidamo). ¿Le doy un puñetazo o una bofetada? LISIDAMO.- Como te parezca. OLIMPION (golpeando a Calino).- ¡Ahí tienes! / CLEÓSTRATA.- ¿Por qué le tocas? OLIMPION.- Porque me lo ha mandado mi Júpiter. / CLEÓSTRATA (a Calino).- Devuélveselo: dale en la mandíbula. OLIMPION.- Me ha matado. (A Lisidamo) ¡Júpiter, me rompen a puñetazos. / LISIDAMO (a Calino) ¿Por qué le has tocado? CALINO.- Porque me lo ha mandado mi Juno. / LISIDAMO.- Hay que aguantarse; todavía no me he muerto, y ya ostenta el mando mi mujer. / CLEÓSTRATA.- Tanto derecho a hablar tiene este (por Calino) como ese (por Olimpion)" (trad. A. Pociña - A. López; en el v. 404, seguimos a Emout atribuyéndole a Cleóstrata *caue obiexis manum*, que Lindsay pone en boca de Lisidamo al igual que el resto del verso).

usar a forma *hunc*, por estar mais próxima fisicamente do escravo; assim também procede Lisidamo, em relação ao seu defendido, Olimpion, no v. 407. Por fim, no v. 410, Cleóstrata usa os pronomes seguindo a norma *ego-dêixis* e *tu-dêixis*, usando *huic* para referir-se a Calino, que se encontra ao seu lado e *isti*, a Olimpion, que se encontrava próximo a Lisidamo, a quem lhe faz a pergunta.

Fica claro, nas escolhas das formas demonstrativas nestes versos, que o aspecto da aproximação ou distanciamento espacial extrapola o aspecto da aproximação e/ou distanciamento por afinidade, que os personagens Cleóstrata e Lisidamo tinham por seus respectivos escravos cúmplices, que se manifestava no uso dos pronomes demonstrativos.

Segundo Pociña Pérez (2007), neste caso, “tenemos, pues, un magnífico ejemplo de casi perfecta utilización de los tres demostrativos; lo cual no quiere decir, ni mucho menos, que Plauto emplee el sistema con esta exactitud”¹⁵ (p. 37), o que indica que as formas demonstrativas apresentam usos mais pragmáticos, obdecendo a critérios comunicativos específicos.

Pelo exposto, não resta dúvidas de que as formas demonstrativas no Latim – *hic*, *iste*, *ipse*, *accu(ille)* - submetidas às vicissitudes dos usos em contextos sociocomunicativos específicos, como evidenciados em Plauto, revelam funções diferenciadas no português, fixando-se, com adaptações na forma (*iste* (este), *ipse>isse* (esse), *accuille* (aquele)). Das formas *hic* (*hoc*, *hac*, *hoc* neutro) e de *is* (it. *desso<id. ipsum*, uso mais popular), “subsistem poucos traços” (MAURER Jr, 1962, p. 68). Em outras palavras, o demonstrativo *iste*, paulatinamente, vai ocupando o espaço do pronome de 1ª pessoa *hic* (que cai em desuso), servindo de suporte para a formação da forma *este* (e flexões) nas línguas românicas (galego-português e espanhol), a partir da partícula *accu-* (*accu-iste* (*aquiste*), forma arcaica de *este*). Da mesma maneira, a partícula *accu-* forma *esse* e *aquile*, em combinação com as formas *ipse* (*accu-ipse* (*aquisse*), forma arcaica de *esse*) e *ille* (*accu-ille* (*aquile*), forma arcaica de *aquile*), respectivamente.

É possível observar que já nesse período, principalmente na passagem do latim clássico ao latim vulgar, um movimento que decorre dos usos das formas demonstrativas no sentido do mais concreto para o mais abstrato; do mais objetivo para o mais (inter)subjetivo. Aprofundaremos estes conceitos na seção 3 deste capítulo e nos capítulos seguintes.

¹⁵ Tradução nossa: “temos, pois, um magnífico exemplo da quase perfeita utilização dos três demonstrativo; o que não quer dizer, muito menos, que Plauto empregue o sistema com esta exatidão.”

A seguir, no período clássico (séc. XVI), vamos refletir sobre a constituição e usos dos pronomes demonstrativos, na gramática do século XVI – *Grammática da Língua Portuguesa*, de João de Barros (1540).

1.2.2 Do Português Antigo

Ao período que compreende o séc. XVI, reportamo-nos à descrição e uso dos demonstrativos, considerando as contribuições de João de Barros (1540), com sua *Grammática da Língua Portuguesa*.

Na *Grammática da Língua Portuguesa* (1540), João de Barros classifica os pronomes, quanto à *espécia* (natureza), em *primitivos* ou *primeiros* e em *derivados*. Inclui nestes últimos os *possessivos*, e as formas primitivas subdividem-se em demonstrativos (inseridos nestes eu, nós, tu, este, estes) e relativos (elle). A partir disso, o gramático propõe uma classificação dos pronomes em seis “acidentes”: “Espécia, Gênero, Número, Figura, Pessoa, e Declinação per cásos”.

Os demonstrativos estão inseridos no *espécia*, como primitivos, dos quais outros se derivam. Estão incluídos nos demonstrativos primitivos: *Eu, nós, tu, uós, este, estes*, com evidência clara dêitica e fórica, “por q~ cásy demóstrã a cousa, per semelhante exêplo, *Este liuro ẽ do principe nosso Senhor*. Elle, esse cõ seus pluráles chamam relatiuos: por fázerẽ relaça e lêbrança da cousa dita, posto q~ o seu pñcipal ofiço seia demõstratiuo.” (BARROS, 1540, fól. 15v).

Na subdivisão *figura*, o gramático divide os pronomes em figuras “simplex” e “compósta”. São unidades simples “eu, tu, este, esse”; e composta “eu mesmo, tu mesmo, aqueste, aquesse, &c.”.

Quanto a *gênero, pessoa e número*, os pronomes apresentam quatro gêneros (“masculino”, “feminino”, “neutro” e “comũ de dous”), três pessoas (a primeira, “que fála de sy mesmo”; a segunda, “à quál fála a primeira”; e a terceira, “da quál a primeira fála”) e dois números (“singular” e “plurár”). Barros não faz distinção entre pessoais e demonstrativos, incluindo-os numa mesma categoria, mas dá destaque aos demonstrativos no tocante ao gênero: aparecem apenas na exemplificação de gênero: “Qvátro gêneros tem os pronomes: *este*, que ẽ masculino, *esta*, feminino, *isto*, que ẽ neutro. *Eu, tu, de sy*, comũ de dous. (BARROS, 2006[1540], fól. 16r)”. Ao classificar os pessoais *eu, tu, si*, Barros traz uma característica do gênero dos nomes aos pronomes (comum de dois); e ao relacionar pessoais a demonstrativos

em uma mesma categoria, demonstra certa dificuldade em estabelecer critérios de classificar estes itens gramaticais.

Monteiro (1997, p. 28) esclarece, no entanto, que há certa razão em Barros apelar para a noção de *dêixis*, pois apresenta exemplos que referendam esta posição e acrescenta que “se não diferencia a *dêixis* espacial da pessoal, tem pelo menos uma percepção muito cristalina da natureza dos pronomes”. Daí, incluir como demonstrativos os relativos, tendo a *dêixis* como critério de identificação de pronomes. Não é novidade que a tradição latina se utiliza dessa noção para conceituar e classificar os pronomes.

Segundo Diessel (2019), assim como verbos e nomes (HOPPER; TRAUGOTT, 2003), os demonstrativos, classificados *a priori* como gramaticais, podem constituir palavras de função lexical, das quais derivam-se itens de função gramatical, como artigos e pronomes. Categorias desconhecidas no latim clássico, os artigos e os pronomes pessoais de terceira pessoa, emergiram dos demonstrativos, o que, para Ilari (2004), foi “a inovação mais importante” de criação pelos demonstrativos. Assim como os artigos, os demonstrativos estabelecem um vínculo de uso em que o elemento gramatical acompanha, prototipicamente, no sintagma nominal, um núcleo substantivo.

No que se refere à função espacial dos demonstrativos, Mattos e Silva (2006) explica que, no português arcaico, distinguem-se as formas dêíticas e anafóricas *este* e *aquele*, as quais referem-se a uma localização em relação ao emissor e receptor (E/R), dentro e fora da enunciação. Nesse ponto, esses demonstrativos já funcionam como “anafórico, referindo-se, no âmbito do enunciado, a algo já mencionado antes”, conforme o sistema dos demonstrativos do português arcaico, observado no quadro 2.

Quadro 2 – Sistema dos Demonstrativos do Português Arcaico

Forma		Simples		Reforçada	
	num.	Sing.	Plur.	Sing.	Sing.
Referência	gen.				
Campo do Emissor (E)	m.	este	estes	aqueste	aquestes
	f.	esta	estas	aquesta	aquestas
	n.	esto ~ isto		aquesto aquistos	
Campo do Receptor (R)	m.	esse	esses	aquesse	aquesses
	f.	essa	essas	aquessa	aquessas
	n.	esso ~ isso		aquesto aquistos	
Campo do E e do R	m.	-		Aquele ~ aquel	Aqueles
	f.	-		aquela	Aquelas
	n.	-		Aquelo ~ aquilo	

Fonte: Adaptado de Mattos e Silva (2006, p. 108)

Quanto à inclusão dos demonstrativos na categoria dos ‘pronomes’, Arnauld e Lancelot (1992 [1660]), autores da Gramática de Port-Royal, despertam uma preocupação sobre os critérios de classificação da categoria pronominal, mais precisamente quanto à ausência de distinção da natureza dos pronomes. Segundo os autores, se os pronomes foram criados para substituir os nomes, como classificar os pronomes quando não substituem, mas acompanham os nomes? Ora, na qualidade de adjetivos, os demonstrativos expressam “uma designação, uma indicação, e despertam apenas uma ideia de existência, [...], que somente as circunstâncias determinam e são apenas termos metafísicos, próprios para assinalar simples conceitos e a diferentes perspectivas do espírito” (p. 206). De fato, essa natureza de *designar*, *indicar*, acompanhando os nomes (função adjetiva), na verdade, é peculiar a alguns tipos de pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos).

Rumeu (2008) ressalta que a Gramática de Port-Royal resgata o caráter especulativo das gramáticas greco-latinas no tratamento da categoria pronome. Segundo a autora,

A idéia de que o pronome atua como um termo que representa o nome, já anunciada, no séc. II d.c, por Apolônio Díscolo, é retomada, no séc. XVII, pelos estudiosos de Port-Royal. A apreciação dos gramáticos de Port-Royal acerca da categoria gramatical pronome como representante do nome se constitui como uma reflexão em busca da coerência do pensamento humano (do racionalismo humano) e, conseqüentemente, coerência na expressão discursiva da capacidade de pensar do ser humano que, para não tornar o discurso cansativo, opta por substituir o nome pelo pronome (p. 144).

Além de substituir o nome, os demonstrativos são considerados um adjetivo metafísico, pois “determinam os nomes comuns”, como o fazem os artigos, daí a incompatibilidade de ocorrência de artigos e demonstrativos, dos quais são originados os primeiros.

A seguir, apresentamos uma reflexão sobre a descrição gramatical dos pronomes demonstrativos nos séculos XIX e XX, numa perspectiva sincrônica.

1.2.3 Do Português Moderno

Nesta seção, abordamos os estudos dos pronomes demonstrativos desenvolvidos nos séculos XIX e XX¹⁶, com as contribuições de gramáticos, como Barbosa (1822), Rocha Lima

¹⁶ A partir de Barbosa (1822), temos uma classificação dos pronomes mais consolidada e próxima da classificação contemporânea e mais distante da tradição latina, evoluindo notadamente na classificação dos demonstrativos em relação aos dias atuais. Daí, inserimos em uma mesma seção gramáticas publicadas nos séculos XIX e XX.

(2001)¹⁷, Cunha e Cintra (2001)¹⁸, Bechara (2009)¹⁹. Segundo Banza e Gonçalves (2018), do ponto de vista linguístico, as gramáticas do século XX apresentam poucas mudanças em relação à gramática inaugurada no XIX. Daí, a inclusão de ambos períodos em uma mesma seção.

Jerônimo Soares Barbosa, em sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza* (1822), reduz as classes de palavras a 6 (seis), a saber, os *substantivos, adjetivos e o verbo* (variáveis) e *as preposições, as conjunções e as interjeições* (invariáveis). Os pronomes, os artigos e os participios são, nas palavras de Cambraia (2010), “reduzidos” a *nome adjetivo*. Ele ressalta a tendência de se destacar os nomes substantivos e adjetivos como classes independentes no século XIX, embora antes a tradição portuguesa já contasse estas duas categorias desde Fernão de Oliveira. O autor ressalta que se trata de uma “visão totalmente implementada nas doutrinas em circulação atualmente, seja em gramáticas tradicionais seja em estudos lingüísticos descritivos de diferentes orientações teóricas” (p. 26).

De acordo com Barbosa, os nomes adjetivos classificam-se em explicativos, restritivos e determinativos. Os determinativos levam este nome porque “determinam e applicam os nomes de classes e communs a certos indivíduos particularmente” (p. 97), dividem-se em de qualidade e de quantidade. Os de qualidade distribuem-se, por sua vez, nas categorias gerais (artigos) e especiais (que “determinão ja persi mesmo o nome commum, individuando-o por alguma qualidade, ou circunstancia particular” e englobam os pessoais e os demonstrativos). É nos determinativos que se incluem os *demonstrativos* – “aquelles, que determinão e applicão os nomes appellativos a certos individuos, indicando-os, e mostrando-os pela *Localidade* da sua existencia” (p. 111) – os quais se classificam em *puros*, os que “mostram e apontam os objectos presentes pelo logar, menos ou mais distante, em que estão, ou no espaço, ou no discurso, ou na ordem dos tempos, e bem assim o logar e relação que tem por ordem á pessoa que falla, áquella com quem se falla, e á de quem se falla.” (p. 111-2) — a saber, *este, esse e aquele* — e *conjunctivos*, que se referem aos relativos e “indicam os objectos pela sua localidade, assim estes os mostram pela sua antecendencia imediata”, além disso, “atam as orações na frente das quaes se acham com a antecedente, fazendo-as partes da mesma, ou como incidentes ou como integrantes” (p. 114) — a saber, *qual, quem, cujo e que*.

O critério que Barbosa utiliza para diferenciar os demonstrativos *puros* dos *conjunctivos* é formal e diz respeito à distância entre o pronome e seu referente antecedente na frase. Segundo ele, quando “queremos nós por ex. determinar um objecto presente pelo logar que occupa junto

¹⁷ 1ª Edição, 1972

¹⁸ 1ª Edição, 1970

¹⁹ 1ª Edição, 1971

a nós que fallamos, ou em que o pozemos no discurso fallando d'elle? dizemos: *este homem, esta mulher, isto que acabamos de dizer*” (p. 112).

Curiosamente, o autor chega a considerar os demonstrativos puros, quando se referem a um antecedente nomeado no discurso, como sendo, ao mesmo tempo, demonstrativos e conjuntivos, função consagrada atualmente aos pronomes relativos (p. 114).

De fato, Barbosa inova na caracterização das suas funções dêiticas e adjetivas ('determinativas') dos demonstrativos. Ao diferenciar os demonstrativos *puros* dos *conjuntivos*, tem a preocupação de particularizar aqueles por se referirem “a coisas antecedentemente ditas no discurso”, ressaltando esta característica em função da distância que uns (puros) e outros (conjuntivos) estabelecem com relação aos seus respectivos antecedente. Os conjuntivos (relativos) “indicam os objectos pela sua localidade, assim estes os mostram pela sua antecedência imediata” (p. 114). Com relação aos demonstrativos puros, o gramático deixa transparecer que seu o distanciamento do seu antecedente parece ser maior.

A tentativa de especificar uma categoria de demonstrativos puros, individuando-o a partir de critérios que observem suas características funcionais, como *indicar, localizar, remeter* a um antecedente no discurso, traz uma importante contribuição aos estudos dos demonstrativos atuais, a saber, fornecer compêndios gramaticais, no século XX, que apresentem os conceitos e noções fundamentais dessa categoria gramatical. Talvez por ser uma gramática “philosófica”, a reflexão em torno do tema ganhe uma dimensão mais crítica, expondo as razões dos usos dos demonstrativos.

Em Barbosa, a classificação dos pronomes encontra-se mais consolidada e próxima da classificação contemporânea e mais distante da tradição latina, evoluindo notadamente na classificação dos demonstrativos em relação aos dias atuais. Por exemplo, ressaltando as funções dêiticas e fóricas do demonstrativo puro “aquelles”, Barbosa afirma que este “aponta um objecto mais distante, ou no logar ou no tempo, do qual se tem fallado, se falla, ou se há de fallar” (p. 313).

Consolidado no século XX, o conceito dos demonstrativos ratifica a noção das palavras que situam os objetos em relação às três pessoas do discurso (ROCHA LIMA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2001, BECHARA, 2009, entre outros), tendo a função de indicar a posição do ser no espaço, no tempo e no discurso, ou seja, definitivamente, as gramáticas reafirmam os valores dêíticos e fóricos desses pronomes.

Quanto à posição dos demonstrativos na sentença, os gramáticos são unânimes em mostrar o demonstrativo como aquele que precede normalmente o substantivo que o determina. Isto pode ser verificado no exemplo citado por Rocha Lima (1994, p. 333): *estes homens e*

estas mulheres nasceram para trabalhar. (J. Saramago, LC, 327.)

Na Língua Portuguesa, distinguem-se as unidades *este/esta*, que indicam proximidade do objeto situado em relação ao falante e *aquele/aquela*, que indicam seu afastamento do falante. Os elementos *esse/essa* expressam, em princípio, proximidade em relação ao destinatário (ROCHA LIMA, 2001; BECHARA, 2009).

Quanto aos usos dessas unidades demonstrativas, Cunha (2001) e Rocha Lima (2001) observam que designam as pessoas ou coisas referentes às pessoas gramaticais do discurso, situando-as no tempo e/ou no espaço. Já Bechara (2009) acrescenta que os pronomes demonstrativos, além de apontar a posição dos indivíduos em semelhança às pessoas gramaticais do discurso, expressam proximidade no tempo, no espaço ou no texto.

Manuel Said Ali, em sua *Gramática histórica da língua portuguesa* (2001 [1931]), já descrevia dentre as funções dos demonstrativos, as funções de espaço, tempo, com destaque ao “*demonstrativo anphórico*”, relacionando-o à “função de *deictico*, isto é, indicando a situação de pessoas ou cousas e o momento da acção em relação à pessoa que fala” (p. 107). Não difere muito das designações dadas hoje aos demonstrativos, cuja noção de dêiticos está relacionada a uma categoria com indicação de referentes situacionais, e de anafóricos, à função de retomadas textuais relativas a termos antecedentes.

A esse respeito Bechara (2009, p.158) comenta que “a necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas de que trata leva o falante a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos *aqui, ai, ali, acolá: este aqui, esse ai, aquele ali ou acolá*”. Nessa esteira, Azeredo (2012) detalha que o uso das formas *este/esse* é preservado na língua escrita, ao passo que, na fala, “esta oposição tende a ser substituída por formas compostas: *esse(a) aqui/esse(a) aí*” (e flexões). Para identificarmos esse tipo de uso, verifiquemos os registros de fala espontânea, retirados do *Corpus C-Oral Brasil*, nos exemplos (11) e (12).

Ex11: Tem *essa caneta* *aqui* também.

(RASO; MELLO, 2012, C-Oral Brasil, bfamcv14.txt)

Ex12: eu falei, não, mas *essa parte* *aí* nu pertence nem eu nem você não // CAR

(RASO; MELLO, 2012, C-Oral Brasil, bfamcv11.txt)

Bechara (2009, p. 141) afirma que o uso dos pronomes demonstrativos “nem sempre” seguem “este rigor gramatical” e que “muitas vezes [eles] interferem em situações especiais que escapam à disciplina da gramática”.

A seguir, apresentamos a contribuição dos estudos linguísticos sobre os usos dos

demonstrativos nos séc. XX e XXI. Para tanto recorremos às reflexões de linguistas, como Kerbrat-Orecchioni (1980), Cardoso (1994), Clark (1996), Gary-Prieur e Noailly (2003), Andrade (1999), Diessel (1999a, 2012, 2019), Neves (2000), Cambraia (2009, 2010), Oliveira (2012), Silva (2018).

1.3 Contribuições de estudos linguísticos contemporâneos

Este trabalho se identifica com o caráter incomum dos usos da estrutura pronominal demonstrativa *essa*, seja na forma adjetiva, seja na forma substantiva, bem como na ruptura que esses usos produzem na nomeação ou designação dos referentes como esperado, ou seja, na redefinição da já conhecida dicotomia na sua formulação entre o demonstrativo anafórico e dêítico.

Nessa perspectiva, procuramos, com base em estudos linguísticos e, mais especialmente, da LFc, compreender os usos dos demonstrativos, a partir de trabalhos realizados em torno da problemática dos usos dos demonstrativos no português brasileiro.

Como já mencionado antes, embora a tradição latina tenha contribuído para reforçar as noções dêíticas e fóricas, bem como, a introdução dos artigos, a partir dos demonstrativos, especialmente em Prisciano, por influência do gramático grego Apolônio Díscolo, desconsidera os usos com suas funções discursivo-pragmáticas, quase restringindo-se às relações morfossintáticas das formas demonstrativas. Nesta seção, procuramos desenvolver uma revisão dos estudos contemporâneos dos demonstrativos, numa abordagem linguística.

Segundo Andrade (1999, p. 156), tal como estabelecidos, os demonstrativos constituem um sistema complexo, “*sujeito a múltiplas variações e interações quer no plano sincrónico quer no plano diacrónico*”. O desafio dos estudiosos, em meio a essa complexidade dos pronomes habitualmente incluídos na classe dos demonstrativos, tem sido de dar-lhes uma sistematicidade. Se por um lado, a essa altura, a gramática restringe os demonstrativos aos pronomes, a partir dos valores dêíticos e fóricos, o que de fato é verdadeiro, por outro, exclui outras unidades gramaticais que possuem essas funções, como os advérbios locativos ou pronomes locativos, como denominam alguns linguistas como Oliveira (2012) e Oliveira e Santos (2014).

A demonstratividade, em que se especificam relações espaciais, inclui determinadores de terceira pessoa. No entanto, em sua origem, os demonstrativos constituíam-se *dêixis*, cuja função primordial era a de “demonstrar”; “apontar” a coisa ou o referente, e da qual faziam parte os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas. A partir do século XVIII, os demonstrativos passam

por uma reestruturação, o que levou a categoria a contar apenas com as unidades de terceira pessoa *este, esse, aquele (e demais formas)*. Como resultado dessa divisão, a categoria do demonstrativo, que compreendia todos os dêiticos, passa a figurar como uma categoria à parte, composta por “alguns pronomes de 3ª pessoa” (CARDOSO, 1994, p. 7), podendo funcionar como *anafóricos*; já os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, “os mais dêiticos” ou “os mais demonstrativos” dos pronomes (cf. SALUM, 1983 *apud* CARDOSO, 1994), passaram a compor os pronomes pessoais. Segundo Cambraia e Bianchet (2008, p. 17), “dever-se-ia entender a associação dos demonstrativos à categoria de pessoa apenas como consequência do seu valor localizador”, compreendendo que à categoria de pessoa pertencem os pronomes pessoais (reto e oblíquo).

Para respaldar nossa tese, um amplo quadro teórico (HIMMELMANN, 1996; DIESEL, 1999a; GARY-PRIEUR; NOAILLY, 2003; SILVA, 2018 entre outros) permitirá especificar melhor que as noções de “ponto de referência dêítico” e “ponto de vista” das formas demonstrativas revelam intenções, sentimentos – “empatia, antipatia” – subjetividade, etc. Para dar uma visão geral destes trabalhos, apresentamos aqui rapidamente as principais propriedades semânticas das formas pronominais demonstrativas.

Analisando sintagmas nominais com demonstrativos em textos literários, Gary-Prieur e Noailly (2003) identificam usos insólitos de demonstrativos, em que o Sintagma Nominal Demonstrativo (doravante SND) não apresenta relação dêítica ou anafórica. Os autores relatam que, nesse uso incomum, percebe-se que as representações mentais do locutor estão imbuídas de uma imposição cognitiva, psicológica ou memorial do referente, o que configura um caso descrito como *dêixis in absentia* ou *dêixis memorial*, como demonstrado no exemplo (13) que segue:

Ex13: Bernis est pâle et la prend dans ses bras et la berce. Geneviève ferme les yeux: – Vous allez m'impoter... Les temps fuit sur cette épaulesans faire de mal. (Gary-Prieur e Noailly, 2003, p. 232)

[Bernis está pálido e a toma nos braços e a embala. Genoveva fecha os olhos: - Você vai me dar um colapso ... Os tempos fogem por aquele ombro sem doar.] (tradução nossa)

Segundo os autores “*cette épaule/aquele ombro*” constitui-se um processo metonímico, que envolve o personagem Bernis mencionado anteriormente, que toma Genoveva nos braços. Nesse sentido, “sobre aquele ombro” compreende uma instância de anáfora indireta, ancorado na sequência anterior. Neste caso, o demonstrativo também destaca

a ruptura entre a voz do narrador e a voz do personagem, entre a perspectiva de um e de outro. O demonstrativo *aquele* expressa, na verdade, uma relação de natureza

espaço-temporal, de distância entre o narrador e o cenário descrito. Exemplos assim necessitam de inferências para serem compreendidos, para que se faça a associação entre "tomar nos braços" e "ombro" (SANTOS; CAVALCANTE, 2014, p. 239)

Assim, baseados nos pressupostos da LFc, a partir dos estudos de Silva (2018), Diessel (1999, 2019), Clark (1996), acreditamos que os usos prototípicos da forma demonstrativa *essa*, em função de suas funções morfossintática, semântica, discursiva e pragmática, podem revelar a caracterização dos demonstrativos atualmente.

Diessel (2019), por sua vez, chama a atenção a respeito das relações do demonstrativo com o referente dentro do texto, levando em conta o aspecto da cognição social da “atenção conjunta”. Segundo o linguista,

Para se comunicar, falante e ouvinte devem concentrar sua atenção na mesma experiência, que pode envolver um objeto ou evento na situação circundante ou um conceito evocado pelo discurso anterior. Dentro conversa face a face, a atenção conjunta é comumente estabelecida por meios de comunicação como olhar, movimento da cabeça e gesto. De particular importância é o apontamento dêitico - um dispositivo de comunicação universalmente disponível para estabelecer atenção conjunta e que geralmente é acompanhado por demonstrativos ou dêiticos espaciais (p. 26).

Nesse sentido, o autor cita como exemplo a resposta que os bebês dão quando, por volta dos nove meses, começam a seguir “o olhar e os movimentos da cabeça do outro” até que, em torno dos 12 meses, começa a “produzir seus primeiros gestos apontando”. O linguista considera a “atenção conjunta” um aspecto básico da interação social, em que o falante e o ouvinte “precisam alinhar seus conhecimentos e crenças” ou seja, os interlocutores, numa situação de comunicação, compartilham um ‘terreno comum’”, que constitui, segundo Clark (1996 *apud* DIESSEL, 2019, p. 26), “a conscientização dos usuários da língua sobre seu conhecimento compartilhado”, que envolve não somente as informações sobre os elementos da situação de fala, mas também, as relativas ao interlocutor e o conhecimento geral do mundo. Evocando os recursos primitivos de demonstração (gestos, olhares) e seu conhecimento compartilhado da língua com o foco na atenção conjunta, analisemos os exemplos (14) e (15).

Ex14: E: conta que que tem nas salas ...

*I: na sala ... tem cadeira ... tem mesa ... tem armário ... tem árvore de natal ... tem:: os piano ... os pianinho que ela bota pra tocar ... tem um bocado de coisa ... na outra sala tem ... árvore ... tem:: é:: armário ... tem:: cadeira ... tem:: um armário bem grande **desses daqui ((aponta uma estante))** tem um bocado de coisa ... tem é:: colchão pra dormir*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 214)

Ex15: E: Carlos ... você disse que gosta de falar sobre futebol e ... é um tema que você gosta de discutir né? então ... é ... qual a sua opinião é sobre:: o futebol né ... que a seleção brasileira tá

apresentando ... a/ ultimamente?

*I: é ... bom ... eu acho que ... a culpa não está no ... no ... no ... no ... na comissão técnica ... no ... do futebol apresentado pelo ... no Brasil atualmente né ...eu acho que vem de ... vem de cima né ... se ... se num houvesse **essa politicagem toda** né ... que há né ... em torno do ... do ... do futebol ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 12)

No exemplo (14), o locutor, ao usar o pronome (d)esses, acompanhado do locativo *aqui* com do gesto de “apontar” o móvel, atrai a atenção de seu interlocutor ao objeto – móvel/armário/estante – foco de sua atenção, estabelecendo um “terreno comum” entre ambos. Em (15), o foco de atenção conjunta está na ideia expressa no termo *politicagem*, para o qual o locutor alinha a atenção do seu interlocutor, por meio do pronome *essa*, estabelecendo, não só a concentração da atenção em um mesmo objeto, mas também, no compartilhamento de conhecimentos e crenças. Nesse sentido, locutor e interlocutor entendem que no universo do futebol imperam relações perniciosas e corruptas, por isso, ao remeter, por meio da forma *essa*, à politicagem no futebol, o locutor chama a atenção de seu interlocutor aos seus conhecimentos das práticas no futebol que ambos compartilham.

Fica claro que, segundo a proposta cognitivo-funcional de Diessel (1999a) e Clark (1996), as formas demonstrativas (esse/essa), os elementos (aqui) e os gestos de *apontar* com a mão, como dispositivo físico de demonstração, não têm apenas uma função de *apontar*, *indicar* ou *mostrar* objetos (*armário/estante*) ou ideias (*politicagem*), mas desempenham um papel importante na interação sociocomunicativa, que vai além do conhecimento compartilhado – *terreno comum* – de “informações sobre a situação de fala física em torno dos interlocutores, mas também informações básicas sobre o parceiro comunicativo e o conhecimento geral do mundo” (CLARK, 1996, p. 26).

Ao trocar informações sobre o armário, no exemplo 14, o locutor implica o interlocutor e atrai sua atenção para o armário, e não para outros móveis mencionados no texto, por meio do demonstrativo, do locativo e do gesto de apontar com a mão; bem como, no exemplo 15, ao compartilhar informações sobre a *politicagem* no futebol, usando o pronome *essa*, o locutor distancia a atenção do interlocutor de outros temas que envolvam o esporte, como a escolha e atuação dos jogadores, os resultados dos jogos etc.

Pelo exposto, ancorados numa perspectiva da Linguística Funcional Clássica, acreditamos que a análise dos usos prototípicos da forma demonstrativa *essa*, a partir da escala gradiente, de acordo com suas funções morfossintática, semântica, discursiva e pragmática, pode revelar uma nova caracterização dos demonstrativos atualmente.

De especial interesse de nossas pesquisas são os usos de expressões com a forma

demonstrativa *essa*, como os exemplos extraídos da internet, como as expressões, registradas nos exemplos (16), (17), (18) e (19), as quais revelam usos do *essa* que se distanciam de suas funções prototípicas, quais sejam, *apontar/indicar* algo, remeter a um referente explícito próximo. De fato, são expressões que só exprimem seus sentidos em bloco, não isoladamente, tomadas cada uma “como uma única unidade tanto do ponto de vista da produção quanto do processamento” (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2019, p. 108). Segundo Neves (2000, p. 508), essas expressões significam, respectivamente *deixar-se envolver*; *não aceito isso* (marca discordância veemente); *onde se viu isso* (marca rejeição com espanto); *o que está em questão/o que foi feito ou dito é espantoso* (marca crítica com espanto).

Entrar nessa!

Ex16: Sabrina Sato começa a introdução alimentar de Zoe e a gente te ajuda a entrar nessa sem pirar. A filha da apresentadora vai completar 6 meses.

(PAIS&FILHOS, 2019)²⁰

Essa, não!

Ex17: Faz um mês que fiz uma reclamação da Uber aqui. Não entraram em contato e a "ajuda" que eles oferecem no próprio aplicativo não ajuda nada! Então são duas reclamações. Primeiro, de repente, não consegui mais pagar a corrida com o cartão de crédito. Aparece a mensagem "Essa não! Algo deu errado!" Não tem nada de errado com os dados do cartão e todas faturas estão pagas.

(RECLAMEAQUI, 2019)²¹

Ora, essa!

Ex18: O cara tem raízes no Seridó e foi embora faz muito tempo. Era suplente e assumiu o mandato. Pronto! Senador seridoense. Ora, essa! O cara não sabe mais nem onde fica Caicó. Nunca mais andou no Seridó.

(BLOGUE ROBSON PIRES, 2015)²²

Essa é boa

*Ex19: **Essa é boa.** Por onde anda o vereador de Cabedelo, Josemar Cabeleireiro, afastado pelo Gaeco, conta uma história pra lá de estranha e engraçada. Com seu jeito meio amatutado ele diz: É danado, eu que recebi uma mixaria de Leto Viana perdi o mandato de vereador e o prefeito Vitor Hugo, que recebeu muito mais, foi promovido de vereador e a prefeito. Ô Paraíba boa!*

(FONTE83, 2019)²³

²⁰ Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/bebe/sabrina-sato-comeca-a-introducao-alimentar-de-zoe-e-a-gente-te-ajuda-a-entrar-nessa-sem-pirar/>. Acesso em: 12/04/2020.

²¹ Disponível em: https://www.reclameaqui.com.br/uber/essa-nao-algo-deu-errado_aLM2zwAUTev-gZfM/. Acesso em: 12/04/2020.

²² Disponível em: <https://robsonpiresxerife.com/notas/o-serido-nao-tem-senador-nao-ora-essa/>. Acesso em: 12/04/2020.

²³ Disponível em: <https://fonte83.com.br/essa-e-bom-por-onde-anda-um-vereador-de-cabedelo-afastado-pelo-gaeco-Conta-uma-historia-pra-la-de-estranha-e-engracada-com-seu-jeito-meio-amatutado-ele-diz-e-danado-eu-que-recebi-uma-mixaria-de/>. Acesso em: 12/04/2020.

Essas expressões e tantas outras, que permeiam os usos do demonstrativo *essa*, reforçam a necessidade da realização de estudos mais aprofundados, dentro da Linguística Funcional (Clássica, Centrada no Uso, Cognitivo-Funcional) em torno dos usos dos demonstrativos.

1.4 Síntese do capítulo

Pelo exposto, podemos levantar algumas considerações a respeito das formas demonstrativas, seus usos e funções, considerando sua trajetória panorâmica desde a tradição latina até os dias atuais:

1. Os demonstrativos pertencem a uma categoria universal, cujos usos remetem às características funcionais dêiticas (espaciais, temporais), fóricas discursivas e pragmáticas;
2. As formas latinas demonstrativas *iste*, *ipse*, *ille* deram origem às formas demonstrativas do português *este*, *esse*, *aquele* (*accu-ille*); a forma *hic* caiu em desuso e *is* deu origem ao neutro *o*;
3. Embora a tradição latina tenha contribuído para reforçar as noções dêiticas e fóricas, bem como, a introdução dos artigos, a partir dos demonstrativos, desconsidera os usos com suas funções discursivo-pragmáticas;
4. Em Barros (1540), os pronomes pessoais e demonstrativos incluem-se em uma mesma categoria. ao relacionar pessoais a demonstrativos em uma mesma categoria, demonstra certa dificuldade em estabelecer critérios de classificar estes itens gramaticais. No tocante aos demonstrativos, Barros dá destaque aos demonstrativos ao gênero, discriminando três gêneros: este, masculino; esta, feminino, e isto, neutro. Além disso, este gramático inclui como demonstrativos os relativos, por apresentarem relação ou lembrança da coisa dita, exercendo uma função, portanto, demonstrativa. (BARROS, 1540, fól. 15v);
5. Em Barbosa (1822), tem a consolidação das formas demonstrativas, tal como encontramos nas gramáticas mais contemporâneas. Barbosa inclui os demonstrativos na categoria dos determinativos, classificando-os em *puros*, os que “mostram e apontam os objectos presentes pelo lugar, menos ou mais distante, em que estão, ou no espaço, ou no discurso, ou na ordem dos tempos, e bem assim o lugar e relação que tem por ordem á pessoa que falla, áquella com quem se falla, e á de quem se falla.” (p. 111-2); e *conjuntivos*, que se referem aos relativos e “indicam os objectos pela sua localidade, assim estes os mostram pela sua antecedencia immediata”. O critério que utiliza para diferenciar os demonstrativos *puros* dos *conjuntivos* é formal e diz respeito à distância entre o pronome e seu referente

antecedente na frase.

6. Os estudos linguísticos contemporâneos buscam analisar as multifunções dos demonstrativos em fase de sua complexidade. Se por um lado, a essa altura, a gramática restringe os demonstrativos aos pronomes, a partir dos valores dêiticos e fóricos, o que de fato é verdadeiro, por outro, exclui outras unidades gramaticais que possuem essas funções, como os advérbios locativos ou pronomes locativos, como denominam alguns linguistas como Oliveira (2012) e Oliveira e Santos (2014).
7. Quanto aos usos das formas pronominais demonstrativas no português, as funções primitivas dêiticas e fóricas mantêm-se, tanto na perspectiva situacional como do discurso. Entretanto, as vicissitudes do discurso produzem a regularidade de novos usos e funções dos demonstrativos;
8. Um estudo da abordagem da LFc dos fenômenos de uso linguístico das formas demonstrativas, a partir da frequência de uso, da prototipicidade, refletida numa escala gradiente de uso, atende aos anseios que almejamos alcançar, na tentativa de interpretar os fatos linguísticos em análise.

CAPÍTULO 2 - A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA: AS NOÇÕES DE ICONICIDADE E PROTOTIPICIDADE

2.1 Introdução

No capítulo 1, apresentamos uma análise das características formais e funcionais do sistema pronominal demonstrativo, numa breve descrição da sistematicidade e usos das formas demonstrativas, com base em abordagens em diferentes períodos, com destaque às suas funções sintáticas e semântico-discursivas, com o propósito de imprimir uma imagem da sistematicidade e complexidade dos usos dos demonstrativos em diferentes períodos.

Neste capítulo, apresentamos, com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Clássica, as noções fundamentais deste modelo teórico, a saber, iconicidade e prototipicidade.

De orientação funcionalista, a Linguística Funcional Clássica, de vertente norte-americana, ganhou notoriedade a partir da década de 1970, quando autores como Hopper e Thompson (1980), Givón (1979, 1984) “passaram a advogar uma linguística baseada no uso”, cuja tendência principal fosse buscar explicações às “regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 21). Além disso, defendiam a ideia de que “a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso”. Assim o fenômeno linguístico é visto sob diferentes perspectivas, com vista a pôr em evidência as motivações discursivas que geram as regularidades e a mudança linguística.

Nesta seção, desenvolvemos algumas considerações sobre o funcionalismo, optando por uma abordagem mais moderada. Nas seções que seguem, pretendemos compreender, a partir das noções de iconicidade e prototipicidade, as especificidades dos usos do demonstrativo *essa*, levando em conta as formas linguísticas como sempre motivadas por fatores de ordem cognitiva e pragmático-discursiva.

2.2 O Princípio da Iconicidade

O ponto de partida teórico da LFc é a refutação dos dogmas que fundamentam os pressupostos teóricos da linguística estrutural, a saber, a noção de “arbitrariedade do signo linguístico, a idealização relacionada à distinção entre *langue* e *parole* e à diacronia e

sincronia.” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17). Assim, nessa abordagem funcionalista, postula-se que, na língua, há uma correlação natural entre a forma e a função, entre a expressão e o conteúdo.

Desde a antiguidade clássica, a ideia de que existe uma motivação natural entre expressão e conteúdo, defendida pelos naturalistas, já dividia os filósofos gregos. Essa ideia foi abandonada, no início do século XX, pelo modelo teórico metodológico da linguística, proposto por Saussure, que retoma a concepção convencionalista, segundo a qual, o signo linguístico é arbitrário, preconizando que entre a “imagem acústica” do signo linguístico (significante) e o conceito por ela evocado (significado) não existe uma relação natural. Em um signo arbitrário, a associação entre forma e significado é baseada apenas na convenção; não há nada na forma do signo que se assemelhe a aspectos de seu significado.

Charles Peirce (1940), filósofo inglês, discorda dos convencionalistas, assumindo que “a sintaxe das línguas naturais não é totalmente arbitrária, e sim isomórfica ao seu *designatum* mental” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 22). Trata-se, pois, da capacidade de duas estruturas terem os mesmos componentes, mas reorganizados de maneira diferente. Compreende, dessa maneira, uma correspondência entre elementos que se tornam idênticos e diferentes ao mesmo tempo.

Tomando esse isomorfismo da sintaxe como moderado, o filósofo inglês estabeleceu os princípios icônicos, cognitivamente motivados, que interagem com os princípios cognitivamente arbitrários, responsáveis pelas regras convencionais. Suas ideias inspiraram o princípio denominado posteriormente de *iconicidade*.

Autores como Bolinger (1977), Croft (1990) e Givón (1984), opondo-se à visão de língua como um sistema autônomo, evidenciam motivações associadas aos níveis pragmáticos, sintáticos e semânticos para os fatos da língua (ATAÍDE; SILVA, 2017, p. 55). Compartilhando essa ideia, Neves (2018, p. 16), citando Makenzie (1992), ressalta, como característica de uma gramática funcional, a existência de “uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura da língua (o gramatical)”.

Em outras palavras, a língua é uma atividade sociocultural, sua estrutura reflete a iconicidade, comportando-se como “adaptativamente motivada e, portanto, em princípio, não arbitrária²⁴” (GIVÓN, 2001, p. 34).

Segundo Neves (1997), “a iconicidade é um princípio pelo qual se considera que existe uma relação não arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem

²⁴ adaptively motivated and thus in principle non-arbitrary

humana. Trata-se de uma relação natural entre o código linguístico e o seu *designatum*” (p. 103). O princípio da iconicidade está relacionado à noção de que

os atos de fala produzem regularidades e irregularidades, cuja fixidez, enquanto estrutura gramatical, torna-se dependente da situação interativa. Por isso o funcionalismo linguístico contemporâneo propõe que se considere a contextualização no estudo da língua, valorizando a situação interativa na qual os dados linguísticos são produzidos (SILVA, 2007, p. 71).

No funcionalismo, não se pode falar de autonomia da sintaxe, uma vez que há uma dependência desta às funções semânticas e discursivas produzidas nos discursos. Assim, é importante considerar a sintaxe, a partir de seus contextos de uso, pois assim é que poderão ser observadas as condições de produção linguística e constituir a gramática. Se considerarmos que o fenômeno sintático deve ser compreendido, a partir dos estudos da língua em uso, parece natural que

Considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes [...] as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada [...] a análise dos processos de variação e mudança linguística constitui uma das áreas de interesse privilegiado da linguística funcional. (FURTADO DA CUNHA, 2010, p. 167).

Da noção de iconicidade, interessam-nos estudar os três subprincípios icônicos que, na visão de Givón (2001[1984]), baseiam-se em critérios que levam em conta a quantidade de informação, os graus de integração entre os constituintes da expressão e de conteúdo e a ordenação linear dos segmentos.

O *subprincípio da quantidade* diz respeito à quantidade de informação na estrutura de uma construção gramatical. Isto quer dizer que quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma. Ora, a complexidade de pensamento implica a complexidade da expressão. Dessa forma, tem-se a ideia de que “aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo” (SLOBIN, 1980 *apud* FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24).

Quanto ao subprincípio da quantidade, Votre e Cezário (1996, p. 66) apresentam as seguintes características:

- a) - quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida ao interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada na codificação morfossintática dessa informação;
- b) - quanto mais imprevisível (mais nova) for a informação para o interlocutor, maior

- será a quantidade de forma a ser utilizada;
- c) - quanto mais previsível (mais pressuposta, mais disponível) for a informação para o interlocutor, menor será a quantidade de forma a ser utilizada.
 - d) - quanto mais importante for a informação em termos da continuidade temática ou discursiva, maior será a quantidade de forma requerida para codificá-la.

Nos exemplos (20) e (21), a complexidade do SND, em destaque, evidencia um caso em que se percebe o princípio icônico da quantidade.

Ex20: ... e ele morou numa casa Marcos ... uma casa que ele disse ... uma casa que deve ter sido é:: da época do imperador né ... uma casa ... uma casa tombada né ... em Petrópolis ... e ele con/ e ele descrevendo essa casa é uma coisa linda sabe?

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 48)

Ex21:... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar ... né ... pra ... lavar louça é:: todas essas outras coisas mais pesadas ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 20)

Antes de quaisquer considerações sobre as motivações icônicas das formas pronominais demonstrativas, é importante esclarecer que os pronomes demonstrativos estabelecem relações com um núcleo substantivo no âmbito do SN, exercendo funções morfossintáticas adjetivas e substantivas; e semânticas de indicar a posição do ser no espaço, no tempo e no discurso.

O exemplo (20) apresenta um SND constituído de 2 (dois) elementos, o que reflete menor quantidade de constituintes morfológicos e, portanto, menor complexidade sintática. Em (21), o SND – *todas essas outras coisas mais pesadas* – compõe-se de 6 (seis) constituintes que demandam do interlocutor certa dificuldade para identificar os elementos referentes no contexto. Para compreender o conteúdo expresso no SN, o interlocutor precisa identificar cada uma das noções expressas em *todas*, em *essas*, em *outras*, na forma esvaziada de sentido “*coisas*”, em *pesadas* e no intensificador *mais*, principalmente, se levarmos em conta que os elementos referentes dos itens gramaticais (*todas*, *essas*, *outras*, *mais*) e lexicais (*coisas*, *pesadas*) não apresentam um antecedente explícitos no texto.

O *subprincípio da integração* refere-se aos “conteúdos mais cognitivamente próximos também estarão mais integrados no nível de codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24). Quanto ao distanciamento da forma demonstrativa *essa* em relação ao nome a que se refere, seja no interior do SN, seja em trechos, orações ou parágrafos precedentes; ou, até mesmo, ligado a um nome cujo referente esteja localizado na memória/lembrança do locutor ou compartilhada por ele e seu interlocutor, observem-se os exemplos (22) e (23).

Ex22: E: e Jorge passou quanto tempo nessa casa? I: ele passou seis meses nessa casa e ... E: fazendo o quê? perdão ... I: ele fazia um trabalho de mordomo né ... tipo um mordomo ... um jardineiro...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 49)

Ex23: se convo/ em vez de convocar jogadores de um time e de outro ... convocasse um time que tivesse melhor no ... no ... no ... no:: no campeonato brasileiro ... e nesse caso o time mais entrosado e ... e melhor ... que vinha ... vem se saindo ... vem melhor ... se saindo melhor ... seria o São Paulo ... seria o mais lógico ... eu acho que já ... que estamos nessa situação ... uma única saída seria essa ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 13)

O exemplo (22) é um típico representante do subprincípio da integração, em que, inseridos num SN, os conteúdos relacionados (*essa + casa*) encontram-se próximos, explícitos, numa clara relação de concordância de gênero e número, cujo referente (anáfora direta) encontra-se próximo na oração anterior.

No exemplo (23), no entanto, a forma pronominal demonstrativa, embora esteja próxima semanticamente do nome a que se refere (saída), distante sintaticamente (*essa*: predicativo; saída: sujeito) e com o qual concorda em gênero e número, em função substantiva, enfraquece a integração entre o demonstrativo e o “nome”, uma vez que a referência vem diluída em fragmentos e orações anteriores, distanciando semanticamente dos elementos de retomada, demandando maior processamento cognitivo na sua identificação.

Quando o referente não se encontra no texto e sua identificação demanda um maior processamento cognitivo, já que o referente de só pode ser reconhecido por meio do conhecimento que ambos, locutor e interlocutor, compartilham, por meio das experiências e conhecimentos de mundo. É o caso do exemplo (24).

Ex24: E: ele[seu Carlos] fez algum comentário dos seus trabalhos? I: ele gosta muito dos trabalhos ... ele diz ... aqui mora um grande pintor ... ((riso)) em potencial porque eu num me acho essas coisas toda não ainda ... ((riso))
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 61)

No exemplo (24), o informante subestima seu potencial como pintor, usando a expressão essas coisas toda, que funciona como uma construção fixa, sempre precedida da palavra *num* (não), e remete à ideia de que seu trabalho não tem a importância que *seu Carlos* lhe confere. Mas essa ideia vai além do texto, está na memória dos interlocutores, evidenciando um grau maior de distanciamento entre SND e seu referente.

O subprincípio da ordenação linear refere-se aos constituintes que se ordenam linearmente, no tempo e no espaço, segundo pressões cognitivas, e, segundo Votre e Cezário

(1996, p. 66), obedece aos seguintes critérios:

- a) - a informação que funciona como ponto de referência tende a ser colocada em primeiro lugar (isto é, antes, na fala; à esquerda, na escrita);
- b) - a informação mais previsível tende a ser colocada em primeiro lugar;
- c) - informação que desempenha função de contraste em relação ao tópico tende a ser colocada em primeiro lugar.

Vejamos os exemplos 25 e 26, transcritos abaixo, quanto ao subprincípio da ordenação linear do SND.

Ex25: o Brasil num tá:: num:: ninguém tá nem aí ... ninguém sabe porque que tá isso:: ninguém tá preocupado porque:: tá acontecendo isso ... mas se falar pra todo:: falar em novela ... todo mundo:: tá todo mundo ligado nisso ... na copa ... nos:: nas novelas ... sei lá ... em todas as coisas eles se apegam ... se desprendem dos problemas e deixam ... vão deixando isso e amanhã ... futuramente ... meus filhos ... seus filhos ... vão tá nesse mundo sofrendo fazendo a mesma coisa pior ou pior ainda ... que a gente num sabe onde é que vai ... onde é que essa situação vai chegar...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 34)

Ex26: Nas áreas de interesse do curso constam-relacionados, cerca de 1.350 títulos, sem especificação, porem, do número de exemplares, situação essa que deverá ser objeto de especial atenção por parte da eventual Comissão Verificadora que venha a ser designada.
(BERBER SARDINHA, *Corpus Brasileiro*, 2004)

Os fragmentos transcritos em 25 e 26 compreendem exemplos de ordenação linear em que a ordem dos elementos no enunciado revela uma intenção comunicativa, orientando o propósito discursivo dos participantes. Cumpre recordar que a ordem natural dos demonstrativos no SN é antepondo-se aos nomes (demonstrativo + nome), compartilhando espaço com outros determinantes (pronomes indefinidos, possessivos, numerais, adjetivos).

Em 25, a ordem determinante (*essa*) + nome (*situação*), com o demonstrativo ocupando a posição 1 (um) e nome na posição 2 (dois), leva o interlocutor a identificar primeiro no texto o demonstrativo, orientando-o na identificação dos objetos do discurso na referência. Já em 26, a posposição do *essa* quebra a ordem natural, em que figuram o nome (*situação*), o demonstrativo (*essa*) e uma oração adjetiva (*que deverá ser objeto de especial atenção por parte da eventual Comissão Verificadora*). Ao posicionar o demonstrativo (*essa*) depois do nome (*situação*), ou seja, nome na posição 1(um) e o demonstrativo na posição 2 (dois), o locutor chama a atenção do interlocutor à informação expressa no nome *situação*, que rotula a informação expressa na oração adjetiva ligada ao SN.

Uma outra noção ligada à iconicidade é a *marcação*, que estabelece, por meio de três critérios a distinção entre as categorias (marcadas e não-marcadas), que se orientam pela:

- a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada correspondente;
- b) distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada correspondente;
- c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento. (GIVÓN, 1990 *apud* FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 26)

Neste trabalho, relacionamos a noção de marcação aos usos da forma demonstrativa *essa*, evidenciada na complexidade estrutural, na distribuição da frequência; e na complexidade cognitiva da organização do SND, o qual, acreditamos, pode assumir, segundo a correspondência de marcação, configurações como: $ESSA\ X \rightarrow ESSA\ X\ (Z) \rightarrow ESSA \rightarrow ESSA\ (Z) \rightarrow ESSA\ (Z)\ X \rightarrow ESSA\ (Z)\ X\ (Z) \rightarrow ESSA\ X\ (Z)\ (Z) \rightarrow (Z)\ ESSA\ X \rightarrow (Z)\ ESSA\ X\ (Z) \rightarrow ESSA\ (Z)\ (Z)$ ²⁵.

Assim, estruturas com um maior número de elementos constituintes no SND evidenciam maior grau de complexidade; baixa frequência de uso e que demanda um esforço mental maior, constituindo estruturas marcadas; por outro lado, estruturas com menor número de elementos constituintes no SND expressam menor grau de complexidade; maior frequência de uso e não demanda esforço cognitivo, constituindo estruturas não marcadas. Para ilustrar, vejamos os exemplos 27 e 28.

Ex27: ... I: no final ... eu gostaria de saber se você já colocou numa moldura aquele ... trabalho ... E: ainda não ... estou esperando ... a bolsa do CNPq ... ((riso)) I: essa conversa é velha ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 62)

Ex28: .. o ano dois mil ... tal ... num vai mais existir mais nada ... o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente essa esperança eu não tenho ... essa minha.: essa minha opinião sobre o nosso país ... sobre o nordestino que é o mais afetado ... é o que mais sofre ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 35)

De acordo com os critérios determinadores das categorias marcadas e não marcadas, em 27, o SND *essa conversa* constitui-se apenas do *essa* + nome – *essa conversa*, evidenciando baixa complexidade, implicando menos esforço mental e baixo processamento cognitivo na identificação do referente. Em 28, o SND *essa minha opinião sobre o nosso país, ... sobre o nordestino que é o mais afetado* apresenta uma estrutura mais complexa, composto de 5 (cinco) constituintes, demandando maior esforço mental e alto processamento cognitivo na

²⁵ O X representa o nome núcleo do SND; o Z corresponde a categorias que funcionam como adjunto adnominais no SND: adjetivos, pronomes possessivos, indefinidos, numeral, locuções adjetivas, orações adjetivas, conforme descrito na seção 3.2.

identificação do referente. Logo, em 27, temos uma estrutura não marcada; e, em 28, uma estrutura marcada.

2.3 O Pressuposto da Prototipicidade

O interesse pelo estudo de fenômenos relacionados à mudança linguística levou linguistas funcionalistas a adotarem um estudo voltado aos aspectos semântico-pragmáticos da mudança, cuja motivação tem seu foco no uso e em fatores de ordem cognitiva.

A partir da década de 1970, autores como Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón e Elizabeth Clos Traugott passaram a ver a sintaxe como uma forma cuja organização da informação parte de estratégias “empregadas pelo falante no momento da interação discursiva”. Assim, para compreender a mutação sintática, é necessário “estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída”. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17).

Nessa esteira, a Linguística Cognitiva vê, nos estudos da Psicologia Cognitiva, que se dedica à formulação e experimentação de modelos de teoria de conceitos e de categorização, uma importante fonte de conhecimento para compreender os fenômenos linguísticos, a partir da incorporação das noções de categorização e prototipicidade.

Nessa perspectiva, a Linguística Cognitiva ampliou as noções de categorização e prototipicidade, a partir de um conjunto de estudos teóricos (ROSCH, 1973; SLOBIN, 1980; TOMASELLO, 2003), aplicando-os aos estudos da linguagem. A categorização constitui o processo mental pelo qual membros de uma mesma categoria identificam, classificam e nomeiam diferentes entidades, com base em “protótipos”, representantes típicos de uma determinada estrutura mental, ou seja, as categorias linguísticas possuem uma estrutura “prototípica”. De acordo com a Linguística Cognitiva, há, entre os membros de uma mesma categoria, graus de similaridades que os agrupam. Essas similaridades são estabelecidas a partir de critérios de prototipicidade.

Segundo Ferrari (2014, p. 41), é importante considerar que os membros de determinada categoria estão organizados em termos de “escala de prototipicidade”. Isto quer dizer que tal organização categorial abrange “representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial”.

Ao tratar do conceito de categorização relacionado aos processos de referenciação, Neves (2018, p. 100) observa que “cada expressão referencial nominal é uma categorização,

isto é, uma colocação do referente em determinada categoria cognitivamente estabelecida.” Por exemplo, o processo de retomada em que uma forma abstrata (rótulo) designa ações processos ou estados, por meio de uma estratégia denominada *rotulação*, constitui uma forma de categorização (FRANCIS, 1994).

Quando se trata das considerações que levam à noção de que um demonstrativo possa ser identificado como tal, algumas questões surgem no sentido de identificar as características que o levam pertencer à categoria dos “demonstrativos”. Qual(is) função(ões) morfosintática(s) exercem? Que relações estabelecem no âmbito da oração ou do texto? Qual seu papel no processo de referência? Como se comporta com outros elementos congêneres no SN?

Categoricamente, os demonstrativos devem assumir as seguintes características, como descritas nos itens 3.3 e 3.4, desta tese:

- a) indicam posição dos seres e objetos em relação às três pessoas do discurso, situando-as no tempo e no espaço (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2001);
- b) exercem as funções morfosintáticas substantiva (núcleo do SN) e adjetiva ou adnominal (determinante de um nome) (NEVES, 2000);
- c) remetem diretamente ao contexto (à enunciação ou ao enunciado) no texto (NEVES, 2018);
- d) apontam para “referentes previamente introduzidos”, corroborando para a instituição de “uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente” (MARCUSCHI, 2000);
- e) indicam para “seres, objectos ou acontecimentos situados num campo mostrativo imaginário, isto é, evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação” (BUHLER, 1934 *apud* FONSECA, 1989);
- f) introduzem, endoforicamente, novos referentes, o que constitui uma “estratégia de progressão referencial implícita” (MORAES, 2011);
- g) ocupam, no SN, as posições de anteposição e posposição ao nome, compartilhando espaço com outros determinantes (pronomes indefinidos, possessivos, numerais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas);
- h) remontam a diversos tipos de segmentos de texto de forma prospectiva (para frente), anunciados por um sintagma nominal com demonstrativo (NEVES, 2018).

Essas características compreendem os traços que classificam a forma *essa* como membro da categoria rotulada “demonstrativos”. Porém, quais dessas categorias determinam os usos prototípicos da forma *essa*? Acreditamos que a análise dos dados levantados, a partir

do *corpus* selecionado dessa categorização, é possível identificar que propriedades dessa categoria são prototípicas aos usos da forma *essa*, e que propriedades figuram como não prototípicas.

De acordo com Lobão (2011, p. 2), a prototipicidade é o princípio, segundo o qual existem categorias na língua que abrigam um maior número de atributos que as caracterizam como categoria, “não sendo necessário, entretanto, que tais propriedades sejam partilhadas por todas as ocorrências, mas pelo menos se manifestem em um número bastante razoável de elementos linguísticos”. É o elemento prototípico que vai definir-se como padrão e, portanto, não marcado, e vai servir de parâmetro para o elemento periférico e, por conseguinte, mais marcado.

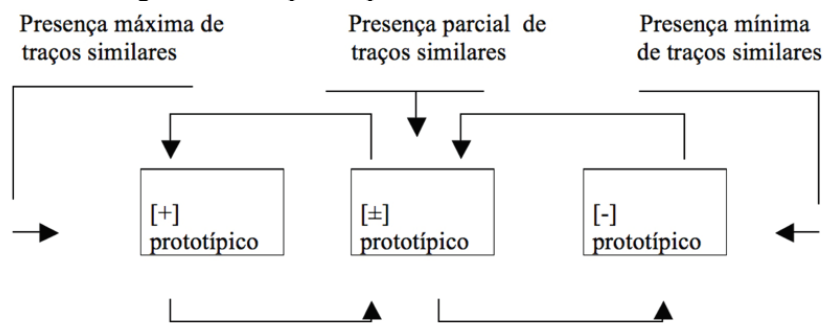
Givón (2001, p. 32) ressalta que “o membro mais prototípico de uma categoria é aquele que exibe o maior número de características criteriosas. Mas outros membros podem exibir menos recursos e ainda assim ser membros”²⁶. Assim, é importante considerar que, entre o uso mais prototípico e o não prototípico, circulam usos específicos mais ou menos prototípicos, ou seja, podem admitir pelo menos um dos atributos característicos da forma demonstrativa *essa*.

Rosch (1999 *apud* FERRARI, 2014, 42-43) ressalta que existem diversas formas para se estabelecer as categorias prototípicas: há aquelas baseadas na “frequência estatística, calculada em termos do número ou média dos vários atributos”; outras levam em conta os “ideais salientes por força de fatores fisiológicos (...); de objetivos específicos (...) ou de experiência individual”. Neste trabalho, adotamos a busca pelas formas prototípicas por meio da frequência, baseada em números e médias dos vários atributos dos usos da forma demonstrativa *essa*.

Nesse sentido, Costa (2016) afirma que o fenômeno da prototipicidade ocorre num *continuum* de escalaridade, segundo a qual os dados analisados se distribuem de acordo com o número de atributos definidores de determinada categoria. Desta forma, são elementos (+)prototípicos aqueles que apresentam maior número de traços similares; são elementos (±)prototípicos aqueles que apresentam número de traços parcial, situando-se numa posição medial na escala; e, por último, são elementos (–)prototípicos aqueles que se distanciam dos elementos (+)prototípicos, possuindo um número mínimo de atributos. Para ilustrar como funciona a escala gradiente de prototipicidade, Costa (2016, p. 165) propõe a Figura 2.

²⁶ The most prototypical member of a category is the one displaying the largest number of criterial features. But other members may display fewer features and still be members.

Figura 2 – Modelo de escala gradiente de prototipicidade



Fonte: Costa (2016, p. 165)

Em ambos princípios funcionalistas, aqui brevemente descritos, se inscreve a ideia de que considerar a gramática como motivada por fatores externos implica reconhecer que há um componente pragmático que se integra aos demais componentes, sintático e semântico, para a organização da interação. Givón (1984 *apud* NEVES, 2018, p. 24) declara o objetivo de fornecer um quadro sistemático e abrangente da sintaxe, semântica e pragmática como um todo. Para o funcionalista norte-americano, a sintaxe é a codificação de dois domínios funcionais distintos: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva).

Neste trabalho, para estabelecermos a escala gradiente de prototipicidade dos usos demonstrativos da forma *essa*, baseamo-nos no modelo proposto por Costa (2016, p. 165), conforme a figura 2, observando a frequência dos dados, concernentes aos parâmetros de análise pré-estabelecidos.

2.4 Síntese do capítulo

Com o objetivo de identificar as funções que apontem para uma configuração das formas pronominais demonstrativas atualizada, exploramos as noções de iconicidade e prototipicidade, adotadas pela Linguística Funcional Clássica, de modo a preparar terreno para o estudo das funções da forma demonstrativa *essa* que nos propusemos realizar.

Considerando os traços característicos dos usos da forma *essa* como membro da categoria rotulada “demonstrativos”, acreditamos que a análise dos dados levantados, com base nas noções de iconicidade e de prototipicidade, pode identificar que propriedades dessa categoria são prototípicas dos usos da forma *essa*, e que propriedades figuram como não prototípicas, revelando uma configuração atual e uma tendência de usos regulares dos demonstrativos.

Da noção de iconicidade, interessam-nos estudar os três subprincípios icônicos que,

segundo Givón ([1984], 2001), baseiam-se em critérios que levam em conta a quantidade de informação (*subprincípio da quantidade*), os graus de integração entre os constituintes da expressão e de conteúdo (*subprincípio da proximidade*) e a ordenação linear dos segmentos (*subprincípio da ordenação*).

A prototipicidade refere-se à noção, segundo a qual pertencem a determinada categoria aqueles itens que abrigam um maior número de atributos que os caracterizam como categoria, e que sejam compartilhadas por um número razoável de ocorrências de elementos linguísticos. Nesse sentido, é o elemento prototípico que vai definir-se como padrão e, portanto, não marcado, e vai servir de parâmetro para o elemento periférico e, por conseguinte, mais marcado.

Além disso, as categorias prototípicas podem ser determinadas pela “frequência estatística, calculada em termos do número ou média dos vários atributos”; outras levam em conta os “ideais salientes por força de fatores fisiológicos (...); de objetivos específicos (...) ou de experiência individual”. Neste trabalho, adotamos a busca pelas formas prototípicas por meio da frequência, baseada em números e médias dos vários atributos dos usos da forma demonstrativa *essa*. (ROSCH, 1999 *apud* FERRARI, 2014, 42-43).

A contribuição dos estudos sobre as noções de iconicidade e prototipicidade têm bastante relevância aos estudos linguísticos, para a compreensão do comportamento atual dos pronomes demonstrativos, a partir de critérios e parâmetros de prototipicidade da forma demonstrativa *essa* como vemos no capítulo que segue.

CAPÍTULO 3 – CRITÉRIOS E PARÂMETROS DE PROTOTIPICIDADE E O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS USOS DO *ESSA*

3.1 Introdução

Nos dois capítulos anteriores, fizemos, primeiro, um breve esboço do processo de classificação das palavras do discurso, considerando o latim vulgar, as gramáticas de língua portuguesa, em vários períodos, e os estudos linguísticos atuais, no que se refere, especificamente, aos critérios e parâmetros adotados para estabelecer a caracterização, a classificação e os usos dos pronomes demonstrativos (suas funções semântico-discursivas); e, segundo, apresentamos, algumas considerações sobre o funcionalismo, optando por uma abordagem mais moderada, pautada nos pressupostos teóricos da LFc, para compreender, a partir das noções de iconicidade e prototipicidade, as especificidades dos usos do demonstrativo *essa*, levando em conta as formas linguísticas como sempre motivadas por fatores de ordem cognitiva e pragmático-discursiva.

Passemos, agora, à caracterização da complexa estrutura do sintagma nominal demonstrativo, exposta por meio de um detalhamento de critérios e parâmetros que apontem as relações morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas da forma demonstrativa *essa*, observadas no *corpus* selecionado, evidenciando as funções que apontem para os usos mais prototípicos e os usos mais regulares que levem a uma configuração das formas pronominais demonstrativas atualizada, bem como os contextos de produção em que esses usos se dão. Este capítulo está dividido em três seções.

A primeira seção trata do conceito dos pronomes demonstrativos, com base no tratamento das gramáticas tradicionais e de estudiosos da língua, com destaque à mistura de critérios para conceber a categoria das formas demonstrativas.

A segunda seção está dedicada aos critérios e parâmetros de prototipicidade dos usos da forma demonstrativa *essa*, na qual estão descritas **as características morfossintáticas** da forma demonstrativa *essa*, que correspondem às funções adjetivas e substantivas, bem como, ao tipo de SND em que se insere a forma *essa*; **as características semânticas e pragmáticas** da forma demonstrativa *essa* em relação ao SND, considerando: a) a natureza semântica do nome – concreta e abstrata – ligado ao demonstrativo; b) a natureza da referenciação demonstrativa, relacionada às relações fóricas (anáfora e catáfora) e dêiticas, e **os fatores estruturais**, relacionados às funções referenciais de ativação e reativação do referente, ou seja, o grau de

distanciamento do SND e seu referente (graus G0, G1, G2, G3, G4).

A terceira seção refere-se ao contexto de produção do SND, considerando a modalidade de uso da língua nas entrevistas: oral e escrito; e o uso da forma *essa* em função dos gêneros textuais.

3.2 Os Pronomes Demonstrativos: conceito

Se considerarmos a língua na sua perspectiva funcional, o que leva gramáticos a dedicar uma categoria exclusiva aos pronomes demonstrativos, que critérios estabelecem para reunir atributos que a caracterizem?

No geral, os gramáticos definem os demonstrativos como aqueles que “situam”, “indicam”, “assinalam a posição dos seres e objetos, em relação às pessoas do discurso (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 1994). Embora esteja correta e precisa a noção dos pronomes demonstrativos, esta definição não contempla as particularidades funcionais que abrangem os usos dos pronomes demonstrativos. Nem mesmo remonta às relações linguísticas. Limita-se a uma definição semântica, tomada da noção de *substância do conteúdo*²⁷, que se reflete nas classificações gramaticais, especificamente, no que se refere à categoria das formas demonstrativas (ALARCOS LLORACH, 1976).

Dá ser perceptível o endosso dessa noção semântica, nas últimas décadas, a partir dos estudos de Karl Bühler (1934), que, reintroduzindo a velha noção grega de *dêixis*, retoma a ideia de que as unidades linguísticas fazem referência dêitica ou mostrativa. Estabelecer uma função semântica específica para os demonstrativos demandaria distinguir campos determinados a outras unidades linguísticas (como as cores, as unidades de medidas etc.). Isso explica, porque aquele que adota essa concepção tende a confundir a função referencial do signo com sua função linguística.

Segundo Alarcos Llorach (1976), se, por um lado, o objeto designado por uma menção *mostrativa* é variável ou ocasional (um *este*, por exemplo, pode referir-se *a um homem, a um carro, a um armário, a um sentimento*), como o são as formas pictóricas e dimensionais; por outro, embora haja infinitas formas de umas e outras unidades realizarem a *referência* na realidade e no universo do discurso, sempre apresentarão uma *significação* constante.

²⁷ conjunto das realizações significativas dos signos, na história da linguagem, que montam um lugar virtual de possibilidade de significação; 2.º nível de realidade (semiotizada); mundo do senso comum, das semióticas implícitas; é o referente semiotizado do signo. É o sentido disponível para receber a projeção da forma do conteúdo (passando então à substância do conteúdo) no processo da semiose (BEIVIDAS, 1983, p. 18)

No entanto, o autor ressalta que esses dois tipos tem a mesma forma de significar (que é linguístico) e diferem no alvo de referência (que não é linguístico) e conclui que utilizar o critério semântico da mostração ou *dêixis* para constituir a categoria dos demonstrativos não é suficiente, uma vez que há outros elementos que também se caracterizam com a mesma propriedade mostrativa, como os advérbios, os pronomes pessoais; bem como, outras unidades que apontem a mesma referência e que nunca são classificados como tais: “*este* e *o presente* não tem o mesmo efeito de mostração nestes exemplos: Neste livro, pretende-se ... = No presente livro, pretende-se ...?”²⁸ (p. 54). Além disso, como vimos no capítulo 1, Barbosa (1822) classifica os demonstrativos em puros e conjuntivos, baseado em critérios morfossintáticos, referindo-se aos primeiros como aqueles que “indicam os objectos pela sua localidade, assim estes os mostram pela sua antecedência imediata” (p. 114); e os segundos como aqueles cujo distanciamento do seu antecedente parece ser maior.

Sintaticamente, o demonstrativo compartilha com o artigo e o pronome pessoal de terceira pessoa a mesma classe, a dos mostrativos, que agregam as propriedades semânticas de verificação de identidade, foricidade e *dêixis*. Por integrarem a mesma classe gramatical, não coocorrem no mesmo lugar sintático (CASTILHO, 2014).

De maneira geral, a função dêitica das formas *este*, *esse* e *aquele* são determinadas, nas gramáticas do português, como termos que apontam para referentes localizados próximos à primeira, à segunda e à terceira pessoa, respectivamente, cristalizando-se em um esquema ternário (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001). No entanto, Castilho (2014) constata, em pesquisa, que o “esquema ternário não corresponde ao uso contemporâneo do PB” [português brasileiro]. O autor argumenta que essas formas não exercem unicamente a função dêitica, nem remetem somente às pessoas do discurso.

Baseado em resultados de estudos anteriores sobre os usos das formas demonstrativas, Castilho (2014) observa que

Nascentes (1965) aludiu ao uso equivalente de *este* e *esse*, e hipotetizou que *este* acabaria por suplantando *esse*, constituindo-se um sistema binário que já ocorre em outras línguas românicas, como no francês. Câmara Jr. (1971) afirma que esse já é mais comum na fala do Rio de Janeiro, o que tem sido confirmado em pesquisas posteriores. Esse é, por exemplo, o caso do português falado culto de São Paulo. Castilho (1993b) encontrou nessa variedade 13% de *este*, 58% de *esse* e 29% de *aquele*, confirmando-se a explicação de Câmara Jr. Estudos diacrônicos revelam que *este* e *esse* correspondem até o século xvi a 68% dos demonstrativos, ficando *aquele* com os restantes 32%, assegurada a *este* a primazia, com uma média de 60% de usos, para apenas 8% de usos de *esse*. (p. 498)

²⁸ ¿no efectúan la misma mostración este y el presente em estos ejemplos: En este libro se pretende... = En el presente libro se pretende...?

Pelo exposto, o conceito de demonstrativo, voltado apenas a critérios semânticos, tem revelado a dificuldade que estudiosos dessa categoria apresentam ao classificá-lo, quando se deparam com a multifuncionalidade de usos das formas demonstrativas nas mais diferentes instâncias comunicativas. De fato, além do reconhecimento dos itens demonstrativos, concebidos semanticamente apenas como itens que *apontam, indicam, mostram* um elemento antecedente, observam-se que eles assumem funções morfossintáticas, discursivas e pragmáticas, revelando uma concepção mais complexa dos demonstrativos.

Nessa perspectiva, se desejamos estabelecer uma categoria específica das formas pronominais demonstrativas, devemos abandonar essas razões de substância de conteúdo e buscar outros motivos de ordem morfossintática e funcional (discursivo-pragmática) para estabelecer sua sistematicidade. Nossa proposta, com este trabalho de tese, é buscar traçar um perfil das formas demonstrativas, concebidos a partir de seus usos e amparados em parâmetros discursivo-pragmáticos motivadores, com o fim de estabelecer as características prototípicas das formas pronominais demonstrativas.

Além disso, é importante considerar as condições de produção das formas demonstrativas para observar as motivações que possam influenciar no comportamento dos pronomes demonstrativos. Assim, acreditamos que as modalidades de uso da língua e os gêneros textuais em que se inserem os sintagmas nominais demonstrativos podem apresentar contribuições significativas para a análise dos seus usos, como descritos nas seções 3.3 e 3.4.

3.3 Critérios e Parâmetros dos usos da forma demonstrativa *essa*

Nesta seção, apresentamos os parâmetros que motivam aos usos da forma demonstrativa *essa*, e que estão relacionados aos critérios morfossintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos. Dentro dos critérios morfossintáticos, destacamos as relações morfossintáticas – funções *substantivas e adjetivas* – e *os tipos de SND*, envolvendo a posição da forma *essa* em relação ao nome, e, quando couber, outros determinantes.

Com relação às funções semântico-pragmáticas, encontram-se a natureza semântica do nome no SND – *concreta e abstrata* –, e as estratégias de referência – *anafóricas e dêiticas*.

Por fim, quanto aos fatores estruturais, descrevemos os graus de distanciamento do SND em relação ao seu referente.

3.3.1 As Funções Morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*

3.3.1.1 Relações Morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*

Assim como na descrição clássica no latim, a partir da categorização tricotômica dos demonstrativos, tendo como a distinção de proximidade – próximo do falante; próximo do ouvinte e afastado tanto do falante como do ouvinte – para distribuir seus usos (ILARI, 2004), nas gramáticas tradicionais do português, as formas demonstrativas *este(a)*, *esse(a)*, *aquele(a)* indicam posição dos seres e objetos em relação às três pessoas do discurso, situando-as no tempo e no espaço (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2001); e exercem a função de “substituir” um sintagma nominal e “co-ocorrer” (acompanhar) com um nome correferencial (DIESSEL, 1999a, p. 2-3), assumindo, respectivamente, as funções morfossintáticas substantiva (núcleo do SN) e adjetiva ou adnominal (determinante de um nome) (NEVES, 2000).

Quanto à distribuição, as formas demonstrativas são denominadas pronominais e adnominais e, categoricamente, assumem a designação de pronomes demonstrativos e determinantes demonstrativos (DIESSEL, 1999a). Vejamos os exemplos 29 e 30.

Ex29: aí ... aí eu cheguei na turma e disse ... “olha ... Luiz Andrade mandou dizer que não ia dar aula hoje” ... todo mundo iria pra casa depois e ia repor essa aula ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 17)

Ex30: em vez de convocar jogadores de um time e de outro ... convocasse um time que tivesse melhor no ... no ... no ... no:: no campeonato brasileiro ... e nesse caso o time mais entrosado e ... e melhor ... que vinha ... vem se saindo ... vem melhor ... se saindo melhor ... seria o São Paulo ... seria o mais lógico ... eu acho que já ... que estamos nessa situação ... uma única saída seria essa
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 13)

Como a maioria das línguas, o português apresenta um conjunto único de formas demonstrativas (*este*, *esse*, *aquele* e flexões) para desempenhar as funções adjetivas (FA) e substantivas (FS), como observado nos exemplos 29 e 30, respectivamente, ou seja, como determinantes acompanhando o nome e como pronomes independentes. Nesse sentido, tais demonstrativos apresentam as mesmas formas, as mesmas características flexionais, exercendo, porém, funções sintáticas diferentes.

Os demonstrativos pronominais estão paradigmaticamente relacionados a outras categorias que preenchem o mesmo espaço sintático de outros pronomes; enquanto os demonstrativos adjetivos funcionam em função complementar, compartilhando funções

sintáticas com os artigos, os possessivos e outros itens adnominais que atuam como determinantes. Nesse sentido, presumimos que, embora fonológica e morfológicamente não apresentem distinção, os demonstrativos pertencem, sintaticamente, a categorias gramaticais diferentes.

No entanto, Diessel (1999a) observa que em 61 línguas de uma amostragem estudada, “não há evidências de que demonstrativos pronominais e adnominais pertençam a categorias diferentes²⁹”, uma vez que tanto uns como os outros são usados como argumentos de verbos e exercem as mesmas funções referenciais.

Quanto à organização dos constituintes do SND de função adjetiva, observam-se duas possibilidades de posição: anteposto (posição padrão) e posposto (posição inovadora) ao nome. Em função pronominal, o demonstrativo ocupa a função de núcleo do SN, substituindo o nome. Um perfil da organização e ordem dos demonstrativos pode ser observado nos usos da forma pronominal demonstrativa *essa*, nos exemplos 31, 32 e 33.

Ex31: I: a cor da minha casa? ela é mesclada a minha casa ... né ... tudo o que você tem direito você tem ... porque a casa ... depois que eu comprei esta casa ... eu comecei a aumentar ... na hora que eu aumentei essa casa ... eu ainda ... a minha casa não está totalmente pronta ... né
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 20)

Ex32: ... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar ... né ... pra ... lavar louça é:: todas essas outras coisas mais pesadas ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 20)

Ex33: (...) nessa cozinha tem duas portas ... uma à esquerda ... que dá pra cozinha auxiliar e à direita tem uma área de serviço ... onde tem máquina de lavar ... é ... a lavanderia ... o quarto ... a dependência da empregada ... isso forma a cozinha como um todo ... então a casa ... a área construída no primeiro pavimento é essa ... então depois ... a gente retorna para a sala de estar
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 20)

Em (31), o SND se organiza com dois constituintes, a forma demonstrativa *essa* na posição 1(um), imediatamente, anteposta ao nome (*ESSA + N*). Em (32), o SND apresenta maior quantidade de elementos (6) e, portanto, maior complexidade; o *essa* ocupa a posição 2 (dois), entre dois pronomes indefinidos – *todas, outras*. Além disso, o SN se completa com um determinante adjetivo (*pesadas*), com um intensificador (*mais*). Este exemplo reflete o princípio de iconicidade, expresso no subprincípio de quantidade, proposto por Givón (1984), “quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de

²⁹ there is no evidence that pronominal and adnominal demonstratives belong to different categories (DIESEL, 1999a, p. 5).

uma construção gramatical indica a estrutura do conceito expressa por ela” (GIVÓN, 1984 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2015, p. 23).

A complexidade da estrutura do SN expressa em (32) tende a demandar uma maior complexidade de pensamento. Slobin (1980 *apud* FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2015, p. 24), explica esse fenômeno, afirmando que “aquilo que é mais simples se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo”, do contrário, formas mais complexas, como em (32), apresentam conteúdo morfológico e gramatical mais complexo.

Em (33), o *essa* tem função substantiva, ocupando a posição 1 (um), de núcleo, introduzindo o SN. Também pode vir acompanhado de outros elementos de mesma natureza determinativa e como os locativos, os pronomes indefinidos, as locuções, conforme os exemplos 34, 35 e 36.

Ex34: quarto bem feminino ... umas barbie ... eticêtera e tal ... e duas camas ... um centro ... e vários armadores onde a gente bota as redes que dormem lá ... na sala a gente bota os colchões ... que a sala é bem ampla ... maior que essa aqui...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p.176)

Ex35: E: mas a primeira escala foi São Paulo? I: não Marcos ... houve é ... várias escalas mas que eu me lembro que marcou mesmo ... foi ... foi essa de São Paulo porque já tava amanhecendo entendeu?
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 39)

Ex36: enquanto isso eu cozinho umas batatas ... não é ... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada ... ela fica mais:: mole ... mas não fica molhada com água ... ela fica mole ... mas:: mole sem ser aguada como essa outra que cozinha na água ... então põe a batata pra cozinhar ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 21)

3.3.1.2 Tipos de SND

Dentre as possibilidades de constituição de um SND, especificam-se, entre outros, os seguintes tipos, quer sejam na função adjetiva, quer sejam na função substantiva: *ESSA X, (Z) ESSA X, (Z) ESSA (Z) X (Z), ESSA, ESSA (Z), ESSA (Z) (Z), ESSA (Z) X, ESSA (Z) X (Z), ESSA X (Z), ESSA X (Z) (Z)*; em que o *X* representa o núcleo do SN, ou seja, o substantivo (nome) e o *Z* representa os vários tipos de determinantes que acompanham e especificam o nome junto ao *essa* na constituição do SND: pronomes indefinidos, possessivos; numerais; adjetivos, locuções adjetivas e orações adjetivas.

Uma vez que não identificamos no *corpus* escolhido ocorrências do tipo de SND *XESSA (Z)*, cujos contextos de uso estão restritos a textos escritos mais formais, conforme observado

nos exemplos 25 e 26, da subseção 2.2, desconsideramos, para efeito de análise, este tipo de SND (*X ESSA Z*).

As funções morfossintáticas envolvem as relações morfossintáticas e tipos de SND, assumidas pela forma demonstrativa *essa*, conforme especificadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Quadro sinóptico das funções morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*

Relações morfossintáticas	Exemplário
Adjetiva	<i>I: bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família ... que muito me tocou onde <u>essa família</u> vivia à procura de uma terra ... a procura de:: alimento ...</i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 29)
Substantiva	<i>I: ah ... muita coisa ... a minha vida de estudante é cheia de história ... <u>essa</u> foi uma delas ... foi a que eu me lembrei agora ... assim de imediato ...</i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 17)
Tipos de SND	Exemplário
<i>ESSA X</i>	<i>Foi outro dia no cemitério com o velho, levando ferramentas para cavar, depois de muito procurar encontraram as pedras, sim mais antes disso o homem descobriu que o velho já havia morrido também e como <u>essas história</u> nunca tem fim, termina assim.</i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 14)
<i>ESSA X (Z)</i>	<i>então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... bem quente mesmo ... então <u>essa posta de peixe</u> ... ela já tá pronta ... já tá sequinha ... né ...</i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 21)
<i>ESSA (Z) X</i>	<i>todas as duas casas eram grandes e velhas né ... bem velhas ... aí nessa ... nessa casa morava um velho né ... sozinho ... a casa grande ... mas ele morava é ... morava sozinho né ... é ... <u>nessa outra casa</u> ... tava desocupada né ... que eles iam ... num tinha vizinho pra lá</i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 04)
<i>(Z) ESSA X</i>	<i>a economia realmente ... ela é um assunto que talvez se/ seja falado por muitos anos e pra resolver seja uma pessoa de pulso muito forte ... pra que consiga dominar <u>toda essa situação</u></i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 35)
<i>(Z)ESSA (Z) X (Z)</i>	<i>... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar ... né ... pra ... lavar louça é:: <u>todas essas outras coisas mais pesadas ...</u></i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 20)
<i>ESSA X (Z) (Z)</i>	<i>... esse arroz ... quando ele tá assim ... quase cozido ... eu pego ele ... passo manteiga numa forma de bolo ... <u>essas formas redondas de bolo</u> e coloco esse arroz e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ...</i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 21)
<i>ESSA (Z) X (Z)</i>	<i>o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente essa esperança eu não tenho ... essa minha:: <u>essa minha opinião sobre o nosso país</u> ... sobre o nordestino que é o mais afetado ... é o que mais sofre ...</i> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 35)
<i>ESSA</i>	<i>I: ah ... muita coisa ... a minha vida de estudante é cheia de história ... <u>essa</u> foi uma delas ... foi a que eu me lembrei agora ... assim de imediato ...</i>

	(FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 17)
<i>ESSA (Z)</i>	<i>E: mas a primeira escala foi São Paulo? I: não Marcos ... houve é ... várias escalas mas que eu me lembro que marcou mesmo ... foi ... foi <u>essa de São Paulo</u> porque já tava amanhecendo entendeu?</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 39)
<i>ESSA (Z) (Z)</i>	<i>enquanto isso eu cozinho umas batatas ... não é ... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada ... ela fica mais:: mole ... mas não fica molhada com água ... ela fica mole ... mas:: mole sem ser aguada como <u>essa outra que cozinha na água</u> ...</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 21)

Fonte: Elaboração da autora

3.3.2 As Funções Semânticas e Pragmáticas da forma demonstrativa *essa* no SND

Basicamente, é da natureza dos demonstrativos “apontar”, “mostrar”, “indicar”. Consolidado no século XX, o conceito dos demonstrativos ratifica a noção de as palavras que situam os objetos em relação às três pessoas do discurso (ROCHA LIMA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2001, BECHARA, 2009, entre outros), tendo a função de indicar a posição do ser no espaço, no tempo e no discurso, ou seja, definitivamente, as gramáticas reafirmam os valores dêiticos e fóricos desses pronomes, ressaltando a potencial função semânticas referencial dos demonstrativos.

Para melhor compreender e observar as implicações semânticas, identificamos dois processos que envolvem as funções semânticas nos usos da forma *essa*: a natureza semântica do nome no SND (concreta e abstrata) e os processos de referenciação que envolvem a forma demonstrativa *essa*.

3.3.2.1 A natureza semântica do nome no SND

Por *concreto* entende-se a palavra que “representa o que é percebido pelos sentidos ou pela imaginação”; o termo *abstrato* refere-se a “um conceito, uma qualidade, um estado ou situação, um sentimento etc., não relacionados a uma existência ou configuração física e concreta”.³⁰

Ao descrever a classe dos nomes (*ónoma*), Dionísio de Trácia, em sua *Techné Grammatiké*, distingue o nome como a parte do discurso flexionável, classificado em comum ou próprio, que “indica objeto (*soma*, literalmente ‘corpo’) ou ação (*prâgma*) (§12), distinção que constitui a base da distinção entre concreto e abstrato” (NEVES, 2002, p.53). Chapanski (2003, s/p), em nota na tradução do *Techné Grammatiké*, esclarece que o termo *prâgma*

³⁰ Dicionário Aulete, in: <https://aulete.com.br/concreto>

designa “assunto, de coisa a ação” em “oposição complementar” à *soma* que se refere a elementos materiais, físicos, ao concreto. Dessa maneira, a autora relaciona *prâgma* ao imaterial, ao abstrato, ao conceitual.

Oliveira e Votre (2009), com base nos pressupostos formulados Sweetser (1990), defendem que “o uso linguístico opera a partir de um sistema de transferência metafórica de domínios, que parte do nível mais concreto e palpável, como o físico-social, passa por um segundo estágio, no plano experiencial, e chega ao plano discursivo, nos atos de fala” (p. 100). A noção de *concreto* e *abstrato* na linguagem, na filosofia platônica, envolvendo a ideia do sensível x inteligível, que se baseia na oposição *corpo* e *alma*, concreto e abstrato (BAGNO, 2012), interfere no processo de construção de sentidos entre os interlocutores. Oliveira (2020) ressalta que essa construção implica um percurso que vai do mais concreto ao mais abstrato, ou seja, ao constituir os sentidos, os interlocutores partem do mais objetivo (concreto) para o mais subjetivo (abstrato).

Para Traugott e Daher (2002 *apud* SILVA, 2018, p. 171), as expressões declarativas “marcadas por elementos dêiticos e/ou modalizadores” constituem representação de “atos de fala mais objetivos”; ao passo que “expressões não declarativas marcadas por elementos dêiticos e/ou por modalizadores e dependentes de inferência pragmática representariam atos de fala mais (inter)subjetivos”. Assim, os processos semânticos que emergem da objetividade ou (inter)subjetividade, a partir dos usos concretos e abstratos dos nomes, determinam os propósitos e necessidades comunicativas que precedem à interação verbal.

Não é tarefa fácil estabelecer uma distinção segura entre nomes concretos e abstratos. Alonso e Ureña (1939), ao discutirem sobre o tema, concluíram que nem mesmo a gramática e a filosófica conseguiram determinar um conceito claro entre ambos; e acrescentam que com certeza “esa seguridad es imposible, por la naturaleza misma del tema” (p. 39). Os autores apontam para esta dificuldade três pontos de vista diferentes a respeito da distinção entre concreto e abstrato que se entrelaçam:

1º es concreto el objeto individual ("este perro" -, "he mandado atar los perros") y es abstracto el género ("el perro es el amigo del hombre"). Esta distinción se basa en la significación bifurcada del nombre (...). Pero siempre quedan los otros dos puntos de vista: 2º, son concretos los nombres de los objetos independientes; abstractos, los de los objetos no independientes. Es el que pedagógicamente hemos adoptado. 3º, son concretos los objetos que podemos percibir por los sentidos o representárnoslos imaginativamente, y son abstractos los que sólo son comprendidos por la inteligencia. (p. 39)³¹.

³¹ Tradução: 1º é concreto o objeto individual (“este cachorro” -, “mandei amarrar os cachorros”) e é abstrato o gênero (“o cachorro é o amigo do homem”). Esta distinção se baseia na significação do nome (...). Mas sempre ficam os outros dois pontos de vista; 2º são concretos os nomes dos objetos independentes; abstratos os dos objetos

Quanto ao primeiro ponto de vista, o menos discutível, há uma simplificação que obviamente evidencia uma incoerência, uma vez que a distinção entre concreto e abstrato, baseada em critérios individuais e genéricos, atende a uma gama limitada de nomes, deixando à margem nomes comuns de objetos únicos como *o céu, o inferno, o paraíso* etc., que não possuem gênero nem espécie. Além disso, surge uma questão importante: como tratamos do uso das formas demonstrativas, constituiriam todos os nomes, em estruturas de SN formadas com um *essa*, por exemplo, objetos individuais e, portanto, concretos?

Com relação ao segundo ponto de vista, adotado pelas gramáticas, os nomes concretos são aqueles que possuem referência no mundo dos objetos, que têm existência própria, designam seres de existência independente; os abstratos referem-se aos nomes que designam seres de existência dependente (BECHARA, 2009, p. 93) e se realizam em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou a estados de coisas. Segundo Alonso e Ureña (1939), não há independência absoluta. No terceiro ponto de vista, a noção de concreto e abstrato está relacionada à percepção ou não dos objetos e seres pelos sentidos. Assim, segundo este critério, *cheiro* é um nome concreto pois é percebido pelo olfato.

Baseados nos pontos de vista apresentados, analisemos, nos exemplos 37, 38 e 39, a natureza semântica do nome *igreja*.

Ex37: a potência do raio ... levaria o carro para o futuro ... né ... por causa que não tinha mais combustível ... aí:: é:: ele sabendo disso ... né ... ele voltou pra:: pra praça da cidade ... o lugar que tinha essa igreja ... né ... na hora que ele leu essa correspondência ... ele voltou e disse ... tem uma pessoa que pode me ajudar

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 86)

Ex38: se você ler a bíblia profundamente ... você vai ver que Deus não é esse Deus que a igreja protestante prega ... determinados grupos ... né ... Assembléia de Deus ... esse Reino de Deus ... essa Igreja do Reino de Deus também ... elas fazem uma mistura ... ela faz uma mistura de tudo e você não sabe finalmente o que é que é essa igreja ... o que é que ela prega ... ela prega um deus camado ... cha/ na minha concepção de Deus ... Deus não é isso ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 23)

Ex39: participava e tudo e muita gente brincando comigo ... “mas ... Gerson tu é doido mesmo ... participa de tudo e mexe com isso e mexe com aquilo ... e tudo mais” ... e eu sempre brincando ... às vezes eu tinha que carregar umas coisas com o pessoal da minha igreja ... do grupo jovem da minha igreja e eu sempre ficava reclamando ... “mas eu sou burro de carga dessa igreja ... sou burro de carga dessa igreja” ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 80)

não independentes. É o que, pedagogicamente, adotamos. 3º são concretos os objetos que podemos perceber por meio dos sentidos ou os representamos, imaginariamente, e são abstratos os que são compreendidos apenas pela inteligência.

Aplicando os pontos de vista no reconhecimento da oposição abstrato/concreto, nos exemplos 37, 38 e 39, buscamos identificar uma forma de definir a natureza semântica do nome *igreja* no SND. Em 37, o termo *igreja* designa o espaço físico que abriga pessoas que praticam determinada religião. É concreto em todos os pontos de vista, pois trata-se de um objeto individual (*essa igreja*); constitui-se objeto independente; e pode ser percebido pelo sentido.

No entanto, em 38, *igreja* designa a instituição religiosa, sistema de preceitos dogmáticos, ritos e crenças, sendo abstrato, de acordo com três pontos de vista, uma vez que é usado em sentido genérico, não é independente ou existência própria, nem pode ser percebido pelos sentidos. Em 39, por sua vez, o nome *igreja* designa pessoas ou membros de uma comunidade religiosa, apresentando natureza concreta nos três pontos de vista.

Os pontos divergentes quanto à atribuição dos traços abstrato e concreto na designação do nome *igreja*, evidenciam que (1º) a especificação concreta do nome por meio de determinante pronominal ou generalização abstrata do nome por meio de artigo, não é suficiente para determinar os traços semânticos concreto/abstrato, haja vista o uso do termo *igreja* especificado pelo demonstrativo *essa*, com natureza abstrata; (2º) os nomes concretos nem sempre são independentes; se consideramos “objetos”, “coisas” como nomes independentes, têm existência individual Assim, como encarar termo *rio* com traço concreto, separando-o da *terra*? Fica claro que nada tem independência absoluta (ALONSO; UREÑA, 1939, p. 39); (3º) exposto à percepção dos sentidos, o nome *igreja*, no exemplo 37, é perceptível e, portanto, concreto; no entanto, no exemplo 38, *igreja*, como sistema de preceitos dogmáticos, ritos e crenças, não pode ser percebido pelos sentidos e, portanto, é abstrato.

Corroboramos com a conclusão de Alonso e Ureña (1939, p. 40) de que, devido às divergências na identificação dos traços semânticos abstrato/concreto, e a “os diferentes graus de concretude e abstração correm sem interrupção de um extremo a outro”, “é impossível trazer a divisão exata entre os nomes concretos e os abstratos”.

Pelo exposto, referendamos a posição de Rocha (2007, p. 22), segundo a qual, para validar a definição dos traços concretos e abstratos do nome, levam-se em conta, de um lado, a designação de palavras concretas e abstratas; e, de outro lado, a referência ao contexto linguístico. Nesse sentido, “não podemos falar em palavras concretas e abstratas, mas em uso abstrato ou uso concreto, visto que os traços ($\pm$ abstrato/ $\pm$ concreto) são adquiridos pelos itens lexicais, a partir de combinatórias sintáticas que apontam para um resultado semântico” (ROCHA, 2007, p. 22).

Na constituição dos SND, a relação do demonstrativo com a natureza semântica (concreta e abstrata) dos nomes implica analisar os usos da forma demonstrativa, a partir das

funções que podem decorrer das características semânticas dos nomes que se relacionam com a forma demonstrativa. A análise desenvolvida sob essa perspectiva pretende apontar as relações sintático-semânticas, nas quais a natureza semântica dos nomes – concretos e abstratos – conjugada com outras funções ponha em relevo novos usos da forma demonstrativa *essa*.

O Quadro 4 mostra os parâmetros, referentes à natureza semântica dos nomes relacionados à forma demonstrativa, acompanhados de exemplário.

Quadro 4 - Funções semânticas do nome relacionado à forma demonstrativa *essa*

Natureza semântica do Nome	Exemplário
CONCRETA	<i>eu pego óleo ... bastante óleo e coloco numa frigideira ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ...</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, Corpus D&G/Natal, p. 21)
ABSTRATA	<i>Há também interesses por parte do presidente da FIFA, João Havelange que também tem seus interesses. Mais daí surgiu interesses em colocar nosso futebol no lugar de destaque, onde a cada ano vem perdendo mais e mais credibilidade por parte da imprensa internacional está difícil. Na minha opinião os cartolas são os principais causadores dessa situação, pois, no Brasil é assim, você não pode trabalhar só, sem que haja gente manipulando por trás.</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, Corpus D&G/Natal, p. 16)

Fonte: Elaboração da autora.

A seguir, a forma demonstrativa e sua relação com a natureza semântica dos nomes a que se refere tem ligação com outra função semântica que envolve o uso da forma demonstrativa *essa*: o processo de referenciação, em que nome e demonstrativo estão implicados.

3.3.2.2 Processos de referenciação demonstrativa *essa*

Ao se referir ao processo de referenciação, Neves (2018, p. 76) ressalta que este

não se reduz à construção e à identificação de objetos da realidade – muito menos à simples ‘substituição’ de uma forma referencial por outra, como muitas vezes se tem sugerido, mas diz respeito à própria constituição do texto como uma rede em que referentes são introduzidos como objetos de discurso.

No nível da interação linguística, os falantes, ao produzir enunciados, estabelecem os objetos do discurso, que, segundo Mondada (1994, p. 64 *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 218),

não são uma simples remissão lingüística a algo autônomo, fixo, externo e prévio ao discurso. São dinâmicos, isto é, podem ser introduzidos e depois modificados,

desativados, reativados ou reciclados em “movimentos discursivos”, pelos participantes no transcorrer da enunciação; desenvolvem-se “discursivamente categorizando ou recategorizando os objetos.

Segundo Beaugrande (1997), para quem a língua é tomada como atividade e o texto constituído como um evento, ao qual se voltam o linguístico e o sociocognitivo, não se pode admitir que os referentes instituídos no discurso sejam considerados objetos do mundo real, uma vez que se caracterizam como “objetos do discurso” (MONDADA, 1994 *apud* MARCUSCHI, 2001).

Nessa perspectiva, a referenciação é concebida como

o processo pelo qual, no entorno sociocognitivo-discursivo e interacional, os referentes se (re)constróem. Trata-se, portanto, de um ponto de vista cognitivo-discursivo, e é por isso que se diz que a referenciação é um processo em permanente elaboração, que, embora opere cognitivamente, é indiciado por pistas linguísticas e completado por inferências várias (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 233-234)

Neves (2018), na esteira de Mondada (1994, p. 62 *apud* MARCUSCHI, 2001, p. 218), refere-se aos objetos do discurso como “entidades oriundas de uma construção mental, e não do mundo real” (p. 75), como meros rótulos para designar as coisas do mundo. De acordo com nossa visão de mundo, nossas crenças, atitudes e intenções comunicativas, eles são, inerentemente, construídos e reconstruídos no interior do discurso. Dessa maneira, estabelece-se a primeira concepção de referência como “construção de referentes”. Assim, ao serem instituídos linguisticamente, os objetos do discurso não se esgotam nesse aspecto, mas se desenvolvem discursivamente categorizando ou recategorizando os objetos. Além disso, os objetos do discurso constituem uma rede referencial que vai marcar a própria textualidade. Referenciar textualmente vem a ser, portanto, uma forma de identificar os referentes, revelando uma segunda noção de referência.

Em suma, os referentes surgem a partir de um termo que o falante utiliza para que seu ouvinte, por um lado, construa um referente para esse termo, introduzindo uma construção mental desse referente; e, por outro, identifique um referente que, de alguma maneira, esteja disponível, por meio de uma fonte de identificação (DIK, 1997, p. 129 *apud* NEVES, 2018, p. 76).

Corroborando essa ideia, Neves (2018, p. 76) admite que a rede referencial do texto se constitui a partir da introdução dos objetos do discurso (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995) que, como tal, permanecem de acordo com “determinadas estratégias dependentes da formulação textual”. A autora alerta, porém, que a permanência ou progressão referencial, “representada por preservação de referentes introduzidos, introdução de novos

referentes, retomada e reintrodução de uns ou outros, projeções referenciais”, performa a manutenção ou progressão tópica, cuja função é sustentar “a organização informativa” e dirigir “o fluxo de informação”.

Compreendemos, pois, que referenciar envolve intenção e interação entre os participantes, constitui um jogo em que ao referir-se, os interlocutores introduzem, retomam, reintroduzem e projetam referentes, sempre obedecendo às estratégias na formulação do texto.

Ex40: Narrativa contada

(...) o pai de família né ... o pai dessa família entraram por trás ... ficou uns dias nessa casa ... só que continuava a deficiência de ... de alimento ... eles num tinham alimento ... aí ... esse homem começou a procurar comida ... e encontrou um rio que só era lama ... só era lama ... e ele teve coragem de tomar essa ... essa lama ... e tomou aquela água velha ... aquela água horrível ... eu nem imagino ... aquela água de lama ... e tomou essa né ... e ficou feliz né ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G Natal*, 1998, p. 30)

Ao referir-se ao objeto “lama”, o falante, em 40, recorre a diversas formas de retomada (essa lama, aquela água velha ... aquela água horrível, aquela água de lama, essa), com uma intenção clara de fazer seu ouvinte entender que a água bebida pelo personagem e sua família era de péssima qualidade. Além disso, introduz expressões que vão marcar a progressão referencial para alcançar seu objetivo: só era lama ... e ele teve coragem de tomar essa ... essa lama ... e tomou aquela água velha ... aquela água horrível ... eu nem imagino ... aquela água de lama ... e tomou essa né ... e ficou feliz né.

Marcuschi (2000, p. 5), a esse respeito, ressalta que

Esta postura sugere uma noção dinâmica de discurso. O problema a ser resolvido é da administração desse aspecto. No caso de diálogos, por exemplo, em que a atividade discursiva é interativa e colaborativa, num processo de co-construção, os objetos de discurso têm percursos e dinâmicas diversos do que no caso dos discursos monológicos, escritos ou orais. Trata-se de um processo de construção dinâmico por operações discursivas em que o discurso está sempre se “fazendo”, isto é, construindo.

Neste estudo, não é intenção nossa esgotar ou estabelecer uma definição definitiva de referenciação. Pretendemos recorrer àqueles conceitos que mais se adequem aos pressupostos estabelecidos pelo recorte teórico. Assim, partimos da compreensão dos procedimentos para a determinação e manutenção dos referentes no texto ou fora dele³², as ditas estratégias de referenciação, ou seja, de progressão referencial: fórica e dêitica.

Esta divisão constitui o ponto de partida para a distinção entre dêiticos e [ana]fóricos, ou se quisermos, entre a função dêitica e a função fórica. Ainda que a ‘*dêixis*’ designe, com frequência, todo o processo referencial, é forçoso estabelecer uma distinção clara entre ‘*dêixis*’

³² Os processos referenciais fora do texto implicam, também, relações linguísticas.

(referência deíctica) e ‘*foresis*’ (referência fórica³³).

Segundo Kerbrat-Orecchioni (1980), ampliando a noção de “*déixis*”, alguns linguistas, incluem a referência co-textual. É o caso de Todorov (1970, p. 10) e Ducrot e Todorov (1972, p. 406), que propõem uma classificação de dêiticos, na qual distingue dois tipos de *déixis*: a *déixis indicial* (situacional) e a *déixis anafórica* (co-textual), (tradução nossa)³⁴.

A autora, ao discorrer sobre a função espaço-temporal dos dêiticos, destaca que estes “devem ser considerados não apenas como unidades de língua e de discurso como qualquer outra unidade linguística, mas muito mais, como o que torna a atividade possível ela própria discursiva”(tradução nossa)³⁵ (p. 55). Nesta perspectiva, é possível perceber que a referenciação na qual participam demonstrativos acontece, a partir da interação entre os sujeitos, quer estejam no contexto linguístico intraoracional, anterior ou posterior à sentença, quer estejam na situação mais imediata, quer sejam apenas pressupostos.

Questionamos essa distinção, argumentando, como Neves (2018), que a referenciação constitui-se, a partir da interação linguística, em que “os falantes instituem os objetos do discurso” que compõem as predicções, “oriundas de uma construção mental, e não de um mundo real”. Fica claro, dessa maneira, que a referenciação constitui um processo essencialmente linguístico. Nessa perspectiva, a construção de referentes constitui a trama da textualidade, a partir da qual se pode identificar os referentes. Assim, a autora identifica, em Dik (1997), dois modos de referenciar textualmente: o constitutivo e o identificador.

No modo constitutivo, o falante usa um termo para que o ouvinte construa um referente para esse termo e introduza esse referente em seu modelo mental; no modo identificador, por outro lado, o falante usa um termo para que o ouvinte identifique um referente que já de algum modo esteja disponível, o que ocorre quando há uma fonte de identificação. (DIK, 1997, p. 129 *apud* NEVES, 2018, p. 76).

Nesse sentido, a diferença entre *déixis* e anáfora está na relação que ambos estabelecem com os elementos referentes: as anáforas estabelecem relação de correferência, de referência entre elementos presentes no texto; pelo contrário, os dêiticos mantêm relações referenciais exofóricas. Dupraz (2012), reforçando esta versão, afirma que, no uso exofórico, o referente do demonstrativo é uma entidade que está presente na situação de fala, ao passo que o uso endofórico aponta para um elemento linguístico antecedente textual. Compreendemos, assim,

³³ É mais conveniente o termo fórico, em vez de anafórico, uma vez que o sentido da referência co-textual pode ser ambivalente, tanto pode ser relativa a um antecedente (anafórico) como a um consequente (catafórico).

³⁴ *déixis indicielle, déixis anaphorique*.

³⁵ *sont à considérer non seulement comme des unités de langue et de discours au même titre que toute autre unité linguistique, mais bien plus, comme ce qui rend possible l'activité discursive elle-même*.

que a referência da *dêixis* é o lugar, tempo, espaço ou pessoa na situação da enunciação; o processo de referenciação se apoia num referencial e não nos significados.

Cavalcante (2000, p. 48) alerta que o problema de estabelecer uma distinção entre anafóricos e dêíticos reside no fato de que

Sustenta-se, por exemplo, desde Bühler (1982), que, diferentemente dos anafóricos, os dêíticos em geral instauram um elo com a situação enunciativa³⁶. Mas o fato é que não somente é possível identificar anafóricos que observam as coordenadas dêíticas do falante, como também é freqüente encontrar a situação oposta, em que certos dêíticos discursivos negligenciam a localização do enunciador ao remeterem a entidades discursivas (CAVALCANTE, 2000, p. 48).

Assim exposto, dada às especificidades da categoria demonstrativos, reconhecendo as diferenças que apresentam frente a outras categorias, analisemos, a seguir, as estratégias de referenciação dêíticas e fônicas.

3.3.2.2.1 Processos de referenciação demonstrativa: *dêixis*

É por meio dos processos de referenciação (dêíticos e fônicos) que, na realização de um discurso, os participantes compartilham o espaço discursivo; perguntam, respondem e em determinado momento, fazem referências, aludem a alguém ou a algo, sempre com o propósito de se fazer presente nesse espaço discursivo. Nessa perspectiva, a “referenciação envolve interação, e, conseqüentemente, intenção” (NEVES, 2018, p. 75), logo, a referenciação é uma atividade discursiva.

Relacionados às coordenadas de pessoa, tempo e espaço, bem como aos demais processos referenciais e seus usos, os pronomes demonstrativos são essencialmente dêíticos (JUNGBLUTH, 2005). Nesta esteira, Martins (2019, p. 27) admite que a *dêixis* “pode ser caracterizada como um processo de referenciação”, uma vez que “engloba também o contexto em que a situação comunicativa está inserida”. Porém, acredita que “a *dêixis* pode ser estudada para além dessa enunciação mais estrita”, podendo, portanto, “constituir um modo de enunciação mais amplo, envolvendo aspectos sócio-históricos e papéis que os interlocutores assumem na cena enunciativa”.

Fillmore (1982) define a *dêixis* como o termo usado para indicar itens e categorias do léxico e da gramática, cuja produção revela o controle de certos aspectos da situação comunicativa ou discursiva, como a identidade dos participantes, suas localizações e orientação

³⁶ Cavalcante (2000, p. 48) recomenda a leitura sobre o assunto em “argumentação consistente desenvolvida por Benveniste (1988) e por Lahud (1979)”.

no espaço e no tempo em que a declaração contendo os itens é produzida.

Durand (2019, p. 4-5), por sua vez, conceitua a *dêixis* “uma demonstração ou ostensão de algum tipo realizada pelo locutor ao proferir uma expressão acompanhada pela *dêixis*”³⁷, e, por ser executada por quem fala, essa ostensão tem valor indicial, pois permite que os objetos do discurso possam ser delineados e identificados, partindo do pressuposto de que as formas demonstrativas podem indicar proximidade do objeto situado em relação ao falante, seu afastamento, e expressar, em princípio, proximidade em relação ao destinatário (ROCHA LIMA, 2001; BECHARA, 2009).

Segundo Marcuschi (2001, p. 252), tanto a anáfora como a *dêixis* podem operar “no plano da organização da memória” e podem servir

para ativar ou reativar aspectos que residem nos conhecimentos dos interlocutores, sejam estes conhecimentos situados no texto ou em outros pontos do universo cognitivo. A diferença entre *dêixis* e anáfora não está no nível das operações, mas da relação cognitiva estabelecida.

Expondo uma perspectiva tradicional dos usos dêiticos e anafóricos dos pronomes, Marcuschi (2001, p. 222), baseado na posição de Halliday e Hasan (1976), afirma que “o uso dêítico dos pronomes tem uma referência exofórica (isto é: extralingüística), ao passo que o uso anafórico do pronome tem uma referência endofórica (isto é: intratextual)”.

Entendendo *intratextual* como referência anafórica, endofórica, identificada em algum ponto do texto, e *extralingüístico* como referência dêítica, exofórica, situada no mundo biossocial, tem-se a impressão de que há uma relação entre elementos linguísticos, de um lado, e entre o linguístico e algo do mundo real, concreto, por outro. Se partimos da ideia de arbitrariedade, concebida por Saussure, cuja a relação não se dá entre signo e referente, mas entre as unidades que compõem o signo (significante e significado), e se considerarmos que esse conhecimento é consenso, a ideia de referência extralingüística é inconcebível.

Com o propósito de analisar a influência das estratégias de progressão referencial nos usos da forma pronominal demonstrativa *essa*, consideramos a *dêixis* espacial, a *dêixis* temporal e a *dêixis* memorativa.

I - *Dêixis* espacial

A ideia de que os demonstrativos constituem uma categoria específica de termos

³⁷ The *deixis* is a demonstration or ostension of some kind performed by the speaker as she utters the expression which the *deixis* accompanies.

espaciais implica uma relação dêitica baseada na experiência dos objetos concretos com nosso corpo no espaço. Esse tipo de referência denomina-se *dêixis* espacial (DE). Nesse sentido, a ostensão não envolve somente ubicar ou identificar objetos no espaço, mas também

pode indicar outros aspectos do objeto como relevantes e necessários: por exemplo, um falante referindo-se a um canteiro de flores no chão à sua direita pode fazer um gesto baixo, simulando o movimento de varrer com o braço direito para indicar que o que está mostrando não está apenas localizado na parte de baixo e à sua direita, mas também estendido a uma certa distância ou de certo tamanho³⁸ (DURAND, 2019, p. 4-5).

A autora sugere que a ideia expressa no gesto vai além da ideia de *mostrar, indicar*, evidenciando sua posição no espaço (na parte de baixo) e ponto de referência (à direita), mas revela outras características do elemento alvo da ostensão: distância e tamanho. Acreditamos que o uso linguístico da *dêixis* também reflete essa ampliação do escopo semântico do demonstrativo. Vejamos os exemplos (14) e (41).

*Ex14: E: conta que que tem nas salas ...: E: conta que que tem nas salas ... I: na sala ... tem cadeira ... tem mesa ... tem armário ... tem árvore de natal ... tem:: os piano ... os pianinho que ela bota pra tocar ... tem um bocado de coisa ... na outra sala tem ... árvore ... tem:: é:: armário ... tem:: cadeira ... tem:: **um armário bem grande desses daqui** ((*aponta uma estante*)) tem um bocado de coisa ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 214)

*Ex41: o cemitério era muito grande ... num acharam mais a saída ... aí quanto mais eles iam andando mais eles entravam no cemitério ... era muito grande ... aí subiram **nessa parte assim** né ... que é ... fica na parte de baixo e tem a parte alta e **nessa parte** de ... de ... deram lá na ... na ... num campo bem grande assim () bem grande onde os índios fazia os negócio dele lá ... a ... as reza dele lá ... aí ficaram muito assustados ... que era um negócio bem diferente assim ... ficaram muito assustado e voltaram pra casa ..*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 6)

Note-se, em 14, que, ao proferir *um armário bem grande **desses** daqui*, ao mesmo tempo que aponta para uma estante, situando-a no espaço, próximo dele e de seu interlocutor, o informante também quer levar seu interlocutor, por meio da *dêixis*, a considerar as características presentes na estante, que possui características semelhantes (ou pelo menos lembra) as do armário que compõe a sala que descreve.

Em 41, a indicação em *nessa parte assim* (parte baixa) e em *nessa parte* (parte alta) tem uma função semântica clara de apontar para os espaços descritos na narrativa. Além disso, o

³⁸ The ostension can indicate other aspects of the object as relevant and necessary: for example, a speaker referring to a flower bed on the ground to her right can make a low sweeping gesture with her right arm to indicate that what she is showing is not only located low and to her right but also stretched out over a certain distance or of a certain size..

uso da forma demonstrativa *essa* com o elemento adverbial *assim*, reforçando as características do nome (parte), pressupõe uma intensificação da dimensão do espaço descrito, do ambiente, a qual também se ratifica nas expressões que qualificam o espaço: ... *era muito grande*, ... *num campo bem grande assim* (...) *bem grande*.

Em ambos exemplos (14 e 41), os demonstrativos *esses* e *essa* vêm acompanhados, respectivamente, das formas reforçadas *daqui* e *assim*, o que caracteriza, pragmaticamente, a intenção dos locutores de ampliar a visão do interlocutor, com relação às propriedades do *armário* descrito presentes na estante e às dimensões das partes baixa e alta do campo descrito, respectivamente. Portanto, a função do adverbial de *aqui* e *assim*, nestes casos, é a de localização dêitica no texto das informações referidas, cuja referencialidade apresenta maior grau de deiticidade pelas formas demonstrativas *esses* e *essa*.

II - *Dêixis* temporal

Assim como a *dêixis* espacial, a *dêixis* temporal (DT) implica indicação de ostensão. Fixa uma fronteira de tempo, “que toma por referência o posicionamento do “eu” no momento da enunciação” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Nesse sentido, as unidades demonstrativas designam as pessoas ou coisas referentes às pessoas gramaticais do discurso, situando-as no tempo e/ou no espaço (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 328; ROCHA LIMA, 2001, p. 159-160), expressam proximidade no tempo, no espaço ou no texto (BECHARA, 2009, p. 167), de acordo com o grau de aproximação ou distanciamento do espaço/tempo em relação aos participantes do discurso. Vejamos os exemplos 42, 43 e 44.

Ex42: ... I: *é ... cheguei no fim/ quatro horas ... quatro horas e meia ... aí tava já frio rapaz ... frio ... muito frio ... aí lá ... é ... no outro dia ... sim ... nesse dia eles colocaram bastante cobertores pra mim ... eu me deitei na sala ... no lugar mais quente ... ((riso)) tinha uns cobertores ... com lã especial é ... uma lã de carneiro que aquece bem à noite ... e ... eles tiveram o maior cuidado comigo nessa noite ... e de manhã cedo ... eu fui com ... a Marilene ... a ... a esposa do meu tio ... pessoa super agradável ... comprar um casaco.*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 43)

Ex43: *Narrativa de experiência pessoal*

I: Marcos ... a viagem ao Rio Grande do Sul ... foi da seguinte forma ... ((riso)) *é:: primeiro eu tava sem dinheiro e nessa época eu não trabalhava ... e ... eu participava de um grupo de jovens onde a gente tinha a oportunidade de ... de colocar as coisas em comum e ... alguns ... alguns amigos trabalhavam uns para os outros e quando alguém precisava fazer uma viagem ou estava com as necessidades financeiras ... e eu me lembro que nessa época eu fui muito ajudado pelos meus amigos ... para essa viagem ao Rio Grande do Sul ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 38)

Ex44: o advogado chega ... na hora que o advogado chega ... ele reclama ... “não ... não faça isso ... já sei quem você é” ... aí o outro diz assim ... “você já contou pra ela quem você é?” aí contou pra menina quem era o advogado ... nessa hora o advogado reage ... para livrar a menina e é morto por esse assassino ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 19)

Ao relatar um fato por ele vivenciado, o informante do Rio Grande do Norte, no exemplo 42, aborda uma situação desconfortável que experimentou numa noite fria no Rio Grande do Sul. O uso da referência *a noite* e sua retomada *nessa noite* evidenciam um uso clássico da *dêixis* temporal demonstrativa. O personagem/narrador da história se insere num tempo passado e relata um fato ocorrido em um momento específico de sua viagem até o sul do Brasil.

Dito isto, ao relacionar um tempo anterior com o tempo da narração evoca um demonstrativo (*nessa*) associado a um elemento do discurso (*noite*) mencionado anteriormente. A esse respeito, Levinson (1983, p. 62) ressalta, com relação à *dêixis* de tempo, que “assim como a *dêixis* de lugar codifica localizações espaciais em coordenadas ancoradas ao lugar de enunciação, também a *dêixis* de tempo codifica tempos em coordenadas ancorados no tempo de enunciação³⁹”, o que pode ser observado em construções adverbiais, formadas com expressões demonstrativas (*nessa noite*). É importante, portanto, distinguir o tempo da enunciação da narrativa (passado) e o tempo em que se insere a história narrada (presente).

No entanto, nos exemplos 43 e 44, é possível observar usos atípicos da referenciação temporal. Em 43, embora não haja uma referência direta para a retomada *nessa época* (2 vezes), o locutor espera que seu interlocutor identifique o tempo a que se refere, expresso no substantivo *época* e apontado pela forma demonstrativa (*n*)*essa*. Essa identificação do referente pelo interlocutor é possível por meio dos tempos verbais marcados na narrativa: *trabalhava, participava, trabalhavam, precisava, fui muito ajudado*, os quais evocam um tempo passado vivenciado pelo personagem/narrador e são facilitadores da compreensão por parte do interlocutor do processo da *dêixis* temporal apresentada no texto.

Em 44, as expressões *na hora*, *nessa hora* remontam a usos em situações específicas. Não remetem a um referente especificado no texto, mas constitui uma *dêixis* que funciona ao mesmo tempo como circunstanciador temporal e marcador discursivo. Assim, a expressão “*nessa hora*” não remete a uma hora cronometrada pelo relógio, mas tem o sentido de um momento ou um instante pontual, repentino e de curto espaço de tempo, que ambos interlocutores compreendem sem que seja necessário maiores explicações.

No caso registrado no exemplo 44, a *dêixis* memorativa *nessa hora* é usada no exato

³⁹ Thus, just as place deixis encodes spatial locations on coordinates anchored to the place of utterance, so time deixis encodes times on co-ordinates anchored to the time of utterance.

momento em que um advogado revela à menina o segredo do outro advogado, que reage imediatamente, matando aquele. A expressão dêitica em questão, portanto, foi usada, especificamente, no clímax da situação em conflito.

Baseados no conceito de *dêixis* de Levinson (1983), Ekowati e Sofwan (2014, p. 76-77), analisaram o uso da *dêixis* na conversação e observaram que 72% dos usos dêíticos, nos excertos analisados, referiam-se aos pronomes pessoais I (eu), you (tu ou você) – *dêixis* pessoal. As *dêixis* de lugar e tempo compreenderam apenas 5% e 4% dos usos, respectivamente, as quais podem vir na forma de pronomes demonstrativos ou na de advérbios, daí a inclusão das *dêixis* espacial e de tempo neste estudo.

III - *Dêixis* memorativa

Até aqui temos visto que a *dêixis* demonstrativa insere-se num processo de referenciação, executado por quem fala, com valor indicial, pois permite que os objetos do discurso possam ser delineados e identificados, partindo do pressuposto de que as formas demonstrativas podem indicar proximidade do objeto situado em relação ao falante, seu afastamento, e expressar, em princípio, proximidade em relação ao destinatário (ROCHA LIMA, 2001; BECHARA, 2009).

A *dêixis* de memória ou memorativa (DM) envolve estruturas que designam “uma entidade (material ou imaterial) “localizada” na memória/lembança do locutor ou compartilhada por ele e seu interlocutor” (SILVA, 2018, p. 183).

Esse tipo de referenciação é concebida por Bühler (1934) como *dêixis* “*am Phantasma*”, que, segundo Fonseca (1989, p. 125), “diz respeito à possibilidade de apontar, usando os dêíticos, para seres, objectos ou acontecimentos situados num campo mostrativo imaginário, isto é, evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação.” No entanto, com base em Weinrich (1973[1964]), a autora rebate essa ideia, afirmando que “os dêíticos não são usados para “apontar” em direcção a este ou aquele elemento do contexto” (p. 172). Para ela, os dêíticos são utilizados basicamente como “instruções” que o locutor insere no texto para chamar o interlocutor a um determinado uso da sua memória.

Nesse sentido, quando se trata da DM, tanto a anáfora como a *dêixis* atuam

no plano da organização da memória e servem para ativar ou reativar aspectos que residem nos conhecimentos dos interlocutores, sejam estes conhecimentos situados no texto ou em outros pontos do universo cognitivo. As diferenças entre *dêixis* e anáfora não estão no nível das operações, mas da relação cognitiva estabelecida (MARCUSCHI, 2001, p. 252).

Analisemos os exemplos 45 e 46, quanto ao uso da *dêixis* memorativa.

Ex45: ... I: forçado ... ha/ ha/ havia antigamente era uma ... uma tribo de índio né ... ***aí você sabe que onde há essa ... essas tribo de índio*** ... há um ... um ... *é:: local santo* que eles chamam né ... *ali num pode ser construído nada ... nem ... nem cemitério nem nada ... também né ... aí ... havia ... onde tinha a parte baixa do cemitério e a parte alta do cemitério onde os índios lá fazia ... os negócio dele lá ... os culto dele lá ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 4)

Ex46: ... esse arroz ... quando ele tá assim ... quase cozido ... eu pego ele ... passo manteiga numa forma de bolo ... ***essas formas redondas de bolo*** e coloco esse arroz e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 21)

Nos exemplos 45 e 46, observamos exemplos típicos de *dêixis* memorativa. Em 45, o falante narra uma história sobre uma maldição em um cemitério, envolvendo uma tribo de índios. Na intenção de descrever hábitos e crenças dos índios na história, evoca os conhecimentos prévios do seu interlocutor. Ao propor a sentença *aí você sabe onde há essa ... essas tribos de índio*, o locutor espera que o interlocutor compreenda que as tribos de índios, de modo geral, possuem um campo santo, onde realizam cultos, que é proibido profanar estes espaços, construindo um cemitério etc. A única maneira que o falante encontrou para que seu interlocutor compreendesse essa parte da história (quicá a mais importante) fosse apelando para sua memória. Como bem descrevem Bühler (1934) e Marcuschi (2001), os elementos da *dêixis* memorativa ativam ou evocam os objetos ou acontecimentos do discurso, oriundos dos conhecimentos dos interlocutores, situados em outros pontos do “universo cognitivo” (memória).

No exemplo 46, ocorre o uso da *dêixis* memorativa. O locutor busca a confirmação de seu interlocutor sobre o conhecimento que este tem do modelo de formas de bolo, de que sejam redondas. Ao mentalizar o protótipo de formas redondas para bolo, o interlocutor será capaz de entender como ficará o preparo da receita de arroz que o locutor descreve, até que o arroz, bem *socadinho* na forma, fique *em formato de bolo*. Nesse tipo de *dêixis*, é importante observar que o processo de referenciação se dá no âmbito da memória, da cognição.

3.3.2.2.2 Processo de referenciação demonstrativa: a *foresis*

Uma vez concebida como “uma atividade discursiva e cognitiva, isto é, uma atividade construída no e pelo discurso”, a referenciação e os processos de referenciação, como anáfora, ganham um entendimento que vai além da simples reativação de referentes prévios, passando

a ser usados para “designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial” (MARCUSCHI, 2001, p. 219).

Segundo Koch e Marcuschi (1998), o mecanismo de progressão mais estudado e conhecido, não sendo, contudo, o melhor compreendido, é a anáfora⁴⁰. Isto ocorre se considerarmos que nem sempre os processos de retomada se dão numa relação correferencial. De fato, há uma diversidade de estratégias de retomada anafórica (pronominais, lexicais e outras) que extrapolam a correferencialidade, recorrendo muitas vezes a processos de recategorização, como mostra o exemplo 21, numa operação de designação pelo uso do termo “coisas” que retoma um conjunto de objetos pesados, subentendidos na expressão “lavar louça”, inscritos no conhecimento prévio do interlocutor sobre o universo das “louças” pesadas de uma cozinha. A forma demonstrativa *essas*, pois, aponta ou dar instruções para que o interlocutor identifique, em sua memória, o conhecimento sobre estes objetos pesados.

Ex21: ... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar ... né ... pra ... lavar louça é:: todas essas outras coisas mais pesadas ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 20)

O exemplo 21 revela o uso da recategorização como estratégia de progressão referencial. O termo *coisas* reúne, de maneira recategorizada, a *louça mais pesada*, para prosseguir remetendo aos tipos de objetos a serem lavados na cozinha auxiliar. O uso do termo *coisas* funciona como uma forma de encapsular e incorporar, no grupo dos referentes pesados, os objetos que o locutor não lembra. A identificação, reconhecimento desses objetos são dados pela forma demonstrativa *essas*, que orienta o interlocutor na busca de informações em sua memória sobre *louças pesadas*.

No tocante à referenciação demonstrativa, Apothéloz e Reichler-Bégulin (1999, p. 370 *apud* NEVES, 2018, p. 141) descrevem a determinação no SN demonstrativo, em contraste com a determinação do artigo definido, considerando que, quanto aos aspectos semânticos e instrucionais dos demonstrativos, o referente é captado no contexto imediato do enunciado; o núcleo do SND, não só identifica um processo correferencial, mas também, por vezes, institui uma recategorização do referente, que é apreendido em contraste com outros itens da mesma

⁴⁰ “Pode-se dizer que os estudos contemporâneos sobre a referenciação e progressão discursiva não fazem distinção entre anáfora e catáfora, preferindo o uso de *anáfora*, “termo genérico” para designar os dois casos de retomada, com destaque a sua natureza retrospectiva e prospectiva, respectivamente” (FONSECA, 1989, p.190).

classe, uma vez que possui propriedades bastante diferentes de outras categorias, como por exemplo, estabelecem-se em coordenadas de lugar e tempo (explícitas ou implícitas).

Nesse sentido, Neves (2018, p. 141) observa que essa caracterização remonta à ideia de que “o demonstrativo remete diretamente ao contexto (à enunciação ou ao enunciado), enquanto o artigo definido faz uma designação indireta do referente, com remissão às circunstâncias de avaliação”. A autora ressalta que estabelecer essa distinção é necessário, para identificar os fatores que influenciam ou favorecem a escolha de um ou outro determinante, em contextos específicos, principalmente em uso anafórico.

Sendo assim, dentre as estratégias de referenciação anafórica, destacamos três tipos específicos nos processos de retomadas pelo SND: as anáforas diretas (AD), as anáforas indiretas: a anáfora associativa (AA), a anáfora encapsuladora (AE), a anáfora por nominalização (AN) e a anáfora metadiscursiva (AM).

I - Anáforas Diretas (correferenciais)

Quando se fala de processo de correferencialidade nas estratégias de progressão textual, está-se referindo, especificamente, aos usos de anáforas diretas (AD). As AD “retomam referentes previamente introduzidos”, instituem “uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente” lexical, por meio da sinonímia, pronominalização, homonímia, heteronímia. Vejamos os exemplos 47 a 50:

*Ex47: eu pego óleo ... bastante óleo e coloco **numa frigideira** ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... (AD por hiponímia)*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 21)

*Ex48: então tinha **um cara** lá ... esse já era doente ... ele já era tuberculoso ... já tava com os dias contados ... que ele fez ... resolveu antecipar ... resolveu antecipar sua morte ... comprando ... vendendo sua vida a esse advogado (...) até que ele teve uma idéia de retornar à sua chácara para ver como estava ... nesse ínterim da ... da .. enquanto ele estava preso e após a morte **do cara** lá ... do que vendeu a vida ... a família **do cara** que vendeu a vida ... tomou posse dos bens ... no caso ... a chácara ... né e a fortuna em dinheiro ... e ... ela ... ela tomou posse ... no entanto ... essa família era revoltada com essa pessoa que vendeu ... e queria muito conhecer essa pessoa. (AD por sinonímia)*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 18)

*Ex49: e encontrou um rio que só era **lama** ... só era **lama** ... e ele teve coragem de tomar essa ... essa lama ... e tomou aquela água velha ... aquela água horrível ... eu nem imagino ... aquela água de lama ... e tomou essa né ... e ficou feliz né ... (AD por pronominalização)*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 30)

Ex50: *ele deveria escolher qual do ... do ... dos **cardápios** deveriam ser servidos pra ele ... porque ele se sentou numa mesa à parte da família Carrilho ... uma ele ... a família Carrilho preencheu uma mesa e ele ficou numa outra mesa com o motorista ... e ... eles tinham que escolher essa comida né ... (AD por hipernonímia)*

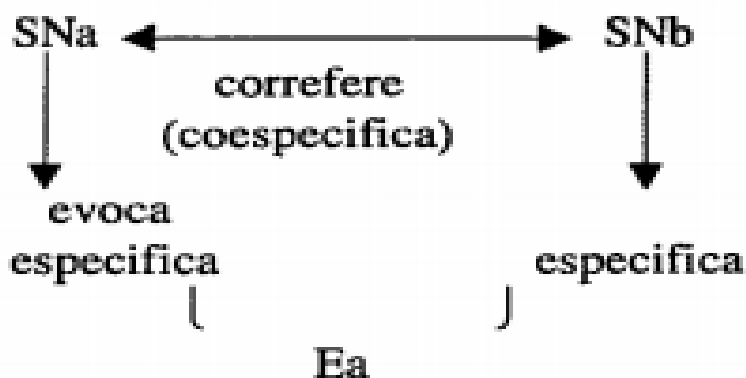
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 47)

Na verdade, a ideia original que se tem de anáforas está ligada ao conceito de anáforas diretas, que nas palavras do autor, é “uma espécie de substituto do elemento por ela retomado”. Muito embora essa concepção nem sempre possa ser tomada em sentido estrito, as AD admitem relações de concordância de gênero e número, as quais são cruciais, especialmente, quando ocorrem ambiguidade quanto à identificação do referente. Numa visão clássica, a “anáfora direta se dá com base na noção de que a anáfora é um processo de reativação de referentes prévios” (MARCUSCHI, 2001, p. 219).

Para uma leitura mais ilustrativa da representação das anáforas diretas, Marcuschi (2001, p. 221) propõe o seguinte esquema para representar as anáforas indiretas (Figura 3).

Na Figura 3, o esquema mostra um SNa (um sintagma qualquer na função de antecedente) retoma (evoca) e especifica um referente, que se realiza em um outro SNb (um sintagma ou um pronome na função de anáfora) correferindo e coespecificando, mas não introduzindo algo diverso. Consiste de uma reativação. O símbolo Ea, nas palavras do autor, “indica que a especificação referencial é uma só” (p. 221).

Figura 3 – Esquema de representação das Anáfora Diretas



Fonte: Marcuschi (2001, p. 221)

Casos típicos de AD podem ser observados nos exemplos 51 e 52.

Ex51: *saindo desse vãozinho você entra na cozinha ... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar, né...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 19)

Ex52: *eu compro a posta de peixe e boto no limão ... e no alho e no sal e deixo curti-lo ... (...) eu pego óleo ... bastante óleo e coloco numa frigideira ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... bem quente mesmo ... então essa posta de peixe ... ela já tá pronta ... já tá sequinha ... né ... eu coloco essa posta de peixe ... eu coloco pra fritar ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 21)

Como observado nos exemplos 51 e 52, a estratégia de progressão referencial ocorre com a retomada dos termos *uma cozinha* e *uma posta de peixe*, pelas estruturas de sintagma nominal demonstrativo [*d*] *essa cozinha* e *essa posta de peixe*, respectivamente, evidenciando um recurso linguístico de anáfora direta ou correferencial, em que os objetos do discurso são reativados, contribuindo, assim, para a construção de sentido proposto pelo falante (CAVALCANTE; CUSTÓDIO; BRITO, 2014).

Ex53: *E: (...) ... hoje nós vamos fazer uma narrativa recontada ... você vai me contar uma história que alguém contou pra você ... alguém contou essa história pra você ... e agora você vai me contar essa história ... I: (...) essa pessoa me falou dessa história me comoveu muito ... porque imagine você ... uma criança pobre ... mal nutrida ... ali no chão precisando de alguém que lhe levantasse ... que lhe desse uma força ... (...) me contaram assim...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 29)

O exemplo 53 apresenta uma forma indefinida *alguém*, retomada pelo SND *essa pessoa* (demonstrativo + substantivo), por meio de uma recategorização, num processo de anáfora direta, cuja remissão aponta “diretamente ao contexto (à enunciação ou ao enunciado)” – a *pessoa* (que contou a história). Ao escolher esse tipo de retomada, o locutor aponta para um possível direcionamento ao seu discurso, no sentido de tornar o autor da história menos pessoal e responsável pela veracidade da história e, em seguida, exime-se de responsabilidade, caso falhe no relato da história, seja por falta ou por distorção dos fatos. Isto se verifica na gradação do uso de estruturas indefinidas (*alguém, me contaram assim...*) de referenciação, dando ao interlocutor, instruções semânticas da indefinidade/definitude do referente.

Depois do relato, o entrevistador questiona sobre quem havia contado essa história ao informante, quando finalmente revela, seguido por uma pequena pausa, que foi um professor de português, conforme se observa no exemplo 54.

Ex54: *E: quem contou essa história pra você?
I: foi um:: professor de português ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 31)

II - Anáforas Indiretas (não correferenciais)

Quanto à natureza da anáfora indireta, Marcuschi (2001) reconhece que esta representa “um desafio teórico e obriga a abandonar a maioria das noções estreitas de anáfora, impedindo que se continue confinando-a ao campo dos pronomes e da referência em sentido estrito”. Além disso, incorporam propriedades cognitivas, que “permitem repensar tópicos gramaticais na interface com a semântica e a pragmática”. (p. 218)

Isto se deve ao fato de as anáforas indiretas constituírem expressões que se definem por sua dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual antecedente e que apresentam dupla função referencial no texto: ativar novos referentes e estabelecer a continuidade da relação referencial global (MARCUSCHI, 2001, p. 224). Não se trata, como nas AD, de reativar referentes, mas de introduzir, endoforicamente, novos referentes, o que constitui uma “estratégia de progressão referencial implícita” (MORAES, 2011, p. 46).

Anáfora é um mecanismo lingüístico por meio do qual um locutor pode trazer para a consciência de seu interlocutor entidades ou conceitos que já foram introduzidos no discurso. No caso da AD, esse mecanismo está explícito, como visto anteriormente. Quanto às anáforas indiretas, Schwarz-Friesel (2007) explica que a estas se referem a um SN definido que não possui antecedente explícito no texto, e que se ligam a outro elemento no texto por meio de uma inferência cognitiva, que serve de “âncora” para sua interpretação.

Nesse sentido, Marcuschi (2001, p. 222) propõe o esquema que representa as estratégias dos tipos de Anáforas Indiretas (Figura 4).

Na Figura 4, os SNa e SNb especificam e evocam um referente próprio representado, na figura, por Ea e Eb. Segundo o autor, “o interesse recai na relação referencial entre Ea e Eb que não é aleatória e sim fundamentada cognitiva e discursivamente por algum tipo de associação ou outro aspecto” (p. 222).

Figura 4 – Representação das Anáforas Indiretas



Fonte: Marcuschi (2001, p. 222)

Dito isto, elencamos as anáforas que mais se destacam no *corpus* estudado e que descrevemos a seguir.

A - Anáfora encapsuladora ou rotuladora

No tocante às anáforas indiretas demonstrativas, Francis (1994) afirma que determinadas anáforas demonstrativas servem

[...] para encapsular ou empacotar um trecho do discurso anterior, dando-lhe um nome. Não há um único equivalente de grupo nominal no discurso anterior, portanto, o rótulo indica ao leitor exatamente como o discurso é para ser interpretado⁴¹ (FRANCIS 1994: 29).

Esse tipo de referenciação denomina-se *anáfora encapsuladora* e envolve um processo rotulação (CONTE, 2003), a partir da interpretação das informações antecedentes. Trata-se de um caso especial de anáfora indireta, em que um SND, de natureza abstrata, abriga um trecho, uma oração ou parte dela, ou mesmo parágrafos em um rótulo, que, intuitivo cognitivamente, sumariza e interpreta o sentido que os elementos referentes do texto expressam. Vejamos os exemplos 55 e 56.

Ex55: Há também interesses por parte do presidente da FIFA, João Havelange que também tem seus interesses. Mais daí surgiu interesses em colocar nosso futebol no lugar de destaque, onde a cada ano vem perdendo mais e mais credibilidade por parte da imprensa internacional está difícil. Na minha opinião os cartolas são os principais causadores dessa situação, pois, no Brasil é assim, você não pode trabalhar só, sem que haja gente manipulando por trás.

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 62)

Ex56: ... então aquelas pessoas que ... como do sertão ... elas não têm direito à saúde ... a educação? ... são o quê? são gentes? são brasileiros? ou são só indivíduos? né ... quer dizer ... é um ... essa:: essa questão que eu tô te falando ... é uma questão muito polêmica ... ela tem muitos porquês ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 35)

Em 55, a forma demonstrativa na expressão anafórica *dessa situação* aponta para uma estratégia de retomada em que um termo de natureza abstrata (*situação*) encapsula a ideia de perda de credibilidade do nosso futebol por parte da imprensa internacional, a partir do envolvimento de “cartolas”, expressa em trechos do texto – *perdendo mais e mais credibilidade por parte da imprensa internacional* [...] *os cartolas são os principais causadores*. Dessa forma, por traduzir e encapsular essa ideia, o SND *dessa situação* constitui uma anáfora

⁴¹ [...] serves to encapsulate or package a stretch of preceding discourse by giving it a name. There is no single nominal-group equivalent in the preceding discourse, hence the label indicates to the reader exactly how the discourse is to be interpreted (FRANCIS 1994:29).

encapsuladora. Neste caso, ao mesmo tempo que serve como um pacote que agrega os sentidos retomados, a expressão anafórica *dessa situação*, exprime a dimensão do problema apontado, ou seja, o problema é grave e afeta a imagem do Brasil no exterior.

O mesmo ocorre com o SND *essa questão que eu tô falando*, no exemplo 56, o *essa* indica e instrui o interlocutor a direcionar sua atenção às questões ou perguntas levantadas pelo locutor nas sentenças anteriores – *elas não têm direito à saúde ... a educação? ... são o quê? são gentes? são brasileiros? ou são só indivíduos?* – as quais se resumem no substantivo *questão*, que julga polêmica e demanda muitos porquês. Trata-se, também, de uma anáfora encapsuladora, em que as sentenças interrogativas anteriores se encapsulam ou se resumem ao termo *questão*.

Em ambos exemplos (55 e 56), o processo anafórico, expresso por meio de um SND, deixa claro que a ideia expressa no nome *situação* só é captada por meio do elemento demonstrativo que, não só aponta para o elemento anafórico, mas instrui o processo de referenciação, remetendo “diretamente ao contexto”, ou seja, à enunciação ou ao enunciado” (NEVES, 2018, p. 141).

B - Anáfora por Nomeação

Um dos processos de referenciação na progressão anafórica mais produtivos é a anáfora por nomeação (ou nominalização). Trata-se de um processo de ativação indireta de elementos textuais, em que uma expressão verbal serve de âncora para a interpretação da progressão referencial. Para Marcuschi (2001, p. 230), a anáfora por nomeação “têm uma relação direta com algum verbo do qual mantêm o étimo ou então nominalizações de porções textuais inteiras”.

Não se trata de uma anáfora direta, pois não ativa ou reativa um item específico no processo de retomada. Na verdade, evoca um novo referente, a partir da passagem de um verbo ou porção textual para um nome. Vejamos os casos registrados nos exemplos 57 e 58.

*Ex57: I: então eu **viajei** dezesseis horas ... E: duas vezes ... I: ah ... nessa viagem ... aconteceu cada coisa engraçada ... ((riso)) mas uma das mais engraçadas meu amigo ... você vai saber logo mais ... ((riso)) E: pode contar agora não? I: não ... eu quero te contar que ... primeiro a gente ... sim ... nessa ... quando a gente sai de Porto Alegre ... nessa ... nessa viagem pra Santo Ângelo ... a gente passa um pouco pela ... uma serra gaúcha né ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 43)

*Ex58: (...) tem pessoas que criam suas telas mentais é ... e num **precisam** de ... de ... de referencial nenhum ... talvez a gente por ... por sermos ... por ser todos inicien/ iniciantes ... sintam essa*

necessi/ essa ... essa ... necessidade de ... de ... de um referencial ... que seria uma fotografia ... é ... talvez a gente esteja nessa fase de aprendizagem ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 57)

Os processos de retomada, presentes nos exemplos 57 e 58, são típicos de anáfora por nomeação. Em 57, a forma verbal *viajei* é ativada no SN *essa viagem*, embora a retomada envolva toda a proposição em que figura o verbo. Nas palavras de Marcuschi (2001, p. 231), “essa passagem de um verbo ou uma ação mais complexa para um nome é tida como um processo de nominalização e pode dar-se também de um enunciado reportado por um SN”.

Em 58, ocorre o mesmo. Embora não haja uma relação mórfica direta na transformação da forma verbal para o nome – *precisam > essa necessidade* – no processo de referenciação anafórica por nomeação, a relação semântica (sinonímia) permite esse tipo de retomada.

Quanto ao uso de anáforas por nomeação, estabelecidas por pronomes demonstrativos, Marine (2014, p. 33-34) analisa o caso da retomada do antecedente, observando que não se trata apenas da ativação de um nome, mas também a ideia expressa no “pronome demonstrativo + sinônimo direto ou contextual da proposição anteriormente mencionada”; bem como, no “pronome demonstrativo + proposição de mesma referência em relação ao antecedente”. Nesse sentido, a função determinativa dos demonstrativos tende a absorver os valores de actante do processo (*pessoas precisam*), ou seja, o demonstrativo assume o papel do actante nesse processo de referenciação (ZAMPONI, 2003, p. 252).

Embora alguns estudiosos vejam na nominalização um potencial encapsulador, (CAVALCANTE, 2003; ZAMPONI, 2003) com possibilidade de incluí-la nas anáforas encapsuladoras, como nominalização ou como rótulos (MARCUSCHI, 2001), os usos, porém, delimitam a nominalização como uma operação discursiva que estabelece a referenciação de um processo ou estado, por meio de um SN ou pronome demonstrativo, que estabelece uma relação anafórica com verbos, adjetivos.

Assim, Zamponi (2003. p. 246) configura um processo anafórico por nomeação, considerando as seguintes características:

- não é correferencial, pois não há identidade referencial entre os dois termos envolvidos: proposição e elemento anafórico;
- tem como âncora um processo ou estado veiculados numa proposição;
- apresenta um caráter resumitivo, pois encapsula essa âncora em um SN, rotulando-a;
- pode ser realizada por um pronome;
- pode referir o conteúdo ou a forma - antecedente ou gatilho do antecedente -, além dos ingredientes da enunciação; em suma, o conteúdo e a forma do enunciado, além dos atributos da enunciação, que engloba, inclusive, os atos ilocucionários e atributos psicológicos.

A forma demonstrativa na anáfora por nomeação “insere-se mais facilmente num encadeamento textual que marca um ponto de vista e simplifica o conceito que ele reactiva”. O referente passa a ser objeto de reflexão e leva a novas predicacões, assegurando a coerência e facilitando o “papel argumentativo do enunciado precedente”. (FIGUEIREDO, 2000, p. 235).

C - Anáfora Associativa

A anáfora associativa caracteriza-se por introduzir como conhecido um referente que não se encontra explicitamente no contexto anterior do texto, tendo como base a(s) informação(-ões) inserida(s) no universo do discurso, previamente, refletida em outro(s) referente(s) disponível(-eis) no contexto (NEVES, 2018, p. 106), como mostra o exemplo 59.

Ex59: eu fiquei tão ... é a ... ficou tão cheio de escoriações nas pernas principalmente ... que eu pensava que num ia andar mais ... num tinha quebrado nada ...mas tinha medo de andar ... aí fiquei quase esse tempo todinho que passei no hospital numa cadeira de roda ... tinha medo de ... de ... de ... de levantar e num poder andar ... interessante ... num sentia dor nenhuma mas eu ... eu tinha medo num sei por que ... aí fiquei nisso aí né ... todo e todo final de semana eu via o ... o ... meus parentes né ... só de longe né ... a ... a sorte é que fui bem ... bem atendido tanto pelo médico como as enfermeira...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 03)

No enunciado do exemplo 59, é possível identificar uma referência textual indireta – *hospital* – a partir da qual novos referentes – *médico, enfermeiras* – são introduzidos como objetos anafóricos. Não são, precisamente, anafóricos do referente antecedente *hospital*, mas por meio deste referente. Neste caso, percebe-se que o processo anafórico requer do interlocutor “uma certa dependência interpretativa”, com relação ao referente; e que está clara a ausência da correferência, que designou esse referente.

Embora alguns estudiosos (KLEIBER, 1999; BOTLEY, 2006) assumam a posição de que os demonstrativos não criam anáfora associativa, restringindo esse tipo de progressão referencial aos sintagmas nominais definidos, autores como Neves (2018), referindo-se a Apothéloz e Reichler-Béguelin (1999), alerta que, quanto ao emprego das anáforas associativas com demonstrativos:

(i) o referente é captado no contexto imediato de ocorrência, (ii) o núcleo lexical do sintagma nominal nem sempre é envolvido na questão do referente, mas opera uma reclassificação dele, (iii) o referente é finalmente captado num processo de contraste interno, em oposição dos demais componentes da classe da qual é membro. (NEVES, 2018, p. 144).

Considerando perspectivas cognitivas e pragmáticas, estes autores, segundo Neves

(2018) destacam a função demonstrativa na construção da memória discursiva, observando que o demonstrativo “se refere a um elemento em foco no próprio alvo.” (p. 144). Vejamos o exemplo 60 e 61.

Ex60: A cidade de Espirito Santo está localizada entre Goianinha e Várzea, e ambas próximo a Natal. Nessa cidade temos diversos pontos turísticos, um deles é uma pequena cachoeira e uma barragem da qual a cidade é abastecida. A entrada dessa cidade é estreita e a rua se chama Bela Vista, ao chegarmos nesta cidade sentimos logo a situação econômico da cidade. Indo ao centro onde se concentra a classe média alta e baixa. E temos uma pracinha onde os namorados se encontram e as crianças andam de bicicleta fazendo a maior zuada, essa avenida chama-se rua da matriz.

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 37)

Ex61: então eu fiquei com o telefone desse senhor por muito tempo guardado e ... é ... um dia ... conversando com uma colega minha da ...da escola de pintura ... eu ... eu disse a ela que eu tinha esse telefone ... e a gente ... a gente se propôs a ir lá ... depois do trabalho ... dar uma passadinha lá no seu Carlos ... chegando lá encontramos um ... uma verdadeira oficina de ... de ... de quadros e nos tamanhos que você quisesse ... porque a esposa dele é pintora ... uma pintora do Paraná ... dona Marly ... e tem trabalhos belíssimos e ele nos apresentou a esposa dele ... e nos deixou à vontade ... e depois eu vim a saber que ele fazia essas molduras também ... confeccionava todas as molduras do ... dos quadros da mulher dele ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 60-61)

No exemplo 60 e 61, os elementos anafóricos *avenida* e *molduras* são apreendidos no universo semântico das ‘avenidas’ e das ‘molduras’ que representam, respectivamente, os centros das pequenas cidades muito mais do que ao conjunto das pracinhas; e os objetos que protegem, externamente, as telas de pintura, muito mais do que aos *quadros* e aos *trabalhos belíssimos*.

Segundo Mondada e Dubois (1994), nas anáforas associativas, os referentes não estão claros, definidos no discurso, são construídos no discurso e pelo discurso, isto é, são “considerados entidades de referência discursiva, dependentes das operações cognitivas e das negociações de interação”.

Neste caso, Neves (2018, p. 144) revela que o processo anafórico não padrão de base demonstrativa mostra que os demonstrativos se caracterizam por “exigir a reidentificação do referente dada a relativa autonomia entre o referente que serviu de ‘gatilho’ e o anafórico”.

D - Anáfora Metadiscursiva

Rotulação Metadiscursiva (KOCH, 2004) ou Anáfora Metadiscursiva⁴² consiste em uma rotulação que não resume “o conteúdo de um segmento textual precedente, mas focaliza-se a

⁴² Para efeitos de classificação, adotamos a terminologia “Anáfora Metadiscursiva”.

própria atividade enunciativa, qualificando esse segmento como determinado tipo de ação ou atividade metadiscursiva” (BEZERRA, 2013, p. 42).

Compreende uma estratégia anafórica em que descrições definidas, indefinidas e nominalizações de metarrepresentações e atos ilocutórios, atuam no sentido de realizar “auto-representação do dizer o enunciador do texto” (JUBRAN, 2005, p. 237). Insere-se no grupo das anáforas não correferenciais, pois aponta para um objeto do discurso que é o próprio ato comunicativo e não para um elemento precedente do texto.

Ex62: ... o ano dois mil ... tal ... num vai mais existir mais nada ... o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente essa esperança eu não tenho ... essa minha:: essa minha opinião sobre o nosso país ... sobre o nordestino que é o mais afetado ... é o que mais sofre ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 35)

O exemplo 62 aponta uma estratégia anafórica, cujo referente é a própria enunciação. O fragmento foi retirado de um texto em que o entrevistador instiga o entrevistado a emitir sua opinião sobre um tema de interesse. Depois de expor seu posicionamento, o entrevistado remete ao ato discursivo, incidindo numa remissão metadiscursiva, ou seja, tudo o que foi dito anteriormente sobre o país e o nordestino. No SND anafórico, o demonstrativo *essa* indica, aponta para a enunciação, expressa no elemento *opinião*.

Francis (2003) classifica os nomes nucleares das anáforas metadiscursivas nos seguintes grupos:

- nomes ilocucionários (declaração, promessa, asserção, conclusão, aviso, etc.);
- nomes de atividades linguageiras (consideração, descrição, controvérsia, ocorrência, etc.);
- nomes de processo mental (análise, atitude, dúvida, crença, pensamento, descoberta, etc.);
- nomes de textos (pergunta, sentença, termo, página, frase, etc.).

III - Catáfora

Ao caracterizar os rótulos, Francis (2003, p. 192) observa que podem exercer uma função retrospectiva (para trás) e prospectiva (para frente). A primeira ocorre quando os rótulos seguem a sua lexicalização, atuando anaforicamente. A segunda ocorre quando os rótulos precedem a sua lexicalização, atuando cataforicamente. Nesta parte, interessa-nos o segundo tipo (prospectivo): a catáfora.

Neves (2018) refere-se à catáfora como um processo fórico textual em que atuam os demonstrativos, ressaltando que diversos tipos de segmentos prospectivos de texto podem ser

anunciados por um sintagma nominal com demonstrativo.

Embora anáfora e catáfora exerçam importante função na organização superficial do texto, ambas desempenham papel diverso. Francis (2003) destaca que, embora não seja fornecida uma motivação ao seu uso, a catáfora tem como função “dizer ao leitor o que esperar”, ao contrário do rótulo retrospectivo, que requer uma explicação distinta, uma vez que “ele já foi lexicalizado” (p.195). Para ilustrar, observemos o exemplo 63 com sintagma nominal com demonstrativo atuando em função catafórica, em que o demonstrativo *essa* aponta para um referente mencionado na sequência *fiscal da natureza* (grifada).

Ex63: E: eu não liguei depois daquele dia pra almoçarmos ... estudar ... escolaridade ... sexo masculino ... escolaridade ... escola pública ... depois eu preencho ...

I: *fiscal da natureza* ...

E: legal ... deixa eu explicar a você uma coisa ...

I: minha profissão é essa Marcos ... *fiscal da natureza* ...

E: ótima profissão ... eu só num sei se ela tá cadastrada ...

I: num me interessa ... ((riso))

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 56)

Dada a importância que os processos de referenciação fórica têm para a descrição e análise dos usos dos demonstrativos, consideramos imprescindível o estudo dos itens referenciais abordados nesta seção dos “processos de referenciação demonstrativa: a *foresis*”.

Marcuschi (2001, p. 242), resumindo as estratégias de referenciação anafóricas estabelece um contínuo entre as AD e as AI, a partir de dois conjuntos de princípios: a) um princípio geral de progressão referencial denominado de Princípio Semântico e b) dois princípios específicos, um relativo à retomada e o outro à introdução de referentes, também conhecido como Princípios de (Re)ativação. Assim, para ilustrar o contínuo anafórico AD – AI, o autor propõe o seguinte esquema (Figura 5):

Figura 5 – Contínuo anafórico AD – AI



Fonte: Marcuschi (2001, p. 241)

O esquema, representado na Figura 5, revela não só a distinção dos tipos AD e AI, quanto aos processos de reativação e ativação de referentes, mas sobretudo evidencia a “heterogeneidade de princípios específicos que subjazem à interpretação das duas classes de anáforas”. Ao evidenciar o contínuo AD – AI, Marcuschi (2001, p. 242) descreve os princípios que orientam e auxiliam na interpretação das anáforas diretas e indiretas:

- a. referentes previamente introduzidos (vinculação correferencial)*
- b. conhecimentos semânticos (papéis temáticos inscritos no léxico)*
- c. conhecimentos conceituais (modelos cognitivos estabilizados)*
- d. modelos do mundo textual (inferenciações textuais/práticas/culturais).*

De acordo com esses princípios, o princípio (a) é específico das AD e que os princípios (b), (c), (d) são próprios das AI, mas não são específicos, pois as AD também se valem desses princípios para produzirem reativação, “como as retomadas por sinonímia, antonímia, metonímia, metáfora e outras deste tipo” (p. 243).

Conforme exposto acima, os parâmetros semânticos que podem motivar os usos da forma demonstrativa *essa* estão relacionados às funções dêiticas e fôricas que envolvem o sintagma nominal com o demonstrativo, configuram o processo de referenciação e determinam a progressão textual. Estão apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 – Estratégias de Progressão Textual

Elementos Dêiticos	Elementos Fóricos (Anáforas e Catáfora)
<i>Dêixis Espacial (DE)</i> <i>Dêixis Temporal (DT)</i> <i>Dêixis Memorativa (DM)</i>	Anáforas Diretas (AD) Anáfora Encapsuladora (AE) Anáfora por Nomeação (AN) Anáfora Associativa (AA) Anáfora Metadiscursiva (AM) Catáfora (CT)

Fonte: Elaboração da autora.

3.4 Fatores estruturais: os graus de distanciamento do SND / Referente

O grau de distanciamento do referente em relação ao elemento retomada está associado ao subprincípio icônico da integração (proximidade), segundo o qual, “os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24). Nesse sentido, acreditamos que, quanto mais próximo estiver o

referente do seu elemento de retomada, mas manifesta processos anafóricos menos complexos, mais correferenciais, manifestando referentes reativados de maneira direta. Assim, quanto mais distante estiver o referente do elemento retomado, mais as estruturas tendem a ser mais complexas, dificultando a identificação do referente. Esta complexidade estrutural remete a outro subprincípio icônico adotado pela Linguística Funcional, o da quantidade, que, na concepção de Slobin (1980 *apud* FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24), está ligado à ideia de que “aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo”. Observemos os exemplos 64 e 65.

Ex64: tem uns arranjos né que a gente sempre coloca na sala de estar ... é uma sala simples ... né ... então quando a gente retorna pra essa sala ... de frente à sala tem uma escadaria que dá para o segundo pavimento ... né ... onde estão os quartos de dormir ... banheiros ... essas coisas ... quando você termina de subir a escada ... em frente ... tem o quarto principal ... né ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 19)

Ex65: ... esse arroz ... quando ele tá assim ... quase cozido ... eu pego ele ... passo manteiga numa forma de bolo ... essas formas redondas de bolo e coloco esse arroz e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 21)

Em 64, o SND – *essa sala* – dista de seu referente – *sala de estar* – uma oração, em que estabelece uma retomada por meio de anáfora direta, com baixa complexidade de organização de constituintes (*ESSA X*). Já em 65, o SND *essas formas redondas de bolo* evoca um referente que se encontra no plano memória dos interlocutores, que, por sua vez, compartilham o conhecimento sobre os tipos de *formas de bolos*, para que a referenciação se realize.

Assim, quanto aos graus de distanciamento, delimitamos como critérios os seguintes:

- G0 Referente próximo do SND coocorrendo na mesma oração;
- G1 Referente próximo do SND, presente na oração imediatamente anterior;
- G2 Referente mais ou menos próximo, presente na segunda oração anterior ao SND;
- G3 Referente distante do SND na terceira ou mais orações anteriores;
- G4 SND em processo de referenciação dêitica (*dêixis* espacial, temporal e memorativa), cujo referente só pode ser identificado e compartilhado pelo interlocutor na situação comunicativa ou na memória.

Estes critérios se aplicam aos processos anafóricos e catafóricos (G0, G1, G2, G3) e dêiticos (G4), devido ao tipo de organização do processo de referenciação (endofórico e exofórico, respectivamente).

A seguir, apresentamos os fatores associados aos contextos de produção, que, em

conjunção com parâmetros já descritos, podem explicar e explicitar o fenômeno dos usos da forma demonstrativa *essa*. Além disso, constituem importante ferramenta de análise ao estudo da iconicidade relacionada aos usos do *essa*.

3.5 Contextos de produção

Muito relacionados ao processo discursivo, os usos das formas demonstrativas podem sofrer influência de aspectos relacionados ao contexto de produção. Tradicionalmente, concebe-se o contexto como a “estrutura mentalmente representada das propriedades da situação social que são relevantes para a produção e compreensão do discurso” (DURANTI; GOODWIN 1992; VAN DIJK 1998). Nesse sentido, depreender o contexto implica controlar categorias definidas pela “localização (tempo e espaço), as ações em curso”; os participantes em seus diversos papéis comunicativos, sociais ou institucionais; além das suas representações mentais, que envolvem “finalidades, conhecimentos, opiniões, atitudes e ideologias” (VAN DIJK, 2005, p. 24).

Neste estudo, concebemos o contexto como os fatores associados à produção de um enunciado afetados à interpretação, à adequação e ao significado da mensagem. Assim sendo, analisamos os dados relacionados ao contexto de produção para a compreensão dos usos da forma demonstrativa *essa*, associados aos fatores relativos à gramática, da sintaxe e do léxico.

Nesse sentido, os contextos de produção aqui elencados atuam em conjunto com os parâmetros de prototipicidade, reforçando as funções prototípicas e contribuindo para explicar as regularidades dos usos do *essa*. Também, evidenciam os atributos característicos do princípio de iconicidade.

Dessa forma, destacamos os seguintes contextos de produção: a modalidade de uso da Língua – oral e escrita e os gêneros de texto produzidos nas entrevistas.

3.5.1 Modalidades de uso da Língua – Oral e Escrita

As modalidades oral e escrita tanto apresentam diversidade, como comportamentos distintos e específicos de usos das formas demonstrativas. Segundo Botelho (2003),

as linguagens oral e escrita são semelhantes e não, diferentes nem iguais, como consideram alguns estudiosos. Cada uma dessas práticas discursivas tem suas particularidades, algumas das quais exclusivas (como por exemplo, gestos, expressões faciais e outras, na oralidade), por conta do processo de produção, mas que não chegam a distingui-las, posto que não são estanques (s/p).

Numa interação face-a-face, em que os participantes compartilham os elementos contextuais, a retomada do referente ocorre na própria situação discursiva, em que a referência pode ser recuperada com um olhar, um gesto. Além disso, o processo de retomada anafórico é heterogêneo, pois nem sempre o referente encontra-se acessível ou próximo do elemento anafórico. Neste caso, as estratégias de retomada são variadas.

Vejamos os exemplos 66 e 67, retirados de textos (narrativos e descritivos) orais, que revelam o grau dessa dificuldade na relação entre referente e o elemento anafórico.

Ex66: (...) *ai os indígenas expulsavam ... os espírito do ... do ... dos indígena lá expulsava as pessoas que ... que eram enterradas ali né ... expulsava e só achando esse negócio lá deles lá ... essas pedras lá que tinham ... desenterrando lá é que a/ acabava com a maldição né ... ai eles passaram um bocado de tempo lá recebendo esse menino ... todo dia recebia ... e de vez em quando o menino era ... era agressivo também né ... meteu ... uma vez pegou um ... um pedaço de pau e meteu na cabeça do pai ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 7)

Ex67: *a UNIPEC funciona em ... em três unidades ... uma é essa que eu falei que é composta de três prédios ... a outra é funciona no ... no ... na parte no noturno ... no Ferro Cardoso ... o colégio Ferro Cardoso ... que funciona ... os primeiros anos do ... dos cursos de humanas ... da área de humanas né ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 9-10)

Em 66 e 67, o referente relativo as unidades anafóricas essas pedras lá que tinham e essa que eu falei que é composta de três prédios, respectivamente, não estão acessíveis, nem antes nem depois no texto. Nos dois casos, a estratégia de retomada envolve o uso de orações adjetivas, que no caso, introduzem informações novas. Parece um paradoxo as orações relativas ligadas ao SND, introduzirem informações novas, uma vez as formas demonstrativas *essas* e *essa*, em ambos exemplos, preconizam um referente anteriormente mencionado. Na fala, esse tipo de estratégia é muito comum, em que o falante corrige a falta do referente introduzindo uma informação nova, por meio de um SND.

Quanto ao uso da forma *esse*, designativo demonstrativo de 2ª pessoa, Mattoso Câmara Jr (2004[1970], p. 124) observa que, da oposição *este* – *esse*, surge uma variação livre, na área do Rio de Janeiro, em que predomina o uso da forma *esse*. Com foco na oralidade carioca, Cid, Costa e Oliveira (1986) pesquisaram os usos desses pronomes e observaram que, em uso anafórico, o *esse* alcançou 86% dos resultados encontrados, referendando a observações de Mattoso anos antes.

A título de comparação, observamos, no *Corpus D&G/Natal* (1998) aqui analisado, que 3,3% dos dados de usos da forma *esta* ocorreram na modalidade oral e 96,7% ocorreram na modalidade escrita; e os dados relativos aos usos do *essa*, na modalidade oral, correspondem a

9% e, na modalidade escrita, 91%, corroborando com os resultados alcançados por Cid, Costa e Oliveira (1986) e Mattoso Câmara Jr (2004[1974]). A partir desses resultados, pode-se depreender que o sistema demonstrativo no português usado no Brasil mostra uma clara tendência ao efetivo uso de um sistema binário dos demonstrativos em que as formas *esta/essa* (e variações) compartilham contextos de uso indistinto, sem levar em conta a relação demonstrativo/pessoas do discurso, como já reconhecia Bechara (2009) e Azeredo (2012). Além disso, evidencia, como diagnosticado por estes estudiosos da língua uma tendência ao uso predominante do *essa* na modalidade oral.

Botelho (2003) alerta que, “o uso de outros elementos referenciais mais comuns de serem encontrados na modalidade escrita”, como por exemplo, os dêiticos, mantém “marcas [linguísticas] mais vinculadas com o nome substituto”. Nesse sentido, o processo de referenciação correferencial parece ser o mais usado, conforme comprova o exemplo 68.

*Ex68: Um teclado, como o nome diz, é um instrumento musical composto de **teclas**. Essas teclas podem ser brancas (naturais) ou pretas (sustenidos ou bemóis).*
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 183)

Corroborando com o que afirma Botelho (2003), o exemplo 68, retirado de texto na modalidade escrita, apresenta estratégia de referenciação direta (AD), com elemento referente próximo – grau G1 de distanciamento, evidenciando “marcas [linguísticas] mais vinculadas com o nome substituto” – *teclas / essas teclas*. Além disso, o exemplo 68 mostra que o autor do texto usou um pronome de segunda pessoa (*essas*), quando deveria usar um pronome de primeira pessoa (*estas*), uma vez que o referente (*teclas*) encontra-se próximo do SND, confirmando a indistinção de usos das formas *esta/essa*.

3.5.2 O uso da forma *essa* em função dos Gêneros Textuais

3.5.2.1 Narrativa e Descrição

A relevância de estudar as funções de formas demonstrativas em narrativas, contadas (experienciadas) e recontadas (de outrem), seja na modalidade oral seja na modalidade escrita, incide precisamente nas características específicas do gênero. Uma dessas características está relacionada a sua configuração fundamental, ou seja, as narrativas podem ser concebidas como atos comunicativos, pressupondo um narrador e um destinatário como participantes. Este fundamento pode ser considerado, assim, o ponto de partida da *dêixis* da narração.

Zubin e Hewitt (1995) apontam que a narrativa constitui um sistema de representação

organizado, no qual os leitores constroem um centro dêitico (CD), em que linguagem do texto e conhecimento de mundo se combinam. Nessa construção do CD, os leitores levantam as informações sobre os participantes, o lugar e o tempo dos eventos que ocorrem na narrativa. Obviamente, como elementos da *dêixis*, as formas demonstrativas organizam a narrativa e orientam os leitores, reunindo e mantendo as informações temporais, espaciais e de personagem. O uso das formas demonstrativas revela que “uma narrativa geralmente se desdobra em um lugar e um tempo de cada vez. Essa localização espaço-temporal funciona como parte do CD da narrativa. É o “aqui” e o “agora” do “olho da mente” do leitor no mundo da história (DUCHAN; BRUDER; HEWITT, 1995).

Quanto aos textos descritivos, Bonini (2005, p. 222) ressalta que a descrição constitui “a sequência menos autônoma dentre todas. Dificilmente será predominante em um texto. Sua ocorrência mais característica é como parte da sequência narrativa”. A referenciarão estabelecida no texto narrativo se estende ao processo de descrição. Portanto, tanto quanto na narrativa, na descrição, os demonstrativos orientam a enunciação para os interlocutores situarem-se no espaço, no tempo e no discurso.

A narrativa constitui o tipo de discurso que mais põe em evidência o vernáculo, cuja preocupação está mais no que se fala do que no como se fala (LABOV, 2008[1972]). A narrativa contada (de experiência pessoal)

é o tipo de texto que [...] é mais próximo ao indivíduo que fala e escreve (porque implica falar e escrever sobre si mesmo) e, por essa razão, é o tipo que torna o indivíduo mais voltado ao que diz e menos ao como diz, fornecendo, assim, os dados mais naturais, mais informais de seu vernáculo. (RAFAEL, 2010, p. 54).

Com relação à narrativa recontada, trata-se do relato de fatos ocorridos em um tempo e lugar, envolvendo alguém que se tem conhecimento. Este tipo de texto difere da narrativa contada, quanto ao grau de envolvimento do narrador com o fato narrado. Obviamente, há maior envolvimento por parte do narrador quando relata um fato em que esteve envolvido, do que quando narra fato de outrem. Este tipo de análise repercute também nos gêneros de relatos de procedimento e de opinião, como veremos a seguir.

3.5.2.2 Relatos de Procedimento e de Opinião

Ao analisarem os textos de relatos de procedimento, também chamados de cunho instrucional, Ferreira e Guimarães (2016) evocam a teoria dos atos de fala, em que destacam a força ilocutória dos atos diretivos, que expressam as intenções dos interlocutores, que, por meio

da linguagem, efetivam “suas “performances” enunciativas” (p. 375). As autoras põem em evidência o fato de que, durante a instrução num ato diretivo, os interlocutores dimensionam diferentes traços discursivos, revelando seus posicionamentos.

Ora, Cavalcante; Custódio Filho e Brito (2014) já alertavam que o posicionamento do “eu” na enunciação, serve de referência aos participantes do discurso quando estes utilizam as unidades demonstrativas para designar as pessoas ou coisas referentes às pessoas gramaticais do discurso, situando-as no tempo e/ou no espaço, levando em conta o grau de aproximação ou distanciamento que mantêm em relação aos objetos do discurso.

Em textos opinativos, o autor de um texto, ao dar sua opinião, pretende, muitas vezes, convencer o leitor sobre determinado ponto de vista, construindo a imagem de algo do modo como quer que seu leitor veja. De fato, aquele que opina, além de expor seu posicionamento a respeito de determinado tema (eleição, religião, pena de morte, por exemplo), expõe-se ao tratar de temas de cunho social, político, econômico que muitas vezes não domina. A respeito disso, Rafael (2010, p. 55) explica que

isso costuma fazer com que, ao mesmo tempo em que o indivíduo tome cuidado com o que diz, para evitar um grande comprometimento seu com temas polêmicos, também tome cuidado com o modo como diz. Ou seja, o indivíduo fica duplamente atento: presta atenção ao que diz e ao como diz, e, conseqüentemente, em geral sua fala e escrita deixam emergir marcas linguísticas consideradas pela comunidade como mais formais.

Quanto aos usos de formas demonstrativas, Bertucci (2006, p. 218) acredita que “por meio dos rótulos avaliativos, o encapsulamento pode conduzir o olhar do leitor para determinado foco”. O autor argumenta também que o uso de expressões genéricas, opiniões, declarações, hipóteses, argumentos etc., em textos de opinião parece evidente, o que “facilita o emprego de anáforas encapsuladoras” (p. 219), por exemplo.

Em suma, o campo discursivo dos textos narrativos, descritivos, de relatos de procedimento e de opinião constitui o espaço propício para os usos das formas demonstrativas. Esses usos estão necessariamente condicionados às características e ao grau de formalidade de cada gênero textual que marcam o nível de envolvimento maior ou menor de quem fala e escreve. Rafael (2010) constata que o relato de opinião apresenta menor envolvimento do falante/escrevente. Daí, a necessidade de se analisar os usos dos demonstrativos em função dos gêneros textuais nas modalidades oral e escrita, levando-se em conta os níveis de formalidade dos usos.

Na seção 3.5, apresentamos um quadro sinóptico dos critérios e parâmetros que orientam a análise das funções morfossintáticas, das funções semânticas, estruturais e dos

contextos produção da forma demonstrativa *essa*.

3.6 Quadros Sinópticos dos critérios e parâmetros de prototipicidade e dos contextos de produção dos usos da forma demonstrativa *essa*

Sumarizando a descrição dos conceitos expostos neste capítulo, o Quadro 6 apresenta uma síntese dos critérios e parâmetros que caracterizam os usos da forma demonstrativa *essa*, e dos contextos de produção, devidamente especificados, codificados e acompanhados de exemplário.

Quadro 6 – Critérios e parâmetros de prototipicidade dos usos da forma demonstrativa *essa*

CRITÉRIOS E PARÂMETROS DE PROTOTIPICIDADE DOS USOS DO <i>ESSA</i>		
CRITÉRIOS	PARÂMETROS	EXEMPLÁRIO
Funções Morfossintáticas	Função Adjetiva (FA)	<i>aí ... aí eu cheguei na turma e disse ... “olha ... Luiz Andrade mandou dizer que não ia dar aula hoje” ... todo mundo iria pra casa depois e ia repor essa aula ...</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 17)
	Função Substantiva (FS)	<i>: em vez de convocar jogadores de um time e de outro ... convocasse um time que tivesse melhor no ... no ... no ... no:: no campeonato brasileiro ... e nesse caso o time mais entrosado e ... e melhor ... que vinha ... vem se saindo ... vem melhor ... se saindo melhor ... seria o São Paulo ... seria o mais lógico ... eu acho que já ... que estamos nessa situação ... uma única saída seria essa ...</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 13)
	TIPOS DE SND	<i>Foi outro dia no cemitério com o velho, levando ferramentas para cavar, depois de muito procurar encontraram as pedras, sim mais antes disso o homem descobriu que o velho já havia morrido também e como essas istória nunca tem fim, termina assim.</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 14)
		<i>então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... bem quente mesmo ... então essa posta de peixe ... ela já tá pronta ... já tá sequinha ... né ...</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 21)
		<i>todas as duas casas eram grandes e velhas né ... bem velhas ... aí nessa ... nessa casa morava um velho né ... sozinho ... a casa grande ... mas ele morava é ... morava sozinho né ... é ... nessa outra casa ... tava desocupada né ... que eles iam ... num tinha vizinho pra lá</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 04)
		<i>a economia realmente ... ela é um assunto que talvez se/ seja falado por muitos anos e pra resolver seja uma pessoa de pulso muito forte ... pra que consiga dominar toda essa situação ...</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 35)
	(Z)ESSA (Z) X (Z)	<i>... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho</i>

CRITÉRIOS	PARÂMETROS		EXEMPLÁRIO
			uma pequena cozinha auxiliar ... né ... pra ... lavar louça é:: <u>todas essas outras coisas mais pesadas ...</u> (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 20)
		ESSA X (Z) (Z)	... esse arroz ... quando ele tá assim ... quase cozido ... eu pego ele ... passo manteiga numa forma de bolo ... <u>essas formas redondas de bolo</u> e coloco esse arroz e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 21)
		ESSA (Z) X (Z)	o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente essa esperança eu não tenho ... essa minha:: <u>essa minha opinião sobre o nosso país</u> ... sobre o nordestino que é o mais afetado ... é o que mais sofre ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 35)
		ESSA	I: ah ... muita coisa ... a minha vida de estudante é cheia de história ... <u>essa</u> foi uma delas ... foi a que eu me lembrei agora ... assim de imediato ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 17)
		ESSA (Z)	E: mas a primeira escala foi São Paulo? I: não Marcos ... houve é ... várias escalas mas que eu me lembro que marcou mesmo ... foi ... foi <u>essa de São Paulo</u> porque já tava amanhecendo entendeu? (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 39)
		ESSA (Z) (Z)	enquanto isso eu cozinho umas batatas ... não é ... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada ... ela fica mais:: mole ... mas não fica molhada com água ... ela fica mole ... mas:: mole sem ser aguada como <u>essa outra que cozinha na água</u> ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 21)
Funções Semânticas	Dêixis	Espacial (DE)	E: conta que que tem nas salas ... I: na sala ... tem cadeira ... tem mesa ... tem armário ... tem árvore de natal ... tem:: os piano ... os pianinho que ela bota pra tocar ... tem um bocado de coisa ... na outra sala tem ... árvore ... tem:: é:: armário ... tem:: cadeira ... tem:: <u>um armário bem grande desses daqui ((aponta uma estante))</u> tem um bocado de coisa ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 214)
		Temporal (DT)	I: é ... cheguei no fim/ quatro horas ... quatro horas e meia ... aí tava já frio rapaz ... frio ... muito frio ... aí lá ... é ... no outro dia ... sim ... nesse dia eles colocaram bastante cobertores pra mim ... eu me deitei na sala ... no lugar mais quente ... ((riso)) tinha uns cobertores ... com lã especial é ... uma lã de carneiro que aquece bem <u>à noite</u> ... e ... eles tiveram o maior cuidado comigo <u>nessa noite</u> ... e de manhã cedo ... eu fui com ... a Marilene ... a ... a esposa do meu tio ... pessoa super agradável ... comprar um casaco. (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 43)
		Memorativa (DM)	: ... esse arroz ... quando ele tá assim ... quase cozido ... eu pego ele ... passo manteiga numa forma de bolo ... <u>essas formas redondas de bolo</u> e coloco esse arroz e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 21)
	Anáfora	Anáforas Diretas (AD)	a gente tem um lavabo e à direita uma despensa onde eu guardo os mantimentos ... assim que ... saindo desse

CRITÉRIOS	PARÂMETROS		EXEMPLÁRIO
	Anáforas Indiretas		vãozinho você entra na cozinha ... <u>uma cozinha</u> relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo <u>dessa cozinha</u> à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar, né... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 19)
		Encapsuladora (AE)	... então aquelas pessoas que ... como do sertão ... <u>elas não têm direito à saúde ... a educação?</u> ... <u>são o quê?</u> <u>são gentes?</u> <u>são brasileiros?</u> ou são só indivíduos? né ... quer dizer ... é um ... essa:: <u>essa questão que eu tô te falando</u> ... é uma questão muito polêmica ... ela tem muitos porquês ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 35)
		Por Nomeação (AN)	I: então eu <u>viajei</u> dezesseis horas ... E: duas vezes ... I: ah ... <u>nessa viagem</u> ... aconteceu cada coisa engraçada ... ((riso)) mas uma das mais engraçadas meu amigo ... você vai saber logo mais ... ((riso)) E: pode contar agora não? I: não ... eu quero te contar que ... primeiro a gente ... sim ... nessa ... quando a gente sai de Porto Alegre ... nessa ... <u>nessa viagem</u> pra Santo Ângelo ... a gente passa um pouco pela ... uma serra gaúcha né ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 43)
		Associativa (AA)	A cidade de Espírito Santo está localizada entre Goianinha e Várzea, e ambas próximo a Natal. Nessa cidade temos diversos pontos turísticos, um deles é uma <u>pequena cachoeira</u> e uma <u>barragem</u> da qual a cidade é abastecida. A entrada dessa cidade é estreita e a rua se chama Bela Vista, ao chegarmos nesta cidade sentimos logo a situação econômico da cidade. Indo ao centro onde se concentra a classe média alta e baixa. E temos uma <u>pracinha</u> onde os namorados se encontram e as crianças andam de bicicleta fazendo a maior zuada, <u>essa avenida</u> chama-se rua da matriz. (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 37)
		Metadiscursiva (AM)	: ... o ano dois mil ... tal ... num vai mais existir mais nada ... o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente essa esperança eu não tenho ... essa minha:: <u>essa minha opinião sobre o nosso país</u> ... sobre o nordestino que é o mais afetado ... é o que mais sofre ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 35)
	Natureza do nome	Concreta (NC)	... enquanto isso eu cozinho umas batatas ... não é ... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada ... ela fica mais:: mole ... mas não fica molhada com água ... ela fica mole ... mas:: mole sem ser aguada como <u>essa outra que cozinha na água</u> ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 21)
		Abstrata (NA)	. I: ah ... muita coisa ... a minha vida de estudante é cheia de história ... <u>essa foi uma delas</u> ... foi a que eu me lembrei agora ... assim de imediato ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 17)
Fatores estruturais	Grau de distanciamento do SND e seu referente	G0	O clorêto ao entrar em contato com a água fez aquele fogaréu, e foi aumentando, aumentando, até que se transformou <u>numa grande explosão, dessa explosão</u> o que restou foi um grande prejuízo para a escola, pois, todo material que estávamos limpando foi quebrado. (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 24)

CRITÉRIOS	PARÂMETROS		EXEMPLÁRIO
		G1	(0)e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: (1)no momento não tinha motorista ... pra segui-lo ... com ele nessa viagem ... então ... ele foi de avião ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 111)
		G2	(0)numa dessas levas de entra e sai ... entrou uma garota muito bonita ... um ... um tipo ... eslavo-polaca ... sei lá ... loira de cabelo ... cabelo bem amarelinho e loiro ... (1)sentou-se ... era meio da noite já assim ... umas dez hora da noite né ... (2)então essa garota entrou e sentou-se ao lado de um senhor que tava bebend. (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 44)
		G3	(0).. então às vezes ele escolhia fulano ... fulano ... (1)ninguém esperava né ... (2)ai dizia (...) “fulano ... fulano de tal diga o ... o que você mais aprendeu” ... (3)então cada um só dizia essa mesma palavra ... que tinha aprendido a amar verdadeiramente ao outro ... entender aquele amor colegial ... (...) (4)nunca tinha entendido que era realmente ser um ser humano ... em termos de amor ... de compreensão ... de solidariedade ... de fraternidade ... (5)eles só viam essa frase ... (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 28)
		G4	se Deus é tão bom ... por que essa divisão de classe ... se ele prega a igualdade entre os homens? (FURTADO DA CUNHA, Corpus D&G/Natal, 1998, p. 22)

Fonte: Elaboração da autora.

1. **Funções Morfossintáticas.** Referem-se às funções adjetivas (FA) e substantivas (FS) que o demonstrativo desempenha no âmbito do Sintagma Nominal. Via de regra, sintaticamente, apresentam respectivamente, as funções de adjunto adnominal e pronominal (núcleo do SN), de acordo com as propriedades morfossintáticas apresentadas na seção 3.3. Também, incluem-se nas funções morfossintáticas os tipos de SND, que se referem à forma como os constituintes se organizam no interior do SND, assumindo configurações do tipo: *ESSA X*, *(Z) ESSA X*, *(Z) ESSA X (Z)*, *ESSA, ESSA (Z)*, *ESSA (Z) (Z)*, *ESSA (Z) X*, *ESSA (Z) X (Z)*, *ESSA X (Z)*, *ESSA X (Z) (Z)*, *X ESSA (Z)*.
2. **Funções Semântico-pragmáticas.** Envolve duas funções importantes: uma refere-se à natureza semântica do nome que o demonstrativo acompanha – função concreta (FC) e função abstrata (FA); e a outra diz respeito às funções referenciais dêiticas e anafóricas do demonstrativo. Embora as formas demonstrativas não constituam as expressões que realizam, diretamente e de forma pré-estabelecida, a referência, valor atribuído, de maneira geral, às expressões lexicais, exercem influência sobre o processo de referenciação. Além disso, são atribuições semânticas, as funções semânticas da referenciação, que envolvem o SND e objetos do discurso. Com base na descrição de Neves (2018), Marcuschi

(2001), Apothéloz (2003), Apothéloz e Reichler-Bégulin (1999), Koch (2004), Mondada (1994) entre outros, neste estudo, consideramos as seguintes estratégias de progressão textual com o demonstrativo *essa*: a *dêixis* espacial (DE), a *dêixis* temporal (DT) e a *dêixis* memorativa (DM); as anáforas diretas (AD), as anáforas indiretas: a anáfora encapsuladora ou rotuladora (AE), a anáfora por nomeação ou nominalização (AN), a anáfora associativa (AA), a anáfora metadiscursiva (AM) e a catáfora (CA), observando as características apontadas na seção 3.4.

3. **Fatores estruturais – Grau de distanciamento do SND / Referente:** Quanto ao critério do distanciamento do *essa* em relação ao seu referente, valemo-nos do subprincípio da icônico da integração (proximidade), segundo o qual, “os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24). Assim, estabelecemos critérios que orientam o distanciamento dos referentes em relação ao seu elemento de retomada, tomando como referência a oração envolvida no processo de referenciação, uma vez que os objetos do discurso compõem a sentença. Codificamos assim os critérios de distanciamento:

G0 – para referentes presentes na mesma oração do SND;

G1 – para referentes presentes na oração imediatamente anterior à do SND;

G2 – para referentes presentes na segunda oração anterior à do SND;

G3 – para referentes presentes na terceira ou mais orações distantes da oração do SND;

G4 – para referentes em processos de referenciação dêitica espacial, temporal e memorativa, cujo referente só pode ser identificado e compartilhado pelo interlocutor no contexto situacional de comunicação, com exceção da *dêixis* memorativa, cujo campo de referenciação é a memória.

O Quadro 7 expõe as variáveis relativas ao contexto de produção, envolvendo a modalidade de uso da língua e os gêneros textuais.

Quadro 7 – Contextos de produção como fatores estruturais dos usos da forma demonstrativa *essa*

CONTEXTOS DE PRODUÇÃO		EXEMPLÁRIO
Modalidade de uso de Língua	Oral	<i>e agora no terceiro andar ou ... no terceiro prédio ... tem <u>essa ... essas coisa</u> que eu já lhe falei que tem em baixo né ... biblioteca ... auditório ... a sala dos professores ...</i> (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 09)
	Escrita	<i>O que importa salientar é que cada indivíduo tem seu Deus dentro de si e <u>nessa forma</u> cada um deve seguir a religião que melhor se acomoda seu conceitos.</i>

		(FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/Natal</i> , 1998, p. 26)
O uso da forma <i>essa</i> em função dos Gêneros Textuais	Narrativa	... e eu fiquei quase um mês lá internado né ... fiquei quase um mês sem dormir ((carro passando)) sem dormir porque muito ... muitas escoriações pelo corpo né ... isso aqui ... <u>essa parte daqui</u> ... daqui do ... do ... no meu rosto ... abriu ... (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/NATAL</i> , 1998, p. 2)
	Descrição	... tem uma porta de madeira muito grande ... né ... que ocupou quase toda a parede da sala e tem a sala ... você entra ... né ... você sobe mais um degrau <u>nessa sala</u> ... você entra na sala de estar ... (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/NATAL</i> , 1998, p. 19)
	Rel. de procedimento	depois eu ralo cenoura bem ralada e também coloco pra ... <u>nessa fritura</u> ... depois eu pego tomate e pimentão e vou ... essas coisas eu vou colocando aos poucos ... (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/NATAL</i> , 1998, p. 21)
	Rel. de opinião	nos Estados Unidos lógico que tem muito mais condições de fornecer emprego pra todos os universitários ... né ... mas em compensação ... enquanto no Brasil num tem né ... <u>essa condição</u> ... (FURTADO DA CUNHA, <i>Corpus D&G/NATAL</i> , 1998, p. 92)

Fonte: Elaboração da autora.

Contexto de Produção: Refere-se às condições de produção textual que envolvem as ocorrências da forma *essa*, a saber: a modalidade de uso – oral e escrita e o uso da forma *essa* em função dos gêneros textuais, orientando-nos pelas noções apresentadas no item 3.5. Como relação ao uso da forma *essa* em função dos gêneros textuais, consideramos, para efeito de análise, estabelecer os gêneros abordados no *corpus* escolhido: a narrativa (contada e recontada); a descrição; o relato de procedimento e o relato de opinião. Inserimos em um mesmo rótulo as narrativas contadas e recontadas, uma vez que consideramos as propriedades básicas do gênero. Além disso, os textos transcritos no *corpus* foram produzidos pelos informantes nas modalidades oral e escrita.

3.7 Síntese do capítulo

Com o propósito de identificar as funções prototípicas dos usos da forma demonstrativa *essa*, identificamos, estabelecemos e descrevemos os critérios para a caracterização das relações morfossintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas da forma demonstrativa *essa*, levando em conta seus usos mais prototípicos e mais regulares com base em exemplos retirados do *corpus* selecionado.

Morfossintaticamente, a forma demonstrativa *essa* relaciona-se no interior do sintagma nominal com o nome, exercendo as funções adjetiva (adnominal) e substantiva (pronominal).

Semanticamente, relaciona-se com um nome, que estabelece uma relação dêitica e fórica com um referente, apontando-o, indicando-o, atuando junto ao nome no processo de referenciação.

Dentre as funções dêiticas do demonstrativo adotadas neste estudo, destacamos a *dêixis* espacial, a *dêixis* temporal e a *dêixis* memorativa. Dentre as funções fóricas, ressaltamos as anáforas diretas, as anáforas indiretas (encapsuladoras, por nomeação, associativas, metadiscursivas), e as catáforas. O critério dessa classificação das funções de referenciação do demonstrativo baseia-se na diferença entre *dêixis* e anáfora, estabelecida por Marcuschi (2001, p. 252): “a diferença entre *dêixis* e anáfora não estão no nível das operações, mas da relação cognitiva estabelecida”.

Quanto aos fatores estruturais, os graus de distanciamento do SND/Referente correspondem à distância que os nomes mantêm em relação aos seus referentes. Basicamente, quanto maior a distância do referente em relação ao nome, mais as estruturas tendem a ser mais complexas, dificultando a identificação do referente. Como visto em Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 24), na concepção de Slobin (1980), esta complexidade estrutural remete a outro subprincípio icônico adotado pela Linguística Funcional, o da quantidade, segundo o qual, “aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo”.

Os contextos de produção, compreendendo os fatores associados à produção de um enunciado afetados à interpretação, à adequação e ao significado da mensagem, atuam em conjunto com os parâmetros de prototipicidade, reforçando as funções prototípicas e contribuindo para explicar as regularidades dos usos do *essa*. Também, evidenciam atributos característicos do princípio de iconicidade.

Categoricamente, os demonstrativos assumem as seguintes características, como descritas nos itens 3.2 e 3.5:

- a) indicam posição dos seres e objetos em relação às três pessoas do discurso, situando-as no tempo e no espaço (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2001);
- b) exercem as funções morfosintáticas substantiva (núcleo do SN) e adjetiva ou adnominal (determinante de um nome) (NEVES, 2000);
- c) remetem diretamente ao contexto (à enunciação ou ao enunciado) no texto (NEVES, 2018);
- d) apontam para “referentes previamente introduzidos”, corroborando para a instituição de “uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente” (MARCUSCHI, 2000);

- e) indicam para “seres, objectos ou acontecimentos situados num campo mostrativo imaginário, isto é, evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação” (BÜHLER, 1934 *apud* FONSECA, 1989);
- f) introduzem, endoforicamente, novos referentes, o que constitui uma “estratégia de progressão referencial implícita” (MORAES, 2011);
- g) ocupam, no SN, as posições de anteposição e posposição ao nome, compartilhando espaço com outros determinantes (pronomes indefinidos, possessivos, numerais, adjetivos, locuções ou orações adjetivas);
- h) remontam a diversos tipos de segmentos de texto de forma prospectiva (para frente), anunciados por um sintagma nominal com demonstrativo (NEVES, 2018);
- i) parecem apontar razões mais funcionais que semânticas, para estabelecer sua sistematicidade (ALARCOS LLORACH, 1976).

Tais características compreendem os traços que classificam a forma *essa* como membro da categoria rotulada “demonstrativos”. Porém, quais dessas categorias determinam os usos prototípicos da forma *essa*? Acreditamos que, na análise dos dados levantados, a partir do *corpus* selecionado, é possível identificar que propriedades dessa categoria são prototípicas aos usos da forma *essa*, e que propriedades figuram como não prototípicas.

CAPITULO 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Introdução

Este trabalho de tese apresenta, em um universo amplo da gramática e da categoria pronominal, um recorte na direção dos demonstrativos, mais especificamente, da forma *essa*, com o propósito de analisar funções que emergem de seus usos, a partir da identificação dos usos das formas prototípicas numa escala gradiente, como apontada em Silva (2018). Consideramos como formas de usos do demonstrativo *essa*, para efeito de análise, as seguintes realizações: *essa*, *essas*, *dessa*, *dessas*, *nessa*, *nessas*.

A proposta de análise adotada nesta tese é a da pesquisa qualitativa e quantitativa. Nesse sentido, será utilizado o método abdutivo-analógico, o qual “consiste em uma espécie de intuição que se dá passo a passo até chegar à conclusão, ou seja, o método caracteriza-se pela busca da conclusão através da interpretação de sinais, de indícios e de signos” (MATELOTTA, 2010, p. 66), um conceito baseado na lógica de Charles Peirce, em 1865, segundo o qual, parte-se dos dados para se chegar a uma conclusão, ou estabelecer uma assertiva ou teoria. A abordagem quantitativa é desenvolvida dentro de uma estrutura baseada no uso, com dados sincrônicos.

Segundo Martelotta (2010), o método abdutivo-analógico é típico dos estudos cognitivo-funcionais, pois além de ser um “mecanismo inerente ao processo de aquisição e uso da língua”, constitui um “tipo de procedimento científico utilizado com a finalidade de formular hipóteses”. A análise de natureza qualitativa aqui a ser adotada, nos termos de Silva (2018, p. 168), “segue o percurso *bottom-up*, no sentido de que se parte das instanciações de uso” (os dados) para se apreenderem possíveis regularidades de estruturas relacionadas e aos usos e funções nelas implicados.

Antes de procedermos a análise dos dados coletados, discorreremos sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Clássica, especificamente a de vertente norte-americana, que fundamenta a pesquisa. Além disso, realizamos uma descrição dos demonstrativos, evidenciando sua formação, categorização e usos, em diferentes períodos.

A seguir, expomos as motivações que nortearam a seleção do *corpus*, o tratamento que a ele se destina, seguindo-se da caracterização dos informantes que o compõem, da descrição do gênero e da apresentação dos critérios (parâmetros) adotados no tratamento dos dados do

corpus para análise.

4.2 As etapas da pesquisa

4.2.1 A escolha e descrição do *Corpus*

Para melhor conduzir a reflexão que aqui desenvolvemos acerca do demonstrativo *essa* e as implicações semânticas, discursivo-pragmáticas, que influenciam os sentidos que advém do uso, escolhemos trabalhar com o *Corpus* Discurso & Gramática/Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), um levantamento oral e escrito, que evidencia situações comunicativas reais de uso da língua,

levando em conta, entre outros aspectos o contexto de produção linguística (o momento e o lugar da interação verbal, os parceiros da comunicação, seus propósitos comunicativos etc.), especificidades do gênero textual, efeitos de sentido pretendidos, questões relativas à expressividade e/ou à economia, a extensões metafóricas e/ou metonímias, à distribuição da informação na oração e no texto (BISPO; SILVA, 2017, p. 92)

Os dados de uso da forma demonstrativa *essa*, coletados do *Corpus* D&G/Natal, constituem entrevistas em que informantes natalenses, selecionados segundo sexo, idade e nível de escolaridade, narram fatos por eles vivenciados e vivenciados por outras pessoas (narrativas recontadas), nas modalidades oral e escrita. Assim, uma investigação que tenha base funcional baseada no uso deve levar em conta dados oriundos de situações reais de uso. A partir daí, justificamos nossa escolha do *corpus*.

O *Corpus* D&G surgiu a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Discurso e Gramática do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1991; e foi organizado com amostras de língua falada e escrita, coletadas em cinco cidades: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. O *corpus* foi orientado em torno de cinco objetivos:

- a) analisar o comportamento da iconicidade, através de diferentes fenômenos linguísticos, em situações reais de uso da língua;
- b) criar um banco de dados com correspondência de conteúdo entre fala e escrita, de modo a viabilizar a comparação mais rigorosa entre essas duas modalidades da língua;
- c) testar em diferentes subgêneros textuais (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião) o modo de codificação da informação;
- d) comparar o comportamento dos canais da fala e da escrita em relação a esses subgêneros⁴³

⁴³ Disponível em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/corpus/>, Acesso em 04/03/2021.

As entrevistas foram aplicadas obedecendo a rigoroso critério de seleção e concordância das normas de participação pelos informantes e de treinamento dos entrevistadores; a rígido controle técnico de transcrição de dados; além da garantia de anonimato dos informantes.

O *corpus* D&G/Natal, selecionado para esta pesquisa, está composto de 20 informantes, os quais foram selecionados obedecendo critérios de sexo, idade e nível de escolaridade, conforme Quadro 8.

Quadro 8 – Perfil dos informantes do *Corpus* D&G/Natal⁴⁴

CÓDIGO	INFORMANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
INF1	Carlos	Masculino	26 anos	Superior
INF2	Diva	Feminino	31 anos	Superior
INF3	Glislaine	Feminino	21 anos	Superior
INF4	Ítalo	Masculino	31 anos	Superior
INF5	Gerson	Masculino	19 anos	Ensino Médio
INF6	Gustavo	Masculino	16 anos	Ensino Médio
INF7	Rosemeire	Feminino	19 anos	Ensino Médio
INF8	Solange	Feminino	19 anos	Ensino Médio
INF9	Emerson	Masculino	15 anos	Ensino Fundamental (8ª série)
INF10	Gerlândia	Feminino	17 anos	Ensino Fundamental (8ª série)
INF11	Lúcia	Feminino	16 anos	Ensino Fundamental (8ª série)
INF12	Vladimir	Feminino	14 anos	Ensino Fundamental (8ª série)
INF13	Julyana	Feminino	10 anos	Ensino Fundamental (4ª série)
INF14	Olavo	Masculino	09 anos	Ensino Fundamental (4ª série)
INF15	Sueli	Feminino	13 anos	Ensino Fundamental (4ª série)
INF16	Wagner	Masculino	13 anos	Ensino Fundamental (4ª série)
INF17	Daniele	Feminino	06 anos	Classe de Alfabetização
INF18	Pablo	Masculino	06 anos	Classe de Alfabetização
INF19	Talita	Feminino	06 anos	Classe de Alfabetização
INF20	Wesley	Masculino	07 anos	Classe de Alfabetização

Fonte: Elaboração da autora, a partir de informações obtidas no *Corpus* D&G Natal/1998.

Consideramos como parte dos dados de nossa pesquisa as ocorrências da forma demonstrativa *essa*, registradas nos textos dos informantes de 01 a 12, de ambos sexos, conforme discriminado no Quadro 8. Os 12 informantes selecionados estão divididos em 3 (três) grupos de 4 (quatro) informantes cada, distribuídos, equitativamente, nos graus de escolaridade superior, ensino médio e fundamental (8ª série), respectivamente. As idades dos informantes compreendem de 14 a 31 anos.

O *corpus* escolhido para nossa pesquisa é o D&G/Natal (1998), na versão digital, cuja

⁴⁴ Desconsideramos neste estudo os informantes do Ensino fundamental (4ª série) e da Classe de Alfabetização, devido à baixa produtividade nos textos do uso do demonstrativo *essa*. Em sua maioria, ocorrência Ø (zero) do *essa*. Vale ressaltar que, no geral, compreendem textos com média de 3.414 palavras (Ens. Fund. – 4ª série) e 2.322 palavras (Classe de Alfabetização).

transcrição completa se distribui em 220 páginas. A transcrição dos textos orais e escritos está dividida por informantes e grau de escolaridade: Ensino Superior; Ensino Médio; Ensino Fundamental e Classe de Alfabetização. Cada entrevista está dividida em duas partes: Parte Oral e Parte Escrita, nas quais cada informante é orientado a responder questões propostas pelo entrevistador, elaborando textos, de acordo com os tipos de texto já mencionados.

Para efeitos de citação e apresentação dos exemplos retirados do *corpus* selecionado, adotamos a seguinte representação: AUTOR, CorpusD&G/Natal, ANO, PÁGINA, por exemplo: (FURTADO DA CUNHA, 1998, CorpusD&G/Natal, 1998, p. 22)

A coleta de dados no *corpus* se deu a partir de entrevistas, que transcorreram em 5 (cinco) tipos de textos orais e escritos, desenvolvidos igualmente, em torno da seguinte proposta: 1) narrativa de experiência pessoal; 2) narrativa recontada; 3) descrição de local; 4) relato de procedimento; 5) relato de opinião. A mesma narrativa de experiência pessoal apresentada oralmente, também foi narrada por escrito pelo(a) informante. O mesmo ocorreu com os outros tipos de texto. Uma vez que, o que importa neste estudo é analisar o gênero narrativo (características do gênero narrativo, em sentido lato sensu: narrador, personagens, espaço, tempo, o fato narrado), optamos por incluir em um mesmo rótulo – *narrativa* – os gêneros “narrativa de experiência pessoal” e “narrativa recontada”.

Embora a narrativa e a descrição estejam imbricadas na construção dos textos, principalmente, se considerarmos que em textos narrativos identificamos descrição, como nos textos descritivos, narração, para efeitos práticos e, obedecendo à divisão estrutural do *corpus* selecionado, analisamos em separado os gêneros narrativa e descrição.

4.2.2 Seleção dos critérios, parâmetros de prototipicidade e dos contextos de produção da forma *essa*

Os parâmetros indicados constituem o fio condutor da análise dos dados para compreender as funções que a forma *essa* assume em situações e contextos específicos de uso e identificar as formas prototípicas e não prototípicas, em função da escala gradiente dos usos do *essa*, evidenciando usos (+)prototípicos; (±)prototípicos e (–)prototípicos. Assim passemos à apresentação, no Quadro 9, dos parâmetros de acordo com os critérios e o contexto de produção descritos e estabelecidos no capítulo 3.

Quadro 9 – Critérios de análise: parâmetros de prototipicidade e o contexto de produção dos usos da forma demonstrativa *essa*

PARÂMETROS DE PROTOTIPICIDADE		
Relações Morfossintáticas	Função Adjetiva (FA)	
	Função Substantiva (FS)	
Tipos de SND	ESSA X, (Z) ESSA X, (Z) ESSA (Z) X (Z), ESSA, ESSA (Z), ESSA (Z) (Z), ESSA (Z) X, ESSA (Z) X (Z), ESSA X (Z), ESSA X (Z) (Z)	
Natureza do nome no SND	Concreta (NC)	
	Abstrata (NA)	
Dêixis	Memorativa (DM)	
	Espacial (DE)	
	Temporal (DT)	
Anáfora	Anáforas Diretas (AD)	
	Anáforas Indiretas	Encapsuladora (AE)
		Por Nomeação (AN)
		Associativa (AA)
		Metadiscursiva (AM)
Grau de distanciamento do SND e seu referente	G0	
	G1	
	G2	
	G3	
	G4	
CONTEXTO DE PRODUÇÃO		
Modalidade de uso da Língua	Escrita (ME)	
	Oral (MO)	
O uso da forma <i>essa</i> em função dos Gêneros Textuais	Narrativa	
	Descrição	
	Rel. de procedimento	
	Rel. de opinião	

Fonte: Elaboração da autora.

Os parâmetros apresentados no Quadro 9 foram propostos como norteadores para a análise dos dados, considerando como referência a frequência de usos, para a determinação da escala gradiente de prototipicidade da forma *essa*, como base nos critérios morfossintáticos, semânticos, discursivo-pragmáticos e estruturais. O contexto de produção, por sua vez, fornece aos parâmetros de prototipicidade uma via de interpretação dos dados, a fim de explicar e melhor explicitar os resultados alcançados.

Quanto aos critérios morfossintáticos, identificamos as relações morfossintáticas (*adjetiva e substantiva*), exercidas pelo *essa* no interior do sintagma nominal demonstrativo (SND) e sua relação com o nome a que se refere; bem como, os *tipos de SND* em que figura o *essa*, levando em conta a posição e quantidade de constituintes na organização dos SND, tomando por base os subprincípios de iconicidade: quantidade, proximidade e ordenação.

Com relação aos critérios semântico-pragmáticos, especificamos os parâmetros

natureza do nome no SND, relativos às naturezas concreta e abstrata dos substantivos relacionados à forma *essa*, e os *processos de referência*, referentes às estratégias de progressão anáforicas e dêiticas.

Os fatores estruturais referem-se ao grau de distanciamento do SND ao seu referente, estabelecidos segundo a distância que o referente mantém em relação ao SND, ou seja, ambos se encontram no interior da oração (G0), o referente se encontra distante uma (G1), duas (G2), três ou mais (G3) orações, bem como, as releções entre ambos se dão na situação comunicativa ou na memória (G4). A escolha dessa variável ampara-se no subprincípio icônico da integração (proximidade), o qual preconiza que “os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24).

A compreensão dos contextos de produção em conjunção com os parâmetros de prototipicidade é fundamental para se estabelecer os usos (+) ou (–) prototípicos do *essa*. Além disso, os discursos ocorrem por meio de uma modalidade de língua e de um gênero textual, que podem influenciar de forma significativa os resultados da pesquisa, quando articulados com os parâmetros de prototipicidade. A análise dos dados, tomando contextos de produção, leva em conta, de um lado, o fato de que

as linguagens oral e escrita são semelhantes e não, diferentes nem iguais, como consideram alguns estudiosos. Cada uma dessas práticas discursivas tem suas particularidades, algumas das quais exclusivas (como por exemplo, gestos, expressões faciais e outras, na oralidade), por conta do processo de produção, mas que não chegam a distingui-las, posto que não são estanques (BOTELHO, 2003, s/p).

Por outro lado, os gêneros textuais apontam para a narrativa como um sistema de representação, organizado, no qual os leitores constroem um centro dêítico (ZUBIN; HEWITT, 1995), função primordial dos demonstrativos. Obviamente, como elementos da *dêixis*, as formas demonstrativas organizam a narrativa e orientam os leitores, reunindo e mantendo as informações temporais, espaciais e de personagem. O uso das formas demonstrativas revela que “uma narrativa geralmente se desdobra em um lugar e um tempo de cada vez”.

Além disso, a descrição constitui “a sequência menos autônoma dentre todas. Dificilmente será predominante em um texto. Sua ocorrência mais característica é como parte da sequência narrativa” (BONINI, 2005, p. 222); os relatos de procedimento põem em evidência traços discursivos, em que os interlocutores revelam seus posicionamentos (FERREIRA; GUIMARÃES, 2016); em textos opinativos, o uso de expressões genéricas, opiniões, declarações, hipóteses, argumentos etc., “facilita o emprego de anáforas encapsuladoras”

(BERTUCCI, 2006, p. 219), por exemplo.

4.2.3 O tratamento e procedimentos estatísticos para a análise dos dados

Com relação ao tratamento dos dados, registramos todos os dados que foram quantificados e analisados neste estudo, em planilha Excel, devidamente descritos, por informante, levando em conta o sexo, a idade e a escolaridade. Além disso, cada ocorrência do *essa* foi catalogada em função dos critérios e parâmetros estabelecidos para análise, destacada em negrito na cor roxa. Ressalte-se que cada ocorrência transcrita se apresenta contextualizada em excertos, conforme planilha de catalogação dos dados em Apêndice. Para ilustrar, observe a Figura 6.

Figura 6 - Catalogação dos dados em planilha Excel

N°	OCORRENCIA	NUCLEO DE SN	TSN	FUNCAO SINTATICA	NATUREZA DO SN	REFERENCIAÇÃO	MODALIDADE
1	... e eu fiquei quase um mês lá internado né ... fiquei quase um mês sem dormir ((carro passando)) sem dormir porque muito ... muitas escoriações pelo corpo né ... isso aqui ... essa parte daqui ... daqui do ... do ... no meu rosto ... abriu ...	PARTE	ESSA X	ADJETIVA	CONCRETO	DE	ORAL
2	ele num sabia né ... que o cemitério era maldito ... que a mulher dele ia voltar né ... aí a mulher dele voltou e num agrediu ele que nem o cachorro ... aí também ele num entendeu por isso ... porque algumas pessoas ficava e outras não né? também num entendeu isso ... sim ... aí a mulher né ... ele contou como a mulher tinha ... tinha ... sido ... tinha morrido né ... aí depois ele foi pra casa né ... ele foi pra lá depois ... combinaram também que ele também queria acabar com essa maldição ... num queria mais ver a mulher nem o cachorro né ...	MALDIÇÃO	ESSA X	ADJETIVA	ABSTRATO	AN	ORAL
3	a ... era uma história de uma família ... que ia passar um tempo ... num sei ... ia sair da cidade né ... dos Estados Unidos e ia passar um tempo no interior ... numa cidadezinha ... que a ... tipo ... tipo um povoado né ... (...) aí ... essa família né ... essa família ... gostou do local e ... no final de semana ... final de semana não ... todo dia ... eles tavam de férias lá ...	FAMÍLIA	ESSA X	ADJETIVA	CONCRETO	AD	ORAL
4	It: é ... armava lá ... armava lá uma barraca lá ... e fazia tipo um piquenique né ... e chamava o velho lá ... esse ... o vizinho dele ... ora						

Fonte: Elaboração da autora.

Os quadros, tabelas e figuras permitem visibilidade do tratamento do suporte teórico e dos resultados alcançados, também registrados em ordem crescente, com numeração arábica.

Com relação à transcrição de exemplos no corpo do texto para análise, excertos, frases ou períodos exemplificados foram apresentados em itálico, em sequência na ordem crescente, em numeração arábica, em todo o corpo do trabalho.

Quanto aos procedimentos da análise dos resultados, adotamos a análise quantitativa e qualitativa, buscando contemplar o quantitativo das ocorrências das formas demonstrativas, em

função dos parâmetros descritos na seção 3 e no item 4.2, com o objetivo de analisar as funções morfossintáticas, semânticas, discursivo-pragmáticas, o contexto de produção e suas influências nos usos da forma demonstrativa *essa*. Utilizamos na quantificação dos dados a frequência absoluta (o número de vezes em que determinada variável assume um valor); porcentagem e peso relativo.

Peso relativo (PR) “é uma medida probabilística usada para calcular o efeito de um fator condicionador” (COELHO *et al.*, 2010, 139-140) no uso de uma categoria variável, ou seja, o peso que um fator tem ao condicionar a ocorrência de uma variante que estipulamos como ‘tipo de SND’, por exemplo. Como o nome sugere, o peso relativo de um fator só tem significado quando relativizado ao peso de outros fatores com os quais co-ocorre. Essa medida é tão constante em tabelas de pesquisas funcionalistas quanto a porcentagem, e é dada em valores de 0.0 a 1.0.

Quanto mais próximo de 1.0, maior o peso relativo do fator, isto é, maior o efeito dele sobre a variante escolhida, como tipo de SND, por exemplo; quanto mais próximo de 0.0, menor o peso relativo, ou seja, menor a força de atuação desse fator na escolha daquela variante. Os valores que se encontram no intervalo $0.55 \leftrightarrow 0.45$, o ponto neutro, correspondem a usos ($\pm$)prototípicos. Pesos relativos do intervalo próximos ao valor 0.55 manifestam tendência a usos (+)prototípicos; e aqueles próximos ao valor 0.45 indicam tendência a usos (–)prototípicos.

Para uma maior confiabilidade recorremos ao cálculo estatístico para identificação do *peso relativo*, executado pelo Excel, baseado nos cálculos propostos por Oliveira (2009, p. 103-104), chegando-se à seguinte operação das funções estatísticas:

$$(1) \text{ Variável } (v) = LN (n^{\circ} \text{ de ocorrências da } v / n^{\circ} \text{ total de ocorrências})$$

Exemplo: =LN(278/595)

$$(2) \text{ MÉDIA} = v1 + v2 + v3 + \dots + v/n \text{ (n = número de variáveis)}$$

Exemplo: =MÉDIA(B17;B18;B19;B20;B21;B22;B23;B24;B25)

$$(3) \text{ DESVIO DA MÉDIA (BETA)} = LN - \text{MÉDIA}$$

Exemplo: =B17-B26

$$(4) \text{ OR} = EXP (BETA')$$

Exemplo: =EXP(B27)

$$(5) PR = OR' / (1 + OR') = \text{PESO RELATIVO}$$

Exemplo: $=B36/(1+B36)$

Em que:

LN = *logaritmo natural*

OR = *razão de chances em relação à média*

EXP = *função exponencial natural*

Segundo Morrison (2005 *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 109), o *peso relativo*, dado por $OR'/(1+OR')$,

é uma medida calculada a partir da razão de chances, calculada pelo método *desvio da média*. Como a razão de chances é um número entre 0 e infinito, o *peso relativo* será sempre um número entre 0 e 1. Caso a OR' seja igual a 1, teremos que o *peso relativo* será igual a 0,50.

Para justificar o uso de um método específico, Sankoff (1988) argumenta que este método torna mais precisos resultados que apresentam distribuição desigual nos dados, como ocorre, por exemplo, na tabela 4, em que temos 69% e 21,3% das ocorrências nos tipos de SND *ESSA X* e *ESSA X (Z)*, respectivamente.

Assumimos como margem de relevância significativa, marcando tendência de usos (+)prototípicos, os resultados com peso relativo > 0.55 ; como margem de neutralidade, como indicando a probabilidade de usos ($\pm$)prototípicos, os resultados com peso relativo no intervalo $0.45 \leftrightarrow 0.55$ (valores inclusos), ou seja, 0.05 abaixo e acima do peso de referência 0.50 , para a determinação de significância; e como margem de dados não significativos, os resultados com peso relativo < 0.45 , apontando a indícios de usos (–) prototípicos.

Hora (2016, p. 37) observa que “a proximidade do ponto neutro (0.50) nos impede de fazer qualquer afirmação categórica”, o que coloca os atributos levantados numa posição gradiente intermediária, ora com tendência a maior prototipicidade, ora com tendência a menor prototipicidade. Daí estabelecemos para características ($\pm$)prototípicas os valores centrados no ponto neutro do peso relativo 0.50 , com margem de erro 0.05 para (+) e 0.05 para (–), que corresponde à “margem de significância com que a Sociolinguística trabalha, a exemplo das demais ciências humanas e sociais” (FREITAG, 2015, p. 41).

Portanto, com relação ao tratamento da prototipicidade dos usos da forma demonstrativa *essa*, apresentamos a escala gradiente de prototipicidade dos usos da forma demonstrativa, as quais contribuem para a identificação das funções morfossintáticas, semânticas e pragmáticas prototípicas, conforme proposto em Costa (2016) e esquematizado no capítulo 2.

4.3 Síntese do capítulo

Os procedimentos metodológicos estão divididos em quatro partes e correspondem às seguintes etapas de pesquisa:

1. **Escolha e descrição do *Corpus*.** O *corpus* escolhido para nossa pesquisa é o D&G/Natal (1998), na versão digital, cuja transcrição completa se distribui em 220 páginas. A transcrição dos textos orais e escritos está dividida por informantes e grau de escolaridade: Ensino Superior; Ensino Médio; Ensino Fundamental e Classe de Alfabetização. Cada entrevista está dividida em duas partes: Parte Oral e Parte Escrita, nas quais cada informante é orientado a responder questões propostas pelo entrevistador, elaborando textos, de acordo com os gêneros: narrativa, descrição, relatos de procedimento e de opinião;
2. **Seleção de critérios e parâmetros de prototipicidade da forma *essa*.** Constituem o fio condutor da análise dos dados para compreender as funções que a forma *essa* assume em situações e contextos específicos de uso e identificar as formas prototípicas e não prototípicas, em função da escala gradiente dos usos do *essa*, evidenciando usos (+)prototípicos; (±)prototípicos e (–)prototípicos;
3. **O tratamento e procedimentos estatísticos para a análise dos dados.** Todos os dados foram quantificados e analisados em planilha Excel, devidamente descritos, por informante, levando em conta o sexo, a idade e a escolaridade. Além disso, cada ocorrência do *essa* foi catalogada em função dos critérios e parâmetros estabelecidos para análise, destacada em negrito na cor roxa. Utilizamos na quantificação dos dados a frequência absoluta (o número de vezes em que determinada variável assume um valor); porcentagem e peso relativo. Para uma maior confiabilidade recorreremos ao cálculo estatístico para identificação do *peso relativo*, executado pelo Excel, baseado nos cálculos propostos por Oliveira (2009, p. 103-104).

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Introdução

Estabelecidos os procedimentos metodológicos, tanto no que se refere à seleção do *corpus*, levantamento, catalogação e modelo estatísticos para quantificação dos dados, como no tocante à descrição dos critérios e parâmetros de prototipicidade, passemos, nesta seção, à análise dos resultados da pesquisa.

Na análise dos dados, foram levantadas 595 ocorrências selecionadas com a forma demonstrativa *essa*, distribuídas entre os informantes do Ensino Superior (4), do Ensino Médio (4) e Ensino Fundamental – 8ª série (atual 9º ano) (4).

Conforme descrito no capítulo 3, as formas demonstrativas *este(a)*, *esse(a)*, *aquele(a)* refletem a distinção de proximidade – próximo do falante; próximo do ouvinte e afastado tanto do falante como do ouvinte –, respectivamente, para distribuir seus usos (ILARI, 2004); indicam posição dos seres e objetos em relação às três pessoas do discurso, situando-as no tempo e no espaço (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2011); e exercem a função de “substituir” um sintagma nominal e “co-ocorrer” (acompanhar) com um nome correferencial (DIESSEL, 1999a, p. 2-3), assumindo, respectivamente, as funções morfossintáticas substantiva (núcleo do SN) e adjetiva ou adnominal (determinante de um nome) (NEVES, 2000).

Considerando que essas características já descritas dos demonstrativos servem de referência para levantarmos os resultados da pesquisa, organizamos as análises dos resultados, com base nas reflexões realizadas sobre as funções morfossintáticas e semânticas e o contexto da produção da forma demonstrativa *essa*, nos itens 3.3 e 3.4, do capítulo 3; e, seguindo os parâmetros e contextos de produção, apresentados nos Quadros 6 e 7. Assim, apresentamos a análise dos dados referentes às funções morfossintáticas (seção 5.2) e das funções semânticas (seção 5.3), os fatores estruturais (na seção 5.4), em conjunção com os contextos de produção (seção 5.5).

Com base na frequência dos usos do demonstrativo *essa*, ancorada nos critérios e parâmetros de análise, na seção 5.6, imprimimos uma imagem da sistematicidade e complexidade dos usos dos demonstrativos, revelando, por meio de uma escala gradiente, a

prototipicidade dos usos da forma *essa*, posicionando sua ocorrência no *continuum* gradiente da escala e identificando o seu perfil prototípico frente aos demais atributos analisados.

As regularidades encontradas, nos usos ($\pm$)prototípicos (com tendência a (+) e (-) prototípicos) e (-)prototípicos, evidenciam que “a variação se refere ao fato de que unidade e estruturas da língua se dão no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência” (BYBEE, 2016, p. 18). É, portanto, na gradiência que as formas prototípicas se revelam, pondo em relevo os atributos que caracterizam determinada categoria, mas, principalmente, expõe as regularidades das formas que orbitam os usos prototípicos, cujos atributos indicam as especificidades dos usos.

Passemos, portanto, ao levantamento dos resultados dos usos da forma demonstrativa *essa*, a partir dos critérios e parâmetros de prototipicidade e dos fatores estruturais relacionados aos graus de distanciamento SND/Referente, estabelecidos no capítulo 3, com o levantamento dos dados absolutos, porcentagens e pesos relativos.

5.2 Funções Morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*

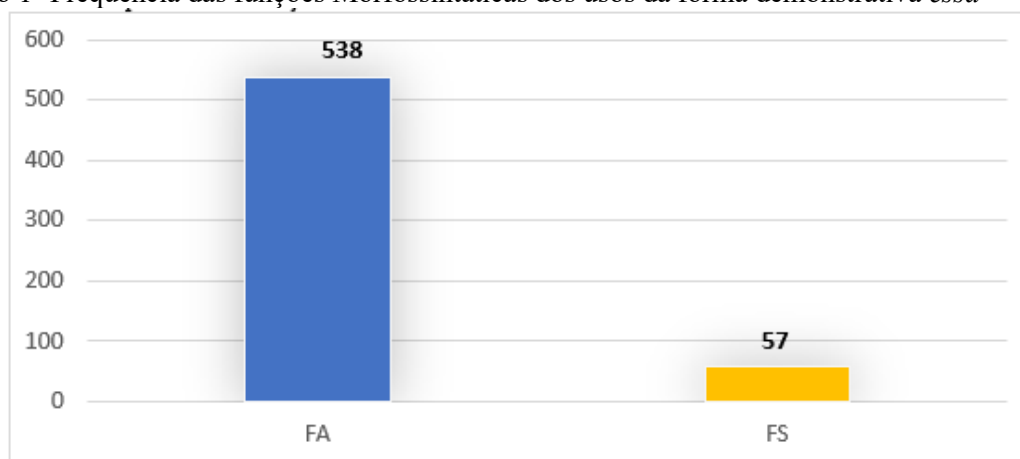
Como já mencionado anteriormente, assim como a maioria das línguas, o português apresenta um conjunto único de formas pronominais demonstrativas (*este, esse, aquele* e flexões) para desempenhar as funções adjetivas (FA) e substantivas (FS), no âmbito do sintagma nominal, ou seja, como determinantes acompanhando o nome e como pronomes independentes. Nesse sentido, tais demonstrativos apresentam as mesmas formas, as mesmas características flexionais, exercendo, porém, funções sintáticas diferentes. Além disso, a posição do *essa* no SND e a forma como os constituintes se organizam, no que se refere a sua extensão e à quantidade de elementos no interior da SND (*ESSA X, (Z) ESSA X, (Z) ESSA (Z) X (Z), ESSA, ESSA (Z), ESSA (Z) (Z), ESSA (Z) X, ESSA (Z) X (Z), ESSA X (Z), ESSA X (Z) (Z)*), podem influenciar os usos da forma demonstrativa *essa*.

5.2.1 Relações Morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*

De acordo com os dados levantados, os usos da forma *essa* na função adjetiva (FA) apresentam uma frequência de 538 ocorrências (90,6%), enquanto na função substantiva (FS), os resultados apontam 57 ocorrências (9,6%), com clara predominância dos usos da forma *essa* na função morfossintática adjetiva, conforme mostra o Gráfico 1.

Os resultados apresentados ratificam a hipótese inicial de que a forma demonstrativa tem relação adjetiva com o substantivo que acompanha e se posiciona próximo do seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal.

Gráfico 1- Frequência das funções Morfossintáticas dos usos da forma demonstrativa *essa*



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

A relação direta com o substantivo (função adjetiva), em termos de proximidade e referencialidade no interior da sentença, faz com que o demonstrativo *essa* apresente um maior grau de transparência e, portanto, um maior grau de processamento cognitivo. Em outras palavras, quanto mais próximo o *essa* estiver do substantivo e com ele estabelecer sua referencialidade, mais facilmente os interlocutores identificam os elementos referentes; e, por outro lado, quanto mais distante estiver do substantivo (função substantiva), mais dificuldade terão de processar a relação de referencialidade.

Neste sentido, Camacho (2017, p. 262) ressalta que o maior grau de transparência e processamento nas relações morfosintáticas implica maior iconicidade. Parafraseando o autor, a opção pelos usos do *essa*, nas funções adjetiva e substantiva, por um lado, “pode ser motivada pelo grau menor ou maior de transparência entre forma e conteúdo, por outro, o grau de transparência é diretamente proporcional à facilidade de processamento cognitivo” (p. 263).

*Ex69: uma delas é situada na parte central ... é chamada Rua da Matriz ... essa Rua da Matriz é onde os casais se encontra ... muito movimentada ... é onde:: se concentra todo o movimento ... as festas que existe lá é mais nessa rua onde tem:: essa Rua da Matriz ... subindo nessa cidade ... nós temos uma quadra ... **nessa quadra** nós encon/ nós encontramos uns jovens esportistas que todas as noites estão lá ... fazendo competições ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 31)

Ex70: e as mulheres de hoje é mais sem vergonha ainda que deixa pegar ... podendo num deixar ... ter respeito ... se valorizar ... não ... se desvalorizam ... podendo ela chegar ... quando tiver ... pegando ... dá uma tapa na cara ... uma bofetada assim ... “ei ... me respeite seu cabra” ... aí não ... num fazem isso não ... “aí num pegue não ... num pegue nisso aqui ... num sei aonde” ... a meu Deus do céu ... nã ... sou não ... num sou dessas não ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 167)

Ex71: I: é ... o cara foi super grosso aí ... aí Jorge já tremeu nas bases que ... percebeu que ia acontecer alguma coisa muito ... muito séria né ... aí o doutor Carrilho se apresentou ele disse ... “olhe ... pois eu sou o doutor Carrilho e você fique sabendo que isso não vai ficar assim não ... viu meu amigo? você é apenas vendedor aqui ... você deveria tratar as pessoas por igual ... sem discriminação ... como vendedor essa não foi uma atitude sensata sua ... se você soubesse quem eu era ... vo/ meu tratamento teria sido ... um outro tratamento ... um tratamento diferenciado

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 46)

Em 69, o SND, em função adjetiva, traz a informação do elemento referencial (*uma*) *quadra* que é retomado por meio de anáfora direta (*essa*) *quadra*. Ou seja, o processamento cognitivo de identificação do referente por parte do interlocutor é menor, demanda menos atenção e esforço mental e menor tempo de processamento para concluir o processo de referenciação. A função adjetiva, neste caso, atua como um facilitador no processamento de identificação do referente, a partir do SND *essa + nome*.

Já nos casos registrados nos exemplos 70 e 71, observam-se os usos do *essa* em função substantiva, o que, *a priori*, demanda um processamento cognitivo maior, uma vez que o processo de retomada e a função dêitica recaem no elemento demonstrativo *essa*. No entanto, é importante considerar, nestes casos, a natureza semântica do nome a que se refere este demonstrativo, uma vez que pode ou não exercer uma influência na facilitação ou não da identificação do referente.

No exemplo 70, a forma *essa* em *não sou dessas não*, com função substantiva, tem como referente *as mulheres de hoje*, identificado no texto. Notamos, neste caso, que o esforço mental, a demanda de atenção e o tempo de processamento é maior em relação ao uso do *essa* em 69, mas é menor em relação ao uso do *essa* em 71. Fica claro que o referente *mulheres*, em 70, tendo natureza concreta, é mais facilmente identificável no processo de referenciação do que em 71, cujo SND de retomada *essa*, na função substantiva, apresenta referente com natureza abstrata (processo) *o cara foi super grosso*. Neste caso, ocorre a relação entre o grau de dificuldade de se identificar um referente de natureza semântica abstrata, retomado pelo demonstrativo *essa* e a necessidade do falante de fornecer mais informação – *uma atitude sensata* – que vai operar como um facilitador, na função cognitiva, para a identificação desse referente.

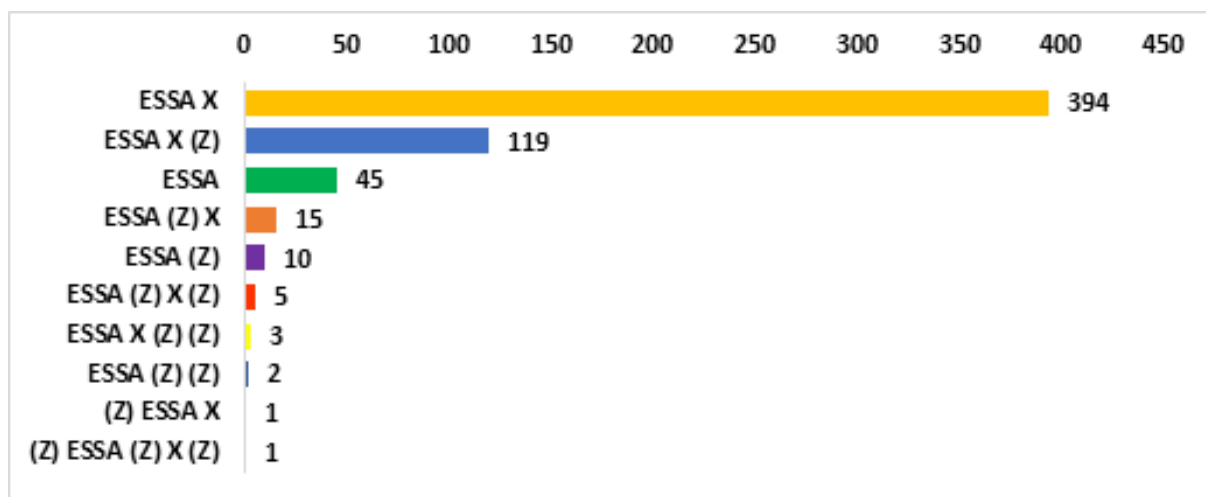
O interessante, neste e em outros casos semelhantes, é que o falante, na estruturação do SND, recorre a estratégias para compor seu SND, como a introdução de orações adjetivas restritivas, locuções adjetivas, para diminuir o esforço mental, a demanda de atenção e o tempo de processamento, na identificação do referente por parte do interlocutor.

5.2.2 Tipos de SND

Quanto aos tipos de SND, variadas são as possibilidades de combinação do demonstrativo *essa* no interior do sintagma nominal (cf. item 3.3.1.2 deste trabalho); e cada combinação imprime uma função específica. O Gráfico 2 mostra a distribuição dos dados quanto aos tipos de SND. Os dados obtidos foram calculados com base no total de ocorrências dos tipos relacionados às funções morfossintáticas adjetivas e substantivas, respectivamente.

De acordo com os resultados expostos no Gráfico 2 e na Tabela 1, destacam-se os usos dos tipos *ESSA X*, com 394 (66,2%) ocorrências, e *ESSA X (Z)*, com 119 (20%) ocorrências, ambos na função adjetiva. Na função substantiva, ocorreram 57 (9,6%) ocorrências, distribuídas nos tipos *ESSA* (45), *ESSA (Z)* (10), *ESSA (Z) (Z)* (1), correspondendo a 7,6%, 1,7% e 0,3%, respectivamente, do total de ocorrências.

Gráfico 2 – Distribuição dos dados em função dos Tipos de SND



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

A Tabela 1 mostra a distribuição dos tipos de SND por função morfossintática que a forma *essa* desempenha no âmbito do sintagma nominal, em números absolutos, porcentagem e peso relativo, considerando os dados por função morfossintática. Os resultados revelam que 66,2% das ocorrências, na função adjetiva (FA), são formados pelo tipo *ESSA X*, ou seja, a

forma mais simples, seguido pelo tipo *ESSA X (Z)* (20%), em que o nome vem entre o *essa* anteposto e um elemento determinante Z (adjetivo, pronome, locução adjetiva, numeral, oração adjetiva). A função substantiva (FS), por sua vez, apresenta maior distribuição no tipo de SND *ESSA*, núcleo do SND, com nome elipsado.

De acordo com o peso relativo, apresentam resultados significativos ($p > 0.50$) os tipos de SND *ESSA X* (0.98), *ESSA X (Z)* (0.92), *ESSA (Z) X* (0.60), *ESSA* (0.82), *ESSA (Z)* (0.51), com predomínio do uso das formas na função adjetiva. Embora os tipos de SND na função substantiva evidenciem resultados significativos, há, em termos absolutos, uma predominância dos usos da forma *essa* na função adjetiva.

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências dos tipos de SND por função morfossintática do demonstrativo *essa*

FUNÇÃO MORFOSSINTÁTICA	TIPO DE SND	TOTAL DE OCORRÊNCIAS (Nº/%)		PR ⁴⁵
FUNÇÃO ADJETIVA	ESSA X	394	66,2	0.98
	ESSA X (Z)	119	20,0	0.92
	ESSA (Z) X	15	2,5	0.60
	ESSA (Z) X (Z)	5	0,8	0.33
	ESSA X (Z) (Z)	3	0,5	0.23
	(Z) ESSA X	1	0,2	0.09
	(Z) ESSA (Z) X (Z)	1	0,2	0.09
SUBTOTAL		538 / 90,4		
FUNÇÃO SUBSTANTIVA	ESSA	45	7,6	0.82
	ESSA (Z)	10	1,7	0.51
	ESSA (Z) (Z)	2	0,3	0.17
SUBTOTAL		57 / 9,6		
TOTAL GERAL		595 / 100%		

Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

O resultado do peso relativo aplicado a esses dados apontou que os tipos de SND, na função adjetiva, *ESSA X* (0.98), *ESSA X (Z)* (0.92) e *ESSA (Z) X* (0.60), e, na função substantiva, *ESSA* (0.82) e *ESSA (Z)* (0.51) apresentam relevância significativa. Embora a frequência de uso esteja relacionada à complexidade das estruturas do SND, do ponto de vista, da quantidade de informação, previsibilidade, da continuidade temática ou discursiva, os tipos relevantes, na função adjetiva, *ESSA X (Z)* e *ESSA (Z) X* apresentam perfis semelhantes, diferenciando-se uns

⁴⁵ PR = Peso Relativo ($p > 0.50$)

dos outros pelo acréscimo de um determinante preposto e posposto ao nome, o que podemos deduzir que se incluem, basicamente, na mesma categoria, como mostram os exemplos 72 e 73.

Ex72: *morava sozinho né ... é ... nessa outra casa ... tava desocupada né ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 4)

Ex73: *essa família era revoltada com essa pessoa que vendeu ...*

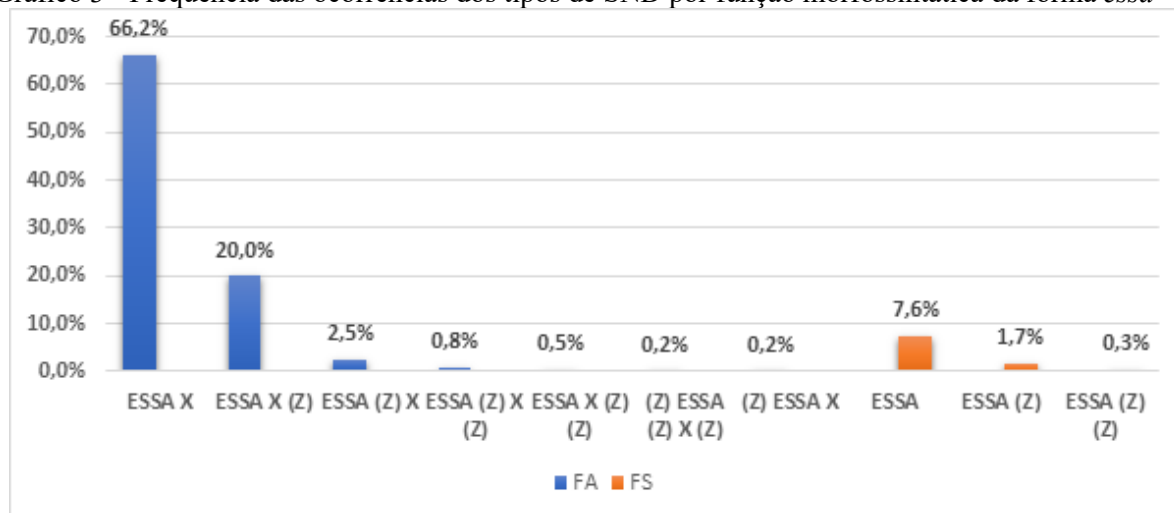
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 18)

Não foram encontradas ocorrências com posposição do *essa* ao nome, do tipo *X ESSA* (Z), em que o *X* representa o nome núcleo do SND e *Z*, um adjetivo ou uma oração adjetiva, no *corpus* escolhido.

A questão da posposição do *essa* no SND evidencia que a forma demonstrativa pode ser retirada, sem prejuízo na referência, manifestando um uso com valor expletivo, em que o nome incorpora, ao mesmo tempo, reativa, aponta e retoma o referente. Tem uso discursivo específico e, conforme Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2001), atende à necessidade comunicativa do locutor de ressaltar e chamar a atenção.

O Gráfico 3 apresenta a distribuição das ocorrências dos tipos de SND por função morfossintática do demonstrativo *essa*, com destaque à frequência (%) dos usos predominantes.

Gráfico 3 - Frequência das ocorrências dos tipos de SND por função morfossintática da forma *essa*



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

Segundo o Gráfico 3, os tipos de SND em função substantiva (FS) alcançaram apenas 9,6% das ocorrências levantadas, contra 90% das ocorrências na função adjetiva (FA), o que reforça a tendência de que os demonstrativos podem constituir uma categoria à parte dos pronomes, que, embora apresentem-se, em sua essência, como “uma parte da oração que se põe

no lugar do próprio nome⁴⁶”, revelam-se como aqueles que acompanham o substantivo, contrariando os critérios registrados nos compêndios gramaticais para sua categorização. Nesse sentido, vale retomar a preocupação dos gramáticos Arnould e Lancelot (1992 [1660]), de Port-Royal (1660), sobre os critérios de classificação da categoria pronominal, mais precisamente quanto à ausência de distinção da natureza dos pronomes.

Aqui precisamente, lançamos mão do questionamento dos gramáticos Arnould e Lancelot: se os pronomes foram criados para substituir os nomes, como classificar os pronomes quando não substituem, mas acompanham os nomes? Se são, prototipicamente, como demonstrado neste estudo, os usos das formas adjetivas, seriam os demonstrativos uma categoria não prototípica dos pronomes ou constituiriam uma categoria à parte como propusemos acima? Qual seria esta categoria?

5.3 Funções Semânticas e discursivo-pragmáticas da forma demonstrativa *essa* no SND

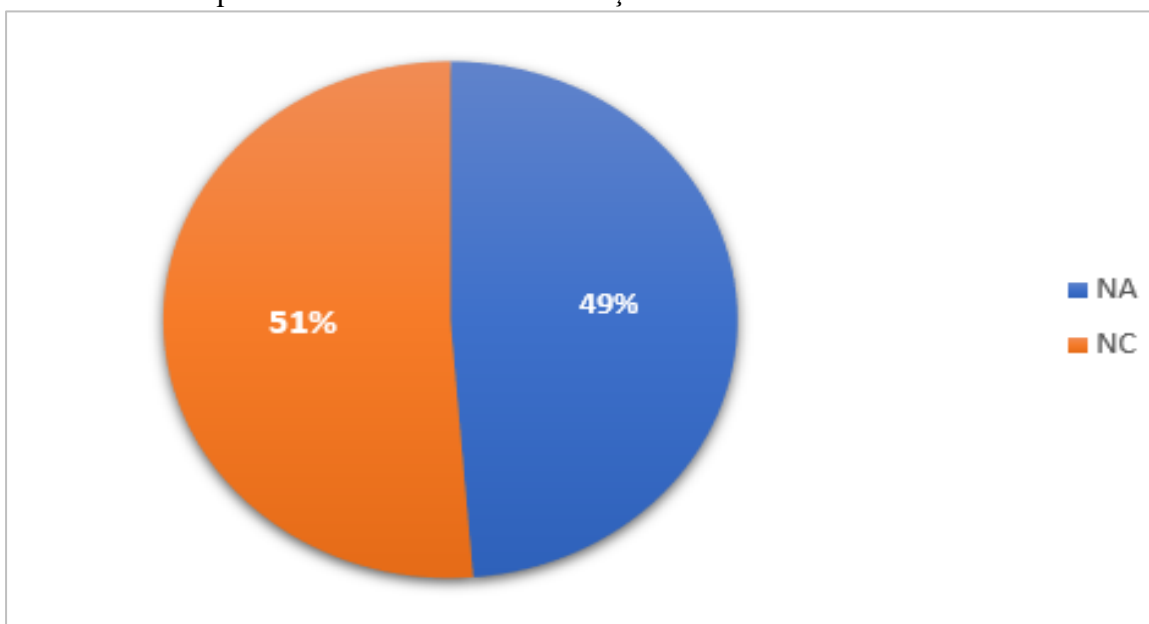
De acordo com a descrição dos parâmetros semânticos na seção 3, item 3.3, as formas demonstrativas se caracterizam, semanticamente, por situar os objetos em relação às três pessoas do discurso (ROCHA LIMA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2001; BECHARA, 2009, entre outros), ter a função de indicar a posição do ser no espaço, no tempo e no discurso, ou seja, definitivamente, as gramáticas reafirmam os valores dêíticos e fóricos desses pronomes, ressaltando a potencial função referencial dos demonstrativos. Assim, estabelecemos como parâmetros semânticos de análise a natureza do nome no SND e as estratégias de referenciação dêíticas e fóricas, no processo de progressão textual, para o reconhecimento das funções semântico-discursivas da forma demonstrativa *essa*.

5.3.1 A natureza semântica do nome no sintagma nominal com o demonstrativo *essa*

Quanto à natureza semântica do nome no SND, os resultados apontam para a natureza concreta como a função com maior frequência – 51% das ocorrências, conforme o Gráfico 4. Ao passo que a natureza abstrata compreende 49% das ocorrências.

⁴⁶ *é hũa parte da óraçã que se põem em lugar do próprio nome.* (JOÃO DE BARROS, 1540, p. 15)

Gráfico 4 – Frequência das ocorrências em função da natureza do nome no SN



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

O importante a ressaltar no caso da natureza semântica do nome no SND é considerar esse movimento dos nomes no sentido do mais concreto ao mais abstrato, em que emergem os usos mais objetivos e mais subjetivos, respectivamente. Nesse sentido, o caminho dos usos concretos aos abstratos na língua revela que novos usos no léxico e na gramática são criados, e que as línguas vão mudando e essas mudanças põe em evidência “a maneira como uma massa de falantes vai reciclando a sua língua” (OLIVEIRA, 2020, p. 11), evidenciando que a função dos demonstrativos não é só de retomar referentes, sua característica principal, operando, portanto, no nível representacional, mas também de assumir uma função (inter)subjetiva no discurso.

Para aprofundarmos a análise dos parâmetros das funções semânticas, julgamos conveniente correlacionar os dados da natureza semântica do nome no SND com as estratégias de referenciação dos SND, observando se existe uma interrelação entre as naturezas concreta e abstrata do nome no SND e os processos de referenciação. Os resultados dessa correlação foram analisados e discutidos no item 5.3.2 a seguir.

5.3.2 Processo de referenciação demonstrativa

A partir do levantamento dos dados relativos às estratégias de referenciação dêiticas e fóricas, foram computadas 499 ocorrências na função anafórica; 11 ocorrências na função catafórica, perfazendo um total de 510 ocorrências na função fórica; e 85 ocorrências na função

dêitica; compreendendo, respectivamente, 83,9%, 1,8% e 14,3% do total das ocorrências (Tabela 2).

Quanto aos resultados dos usos anafóricos e dêiticos, por elementos de referenciação, entre as anáforas apresentam maior frequência as anáforas direta (AD) e encapsuladora (AE), com 278 e 153 ocorrências, respectivamente; e, entre os elementos dêiticos, a *dêixis* memorativa (DM), com 39 ocorrências. Quanto à análise da frequência dos usos, segundo o peso relativo, apresentam resultados significativos a AD (0.89), a AE (0.82), a anáfora metadiscursiva (0.54) e a *dêixis* memorativa (0.53), conforme a Tabela 2.

A Tabela 2 apresenta os índices relativos aos dados por estratégia de referenciação. Segundo o gráfico, apresentam as maiores frequências a anáfora direta (AD) – 46,7% e a anáfora encapsuladora (AE) – 25,7%, caracterizando-se como as funções semânticas como maior volume de ocorrências da forma *essa*, quanto às estratégias de referenciação, cujas características envolvem, para as diretas, um processo de reativação de referentes prévios, por um lado, e, por outro, para as encapsuladoras, rotulam (CONTE, 2003), a partir da interpretação das informações antecedentes.

Tabela 2 - Distribuição dos dados em função das estratégias de referenciação

PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO	ELEMENTOS DE REFERENCIAÇÃO	CÓDIGO	TOTAL DE OCORRÊNCIAS Nº/%		PR ⁴⁷	Nº/%
Anáfora	Anáfora Direta	AD	278	46,7%	0.89	499 / 83,9%
	Anáforas Indiretas	AE	153	25,7%	0.82	
		AM	41	6,9%	0.54	
		AN	15	2,5%	0.30	
		AA	12	2,0%	0.26	
	Catáfora	CT	11	1,8%	0.24	11 / 1,8%
TOTAL DAS OCORRÊNCIAS						(1) 510 / 85,7%
<i>Dêixis</i>		DE	24	4,0%	0.41	(2) 85 / 14,3%
		DM	39	6,6%	0.53	
		DT	22	3,7%	0.39	
TOTAL DE OCORRÊNCIAS (1) + (2)						595 / 100%

Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

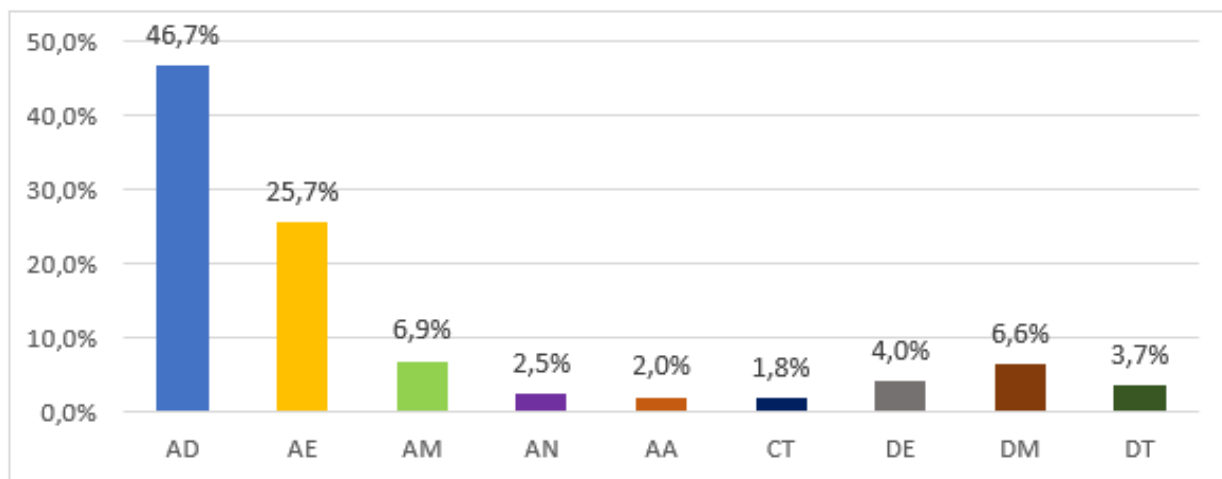
Embora apresentem resultados percentuais divergentes e distantes entre si, as AD e AE não apresentam diferenças significativas, quanto ao peso relativo (0.89/0.82, respectivamente). Apresentando dados significativos, identificamos, também, as anáfora metadiscursiva (0.54) e a

⁴⁷ pr > 0.50

dêixis memorativa (0.53), cujo resultado evidenciou uma tendência significativa dos usos desta categoria.

A anáfora direta reativa um referente lexical prévio, por meio de sinonímia, pronominalização, homonímia, heteronímia; a anáfora encapsuladora abriga um trecho, uma oração ou parte dela, ou mesmo parágrafos em um rótulo, que, instituído cognitivamente, sumariza e interpreta o sentido que os elementos referentes do texto expressam. Para ambos processos de progressão, o local da referenciação é o texto. Para ilustrar os usos predominantes dos usos anafóricos sobre os usos dêíticos, observemos o Gráfico 5.

Gráfico 5 - Frequência das ocorrências da forma *essa* em função das estratégias de referenciação dêíticas e fóricas



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

Em torno dos maiores índices das ocorrências do *essa*, em funções anafóricas direta (46,7%) e encapsuladora (25,7%), orbitam outras funções mais regulares que emergem dos usos para atender necessidades comunicativas específicas que os interlocutores compartilham. Dentre estas, destacam-se a anáfora metadiscursiva (6,9%), *dêixis* memorativa (6,6%) e anáfora associativa (2,0%) que demandam estratégias de identificação mais elaboradas, um maior processamento cognitivo, uma vez que os referentes são ativados e reativados por meio de conhecimentos “situados no texto ou em outros pontos do universo cognitivo” (MARCUSCHI, 2001, p. 252), apontando para seres, objetos ou acontecimentos situados num campo mostrativo imaginário, isto é, evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação (BÜHLER, 1934 *apud* FONSECA, 1989), conforme demonstram os exemplos 74, 75 e 76, respectivamente.

Ex74: E: um exemplo de quem foi seqüestrado que você mataria? I: uma pessoa que foi seqüestrada ... pronto essa Mirian ... essa menininha de cinco anos ... me chocou bastante ... sabe? porque os pais pensavam que ela ainda tava viva ... ia vender tudo ... né? tavam vendendo todas as suas ...

os seus bens pra ... resgatar a menina ... e a menina morta ... e o crime foi bárbaro ... porque ainda mataram e separaram as partes da menina e enterraram em lugares diferentes ...
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 114)

*Ex75: Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) um fenômeno paranormal aí que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa **essas histórias** né ...*
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 41)

*Ex76: um dia ... conversando com uma colega minha da ...da escola de pintura ... eu ... eu disse a ela que eu tinha esse telefone ... e a gente ... a gente se propôs a ir lá ... depois do trabalho ... dar uma passadinha lá no seu Carlos ... chegando lá encontramos um ... uma verdadeira **oficina de ... de ... de quadros** e nos tamanhos que você quisesse ... porque a esposa dele é **pintora** ... uma pintora do Paraná ... dona Marly ... e tem **trabalhos belíssimos** e ele nos apresentou a esposa dele ... e nos deixou à vontade ... e depois eu vim a saber que ele fazia **essas molduras** também ...*
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 43)

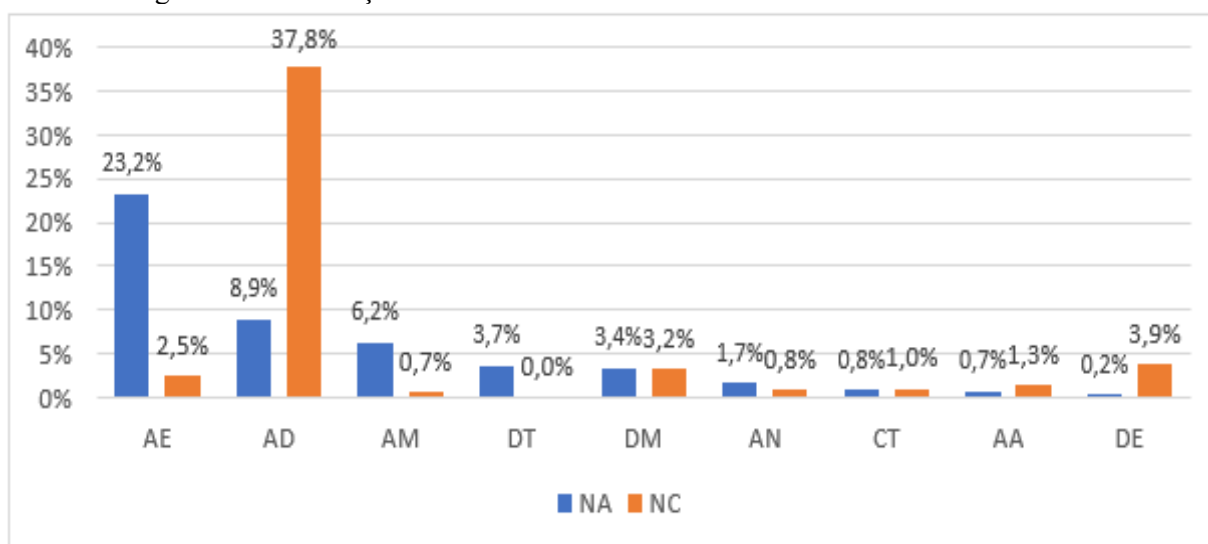
As regularidades de usos da forma *essa* nas funções referenciais de *dêixis* memortiva (6,6%), anáfora metadiscursiva (6,6%), anáfora associativa (2,0%), *dêixis* temporal (3,7%), *dêixis* espacial (4,0%), anáfora por nomeação (2,5%), catáfora (1,8%) só demonstram que as vicissitudes discursivas revelam que entre a AD e a AE existem outras funções semânticas que orbitam e são usadas em funções específicas. É o caso, por exemplo, da *dêixis* memorativa, que, segundo Silva (2018, p. 183), refere-se a “uma entidade (material ou imaterial) “localizada” na memória/lembrança do locutor ou compartilhada por ele e seu interlocutor”, que não possui referentes no texto, aponta para algo, para uma entidade situada na memória, como evidenciado no exemplo 74 (*essa Mirian*).

Em 75, *essas histórias* tem como seu referente todo o processo de enunciação, que por si só evidencia uma atividade que tem cunho abstrato, num processo anafórico metadiscursivo (AM). Em 76, observamos uma anáfora associativa (AA - *essas molduras*); com ela, o informante introduz como conhecido o referente “*molduras*”, que ainda não fora mencionado anteriormente, mas que pode ser recuperado “com base na informação introduzida previamente no universo do discurso, configurada em um outro referente disponível no contexto” (NEVES, 2018, p. 106), no caso, em *oficina de quadros, trabalhos belíssimos, pintora*, que pertencem ao universo semântico das “*molduras*”, servindo de pistas para a identificação do referente.

Numa conjunção dos dados dos usos da forma *essa* em função da natureza do nome no SND com os elementos de referenciação, observa-se, no Gráfico 6, que os nomes concretos ocorrem em maior número (225/37,8%) no SND com anáfora direta (AD) e os nomes abstratos apresentam maior número (138/23,2%) em anáfora encapsuladora (AE). O padrão se repete, embora em menor volume de dados, em outras funções referenciais, pondo em relevo a natureza

da referenciação. Seguindo a mesma tendência das anáforas diretas, estão a DE (23/3,9%), a AA (8/1,3%) e a CT (6/1%), cuja a natureza do nome no SND apresenta predominância de usos na função concreta.

Gráfico 6 – Frequência dos usos da forma demonstrativa *essa* em função da natureza do nome x estratégias de referenciação do SND



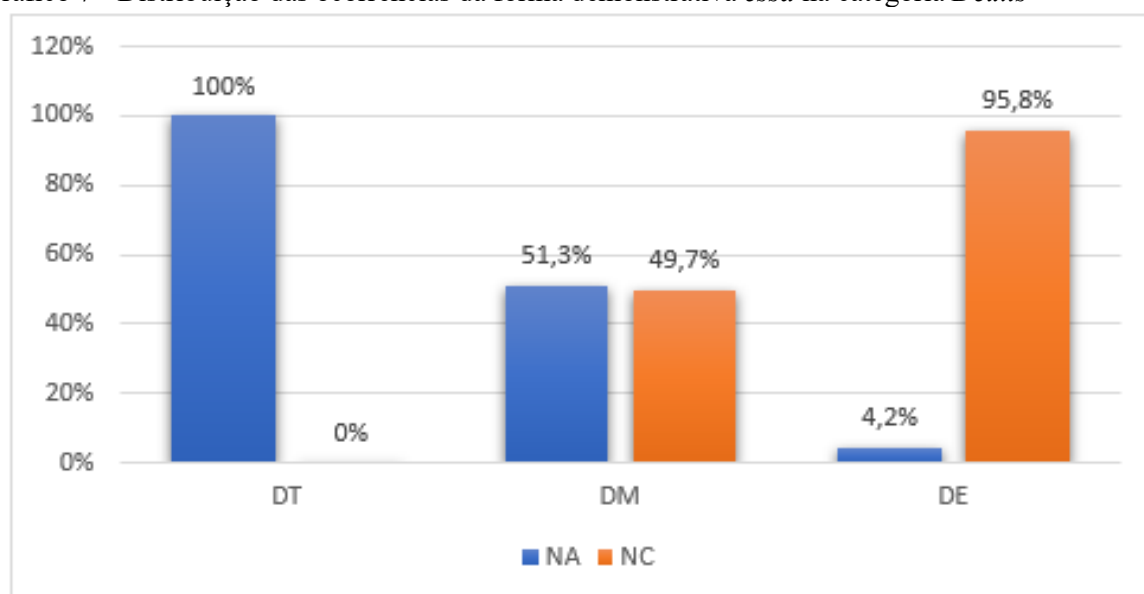
Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

Assim como a encapsuladora (AE), a anáfora metadiscursiva (AM) representa um mecanismo tipificado como ação ou atividade de natureza essencialmente abstrata, porque evoca estruturas cujo foco é “a própria atividade enunciativa”, apresentando 37 (6,2%) as ocorrências na função abstrata. O mesmo ocorre com as 22 ocorrências da *déixis* temporal (3,7%), que possuem nome do SND com designação do tempo, representando 100% dos nomes com natureza abstrata.

Já os resultados relativos aos processos dêiticos espacial (DE), temporal (DT) e memorativo (DM), em relação à natureza semântica do nome no SND, foram diferenciados: com maioria para DE (95,8% para nomes concretos), categórico para DT, com 100% para nomes abstratos, mais equilibrados para DM, com 49,7% para concretos (NC) e 51,3% para abstratos (NA), conforme Gráfico 7. No caso da DM, a natureza dos nomes não produziu efeito, porque que o foco não está na relação semântica dos elementos constituintes do SND, mas no plano de organização dos elementos que ativam e reativam no universo cognitivo, da memória (MARCUSCHI, 2001). O que determina o rótulo DM é a relação entre o referente e os elementos concretos ou abstratos da ativação e reativação no plano da memória.

Quanto aos casos de *dêxis* memorativa, podemos remontar ao conceito postulado por Givón (1992) de acessibilidade referencial, segundo a qual a identificação do referente nominal está relacionada, entre outras estratégias, ao conhecimento discursivo previamente presente na memória do receptor. Neste caso, a retomada do referente torna-se mais difícil para o interlocutor, pois o falante supõe que o ouvinte detém o conhecimento de mundo presente em sua memória, para, assim, estabelecer as relações entre os tópicos, cujas informações o texto não lhe fornece.

Gráfico 7 - Distribuição das ocorrências da forma demonstrativa *essa* na categoria *Dêxis*



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

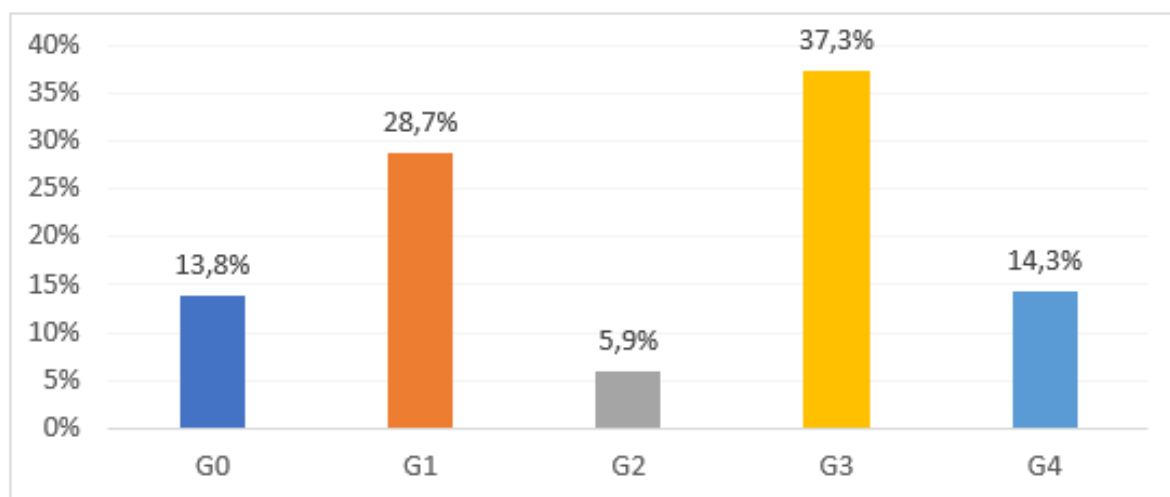
Os resultados das ocorrências da forma demonstrativa *essa*, relativos às funções semânticas, envolvendo a natureza semântica do nome núcleo do SND e o processo de referenciação – *dêxis* e anáfora – revelaram que a forma demonstrativa *essa*:

- a) preserva sua natureza de “apontar”, “mostrar”, “indicar”;
- b) apresenta direcionamento com forte apelo ao *status* locativo;
- c) a natureza abstrata dos nomes no SND tende a predominar nas anáforas indiretas: anáfora encapsuladora, anáfora metadiscursiva, anáfora por nomeação e na *dêxis* temporal, tendendo ao equilíbrio, na *dêxis* memorativa; ao passo que a natureza concreta tende a ser proeminente nas anáforas anáfora direta, anáfora associativa e na *dêxis* espacial. Conclui-se, a partir dos resultados levantados, que a língua manifesta um movimento em que a construção dos sentidos tende a seguir um caminho que vai no sentido do concreto ao abstrato, do objetivo > (inter)subjetivo.

5.4 Fatores estruturais: os graus de distanciamento do SND/Referente

Com base na descrição dos critérios e parâmetros de prototipicidade, na seção 3.3, o Gráfico 8 apresenta os resultados das ocorrências quanto ao grau de distanciamento do SND e seu referente, evidenciando os graus de distanciamento do SND e seu referente, numa escala crescente de G0 a G4 (em G0, o SND e o referente coocorrem na mesma frase; em G1, o referente ocorre na frase imediatamente anterior à oração do SND; em G2, na segunda oração anterior da oração do SND; em G3, o SND distante do seu referente três ou mais orações; em G4, referentes em processos de referenciação dêitica espacial, temporal e memorativa, cujo referente só pode ser identificado e compartilhado pelo interlocutor no contexto situacional de comunicação e na memória).

Gráfico 8 - Frequência dos usos da forma demonstrativa *essa* em função do grau de distanciamento do SND e seu referente



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

De acordo com os resultados, o grau de distanciamento do SND e seu referente predominantemente mais frequente é o G3, com 37,3% das ocorrências; seguido do grau G1, com 28,7% das ocorrências. Numa posição intermediária, encontra-se os usos do *essa* no nível G4 de distanciamento do referente (13,6% das ocorrências).

De acordo com o subprincípio da integração, os “conteúdos mais cognitivamente próximos também estarão mais integrados no nível de codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA, COSTA e CEZÁRIO, 2015, p. 24). Nesse sentido, espera-se que, quanto mais próximo o SND estiver de seu referente, mais facilmente a identificação e as relações mostrativas serão cognitivamente processadas, por meio de anáforas diretas (correferenciais), com SND com menor número de constituintes, na função

morfossintática, o que se confirma pela alta frequência de dados, nos resultados relativos ao tipo SND *ESSA X*, às anáforas diretas, à função adjetiva, no conjunto dos atributos de cada função. Vejamos o exemplo 77.

Ex77: então o seu trabalho ... tudo aquilo que lhe foi dado como dom divino ... porque ninguém é nada a troco de nada ... a gente sempre tem é ... essa ... essa coisa que vem por trás de cada indivíduo ... dessa força SUPERIOR que faz com que você se direcione pra determinado objetivo ... então ... o espiritismo ... eu sou mais tendenciosa a ele por isso ... porque ele me mostra ... me mostra é ... as explicações que eu questiono ... como é o caso dessas diferenças de classes ... essas coisas que a gente vê aí nesse dia-a-dia ... que a gente encontra por aí né ... é ... porque as coisas são assim ... porque as pessoas são assim ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 23)

O exemplo 77 apresenta um caso típico do subprincípio da ordenação (ou proximidade), com grau de distanciamento G4 e função dêitica memorativa. Sendo assim, quanto maior o grau de distanciamento do SND e seu referente, mais complexa é a estrutura do SND para identificar e apontar os elementos referenciais. A maior complexidade de estrutura *ESSA X (Z)* – essas coisas que a gente vê aí nesse dia-a-dia – resulta em um maior processamento cognitivo para identificação e relação entre o SND e o referente. Além disso, o SND tem como núcleo um substantivo (*coisas*) esvaziado de sentido, o que demanda do interlocutor maior esforço no processo de identificação do referente. Por outro lado, quanto mais próximos, SND e referente, menos complexos são estruturalmente, como ilustra o exemplo 78.

*Ex78: Pelotas é uma cidade quase do tamanho de Natal ... linda ... linda ... linda ... linda ... sim ... tem uma reserva ecológica linda ... **Reserva do Taim** ... no percurso entre Pelotas e Rio Grande ... essa reserva é ... é a coisa mais linda que eu já vi assim ... é um ... é ... é tudo plano*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 42)

Em 78, a expressão *essa reserva* retoma a *Reserva do Taim*, que dista uma oração do SND. Devido à proximidade entre o SND e seu referente, com grau de distanciamento G1, o nível de complexidade estrutural do SND é menor, bem como, o processamento de identificação e referenciação. A Tabela 3 apresenta como predominantes os usos com graus de distanciamento G3 (0.69) e G1 (0.63), sendo, respectivamente, o referente mais distante e mais próximo do SND, representando os extremos de grau de distanciamento dos usos anafóricos da forma demonstrativa *essa*. No entanto, se considerarmos os dados dos graus de maior proximidade do SND ao referente – G0 (82) e G1(171) – a saber, aqueles em que o referente se encontrar na mesma oração de SND e na oração imediatamente anterior a do SND, respectivamente, verificamos que a soma da frequência destes graus (253) supera a do G3 (222).

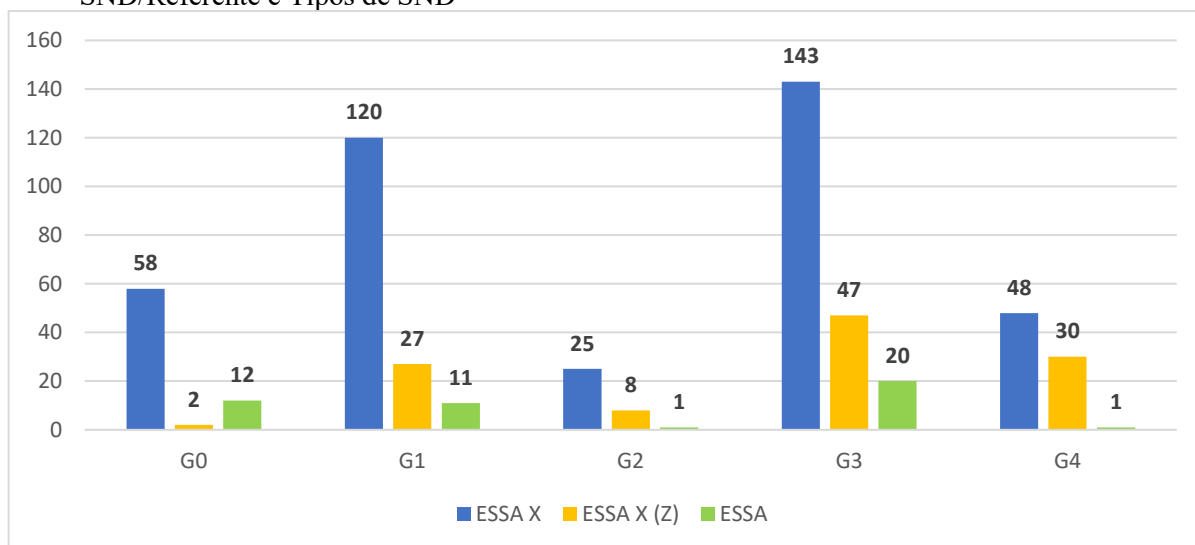
Tabela 3 – Distribuição das ocorrências quanto ao grau de distanciamento do SND e seu referente

Grau de distanciamento	Ocorrências nº / %		PR ⁴⁸
G0	82	13,8%	0.45
G1	171	28,7%	0.63
G2	35	5,9%	0.26
G3	222	37,3%	0.69
G4	85	14,3%	0.46
Total de Ocorrências	595	100%	1.00

Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus* D&G Natal/1998.

Ao relacionarmos os dados do grau de distanciamento SND/Referente com os tipos de SND, observamos, de acordo com o Gráfico 9, que os maiores índices se concentram no tipo ESSA X, ESSA X (Z) (função adjetiva) e ESSA (função substantiva), respectivamente, com os graus de distanciamento G3 (143 ocorrências) e G1 (120 ocorrências).

Gráfico 9 - Frequência dos usos do *essa* na conjunção dos parâmetros Grau de distanciamento SND/Referente e Tipos de SND



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus* D&G Natal/1998.

Considerando os processos de referência, relacionamos os dados dos graus de distanciamento SND/Referente com as estratégias de referência, no Gráfico 9.

Os dados apresentados em destaque, no Gráfico 9, mostram os maiores índices das AD e AE, numa conjunção com os graus de distanciamento SND/Referente.

Os dados expostos no Gráfico 10 contrariam as conclusões apresentadas por Leitão e Simões (2011, p. 266), principalmente, quanto à predominância dos resultados no G3, maior

⁴⁸ PR = Peso Relativo ($p > 0.50$)

distância entre anáfora e referente, considerando que os autores, com base em Almor (1999 *apud* LEITÃO; SIMÕES, 2011), assumem que a distância que se estabelece entre uma maior quantidade de material linguístico referente e sua anáfora dificulta o processo de retomada da anáfora, porque

a memória de trabalho tem uma capacidade limitada de armazenamento e processamento de informação. Assim, existe uma relação entre custo de processamento anafórico e limitação da memória de trabalho, ou seja, grandes quantidades de material linguístico separando o antecedente da retomada anafórica teriam como consequência um esvaecimento da representação do referente, já que a memória de trabalho é limitada. (LEITÃO; SIMÕES, 2011, p. 266)

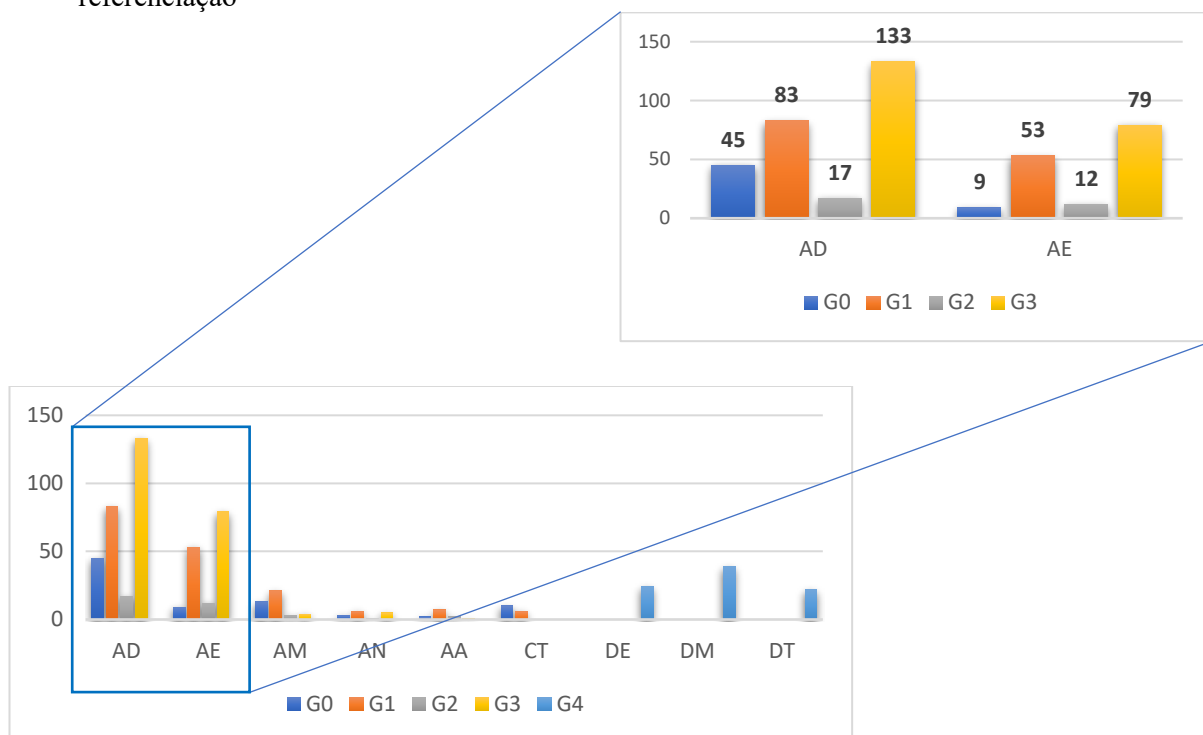
Neste ponto, com relação aos altos índices (143 ocorrências) dos usos do *essa* com grau de distanciamento G3, cabe observar as considerações de Givón (1992 *apud* FREITAS 2008), a respeito da relação do antecedente tópico com o SN definido:

o antecedente do tópico codificado como SN DEF tanto pode estar no próprio texto, como pode ser de origem situacional ou cultural. Em outras palavras, a relação entre o SN DEF e o seu antecedente pode ser estabelecida através do contexto em que se insere o texto ou pelo conhecimento cultural, ambos compartilhados pelo emissor e pelo receptor. (p. 45)

Este tema será melhor desenvolvido mais adiante, na correlação dos dados dos usos do *essa* em função do grau de distanciamento SND/Referente e os gêneros textuais.

A despeito dos resultados alcançados neste estudo, referendamos a ideia de que a distância entre a anáfora e seu referente pode facilitar ou dificultar o processo de retomada anafórica, levando-se em conta as limitações de armazenamento e processamento de informação da memória, tendo em mente que o uso da correferencialidade com referente e retomada próximos seja predominante com vista a facilitar a compreensão do processo de referencialidade. No entanto, vale ressaltar que o experimento da pesquisa de Leitão e Simões (2011) foi executado, de acordo com a abordagem teórica escolhida, numa situação artificial da leitura de sentenças ‘automonitorada’ “em que constavam distâncias curtas, médias e longas, separando o antecedente da expressão anafórica” (p. 262), por isso, deve-se considerar outros fatores que possam influenciar usos de língua diferenciados.

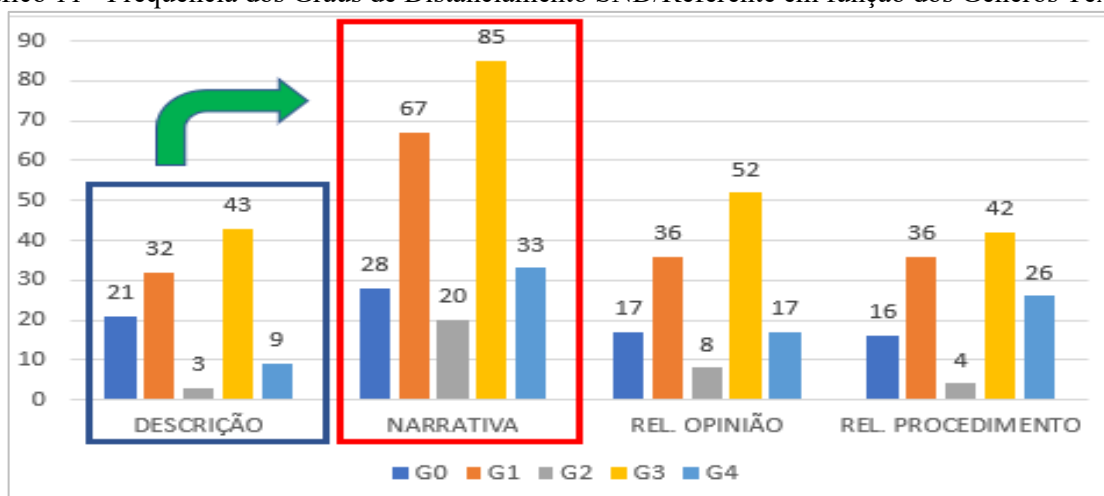
Gráfico 10 - Frequência dos dados dos graus de distanciamento SND/Referente e estratégias de referenciação



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

De acordo com o Gráfico 11, os maiores índices dos graus de distanciamento SND/Referente concentram-se em textos narrativos, com destaque aos graus G3(85) e G1(67), cuja distribuição nos demais gêneros é proporcionalmente semelhante, ou seja, maior número de ocorrências no G3, seguido do G1.

Gráfico 11 - Frequência dos Graus de Distanciamento SND/Referente em função dos Gêneros Textuais



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Se considerarmos que, tanto na narrativa, quanto na descrição, os demonstrativos

orientam a enunciação para os interlocutores situarem-se no espaço, no tempo e no discurso, e que, em ambos gêneros encontramos descrição e narração (BONINI, 2005), conforme destacados no Gráfico 10, os dados relativos à descrição (108/18% das ocorrências) e à narrativa (233/39%) somam um total de 341 ocorrências, compreendendo 57% do total de ocorrências da forma *essa* nos gêneros narrativo-descritivos, das quais 99 e 128 ocorrências correspondem aos graus de distanciamento G1 e G3, respectivamente.

O nosso estudo tem como *corpus* a produção de textos orais e escrito em situações reais de uso. Assim, quanto aos resultados relativos ao grau G3, que apresentou a maior frequência de usos (235/39,5% das ocorrências), contrariando ao que concluem Leitão e Simões (2011), levantamos algumas considerações que justificam tais usos:

1. A explicação do distanciamento do SND do referente pode estar intimamente relacionada aos tipos de SND, ao tipo de referenciação envolvida e ao processamento da informação textual;
2. De acordo com o tema abordado no gênero escolhido, o SN referente que apresenta nomes ligados à temática do texto tende a se repetir ao longo do texto, o que favorece a configuração do SND mais simples do tipo *ESSA X* e o uso de anáforas diretas (correferenciais), nos casos de SND no tipo G3 de distanciamento, como no exemplo 75;
3. O distanciamento por emprego de processos dêiticos pode produzir estruturas de SND mais complexas que ensejam informações novas, a partir, por exemplo, da inserção de locuções e/ou orações adjetivas, conforme os exemplos 79 e 80.

Ex79: aí ... eles ficaram ... foi pra uma loja comprar roupas ... agora eu tô me lembrando ... ela tinha as roupas muito extravagante e tudo ... (...) aí ele viu e disse que num dava certo aquelas roupa ... aí deu um dinheiro sabe? pra ela ir nessa loja ... inclusive nessa loja que ela foi comprar as roupas chiques ... ela chegou toda mal trajada ... que ela num tinha roupa né? aí ela começou a olhar ... e as vendedora tudo de olho pensando que ela ia roubar ... e ela só escolhendo ... parece que foi assim ... ou então ela olhou ... olhou ... e não comprou nessa loja ... foi noutra e passou na frente delas ... na frente das vendedora

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 112)

*Ex80: lá na ... na faculdade mesmo ... onde eu tenho meus amigos lá e tudo ... é a **UNIPEC** ... são é ... é **composto de três prédios** quatro prédios ... sendo que três é num local e outro é ... um fora do ... do ... do local aonde a gente estuda né ... **o primeiro prédio** ... o primeiro prédio um ... chamado prédio um é o prédio velho ... (...) aí tem **o prédio dois** ... o térreo do prédio dois ... que lá se encontra do lado direito ... assim que você entra assim ... tem uma ... tem um trailerzinho com sorvete ...(...) embaixo do **prédio três** ... tem uma porta é:: da biblioteca ... dá acesso à biblioteca ... depois mais pro lado esquerdo tem um ... tem é o auditório ... ao lado também tem o ... a sala dos professores ...(...) a UNIPEC funciona em ... em três unidades ... uma é **essa que eu falei que é composta de três prédios** ... a outra é funciona no ... no ... na parte no noturno ... no Ferro Cardoso ... o colégio Ferro Cardoso ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 09)

O excerto retirado do *corpus* escolhido, identificado no exemplo 79, faz parte de uma narrativa recontada (no caso, do filme “Um bela Mulher”). Nesta parte da narração, o informante relata a cena em que a personagem entra em uma loja para comprar roupas. Assim, é natural encontrar repetidos termos como *loja*, *roupas*, *vendedor(a)*, entre outros. Nessa perspectiva, justifica-se o processo de retomada por anáfora direta, com distanciamento grau G3, com SND na forma mais simples – *ESSA X*, pela retomada de nomes ligados à temática textual, que são preservados na memória dos interlocutores.

Em 80, a anáfora direta – *essa que eu falei que é composta de três prédios ...* – retoma um referente no grau de distanciamento 03, o que presumivelmente dificultaria a solução anafórica. Devido ao fato de estar distante do referente, a anáfora introduz o referente como informação nova, por meio do acréscimo de uma oração adjetiva – *que eu falei que é composta de três prédios* – com o propósito de levar o interlocutor a rememorar o referente. Em suma, o SN referente, com distanciamento no grau G3, é retomado, via anáfora direta, por uma estrutura de SND mais complexa, introduzindo uma informação nova.

Quanto aos resultados predominantes dos usos do *essa* em contexto linguístico de maior grau de distanciamento (G3), que aparentemente contrariam o princípio de integração, a acessibilidade de sintagmas nominais definidos topicalizados, em contexto de alta distância referencial, ocorre por meio de três vias: “a situação imediata de fala, o conhecimento compartilhado por membros do mesmo grupo linguístico-cultural ou através da informação fornecida pelo próprio texto” (GIVÓN, 1995 *apud* FREITAS, 2008, p. 43). A questão posta é a cognitiva, ou seja, a acessibilidade mental e ativação mental do referente em relação ao elemento anafórico no texto. Até que ponto (distância), o referente está acessível cognitivamente ao ouvinte/leitor numa situação no processo de retomada? E o que mantém essa assecibilidade?

Em casos dos usos do *essa*, em texto narrativos orais, em que se configura uma maior distância do SND e seu referente, geralmente, um referente importante que se apresenta como tópico permanece ativado no discurso, sendo, por isso, mais facilmente recuperado cognitivamente (GIVÓN, 1995). É o que ocorre no exemplo 81.

*Ex81 a ... era uma história de uma família ... que ia passar um tempo ... num sei ... ia sair da cidade né ... dos Estados Unidos e ia passar um tempo no interior ... numa cidadezinha ... que a ... tipo ... tipo um povoado né ... [...] aí ... **essa família** né ... **essa família** ... gostou do local e ... no final de semana ... final de semana não ... todo dia ... eles tavam de férias lá ...*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 04)

O exemplo 78 foi retirado de uma narrativa oral, que conta a história de uma *família*, em torno da qual se desenvolve a narrativa. Neste caso, *família* vem a ser o referente tópico, que permanece ativado no discurso, e, quando é recuperado pelo SND *essa família*, num grau de distanciamento G3 (alta distância), não traz ao ouvinte dificuldade de recuperá-lo cognitivamente, uma vez que se mantém vivo em sua memória.

5.5 Contexto de produção dos usos da forma demonstrativa *essa*

Como já descritos no capítulo 3 (seção 3.5), os contextos de produção aqui elencados dizem respeito a aspectos da produção discursiva que, de maneira significativa, apresentam influência sobre os usos da forma demonstrativa *essa*, ajudando a compreender como funciona a prototipicidade do *essa*, de acordo com os parâmetros morfossintáticos, semânticos, pragmáticos e estruturais. A partir da conjunção dos dados dos parâmetros de prototipicidade com os contextos de produção, podemos elucidar dúvidas e encontrar respostas às perguntas de pesquisa.

Na Tabela 4, apresentamos os resultados dos usos da forma demonstrativa *essa*, relativos aos seguintes contextos de produção: modalidade de uso da Língua – oral e escrita e gêneros textuais.

Tabela 4 – Frequência dos usos da forma demonstrativa *essa* em função dos contextos de produção

MODALIDADE DE LÍNGUA	%	PR
Oral	91	0.76
Escrita	9	0.24
GÊNEROS TEXTUAIS	%	PR
Narrativa	39,2	0.62
Relato de Opinião	21,8	0.48
Relato de Procedimento	20,8	0.47
Descrição	18,2	0.43

Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do Corpus D&G Natal/1998.

De acordo com os resultados, os maiores índices de dados referem-se aos usos da forma *essa* em textos narrativos orais. A modalidade oral apresentou 91% (0.76) das ocorrências, e a modalidade escrita, 9% (0.24) das ocorrências, confirmando as análises anteriores de que as formas *esse(a)(s)* ocorrem predominantemente em textos orais (AZEREDO, 2012).

Quanto aos usos da forma *essa* em função dos gêneros textuais, os textos narrativos com 39,2% (0.62) das ocorrências; os usos em relatos de opinião, com 21,8% (0.48) das ocorrências

e em relatos de procedimento, com 20.8% (0.47) das ocorrências; em textos descritivos, com 18,2% (0.43).

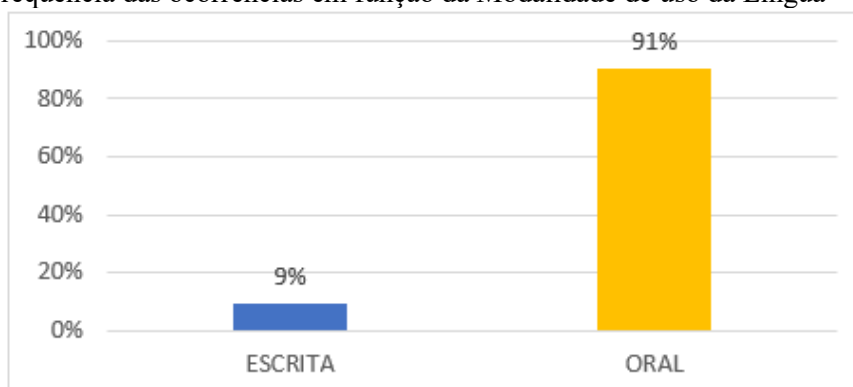
Os resultados favorecendo a predominância dos usos do *essa* em textos narrativos são respaldados pelo que afirmam Zubin e Hewitt (1995), os quais ressaltam que a narrativa constitui um sistema de representação organizado, no qual os leitores constroem um centro dêitico (CD), em que linguagem do texto e conhecimento de mundo se combinam. Nessa construção do CD, os leitores levantam as informações sobre os participantes, o lugar e o tempo dos eventos que ocorrem na narrativa. Conforme observado por Bonini (2005), a descrição não possui autonomia textual e caracteriza-se por ocorrer como parte da sequência narrativa.

5.5.1 Usos da forma demonstrativa *essa* em função da Modalidade da Língua

Antes de registrar os resultados dos usos da forma demonstrativa *essa* quanto à modalidade de uso, é importante considerar que as modalidades oral e escrita tanto apresentam diversidade, como comportamentos distintos e específicos de usos das formas demonstrativas, ou seja, “cada uma dessas práticas discursivas tem suas particularidades, algumas das quais exclusivas (como por exemplo, gestos, expressões faciais e outras, na oralidade), por conta do processo de produção, mas que não chegam a distingui-las, posto que não são estanques” (BOTELHO, 2003, p. s/p).

De acordo com os resultados, o contexto de produção referente à modalidade oral apresentou predominância de usos da forma demonstrativa, com 91% das ocorrências, contra 9% das ocorrências para os usos na modalidade escrita, conforme o Gráfico 12. Além disso, os resultados corroboram as análises anteriores de que as formas *esse(a)(s)* ocorrem predominantemente em textos orais (AZEREDO, 2012; BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2001).

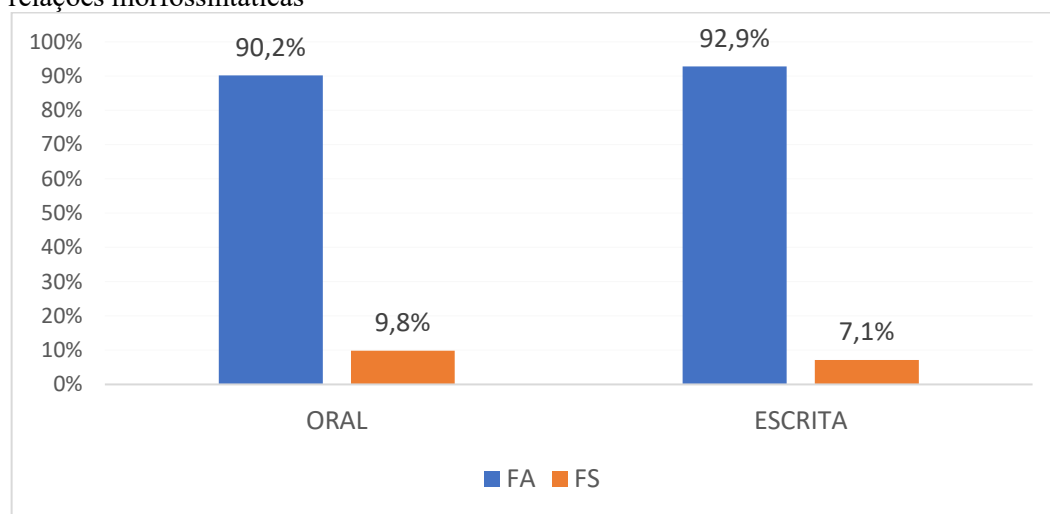
Gráfico 12 - Frequência das ocorrências em função da Modalidade de uso da Língua



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Numa conjunção com as relações morfossintáticas, a modalidade oral revela a predominância da função adjetiva nos usos da forma *essa*, compreendendo 90,2% e 92,2% das ocorrências em textos orais e escritos, respectivamente, conforme o Gráfico 13. Neste caso, os usos da forma *essa* na função adjetiva, tanto na modalidade oral como na escrita, confirmam a hipótese levantada na introdução desta tese, de que o demonstrativo estabelece junto ao substantivo uma relação de proximidade e referencialidade dentro da sentença.

Gráfico 13 – Frequência dos usos da forma *essa* na modalidade de língua, numa conjunção com as relações morfossintáticas

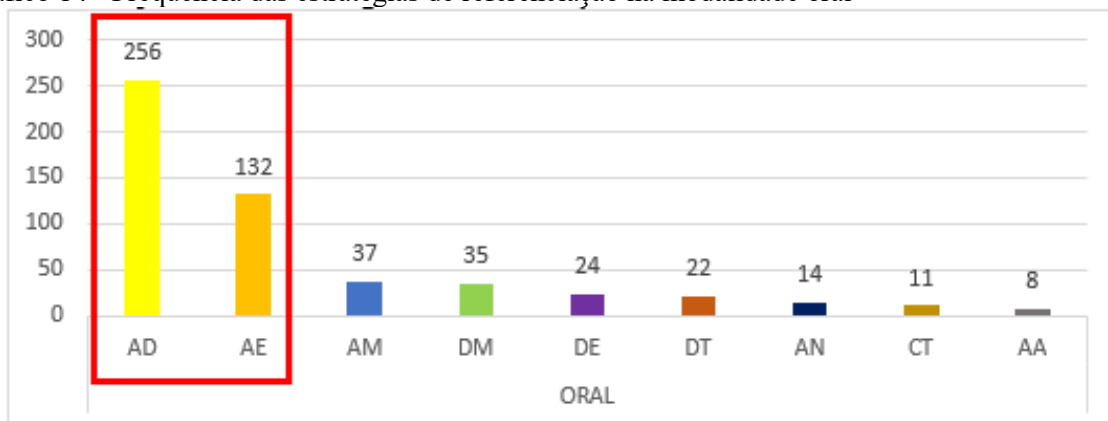


Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

No entanto, convém considerar, nas palavras de Botelho (2003), que “cada uma dessas práticas discursivas tem suas particularidades, algumas das quais exclusivas (como por exemplo, gestos, expressões faciais e outras, na oralidade), por conta do processo de produção, mas que não chegam a distingui-las, posto que não são estanques”.

Os resultados predominantes de 91% das ocorrências da forma demonstrativa *essa*, na modalidade oral, no Gráfico 12, revelam que, devido a uma sistematicidade própria, marcada por repetições, pausas, hesitações, a modalidade oral favorece a uma variedade ampla de usos da forma *essa*, cujo processo de retomada anafórico é heterogêneo, pois nem sempre o referente encontra-se acessível ou próximo do elemento anafórico. Embora não exista uma distinção estanque entre as modalidades oral e escrita, os resultados evidenciam maior diversidade de usos da forma demonstrativa *essa*, em conjunção com as estratégias de referenciação, como demonstram os Gráficos 14 e 15.

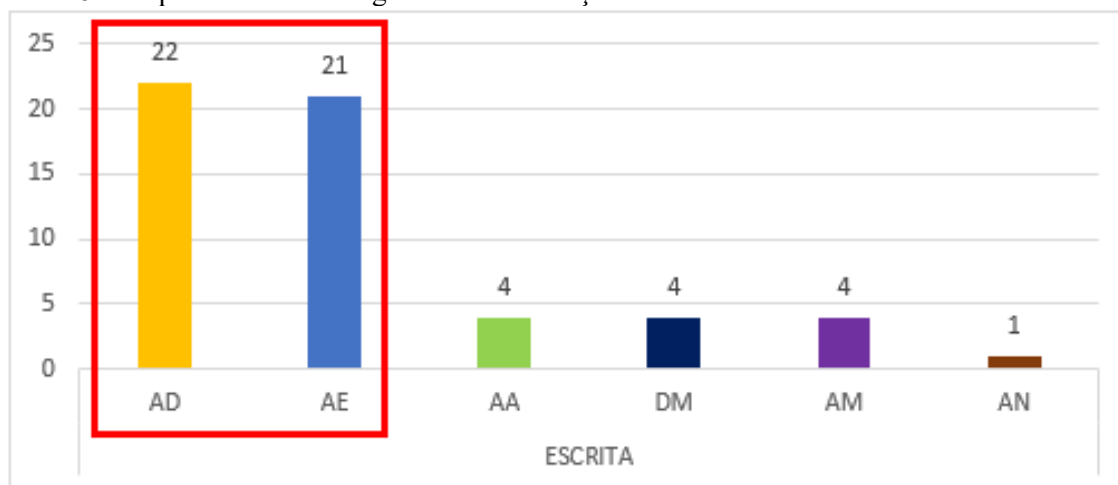
Gráfico 14 - Frequência das estratégias de referenciação na modalidade oral



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

No tocante à modalidade escrita, os resultados apontam a predominância dos usos da forma *essa* nos processos de referenciação de anáforas direta e encapsuladora, conforme observamos Gráfico 15.

Gráfico 15 -Frequência das estratégias de referenciação na modalidade escrita



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Para compreender os usos da forma *essa*, na modalidade escrita, vejamos os exemplos 82 e 83.

Ex82: *A cidade de Espirito Santo está localizada entre Goianinha e Várzea, e ambas próximo a Natal. Nessa cidade temos diversos pontos turísticos, um deles é uma pequena cachoeira e uma barragem da qual a cidade é abastecida.*

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 37)

Ex83: *Minha mãe às vezes pergunta muito sobre o que eu faço e o que eu deixo de fazer e realmente eu não gosto dessas coisas.*

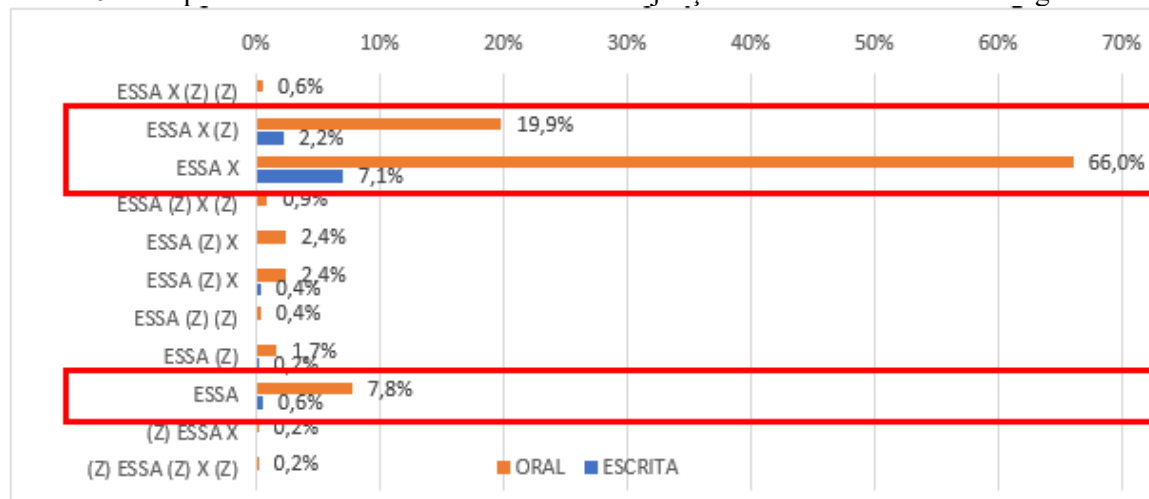
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p. 124)

Inseridos num texto escrito, os excertos transcritos nos exemplos 82 e 83 caracterizam-se por apresentar SND – (n)essa cidade e (d)essas coisas – cujos nomes recuperam um referente por meio de anáfora direta e encapsuladora, respectivamente, compreendendo juntas 44 (83%) do total de 53 ocorrências nesta modalidade. O exemplo 82 fornece um padrão de remissão correferencial (AD), possui distanciamento do referente no grau G1, o que torna mais fácil a identificação do elemento referente. Este tipo de ocorrência, representam 36% das ocorrências na modalidade escrita.

Em 83, o SND *dessas coisas* apresenta referência identificável no interior da frase da qual faz parte, por meio da anáfora encapsuladora, que representa 47% (25) das ocorrências da 53, relativas à modalidade escrita, confirmando-se as conclusões de Botelho (2003), segundo as quais, os dêiticos mantêm “marcas [linguísticas] mais vinculadas com o nome substituto” quando, em textos escritos, evocam elementos referenciais mais comuns de serem encontrados.

Quanto aos dados relativos aos usos do *essa* em contexto de modalidade de língua, considerando os tipos de sintagma nominal demonstrativo, predominam os tipos com um menor número de elementos (ESSA X – 66%; ESSA X(Z) – 19,9%; ESSA – 7,8%), como apontados no Gráfico 16. Os índices baixos estão relacionados aos TSN com maior quantidade de elementos constituintes (com por exemplo, ESSA X (Z) (Z) – 0,6%; (Z) ESSA (Z) X (Z)).

Gráfico 16 – Frequência de usos da forma *essa* numa conjunção entre a modalidade de língua e o TSN



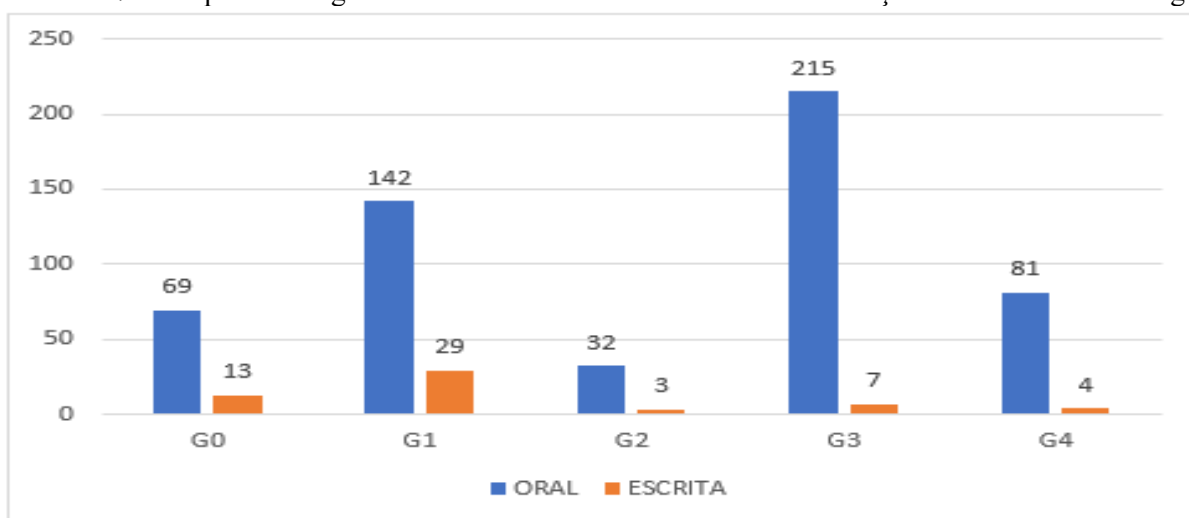
Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Os altos índices de usos da forma *essa* corroboram as análises anteriores de que as formas *esse(a)(s)* ocorrem predominantemente em textos orais. No entanto, convém considerar, nas palavras de Botelho (2003, s/p), que “cada uma dessas práticas discursivas tem suas particularidades, algumas das quais exclusivas (como por exemplo, gestos, expressões faciais

e outras, na oralidade), por conta do processo de produção, mas que não chegam a distingui-las, posto que não são estanques”.

Relacionados ao grau de distanciamento do SND/Referente, os resultados da modalidade de língua mostraram predominância da modalidade oral em todos os graus de distanciamento, com maiores índices nos graus G1 (142 ocorrências) e G3 (215 ocorrências) de distanciamento SND/Referente, conforme aponta o Gráfico 17.

Gráfico 17 – Frequência do grau de distanciamento SND/Referente em função da modalidade de língua



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Ao analisar os resultados dos parâmetros estabelecidos para a análise dos dados de pesquisa em conjunção com a modalidade de língua, observamos que todos os resultados apontam para a predominância dos usos da forma *essa* na modalidade oral. As funções (+)prototípicas apresentam frequência de uso do *essa* predominante na modalidade oral, conforme registram os Gráficos 13, 14, 16 e 17. Estes resultados corroboram as conclusões já constadas em Cid, Costa e Oliveira (1986); Mattoso Câmara Jr (2004[1974]); Bechara 2009 e Azeredo (2012), reforçando que a distinção de usos *este/esse (esta/essa)* não é tão clara, tendendo aos usos de formas compostas do tipo *esse(a) aqui/esse(a) aí* (e flexões).

Os resultados relativos à conjunção dos contextos de produção – modalidade de língua e gêneros textuais – com os parâmetros *natureza do nome* e *processos de referência* (anáfora direta e encapsuladora), registrados nas Tabelas 5 e 6, e nos Gráficos 18, 19 e 20, mostraram que a forma demonstrativa *essa* manifesta predominância de usos em textos narrativos orais, embora pontualize-se que os dados relativos aos demais gêneros textuais apresentaram predominância de usos do *essa* na modalidade oral para ambas anáforas.

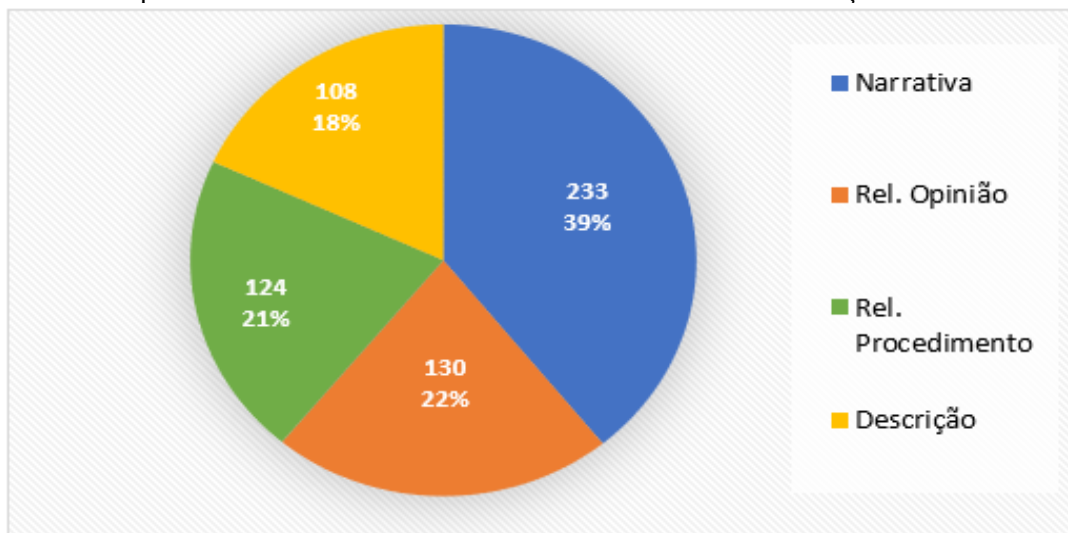
5.5.2 Usos da forma demonstrativa *essa* em função dos Gêneros Textuais

Os resultados, referentes aos usos da forma *essa* em função dos gêneros textuais, revelaram uma predominância de usos do *essa* em textos narrativos, com 233 (39%) ocorrências, conforme o Gráfico 18.

A elevada frequência das ocorrências no gênero narrativo aponta ao fato de que as formas demonstrativas organizam a narrativa e orientam os leitores, reunindo e mantendo as informações temporais, espaciais e de personagem, além do que “uma narrativa geralmente se desdobra em um lugar e um tempo de cada vez. Essa localização espaço-temporal funciona como parte do centro dêitico da narrativa. É o “aqui” e o “agora” do “olho da mente” do leitor no mundo da história (DUCHAM; BRUDER; HEWITT, 1995).

Admitindo que, tanto na narrativa, quanto na descrição, os demonstrativos orientam a enunciação para os interlocutores situarem-se no espaço, no tempo e no discurso, consideramos os dados relativos à descrição (108/18% das ocorrências) como complementares aos da narrativa (233/39%), compreendendo um total de 341 ocorrências (57%) da forma *essa* nos gêneros narrativo-descritivos (Gráfico 18).

Gráfico 18 - Frequência das ocorrências da forma demonstrativa *essa* em função dos Gêneros Textuais



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Os dados referentes aos relatos de procedimento (de cunho instrucional) e os de opinião somam 254 ocorrências, compreendendo 43% do total das ocorrências. Em termos percentuais, os resultados são aproximados: os relatos de opinião, 22%; e os relatos de procedimento, 21%, de acordo com o Gráfico 18. Em relatos de procedimento, reforçam-se os atos diretivos, que expressam as intenções dos interlocutores,” (FERREIRA; GUIMARÃES, 2016, p. 375), que

dimensionam diferentes traços discursivos, revelando seus posicionamentos. Já em textos opinativos, o fator convencimento leva o autor de um texto a convencer seu leitor sobre determinado ponto de vista, construindo textos opinativos, “por meio dos rótulos avaliativos, expressões genéricas, opiniões, declarações, hipóteses, argumentos etc.”, que facilita, por exemplo o emprego de SND, com anáforas encapsuladoras” (BERTUCCI, 2006, p. 218 e 219).

A Tabela 5 destaca os maiores índices para os usos do *essa* na modalidade oral, em função dos gêneros textuais, em comparação com dados dos usos na modalidade escrita (descrição – 16,3%; relatos de opinião – 18,8%; relatos de procedimento – 20,2%).

Tabela 5 – Frequência dos usos da forma *essa* em função dos Gêneros Textuais em conjunção com a Modalidade de Língua

Modalidade de língua / Gênero Textual	Oral			Escrita		
	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Narrativa	210	35,3	0.84	23	3,9	0.37
Relato de Opinião	112	18,8	0.74	18	3,0	0.32
Relato de Procedimento	120	20,2	0.76	4	0,7	0.09
Descrição	97	16,3	0.72	11	1,8	0.32

Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus* D&G Natal/1998.

Numa conjunção entre o uso do *essa* segundo o gênero textual e a modalidade de uso da língua, observamos que os resultados relativos aos gêneros textuais se mantêm, com predominância do gênero narrativo com 210 ocorrências (35,5%). Ainda, de acordo com a Tabela 5, os resultados relativos aos usos da forma *essa* apresentam os maiores índices em todos os gêneros na modalidade oral, com predominância nos textos narrativos (0.84), corroborando com os resultados alcançados em pesquisas desenvolvidas por Mattoso Câmara Jr. (2004[1972]) e Cid, Costa e Oliveira (1986), os quais observaram o predomínio dos usos da forma *esse*, na fala de cariocas, em períodos distintos.

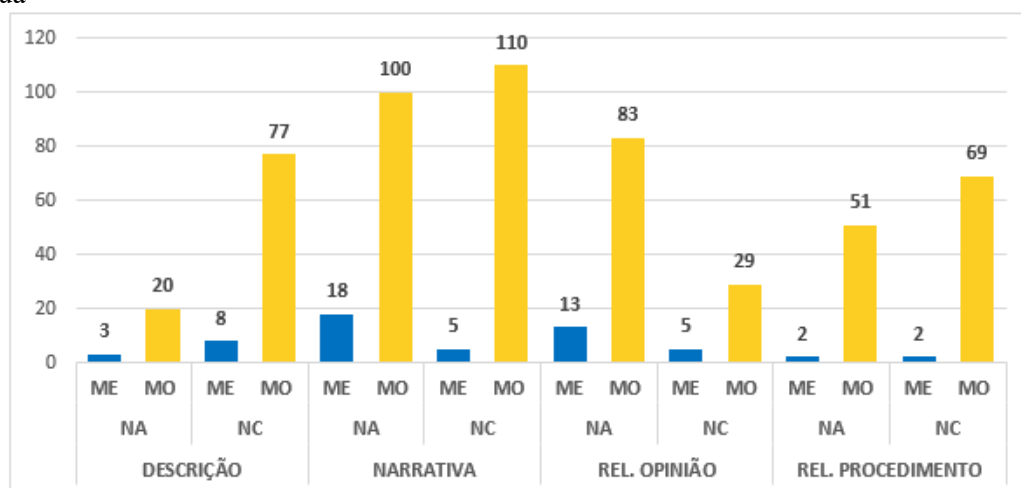
Observando os índices majoritários de usos da forma *essa* em textos narrativos, descritivos, de relatos de opinião e de procedimento, na modalidade oral, corroboramos com o que afirma Azeredo (2012), segundo o qual, o uso das formas *este(a)/esse(a)* é preservado na língua escrita, ao passo que, na fala, não existe a distinção clara desta oposição, que tende a ser substituída por formas compostas: *esse(a) aqui/esse(a) aí*” (e flexões).

A título de comparação, observamos, no *Corpus* D&G/Natal (1998) aqui analisado, que 3,3% dos dados de usos da forma *esta* ocorreram na modalidade oral e 96,7% ocorreram na modalidade escrita; e os dados relativos aos usos do *essa*, na modalidade oral, correspondem a

9% e, na modalidade escrita, 91%, corroborando com os resultados alcançados por Cid, Costa e Oliveira (1986) e Mattoso Câmara Jr (2004[1974]).

Conforme demonstra o Gráfico 18, a correlação dos dados entre a função, relativa à natureza semântica do nome (NC – concreta; NA – abstrata), e os gêneros textuais em que a forma *essa* se encontra, associados à modalidade de língua (MO – modalidade oral; ME – modalidade escrita), aponta a predominância dos nomes concretos, relacionados à forma *essa* em textos narrativos orais (110 ocorrências). Além disso, verifica-se que não há diferença significativa entre os dados concretos e abstratos em relação ao gêneros textuais, com tendência clara dos usos da forma *essa* em textos narrativos. Observe-se, porém, que, em todos os gêneros textuais e nas funções concretas e abstratas do nome, os usos do *essa* predominam em contextos de modalidade oral.

Gráfico 19 – Correlação de dados entre a natureza semântica do nome, gêneros textuais e modalidade de língua

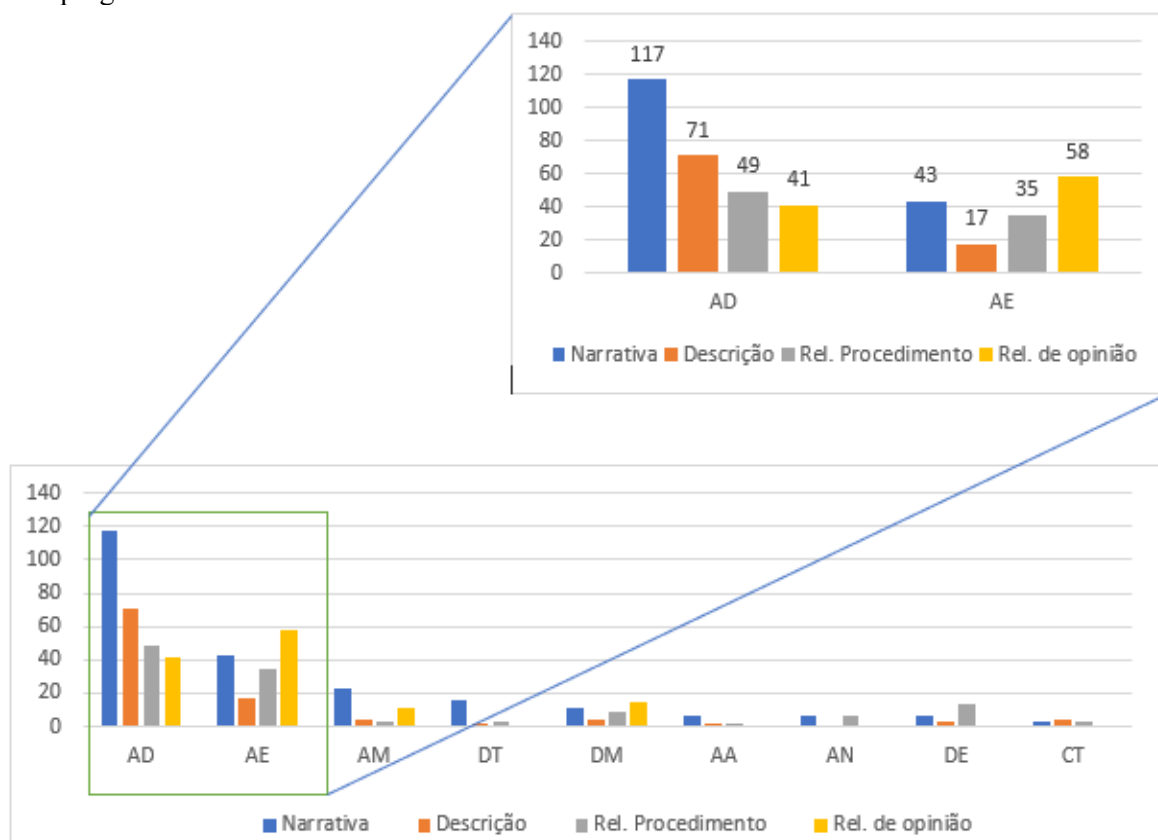


Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

A predominância dos usos da forma demonstrativa *essa* em textos narrativos orais, em contextos de nomes referentes com natureza concreta e abstrata reforçam a tese defendida por Pintzuk (2003 *apud* RAFAEL, 2010, p. 56) de que “a mudança linguística se origina na língua falada” e as inovações são incorporadas na língua escrita, paulatinamente, ao longo do tempo. Além disso, a narrativa, como um tipo em que o falante se volta para o que diz e como diz, produz textos mais informais e naturais (LABOV, 2008[1972]). Mattoso Câmara Jr (2004[1970]) e Cid, Costa e Oliveira (1986) observaram, em pesquisas sobre o uso dos demonstrativos, a predominância do pronome de 2ª pessoa *esse* na fala de cariocas. No contexto de fala, Azeredo (2012) reforça que a distinção de usos *este/esse* não é tão clara, tendendo aos usos de formas compostas do tipo *esse(a) aqui/esse(a) aí* (e flexões).

Os resultados relativos à conjunção anáfora direta x gêneros textuais, no gênero narrativo, apresentaram 117 ocorrências; no gênero descritivo, 71 ocorrências; nos relatos de procedimento, 49 ocorrências; e, nos relatos de opinião, 41 ocorrências. Quanto aos resultados relativos à anáfora encapsuladora x gêneros textuais, os dados apontam os maiores índices apontaram para a presença majoritária de encapsulamento nos relatos de opinião, com 58 ocorrências, seguido de 43 ocorrências nas narrativas, 35 ocorrências nos relatos de procedimento; e 17 ocorrências nos textos descritivos. Estes resultados são apresentados no Gráfico 20.

Gráfico 20 – Frequência dos usos da forma *essa* em função dos gêneros textuais e estratégias de progressão textual



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

No tocante aos dados dos usos do *essa* em função dos gêneros textuais correlacionados com os processos de referenciação, envolvendo as estratégias de progressão textual de anáfora direta (AD) e encapsuladora (AE), os resultados apontam para a predominância e maior volume dos usos da forma *essa* nas anáforas direta (40,4 % / 0.91), como mostra o Tabela 6.

Tabela 6 – Frequência dos usos do *essa* em função dos Gêneros textuais, modalidade de usos e processos de Referência

Gêneros Textuais		Narrativa/ Descrição			Rel. Opinião			Rel. Procedimento		
Anáforas	Modalidade	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
AD	Oral	174	40,4	0.91	36	8,4	0.73	46	10,6	0.73
	Escrita	14	3,2	0.45	5	1,2	0.23	3	0,7	0.15
AE	Oral	49	11,4	0.74	49	11,4	0.74	34	7,8	0.67
	Escrita	11	2,6	0.39	9	2,1	0.34	1	0,2	0.06

Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Moraes e Moraes (2015, p. 180), referindo-se “aos efeitos discursivos explícitos e implícitos decorrentes das cadeias referenciais que se relacionam com o próprio ato de narrar”, explicitam que, por apresentar a organização do discurso caracterizada por relacionar personagens, espaços, ações e objetos da história, a narrativa possui um intenso processo referencial e contextual. Os resultados aqui apresentados refletem o amplo uso de estratégias de progressão textual, com destaque às anáforas diretas, em textos narrativos, e às encapsuladoras, em relatos de opinião (Gráfico 20).

5.6 Tratamento da Prototipicidade dos usos da forma demonstrativa *essa*

Após a análise quantitativa dos dados, por meio de gráficos e tabelas, evidenciando a frequência absoluta, percentual e relativa dos usos da forma demonstrativa *essa*, procedemos ao tratamento de prototipicidade dos usos do *essa*, recorrendo aos subprincípios de iconicidade – quantidade, integração (proximidade) e ordenação linear – e, quando necessário, à noção icônica de marcação. Ao mesmo tempo, propomos uma resposta à seguinte pergunta de pesquisa: Como se dá a gradiência desses usos na escala de prototipicidade, dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos?

Considerando a frequência dos dados levantados, a partir dos parâmetros de análise: função morfossintática; função semântico-pragmática, estabelecemos a análise dos usos prototípicos do *essa*, podemos identificar usos (+)prototípicos, (±)prototípicos e (–)prototípicos da forma demonstrativa *essa*, numa escala gradiente de prototipicidade dos usos da forma *essa*, levando em conta os pesos relativos dos resultados.

Por meio da concepção de prototipicidade, é possível estabelecer uma proposta de categorização do que chamamos ‘demonstrativos’, a partir das propriedades mais frequentes,

resultantes do levantamento dos dados, nas seções 5.2, 5.3 e 5.4. Baseando-nos na noção de prototipicidade como a ideia de que “um membro linguístico (modelo) que reúne o maior número de propriedades que caracterizam uma categoria” constitui o protótipo – ou a categoria mais prototípica, e outros “membros que possuem um menor número de propriedades que caracterizam uma dada categoria serão considerados menos prototípicos” (LEMOS; MATOS, 2017, p. 30), postulamos uma sistematicidade dos demonstrativos em uso atualmente.

Desta maneira, conforme os critérios estabelecidos no item 4.3, a prototipicidade dos usos da forma *essa* fica assim delimitada: (+)prototípicos peso relativo $p > 0.55$; (±)prototípicos, $p < 0.55$ e $p > 0.45$; e (–)prototípicos, $p < 0.45$, como mostra a Tabela 7.

Tabela 7 – Levantamento das propriedades (+)prototípicas, (±)prototípicas e (–)prototípicas da forma demonstrativa *essa*

demonstrativa ESSA											
Critérios	Parâmetros	Características (+)Prototípicas (Nº/%)			PR	Características (±)prototípicas (Nº/%)		PR	Características (-)prototípicas (Nº/%)		PR
1a	Morfossintática	ADJETIVA	90	0.75	-		-	SUBSTANTIVA	10	0.25	
1b	Tipo de SND	ESSA X	66,2	0.98	ESSA (Z)	1,7	0.51	ESSA (Z) X (Z)	0,8	0.33	
		ESSA X (Z)	20	0.92				ESSA X (Z) (Z)	0,5	0.23	
		ESSA	7,6	0.82				(Z) ESSA X	0,2	0.09	
		ESSA (Z) X	2,5	0.60				(Z) ESSA X (Z)	0,2	0.09	
								ESSA (Z) (Z)	0,3	0.17	
2a	Natureza do nome no SND	-			CONCRETA	51	0.50	-			
					ABSTRATA	49	0.50				
2b	Referenciação	AD AE	46,7 25,7	0.89 0.82	AM DM	6,9 6,6	0.54 0.53	AA	2,0	0.26	
								DE	4,0	0.41	
								DT	3,7	0.39	
								AN	2,5	0.30	
								CT	1,8	0.24	
3	Grau de Distanciamento	G3	37,3	0.69	G4	14,3	0.46	G2	5,9	0.26	
		G1	28,7	0.63	G0	13,8	0.45				

Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

Quanto aos critérios– 1a, 1b, 2a, 2b, 3 – da exposição dos resultados apresentados na Tabela 7, estabelecida de acordo com os critérios e parâmetros análise, abordamos, a seguir, o tratamento da prototipicidade dos usos da forma *essa*. Os dados correspondentes ao critério 1a e 1b referem-se aos parâmetros pertinentes às funções morfossintáticas; ao critério 2a e 2b, às funções semântico-pragmáticas; ao critério 3, aos graus de distanciamento SND/Referente.

Considerando os traços característicos dos usos da forma demonstrativa *essa*, apresentamos na Tabela 7, a partir dos critérios e parâmetros especificados no Quadro 6, a escala gradiente de prototipicidade dos usos da forma *essa* se caracteriza pelo uso: (+)prototípico aquele que obtiver todos os traços com maior frequência; (±)prototípico aquele

que apresentar frequência de uso menor que o (+)prototípico e maior que o uso de menor frequência; e (–) prototípico aquele que apresentar menor frequência.

Considerando os resultados apontados aos usos ($\pm$) prototípicos, observa-se que aqueles que apresentam $pr > 0.50$ expressam uma tendência para usos (+)prototípicos, ao passo que aqueles que mostram $pr < 0.50$ apontam uma tendência para usos (–)prototípicos.

Hora (2016, p. 37) observa que “a proximidade do ponto neutro (0.50) nos impede de fazer qualquer afirmação categórica”, o que coloca os atributos levantados numa posição gradiente intermediária, ora com tendência a maior prototipicidade, ora com tendência a menor prototipicidade. Daí estabelecemos para características ($\pm$)prototípicas os valores centrados no ponto neutro do peso relativo 0.50, com margem de erro 0.05 para (+) e para (–), que corresponde a “margem de significância com que a Sociolinguística trabalha, a exemplo das demais ciências humanas e sociais” (FREITAG, 2015, p. 41).

Em resposta às questões de pesquisa – que possibilidades funcionais menos sintáticas, mais semânticas e discursivo-pragmáticas há nos usos do pronome *essa*? Como se dá a gradiência desses usos na escala de prototipicidade, dentro da estrutura linguística, em função de contextos específicos? Que fatores influenciam esses usos? – apresentamos, nas considerações a seguir, as funções prototípicas e não prototípicas dos usos da forma demonstrativa *essa*; as regularidades que orbitam os valores (+)prototípicos, revelando aqueles que mais se aproximam e os que mais se distanciam destes, levando em conta que fazem parte dos usos do *essa* nos mais diferentes contextos discursivos; a influência das modalidades oral e escrita da língua e dos gêneros textuais (narrativa, descrição, relato de opinião e de procedimento) nos usos da forma *essa*.

5.6.1 Funções morfossintáticas da forma demonstrativa *essa*

1a. Função morfossintática prototípica da forma demonstrativa *essa*

A função adjetiva (90%) constitui a função mais frequente nas relações morfossintáticas no SND com *essa*, apresentando peso relativo 0.75, evidenciando relevância significativa para uso (+)prototípico, predominando sobre a função substantiva (10%), que teve um peso relativo 0.25, constituindo uma variável não significativa, com tendência a um uso (–)prototípico. Estes resultados apontam tendência à posição do *essa* no SND próximo a seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal, conforme demonstra o exemplo 84.

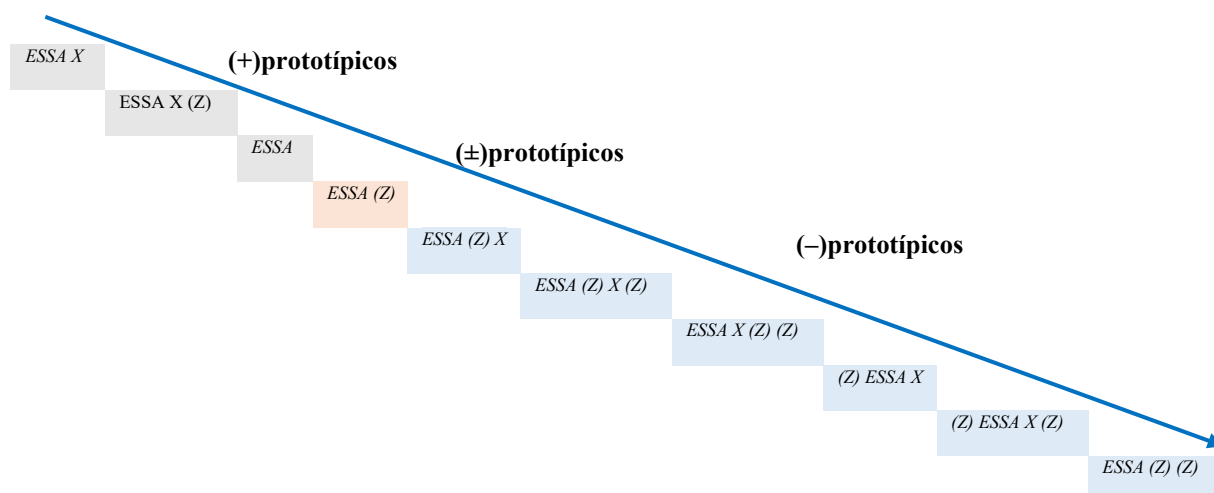
Ex 84 os jovens da cidade se deslocaram para uma barragem ... **essa barragem** ela é funda e gostosa de se ... de se banhar ... e todo mundo ia pra lá né ... fazia aquela festa todo mundo ... é::
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p.32)

Conforme os dados relativos aos usos da forma demonstrativa *essa*, no tocante às suas funções morfossintáticas, a frequência das funções FA e FS indica que a FA é a (+)prototípica, principalmente, quando configurada na sua expressão *ESSA X* e *ESSA X (Z)*, respectivamente, conforme a Tabela 5 e o Gráfico 3.

Os resultados de peso relativo ($p > 0.55$), referentes à variável tipos de SND mostraram que os tipos que apresentaram valores significativos em ordem crescente de frequência: *ESSA X*(0.98); *ESSA X (Z)* (0.94); *ESSA* (0.80); *ESSA (Z) X*(0.58), com tendência a uso (+)prototípico da forma *essa* neste quesito. O tipo *ESSA (Z)* teve peso neutro (0.51), vislumbrando um uso ($\pm$) prototípico, intermediário.

1b. O tipo de sintagma nominal demonstrativo (SND)

O tipo *ESSA X* comanda a frequência dos usos do *essa*, na função adnominal, compreendendo a estrutura prototípica do tipo de SND com *essa*, dentro do *continuum* escalar decrescente de SND, dos mais frequentes, menos complexos, com menos constituintes, com função adjetiva próxima a seu núcleo substantivo, aos menos frequentes, mais complexos, com mais constituintes, função substantiva. Com frequência intermediária, o tipo SND *ESSA X (Z)* insere-se, na categoria de uso ($\pm$)prototípico, em que à estrutura simples *ESSA X*, acrescenta-se um determinante *Z*. O *continuum* escalar decrescente da frequência dos usos dos tipos de SND com *essa* pode ser ilustrado com o seguinte esquema:



Este esquema mostra a frequência dos tipos de SND, no sentido do mais frequente ao menos frequente, correspondendo, respectivamente, às estruturas menos complexas (*ESSA X*) e às mais complexas (*ESSA (Z) X (Z)*, *(Z) ESSA X (Z)*, *ESSA (Z) (Z)*), revelando os traços característicos do subprincípio da quantidade, segundo o qual

- a) - quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida ao interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada na codificação morfossintática dessa informação;
 - b) - quanto mais imprevisível (mais nova) for a informação para o interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada;
 - c) - quanto mais previsível (mais pressuposta, mais disponível) for a informação para o interlocutor, menor será a quantidade de forma a ser utilizada.
 - d) - quanto mais importante for a informação em termos da continuidade temática ou discursiva, maior será a quantidade de forma requerida para codificá-la.
- (MARTELOTTA; VOTRE; CEZÁRIO, 1996, p. 66)

Nessa perspectiva, as estruturas de SND mais simples, com menor quantidade de elementos linguísticos, apresentam maior frequência de usos do *essa*. Analisando o esquema, observa-se uma tendência no sentido de que, à medida que as estruturas do SND se tornam complexas, do ponto de vista da quantidade de informação, previsibilidade, da continuidade temática ou discursiva, menor será a frequência de uso.

5.6.2 As relações semântico-pragmáticas da forma demonstrativa *essa*

2a. A natureza semântica do nome no SND

A predominância dos usos da forma *essa*, quanto à natureza semântica do nome núcleo do SND, aponta para a natureza concreta (51%) como mais frequente. Com uma leve distância estão os usos do *essa* em SND, cujo nome núcleo apresenta natureza semântica abstrata (49%). Os pesos relativos referentes à natureza semântica do nome no SND correspondem a 0.50 (natureza abstrata) e 0.50 (natureza concreta). Os dados referentes a ambos parâmetros não compartilham significância, não sendo possível definir uma diferença significativa de prototipicidade, mostrando que estas variáveis não possuem significância para identificar níveis prototípicos dos usos da forma demonstrativa *essa*.

2b. Processos de referenciação

Os resultados apontam como maiores índices de estratégias de referenciação prototípicas os seguintes processos anafóricos: anáfora direta (46,7%) e anáfora encapsuladora (25,7%), cujos, respectivos pesos relativos, correspondem a 0.89 e 0.82, não evidenciando diferença significativa. Orbitando em torno das formas estão os usos menos prototípicos (anáfora associativa – 2%; anáfora metadiscursiva – 6,9%; anáfora por nomeação – 2,5%; catáfora – 1,8%; *dêixis* espacial – 4%; *dêixis* temporal; 3,7%; *dêixis* memorativa – 6,6%).

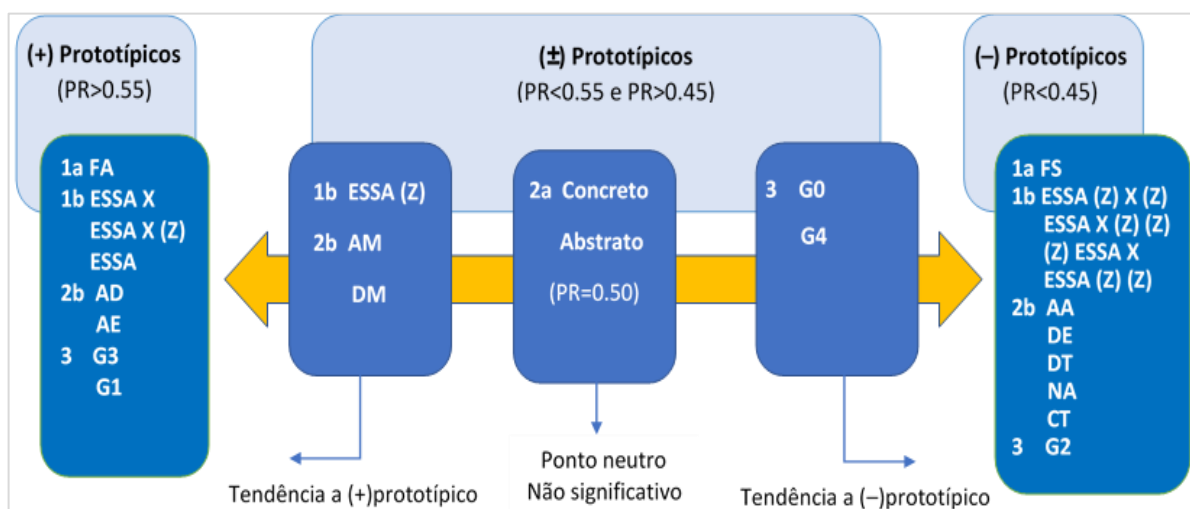
Além disso, os dados revelaram que a forma *essa* preserva sua natureza de “apontar”, “mostrar”, “indicar” e, confirmando hipótese inicial, apresenta direcionamento com forte apelo ao *status* locativo. Além disso, preserva o princípio da correfencialidade e da retomada, por meio de um nome de natureza abstrata, de ações, processos e estados, usado de forma remissiva no correr do texto, como usos prototípicos da forma *essa*. No entanto, convém ressaltar que o lugar da referenciação, o centro dêitico é fluido, perpassa o texto, a situação comunicativa e o plano da memória.

5.6.3 Fatores estruturais: Grau de distanciamento SND / Referente

Os resultados apontam para o distanciamento SND/Referente no grau G3, como o mais frequente (39,5%), evidenciando um uso prototípico da forma *essa*, seguido de distanciamento no grau G1 (28,4%). O peso relativo de ambos parâmetros – 0.70 e 0.63, respectivamente – não revela diferença significativa. Neste caso, é importante levar em conta os gêneros.

Após o levantamento dos dados quantitativos, análise dos resultados e identificação dos traços característicos em 1a, 1b, 2a, 2b, 3, dos usos da forma demonstrativa *essa*, apresentamos na Figura 7, os atributos (+)prototípicos, (±)prototípicos, (–)prototípicos dos usos da forma *essa*. Considerando os procedimentos adotados por Freitag (2015), como fundamentado no capítulo 4 e 5, estabelecemos para os usos (±)prototípicos os valores centrados no ponto neutro do peso relativo 0.50, com margem de erro 0.05 para (+) e para (–), que corresponde a “margem de significância com que a Sociolinguística trabalha, a exemplo das demais ciências humanas e sociais” (p. 41).

Figura 7 - Escala gradiente de prototipicidade dos usos da forma demonstrativa *essa*



Fonte: Elaboração da autora, a partir do levantamento dos dados do *Corpus D&G Natal/1998*.

As funções referentes aos usos (±)prototípicos, cujas frequências dos usos situam-se no espaço intermediário entre os extremos dos usos (+)prototípicos e (-)prototípicos, podem apresentar, conforme detalhado na Figura 7, frequência tendendo tanto para o sentido do (+)prototípico, quanto para o do (-)prototípico, bem como, situando-se no ponto neutro (intermediário), não significativo.

Assim, a partir dos resultados de pesos relativos, referentes a $p > 0.55$, para usos (+)prototípicos; $p > 0.45$ e $p < 0.55$ (inclusos), para (±)prototípicos; $p = 0.50$, para ponto neutro; e $p < 0.45$, para (-)prototípicos, ressaltando que o valor centrado no peso relativo 0.50 , referente ao ponto neutro, corresponde a valor não significativo (HORA, 2016) para os usos da forma *essa*.

Segundo Bybee (2016, p. 18), “a variação se refere ao fato de que unidade e estruturas da língua exibem variação no uso sincrônico, normalmente ao longo das trajetórias contínuas de mudança que criam a gradiência”. Nesse sentido, a escala gradiente de prototipicidade dos usos da forma *essa* revelam um conjunto de propriedades mais significativas de uma categoria, pelo maior número de traços característicos ((+)prototípicos), funcionando como referencial para as demais propriedades inerentes à categoria, de modo que os critérios e parâmetros estabelecidos para obtermos os dados que revelaram os traços mais característicos, apontaram as propriedades que caracterizam os usos da forma demonstrativa *essa*.

É, portanto, na gradiência que as formas prototípicas se revelam, pondo em relevo os atributos que caracterizam determinada categoria, mas, principalmente, expõe as regularidades das formas que orbitam os usos prototípicos, cujos atributos indicam as especificidades dos usos.

5.7 Análise dos princípios de iconicidade em função dos usos da forma demonstrativa *essa*

Com base nos resultados apresentados nas seções 5.2, 5.3 e 5.4, ancorados nos princípios de iconicidade, relativos à quantidade, proximidade e ordenação; e a noção de marcação, podemos estabelecer as seguintes considerações:

1. O princípio da quantidade. A configuração prototípica das estruturas de SND aponta para os tipos de SND que evidenciam menor quantidade de constituintes – *ESSA X*, *ESSA X (Z)*, *ESSA* – ao passo que os tipos de SND com mais constituintes, menos prototípicas, *como ESSA (Z) X (Z)*, *ESSA X (Z) (Z)*, *(Z) ESSA X*, *(Z) ESSA X (Z)*, *ESSA (Z) (Z)*, apresentaram baixa frequência de uso, revelando que, à medida que as estruturas sintagmáticas com demonstrativo se tornam mais volumosas e complexas, menos frequentes se tornam e, conseqüentemente, se fazem (–)prototípicas, corroborando com o princípio de que, “quanto maior for a quantidade de informação a ser transmitida ao interlocutor, maior será a quantidade de forma a ser utilizada na codificação morfossintática dessa informação” (VOTRE; CEZÁRIO, 1996, p. 66). Quanto ao uso da forma *essa* (±) prototípico, destacamos o tipo de SND *ESSA (Z)* (0.51), numa posição intermediária entre os valores (+)prototípicos e os (–)prototípicos. Neste caso, as formas mais simples de SND implicam menor quantidade de constituintes, menor complexidade do ponto de vista do processamento cognitivo, logo evidencia tendência a uso (+)prototípico.

Os exemplos 85 e 86 põem em relevo os tipos de SND e sua complexidade, levando em conta os traços que caracterizam o subprincípio de quantidade nos usos da forma demonstrativa *essa*.

Ex 85: I: isso ... uma bacia ... a água vai correr no meio **dessa bacia** ... é como se fosse:: pegasse uma piscina ... no comprido da piscina e inclinasse a piscina assim ... como se fizesse um funil ... E: uma cuia? I: é ... exatamente ... agora num é redondo não ... é assim ... então a água vai entrar aqui no meio ... no meio desse:: dessas duas paredinhas ... dessa piscininha que eu digo ...

1. (FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p.90)

Ex 86: ... o ano dois mil ... tal ... num vai mais existir mais nada ... o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente **essa** esperança eu não tenho ... **essa** minha:: **essa minha opinião sobre o nosso país ... sobre o nordestino** que é o mais afetado ... é o que mais sofre ...

2. (FURTADO DA CUNHA, *Corpus D&G/Natal*, 1998, p.32)

Em 85, observa-se que o SND (d)*essa bacia* expressa uma única informação – de que há uma bacia, mencionada no co-texto (*uma bacia*) e é retomada de maneira direta, ou seja, uma informação simples e previsível vem codificada por meio de um mecanismo morfossintático menos complexo. Já em 86, o SND *essa minha opinião sobre o nosso país ... sobre o nordestino* informa ao interlocutor que há uma opinião, que essa opinião é emitida pelo locutor, que o tema sobre o qual vai opinar envolve o nosso país e o nordestino. Logo, a quantidade de informação é maior e vem codificada em um mecanismo morfológico e gramatical mais complexo.

2. O princípio de proximidade. Na análise dos dados, no tocante ao princípio icônico de proximidade, os resultados revelaram que os parâmetros função morfossintática e grau de distanciamento SND/referente evidenciam os maiores índices, confirmando-se que “os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24). Com relação às relações morfossintática, a função adjetiva da forma *essa* que acompanha o substantivo no interior do sintagma nominal, mantendo-se próximo ao nome núcleo do SND, ao contrário da forma *essa* na função substantiva, em que o *essa* distancia-se do nome a que se refere, obtendo maiores índices nos graus de distanciamento G2, G3 e G4, os quais juntos somam 26 das 57 ocorrências do *essa* na FS. Quanto ao grau de distanciamento SND/referente, a soma dos dados dos graus de maior proximidade do SND ao referente G0 (82) – aqueles em que o referente se encontra na mesma oração de SND, e G1(171) – aquele que se encontra na oração imediatamente anterior a do SND, perfaz um total de 253 ocorrências, superando a frequência dos dados do G3, que apresenta um total de 222 ocorrências.

O exemplo 87 ilustra o subprincípio de integração (proximidade) no uso da forma demonstrativa *essa*, em que os elementos integrados no nível da codificação, integram também no plano cognitivo.

Ex 87: *é uma cidade onde cativa ...ela ficou no meu coração ... a sua entrada chama:: a rua onde::é a entrada da cidade chama-se Bela Vista ... essa cidadezinha:: ela tem os pontos turísticos que é um rio e uma cachoeira [...] ... essa cidade... como eu fa/ como eu falei no início ...ela tem essa cachoeira... essa cachoeira... é mais ... mais visitada aos domingo onde os jovens vão pra lá ...*
(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 31)

Em 87, observam-se dois referentes em destaque – *uma cidade* e *uma cachoeira* – cuja retomada implica a consideração do grau de distanciamento entre a retomada e seu referente. Primeiro, o SND *essa cidadezinha* se encontra próximo de seu referente, separados apenas por uma sentença ou fragmentos de sentenças, evidenciando que baixo esforço mental, menor demanda de atenção e menor tempo de processamento, e confirmando o que Furtado da Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 24) afirma: “os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto”.

No entanto, não é o que ocorre com o processo de progressão do referente *uma cachoeira*, cuja retomada se encontra muito distante (a transcrição da entrevista mostra mais da metade de uma lauda do discurso do informante para que este retomasse o referente *cachoeira*). A maior distância entre SND e Referente, neste caso, constitui, em princípio, um indicativo que dificulta a recuperação do referente, embora o locutor tente estimular o seu interlocutor a rememorar, alertando “como falei no início”.

Portanto, o interlocutor, ao tentar relacionar o SND *essa cachoeira*, ao seu referente *uma cachoeira*, terá que buscar em sua memória o relato descrito em um momento distante da narração, necessitando para isto um maior esforço mental, uma demanda maior de atenção e maior tempo de processamento para identificar o elemento referente.

3. O princípio da ordenação. Segundo Votre e Cezário (1996, p. 66), a informação que funciona como ponto de referência tende a ser colocada em primeiro lugar (isto é, antes, na fala; à esquerda, na escrita); a mais previsível tende a ser colocada em primeiro lugar; e a que desempenha função de contraste em relação ao tópico tende a ser colocada em primeiro lugar. Nesse sentido, confirmamos, a partir dos dados, que o padrão do sintagma nominal com demonstrativo, na língua portuguesa, é *essa + nome*, em que o demonstrativo antepõe-se ao nome.

Ex 88: aí surge aquela pergunta ... então aquelas pessoas que ... como do sertão ... elas não têm direito à saúde ... a educação? ... são o quê? são gentes? são brasileiros? ou são só indivíduos? né ... quer dizer ... é um ... essa:: essa questão que eu tô te falando ... é uma questão muito polêmica ... ela tem muitos porquês ... é:: um:: é um assunto que é muito extenso ... a economia realmente ... ela é um assunto que talvez se/ seja falado por muitos anos e pra resolverr seja uma pessoa de pulso muito forte ... pra que consiga dominar toda essa situação ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 35)

Ex 89: Foi Santo Tomás de Aquino (que estudou e lecionou em Paris) quem elaborou a síntese entre o pensamento cristão e as idéias de Aristóteles, buscando unir fé e razão, questão essa muito presente naquela época e ainda hoje alvo de reflexões.

(BERBER SARDINHA, *Corpus Brasileiro*, 2004)

Ao observarmos o exemplo 88, constatamos que a função dêitica, conforme preconiza o princípio da ordenação, expressa-se no elemento *essa* que ocupa o primeiro lugar na organização do SND, apontando, indicando, mostrando, no texto, o referente do substantivo *questão*. No entanto, quando ocorre a posposição do *essa* ao substantivo *questão*, em 89, a função dêitica recai no substantivo que agora ocupa o primeiro lugar na ordenação do SND, acarretando a perda do valor dêítico do demonstrativo, que manifesta um uso com valor expletivo e discursivo específico e, conforme Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2001), atende à necessidade comunicativa do locutor de ressaltar e chamar a atenção.

4. A noção de marcação. Proposta por Givón (1990 *apud* FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 26), a noção icônica de marcação prevê como critério para determinar se as formas são marcadas ou não marcadas, a complexidade estrutural, a distribuição da frequência e o processamento cognitivo. Como demonstrado na Tabela 7, confirmou-se a hipótese de que as formas de SN com o demonstrativo *essa* mais complexas estruturalmente, com baixa frequência de uso e maior complexidade cognitiva, pois demandam maior esforço mental para identificação do referente, constituem formas marcadas; ao passo que as formas menos complexas estruturalmente, com mais frequência de uso e com menor esforço cognitivo constituem formas não marcadas.

Os exemplos 90 e 91 expressam usos da forma *essa* em que se observa a noção de marcação, ou seja, estruturas marcadas e não marcadas, considerando a complexidade estrutural, a frequência de uso e o processamento cognitivo.

Ex90: e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra segui-lo ... com ele nessa viagem ... então ... ele foi de avião ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 111)

Ex91: o interessante do livro porque mistura duas coisas assim totalmente opostas ... né ... o trabalho de detetive que num tinha nada a ver ... de uma menina romântica ... né ... que ... sofria por paixão ... num tinha nada a ver ... mas ... o ... o ... E: o conflito ... I: exatamente ... essas duas coisas que foram colocadas no livro ... acho que tornou o livro mais interessante ainda ... né ...

(FURTADO DA CUNHA, *Corpus D& Natal*, 1998, p. 35)

Considerando os critérios de marcação, o exemplo 90 apresenta a estrutura do tipo de SND (n)*essa viagem*, que mostra baixa complexidade estrutural (essa + substantivo); de acordo com a Tabela 7, constitui um tipo de SND com maior frequência de uso; e menor processamento cognitivo na identificação das informações relativas ao referente (*uma viagem*) que retoma.

Já em 91, o SND *essas duas coisas que foram colocadas no livro* carrega um volume maior de informações que precisa ser processado pelo interlocutor, do qual é exigido maior esforço e tempo de processamento das informações expressas no SND. Além disso, esse tipo de SND, conforme a Tabela 7, apresenta baixa frequência, sendo, portanto, uma estrutura marcada.

5.8 Síntese do capítulo

Os resultados apresentados neste estudo forneceram um quadro geral dos traços prototípicos da forma demonstrativa *essa*, relativos aos itens que envolvem as relações morfossintáticas, semânticas e o contexto de produção. Em resposta à pergunta proposta no final da síntese do capítulo 3 (item 3.7) – *quais dessas categorias determinam os usos prototípicos da forma essa?* – apresentamos os seguintes resultados:

1. Com um índice de 90% dos dados coletados, o uso prototípico da forma *essa* na função adjetiva traz à tona um questionamento que os gramáticos de Port-Royal, em 1660, levantavam sobre a classificação dos demonstrativos como pronomes, ao não substituírem os nomes, mas acompanhá-los. Na esteira dos gramáticos franceses, lançamos a seguinte questão: se o *essa* expressa uma tendência de uso prototípico na função adjetiva, seriam os demonstrativos uma categoria não prototípica dos pronomes ou constituiriam uma categoria à parte como propusemos acima? Qual seria esta categoria?
2. Quanto à organização dos constituintes na estrutura do SND, as estruturas menos complexas, em que figuram menos constituintes, do tipo ESSA X, confirmando-se os usos deste tipo de SND, na função adjetiva, (+)prototípica. As estruturas de SND mais complexas, com mais constituintes, que exigem maior esforço cognitivo de interpretação, apresentam-se (–) prototípicas.
3. Embora a natureza semântica no SND considere o movimento dos nomes no sentido do mais concreto ao mais abstrato, em que emergem os usos mais objetivos e mais (inter)subjetivos, os dados referentes à natureza concreta e abstrata dos nomes não apresentaram diferenças significativas nos resultados, revelando que, semanticamente, as naturezas concreta (51% /

0.50) e abstrata (49% / 0.50) expressam usos ($\pm$)prototípicos. Nesse sentido, cumpre ressaltar que o caminho dos usos concretos aos abstratos na língua revela que novos usos no léxico e na gramática são criados, e que as línguas vão mudando e essas mudanças põe em evidência “a maneira como uma massa de falantes vai reciclando a sua língua” (OLIVEIRA, 2020, p. 11), evidenciando que a função dos demonstrativos não é só de retomar referentes, sua característica principal, operando, portanto, no nível representacional, mas também de assumir uma função subjetiva no discurso.

4. De acordo com os resultados, os usos anafóricos predominam sobre os dêiticos. Ante essa predominância das estratégias de progressão, os usos das anáforas direta e encapsuladora nos textos que compõem o *corpus* analisado, alcançaram maiores índices, refletindo, por um lado, relações de retomada por meio de um núcleo nominal que repete, na íntegra ou parcialmente, o núcleo do antecedente facilmente identificado; e, por outro, expressando uma complexa atividade referencial, que demanda um elevado esforço cognitivo na atividade de interpretação, em que a porção rotulada (ou encapsulada) abriga uma oração simples ou uma sequência de extensão superior a um parágrafo, cujos conteúdos, por vezes, não são facilmente rastreáveis na superfície do texto.
5. Ao redor dos maiores índices das ocorrências do *essa*, em funções prototípicas anafóricas direta e encapsuladora, orbitam outras funções mais regulares que surgem dos usos para atender necessidades comunicativas específicas que os interlocutores compartilham, como anáfora metadiscursiva, *dêixis memorativa* e anáfora associativa, que demandam estratégias de identificação mais elaboradas, um maior processamento cognitivo, uma vez que os referentes são ativados e reativados por meio de conhecimentos “situados no texto ou em outros pontos do universo cognitivo” (MARCUSCHI, 2001, p. 252), apontando para seres, objetos ou acontecimentos situados num campo mostrativo imaginário, isto é, evocado pela memória ou (re)construído pela imaginação (BÜHLER, 1934 *apud* FONSECA, 1989).
6. A conjunção entre os parâmetros serviu para definir e ampliar a interpretação dos resultados. A interação dos dados entre os parâmetros referentes às funções morfossintáticas – *relações morfossintáticas e tipos de SND* – revela muito mais do que a obviedade da predominância da FA e tipos de SND com tipos expressos com *ESSA X*. Reforçam, sobretudo, que os falantes tendem a produzir, com maior frequência: a) SND em que a forma demonstrativa esteja mais próxima do nome a que se refere, exercendo a função adjetiva; b) as formas mais simples de SND do tipo *ESSA X* e *ESSA X (Z)*, seguindo o princípio de que “aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos

complexo” (SLOBIN, 1980 *apud* FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24).

7. Na conjunção dos dados relativos aos processos de referenciação e natureza semântica dos nomes no SND, foi possível observar que a natureza abstrata dos nomes no SND tende a predominar nas anáforas indiretas anáfora encapsuladora, anáfora metadiscursiva, anáfora por nomeação e na *dêixis* temporal; ao passo que a natureza concreta tende a ser proeminente nas anáforas anáfora direta, anáfora associativa e na *dêixis* espacial; na *dêixis* memorativa, evidencia um equilíbrio entre natureza abstrata e concreta. Nesse sentido, podemos concluir que a língua se manifesta num movimento em que a construção dos sentidos tende a seguir um caminho que vai no sentido do concreto ao abstrato, do objetivo > (inter)subjetivo.
8. No tocante aos usos da forma demonstrativa *essa* em função dos fatores estruturais, os resultados apontam para as funções (+)prototípicas: a modalidade oral (91%), os graus de distanciamento do SND/Referente G3 (37,3%) e G1 (28,7%) e a narrativa (39%).
9. Quantos aos resultados referentes ao grau de distanciamento com predominância do G3, é importante considerar que o grau de distanciamento pode estar intimamente relacionado aos tipos de SND, ao tipo de referenciação envolvida e ao processamento da informação textual. Além disso, o SN referente que apresenta nomes ligados à temática do texto tende a se repetir ao longo do texto, o que favorece a configuração do SND mais simples do tipo *ESSA X* e o uso de anáforas diretas (correferenciais). O distanciamento por emprego de processos dêiticos pode produzir estruturas de SND mais complexas que ensejam informações novas, a partir, por exemplo, da inserção de locuções e/ou orações adjetiva.
10. Quanto aos contextos de produção, os resultados mostraram a relevância dos usos do *essa*, nos textos narrativos orais. Até quando correlacionados a variáveis da natureza semântica dos nomes ligados ao *essa* e aos processos de referenciação – anáforas direta e encapsuladora⁴⁹, os dados, registrados nos Gráficos 14, 15 e 16 e nas Tabelas 5 e 6, apontaram a predominância dos usos do *essa* em textos narrativos orais.
11. Marcada por repetições, pausas, hesitações, a modalidade oral favorece a uma variedade ampla de usos da forma *essa*, cujo processo de retomada anafórico é heterogêneo, pois nem sempre o referente encontra-se acessível ou próximo do elemento anafórico, implicando diferentes formas de formulação e reformulação das ideias, com estruturas completas ou parciais intervenientes entre a anáfora e seu referente.
12. A elevada frequência das ocorrências no gênero narrativo se deve ao fato de que as formas

⁴⁹ Estas estratégias, de acordo com os resultados, apresentaram os maiores índices, majoritariamente.

demonstrativas organizam a narrativa e orientam os leitores, reunindo e mantendo as informações temporais, espaciais e de personagem, além do que “uma narrativa geralmente se desdobra em um lugar e um tempo de cada vez. Essa localização espaço-temporal funciona como parte do centro dêitico da narrativa. É o "aqui" e o "agora" do "olho da mente" do leitor no mundo da história. (DUCHAM; BRUDER; HEWITT, 1995).

13. Quanto aos subprincípios de iconicidade podemos considerar que: a) quanto ao subprincípio de quantidade, as formas mais simples de SND implicam menor quantidade de constituintes, menor complexidade do ponto de vista do processamento cognitivo, logo maior prototipicidade; b) com relação ao subprincípio de proximidade, os parâmetros função morfossintática e grau de distanciamento SND/referente evidenciam os maiores índices, confirmando-se que “os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está mentalmente junto, coloca-se sintaticamente junto” (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZÁRIO, 2015, p. 24); c) quanto ao subprincípio de ordenação, o padrão do sintagma nominal com demonstrativo, na língua portuguesa, é *essa + nome*, em que o demonstrativo antepõe-se ao nome.
14. A noção de marcação confirma que as estruturas do sintagma nominal com o demonstrativo *essa* mais complexas estruturalmente, menos frequentes e com maior complexidade cognitiva constituem formas marcadas; ao passo que as menos complexas estruturalmente, mais frequentes e com menor complexidade cognitiva constituem formas não marcadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta tese foram analisados diversos aspectos relativos aos usos da forma demonstrativa *essa*, com o propósito de apresentar as possibilidades de uso, na perspectiva da LFc. Para tanto, partimos da hipótese de que a forma demonstrativa *essa* manifesta usos prototípicos, considerando os seguintes atributos:

- a) Tem relação adjetiva com o substantivo que acompanha;
- b) Posiciona-se próximo do seu núcleo substantivo, com função de adjunto adnominal;
- c) Estabelece relações sintático-semânticas dentro da sentença em que se insere, contribuindo para melhor percepção do sentido das estruturas substantivas com as quais se relaciona;
- d) Sugere iniciação, direcionamento, com forte apelo ao *status* locativo.

Inicialmente, tomamos a decisão de compreender os usos das formas demonstrativas, estudadas a partir das características formais e funcionais do sistema demonstrativo, entendidas como interdependentes, e que se instituem, formal e cognitivamente, em diferentes períodos. Nesse sentido, para interpretar os usos predominantes e regulares da forma demonstrativa *essa*, levamos em conta as noções e os conceitos funcionalistas da Prototipicidade e da Iconicidade.

Partindo do levantamento das ocorrências com a forma pronominal *essa*, estabelecemos como critérios e parâmetros de análise dos dados, as funções morfossintáticas, que envolvem as relações morfossintáticas e os tipos de SND; as funções semânticas e pragmáticas, relacionadas à natureza semântica do nome no SND e os processos de referenciação demonstrativa; os fatores estruturais, relacionados ao grau de distanciamento do SND/Referente. Além disso, estabelecemos uma interrelação dos parâmetros estudados com o contexto de produção, relativos à modalidade de língua e aos usos do *essa* em função dos gêneros textuais.

As características evocadas por tais funções compreendem os traços que classificam a forma *essa* como membro da categoria rotulada “demonstrativos”. Em resposta à questão inicial de quais dessas características determinam os usos prototípicos da forma *essa*, identificamos como predominantes a função adjetiva, os tipos de SND mais simples em que figuram o *essa* + *substantivo*; as progressões anafóricas direta e encapsuladora e os graus de distanciamento do SND em relação ao Referente no grau G1 (Referente na oração imediatamente anterior) e no grau G3 (Referente distante três ou mais orações).

Fica evidente que os demonstrativos assumem, predominantemente, a função adjetiva; configuram-se em um sintagma nominal, tendo como base um substantivo; atuam de forma

decisiva nos processos de referência direta e indireta (rotulação) de que participam, orientando as articulações de retomada dos objetos do discurso; e sofrem interferência dos fatores estruturais relativos ao grau de distanciamento do SND e seu referente (G1 e G3) e do contexto de produção, principalmente, os relacionados aos gêneros textuais – a narrativa.

Neste caso, o grau de distanciamento do SN e seu referente, nos processos de referência realizados por meio de um demonstrativo, está intimamente associado ao gênero narrativo e aos tipos menos complexos de SND e estratégias de referência diretas. Nos casos de SND no grau G3 de distanciamento, ou seja, referentes afastados do SND, o SN com demonstrativo apresenta nomes ligados à temática do texto que tendem a se repetir ao longo do texto, o que, por um lado, facilita a manutenção dos elementos de remissão, preservando-os mais presentes na memória do ouvinte, e, por outro, favorece a configuração do SND mais simples do tipo *ESSA X* e o uso de anáforas diretas (correferenciais).

Quanto aos usos da forma *essa* em função dos contextos de produção, fica evidente a tendência dos usos do *essa* nos textos narrativos orais, que marcam um ponto de partida aos usos variáveis do *essa* frente à modalidade escrita e aos gêneros de relatos de opinião e de procedimento. Além da majoritária incidência dos usos orais do *esse*, já notificados em pesquisas anteriores, como as desenvolvidas por Mattoso Câmara Jr (2004[1970]) e Cid, Costa e Oliveira (1986), que evidenciam a predominância do pronome de 2ª pessoa *esse* na fala de cariocas, os textos narrativos favorecem os usos dos demonstrativos em geral, uma vez que, segundo Zubin e Hewitt (1995), a narrativa é o lugar da *déixis* e constitui um sistema de representação organizado, onde ocorrem os fatos ligados ao lugar e o tempo e se levantam as informações sobre os participantes. Assim, as formas demonstrativas organizam a narrativa e orientam os leitores, reunindo e mantendo as informações temporais, espaciais e de personagem.

Em relação à hipótese apresentada no início do trabalho, pode-se depreender que reforça a função adnominal da forma *essa*, evidenciando maior proximidade com o nome a que se refere. Além disso, apresenta forte tendência à função locativa, no sentido de que *aponta, indica, mostra* algo, bem como, sugere a subjetividade do falante, ao privilegiar traços semânticos no uso de nomes em SND que implica um percurso que vai do mais concreto ao mais abstrato, ou seja, do mais objetivo para o mais subjetivo (OLIVEIRA, 2020).

A contribuição dos estudos sobre as noções de iconicidade e prototipicidade tem bastante relevância aos estudos linguísticos, para a compreensão do comportamento atual dos pronomes demonstrativos, uma vez que o processo de mudança das palavras gramaticais se dá no uso efetivo da língua, condição necessária à noção de iconicidade; e por meio de uma escala

gradiente que revela as tendências dos usos prototípicos e as regularidades (variação) que orbitam e circulam no uso cotidiano da língua.

Os resultados dessa pesquisa fornecem aos estudos das formas pronominais demonstrativas uma importante contribuição à sistematicidade da categoria, a partir do estabelecimento dos atributos prototípicos que caracterizam a categoria, no *continuum* gradiente da escalaridade.

É, portanto, na gradiência que as formas prototípicas se revelam, pondo em relevo os atributos que caracterizam determinada categoria, mas, principalmente, expõe as regularidades das formas que orbitam os usos prototípicos, cujos atributos indicam tendência aos usos (+)prototípicos e aos (-)prototípicos.

Portanto, a análise dos usos da forma demonstrativa *essa*, em função das relações morfossintáticas, semânticas e pragmáticas e do contexto de produção, fundamentada nos pressupostos teóricos da LFc, além de ter evidenciado os usos (+)prototípicos do *essa*, colocou em relevo as regularidades de usos da forma demonstrativa *essa*, que estão circulando nos discursos dos falantes em suas intervenções comunicativas e que precisam ser consideradas e analisadas à luz de correntes linguísticas que levem em conta as relações entre as funções gramaticais e as situações reais de usos da língua.

REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. Los Demostrativos en español. **Verba. Anuario Galego de Filoloxía.**, Galicia, v. 3, p. 53-63, 1976.
- ALONSO, A.; UREÑA, P. H. **Gramática Castellana**. 4ª. ed. Buenos Aires: Losada, v. 1, 1943.
- ANDRADE, A. Demonstrativos e [ana]fóricos em Latim. **Ágora**, Estudos Clássicos em Debate 1, p. 155-171, 1999.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- _____.; REICHLER-BÉGULELIN, M. J. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, v. 31, p. 363-397, 1999.
- _____. Construction de la référence et strategies de designation. Du syntagme nominal aux objets-de-discours. **TRANSEL** 23, 1995. 227-271.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Gramática de Port Royal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1660].
- ATAÍDE, C.; SILVA, E. C. Iconicidade: Do léxico à sintaxe. In: ATAÍDE, C. E. A. **Gelne 40: experiências teóricas e práticas na pesquisa em linguística e literatura**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 59-67.
- AZEREDO, J. C. **Iniciação à Sintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BANZA, A. P.; GONÇALVES, M. F. **Roteiro de História de Língua Portuguesa**. Évora: Nações Unidas, Unesco, Universidade de Évora, 2018. 94 p.
- BARBOSA, J. S. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. [S.l.]: Createspace Independent Publishing Platform; 1ª edição, 2013 [1822]. 746 p.
- BARROS, J. D. **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Faculdade de Letras, 1540.
- BEAUGRANDE, R. Textlinguistik: Zu neuen Ufern? In: ANTOS, G.; TIETZ, H. **Die Zukunft der Textlinguistik: Traditionen, Transformationen, Trends**. Tübingen: Niemeyer, 1997. p. 1-12.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 37ª ed., 2009.
- BEIVIDAS, W. O sentido e a forma na estrutura do signo. **Alfa**, São Paulo, v. 27, p. 9-22, 1983.
- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Manole, 2004.
- BERTUCCI, R. A. Anáforas encapsuladoras: uma análise em textos de opinião. **Revista de Letras**, Curitiba, n. 70, p. 207-221, set/dez 2006.

BEZERRA, L. M. D. Referenciação Anafórica: A Forma de Manifestação dos Grupos Nominais Anafóricos no Livro Didático de Língua Portuguesa. **RevLet - Revista Virtual de Letras**, v. 05, p. 37-52, ago/dez 2013.

BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Análise Linguística em perspectiva funcional: o caso de modificadores nominais. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. **Funcionalismo Linguístico: diálogos e vertentes**. Niterói: EDUFF, 2017. p. 91-112.

BOLINGER, D. **Meaning and Form**. London: Logman, 1977.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

BOTELHO, J. M. **O isomorfismo entre as modalidades da língua**. Cadernos do CNLF, Ano VII, nº 07, 2003. Disponível em: www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno07-15.html. Acesso em: 21/03/2021.

BOTLEY, S. P. Indirect anaphora: Testing the limits of corpus-based linguistics. **International Journal of Corpus Linguistics**, 11(1), 2006. 73-112.

BÜHLER, K. **Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache**. [S.l.]: Jena: Fischer, 1934.

_____. The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley and Sons, 1982. p. 9-30.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Editora Cortez. 2016. 383 p.

CAMACHO, R. G. Alinhamento e estratégias de relativização. **DELTA Documentacao de Estudos em Linguistica Teorica e Aplicada**, v. 33, n. 1, p. 243-266, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/178743>. Acesso em: 27/10/2021.

CAMBRAIA, C. N. Demonstrativos na România Nova: português brasileiro × espanhol mexicano (dados de diálogos entre informante e documentador). **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 14, p. 7-34, 2009.

_____. **Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano: da Europa renascentista à América contemporânea)**. Relatório de Pós-Doutoramento, Belo Horizonte. 2010.

_____; BIANCHET, S. M. G. Caleidsópio latino-românico: demonstrativos. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. n. 35, p. 15-36, 2008.

CARDOSO, S. H. B. **Demonstrativo, dêixis e Interdiscurso**. Tese de Doutorado, UNICAMP. Campinas. 1994.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1ª. ed. 3ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALCANTE, M. M. A Dêixis Discursiva. **Revista de Letras - UFC**, v. 1/2, n. 22, p. 47-55, jan/dez 2000.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Caderno de estudos linguísticos**, n. 44, p. 105-118, jan/jun 2003.

_____ et al. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. **Linguística de Texto e Análise da Conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

_____; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referência e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CHAPANSKI, G. **Uma tradução da tékhne grammatiké, de Dionísio de Trácia**. Curitiba: UFPR, 2003.

CHEN, R. English Demonstratives: A Case of Semantic Expansion. **Language Sciences**, Grã Bretanha, v. 12, 1990. pp. 139-153.

CICERO, M. T. **The Orations of Marcus Tullius Cicero**. Traduzido por C.D. Yonge, B. A. London, York Street, Convent Garden: George Bell & Sons, 1891.

CID, O.; COSTA, M. C.; OLIVEIRA, C. T. Este e esse na fala do Rio de Janeiro. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 5, 1986.

CLARK, H. H. **Using Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. 172 p.

CONTE, M. E. Encapsulamento Anáforico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referência**. Coleção Clássicos da Linguística. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 175-190.

CONTO, L. **Gramática na antiguidade tardia**: Prisciano e sua Institutio de nomine et pronomine et verbo. Curitiba: Dissertação, Universidade Federal do Paraná, 2011.

COSTA, J. D. L. A Categorização do Gênero Gramatical: uma leitura crítica para o ensino do português. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e Ensino de Gramática**. Natal: EDUFRRN, 2016. p. 134-171.

COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Editora do Livro Técnico, 1976.

CROFT, W. **Typology and Universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4ª ed., 2001.

DE MULDER, W.; CARLIER, A. The emergence of the definite article in Late Latin ille in competition with ipse. In: DAVIDSE, K. E. A. **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. The Hague (Haia), NE: Mouton de Gruyter, 2010. p. 241-76.

DIESEL, H. **The morphosyntax of demonstratives in synchrony and diachrony. Linguistics of Typology.** Jena, 1999a. 1-47. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/40852197>. Acesso em: 13/10/2020.

_____. **Demonstratives. Form, Function and Grammaticalization.** Amsterdam: John Benjamins, 1999b.

_____. **Demonstratives, joint attention and the emergence of grammar. Cognitive Linguistics.** Jena, Alemanha, 17, 2006. 463-489. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228631967>. Acesso em 13/10/2020.

_____. Deixis and Demonstratives. **Semantics**, 2012. pp. 1-25.

_____. **The grammar network: how linguistic structure is shaped by language use.** New York: Cambridge University Press, 2019.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar.** Berlin/New York. 1997.

DUCHAN, F. J.; BRUDER, G. A.; HEWITT, L. E. **Deixis in narrative.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du langage.** Paris: [s.n.], 1972.

DUPRAZ, E. **Sabellian demonstratives: forms and functions.** Leiden - Boston: Brill, 2012.

DURAND, M. What Does “This” Mean? Deixis and the Semantics of Demonstratives in Stoic Propositions. **Methodos**, 19, 04 fevereiro 2019. Disponível em: <http://journal.openedition.org/methodos/6023>. Acesso em: 25/01/2021.

DURANTI, A.; GOODWIN, C. **Rethinking Context: Language as an interactive Phenomenon.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ECHEGOYEN, J. J. I. En torno al sistema deíctico pronominal en Latín y su paso a las lenguas románicas. **Revista Española de Lingüística**, v. 2, n. 4, p. 459-472, 1974.

EKOWATI, A.; SOFWAN, A. The use of Pragmatic Deixis in Conversation Texts in “Pathway to English”. **Lembaran Ilmu Kependidikan**, v. 43, n. 2, 2014. Disponível em: <http://journal.unnes.ac.id/nju/index.php/LIK>. Acesso em: 13/10/2021.

FARIA, E. **Gramática Superior de Língua Latina.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, H. R. M.; GUIMARÃES, S. A. H. A Intencionalidade Marcada nos Textos Instrucionais: o que há de novo nisso? **Signum: Estudos Linguísticos**, Londrina, v. 19/1, p. 369-395, Junho 2016.

FIGUEIREDO, O. M. **A anáfora nominal em textos de alunos: a língua no discurso.** Tese de Doutorado. ed. Porto: Universidade do Porto, 2000.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin: [s.n.], 1982. p. 111-138.

FONSECA, F. I. **Dêixis, Tempo e Narração**. Porto: Fund. Eng. A. de Almeida, 1989.

FONTÁN, A. Historia y sistemas de los demostrativos latinos. **Emerita**, **33**, p. pp. 71-107, 1965.

FORTES, F. S. **Sintaxe Greco-Romana**: Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo na História do Pensamento Gramatical Antigo. Campina: Tese de Doutorado - UNICAMP, 2012.

_____; MOURA, M. Z. As fronteiras categoriais entre preposições e advérbios nas Institutiones grammaticae de Prisciano (séc. VI): convergências entre o discurso gramatical latino e a Linguística Funcional Centrada no Uso. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 24, p. 47-66, 2019.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, M. **Advances in written text analysis**. Londres: Routledge, 1994. p. 83-101.

_____. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. **Mulheres, Linguagem e Poder**: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.

FREITAS, E. C. A topicalidade e a distância referencial: um estudo do sintagma nominal definido no gênero editorial. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, p. 41-47, jan./mar. 2008.

FURTADO DA CUNHA, M. A. **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita na cidade de Natal. Natal-RN: EDUFRN, 1998.

_____. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010. p. p. 157-176.

_____; BISPO, E. B. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista do Gelne**, Natal/RN, v. 15 Número Especial, p. 53-78, 2013.

_____; BISPO, E. B. 'Pra quem é, bacalhau basta': da opacidade e produtividade das construções idiomáticas. **SOLETRAS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - PPLIN**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 37, jan/jun 2019.

_____; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

_____; COSTA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional**: Teoria e Prática. São Paulo: Parábola, 2015. p. 21-48.

_____; OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. **DELTA**, v. 15, n. 1, 1999.

GARCIA, A. L. M. Gramática Tradicional ou Normativa? Um enredamento de língua, política, educação e ciência. **Rev. Est. Linguagem**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 219-245, jan/jun 2011.

GARY-PRIEUR, M. N.; NOAILLY, M. Demonstrativos Insólitos. In: CAVALCANTE, M. M. E. A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 229-249.

GIVÓN, T. **Syntax and Semantics: Discourse and Syntax**. New York: Academic Press, v. 12, 1979.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. The grammar of referencial coherence as mental processing instructions. *Linguistics*, Berlim, 1992. p. 5-55.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **Syntax: An Introduction**. Amsterdam: J. Benjamins, v. I, 2001. 500 p.

GONÇALVES, R. T.; CONTO, L. Prisciano e a história da gramática: considerações acerca da sintaxe e da morforlogia. **Revista Eletrônica Antiguidade Clássica**, n. 5, p. 85-99, Semestre I 2010. Disponível em: http://antiguidadeclassica.com.br/website/edicoes/quinta_edicao/rodrigo_luana.pdf. Acesso em: 26/03/2021.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Gramaticalization**. 2ª. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar discourse. **Language V. 56, n.2**, 1980. pp. 251-99.

HORA, D. Vocalização da lateral/l: correlação entre restrições sociais e estruturais. **Scripta**, v. 9, n. 18, p. 29-44, 1º sem 2016.

ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.

JUBRAN, C. S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-241.

JUNGBLUTH, K. **Pragmatik der Demonstrativpronomina in den iberomaansihchen Sprache**. Tübingen, Niemeyer: [s.n.], 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **L'énonciation de la subjectivité dans le langage**. Paris: Armand Colin, 1980.

KLEIBER, G. Associative anaphora and part-whole relationship: The condition of alienation and the principle of ontological congruence. **Journal of Pragmatics**, 31(3), 1999. 339-362.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; MARCUSCHI, L. A. Processo de Referenciação na Produção Discursiva. **DELTA**, São Paulo, v. 14, 1998.

KUISINGA, E. A. **Handbook of Present Day English Parte II - English Accidence and Syntax**. Utrecht: Kemink [s.n.], 1925.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAKOFF, R. Remarks on This and That. in **Papers from the Tenth Regional Meeting**, Chicago, p. pp. 345-56, 1974.

LEITÃO, M. M.; SIMÕES, A. B. G. A influência da distância no processamento correferencial de pronomes e nomes repetidos em português brasileiro. **Veredas On line - Atemática**, Juiz de Fora, v. 1, n. PPG - Linguística/ UFJF, p. 262-272, 2011.

LEMOS, C. A.; MATOS, D. P. Abordagem sintático-discursiva sobre o uso prototípico do pronome te. In: MATOS, D. P. **Morfossintaxe e léxico: abordagens funcionalistas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2017. p. 15-72.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LINDE, C. Focus of Attention and the Choice of Pronouns in Discourse. In: GIVÓN, T. **Syntax and Semantics: Discourse and Syntax**. New York: Academic Press, v. 12, 1979. p. 337-54.

LOBÃO, D. “Se beber não dirija” ou “se dirigir não beba”: uma análise do Funcionamento Pragmático-discursivo das adverbiais condicionais e sua aplicação ao ensino de Língua Portuguesa. 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48389952-1-alguns-principios-basicos-do-funcionalismo-iconicidade-e-prototipicidade.html>. Acesso em: 30/07/2020.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e Progressão Tópica: Aspectos Cognitivos e Textuais. In: **Anais do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), Vol. 2, nº 2**, 2000. 1-11.

_____. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras/ UFPR**, Curitiba, n. 56, p. 217-258, jul/dez 2001.

MARINE, T. C. O uso anafórico dos pronomes demonstrativos no português contemporâneo. In: COSTA, D. S. **Pesquisas linguísticas pautadas em corpora**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 15-50.

MARINER, S. **Contribución al estudio funcional de los pronombres latinos**. Actas del III Congreso Español de Estudios Clásicos, 3. Madrid: [s.n.]. 1968. p. 131-143.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

_____; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional: Teoria e Prática**. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-20.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.

MARTINS, A. P. S. Teoria dos Espaços Mentais na Construção de Sentido em Textos Multimodais. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 46, p. 72-97, jan./abr. 2019.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006. 208 p.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004[1970].

MAURER JR., T. H. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959. 298 p.

_____. **O Problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962. 198 p.

MENON, O. P. S. Em torno do pronome. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 179-200, julho 2004.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et categorisation. In: MOTA, J.; ROLLEMBERG, V. **A linguagem falada culta na cidade de Salvador: diálogos entre dois informantes**. Salvador: Instituto de Letras da UFPB, v. 1, 1994.

MONTEIRO, J. L. As ideias gramaticais de João de Barros. **Revista de Letras-UFC**, v. 19, n. 25 1/2, p. 25-31, jan/dez 1997.

MORAES, C. R. A.; MORAES, I. D. O processo de (re)categorização pelo uso de expressões nominais em crônicas narrativas. **Revel**, v. 13, p. 170-206, 2015. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 08/11/2020.

MORAES, R. M. C. M. Da anáfora à 'anáfora indireta': Correferencialidade e inferência. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 2, Rio de Janeiro, p. CiFEFiL, 2011.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000. 1037 p.

_____. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A vertente grega da gramática tradicional: uma visão do pensamento grego sobre a linguagem**[online]. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2018. 334 p.

OLIVEIRA, A. J. Análise quantitativa no estudo da variação linguística: noções de estatística e análise comparativa entre Varbrul e SPSS. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 93-119, jul / dez 2009.

OLIVEIRA, M. R. Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil. **Revista Linguística**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 49-61, junho 2012.

_____. Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem. **Revista Roseta**, p. 1-11, 22 abril 2020. Disponível em: <http://www.roseta.org.br/2020/04/22/do-corpo-para-a-mente-o-caminho-do-concreto-ao-abstrato-na-linguagem/#:~:text=N.1%20%E2%80%93%2018,Do%20corpo%20para%20a%20mente%3A%20o%20caminho,c oncreto %20ao%20abstrato%20na%20linguagem&text=Pois%20be>. Acesso em: 25/04/2020.

_____; VOTRE, S. J. A TRAJETÓRIA DAS CONCEPÇÕES DE DISCURSO E DE GRAMÁTICA NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 97-114, jan/jun 2009.

PEIRCE, C. **Obra lógico-semântica**. Tradução espanhola. ed. Madri: Taurus, 1940.

PEREIRA, E. C. **Grammatica Histórica**. São Paulo: Weisflog Irmãos, 1919.

PÉREZ GONZÁLEZ, M. Sobre los demostrativos en el latín medieval cancelleresco. **Minerva: Revista de Filología Clássica**, v. 1, p. 145-152, 1987.

PINHO, A. J. **Aspectos da História Da Língua**: Um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos. Florianópolis: Dissertação de Mestrado - UFSC, 2012.

POCIÑA PÉREZ, A. Función dramática de los demostrativos en Plauto. **Auster**, v. 12, 2007. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3314/pr.3314>. Acesso em: 23/03/2020.

QUIRK, R. et al. **A Grammar of Contemporary English**. London: Longman, 1972.

RAFAEL, N. **Variação, mudança e ensino**: o caso dos pronomes possessivos ‘da gente’ e ‘nosso(a)(s)’ em uma abordagem sociofuncionalista. Natal: Dissertação - Universidade do Rio Grande do Norte, 2010.

RASO, T.; MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I: Corpus** de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. 553 p.

_____. _____. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ROCHA, L. H. P. Concretização de substantivos abstratos. **Revista Contextos Linguísticos**, Vitória, 2007. 11-24.

ROSCH, E. H. Natural Categories. **Cognitive Psychology**, 4, 1973. 328-350.

RUMEU, M. C. B. “Pronome” na construção da metalinguagem no Português. **Revista da Abralin**, v. 7, n. 1, p. 129-159, jan/jun 2008.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 8ª. ed. Brasília: Editora da UNB, 2001.

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. Berlin: Mouton de Gruyter, v. 2, 1988. p. 984-997.

SCHWARZ-FRIESEL, M. Indirect Anaphora in text. In: SCHWARZ-FRIESEL, M.; CONSTEN, M.; KNESS, M. **Anaphors in text: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

SILVA, C. R. Por uma gramática funcional. In: SILVA, C. R. **Ensino de Português: demandas teóricas e práticas**. João Pessoa: Ideia, 2007. p. 67-90.

SILVA, J. R. (Inter)Subjetividade e Extensão Semântica em Construções com Aquele. In: FURTADO DA CUNHA, M. A. . B. E. B. E. S. J. R. **Variação e mudança em perspectiva construcional [recurso eletrônico]**. Natal-RN: EDUFRN, 2018. p. pp. 167-209.

SLOBIN, D. I. **Psicolinguística**. São Paulo: Nacional/USP, 1980.

TODOROV, T. Problèmes de l'énonciation. **Languages**, v. 17, p. 3-11, 1970.

TOMASELLO, M. **Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge/London: Harvard University Press, 2003.

VAN DIJK, T. A. **Ideology. A multidisciplinary approach**. Londres: Sage, 1998.

_____. **Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos na Análise Crítica do Discurso**. Porto: Campo das Letras, 2005. 300 p.

VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M. Gramaticalização na ordenação vocabular de sujeito. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZÁRIO, M. M. **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 64-70.

WEINRICH, H. **Tempus. Besprochene und erzählte Welt**. Stuttgart/Paris: Kohlhammer: trad. francesa Le temps. Le récit et le momentaire, 1973 [1964].

ZAMPONI, G. **Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações**. Campinas, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270385>. Acesso em: 3/08/2018.

ZUBIN, D. A.; HEWITT, L. E. The deictic center: a theory of deixis in narrative. In: DUCHAN, F. J.; BRUDER, G. A.; HEWITT, L. E. **Deixis in narrative**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 129-155.

APÊNDICE: Planilha do Excel com a catalogação dos dados da pesquisa (amostra)

Nº	OCORRENCIA	NUCLEO DE SN/NOME DE REF	TSN	FUNCAO SINTATICA	NATUREZA DO SN(N)	REFERENCIACAO	MODALIDADE	GRAUS DE DISTANCIAMENTO	GÊNERO TEXTUAL	INFORMANTE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
1	... e eu fiquei quase um mês lá internado né ... fiquei quase um mês sem dormir ((carro passando)) sem dormir porque muito ... muitas escoriações pelo corpo né ... isso aqui ... essa parte daqui ... daqui do ... do ... no meu rosto ... abriu ...	PARTE	ESSA X (Z)	FA	NC	DE	ORAL	G4	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
2	ele num sabia né ... que o cemitério era maldito ... que a mulher dele ia voltar né ... aí a mulher dele voltou e num agrediu ele que nem o cachorro ... aí também ele num entendeu por isso ... porque algumas pessoas ficava e outras não né? também num entendeu isso ... sim ... aí a mulher né ... ele contou como a mulher tinha ... tinha ... sido ... tinha morrido né ... aí depois ele foi pra casa né ... ele foi pra lá depois ... combiANram também que ele também queria acabar com essa maldição ... num queria mais ver a mulher nem o cachorro né ...	MALDIÇÃO	ESSA X	FA	NA	AN	ORAL	G3	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
3	a ... era uma história de uma família ... que ia passar um tempo ... num sei ... lá sair da cidade né ... dos Estados Unidos e ia passar um tempo no interior ... numa cidadezinha ... que a ... tipo ... tipo um povoado né ... (...) aí ... essa família né ... essa família ... gostou do local é ... no final de semana ... final de semana não ... todo dia ... eles tavam de férias lá ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
4	l: é ... armava lá ... armava lá uma barraca lá ... e fazia tipo um piquenique né ... e chamava o velho lá ... esse ... o vizinho dele ... pra também compartilhar lá da ... da ceia lá né ... aí num acontecia muita ... muita coisa não ... era sempre essa ... monotonia né ... tinha telefone também lá na casa né ... de vez em quando ele se comunicava com outras pessoas da família lá na cidade ...	MONOTONIA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G1	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
5	aí depois tem o prédio ... aí depois você desce ... tem o prédio dois ... não ... tem é ... o ... a pracinha ... tipo uma pracinha assim ... do lado direito tem o estacionamento dos carros dos professores ... tem uma mangueira bem grande ... em baixo lá ... aí do lado esquerdo também tem uma quadra ... uma quadra lá muito ruim ((riso)) tem aí depois que você sai desse ... nessa pracinha tipo essa pracinha ... aí tem o prédio dois ... o térreo do prédio dois ... que lá se encontra do lado direito ...	PRACINHA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
6	... assim que você entra assim ... tem uma ... tem um trailerzinho comsorvete ... tem sorvete ... depois ao lado tem uma por/ tem uma porta que essa porta já fica ao lado ... embaixo do prédio três ... tem uma porta é:: da biblioteca ... dá acesso à biblioteca ...	PORTA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
7	... a terceira unidade que funciona lá na ... na avenida Salgado Filho ... antigo Hiper Veículos que é ... só o curso de biologia ... que funciona no ... nos dois turnos ... o único curso que funciona em dois turnos ... o vespertino e o noturno é:: é ... lá tem né ... lá tem tudo que tem lá na ... na ... na ... na primeira unidade só que bem resumido né? sim ... fora os ... sim ... fora os laboratórios de biologia que num tem lá né ... mas tem laboratório de biologia ... as salas de aula né ... os banheiros ... o estacionamento ... dos professores ... os professores só da UNIPEC né ... e ... lá ... essa ... essa unidade ... essa terceira unidade ... ((carro passando)) ela também num tá ... tá funcionando provisoriamente	UNIDADE	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
8	corto o que sobrar né ... de ... de ... de massa ... sobrar coloco na forma e geralmente quando eu faço duas ... sobra ainda massa né ... com essa massa aí eu já faço outra coisa ... eu faço os enroladinhos né ... aí com a salsicha né ...	MASSA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	REL PROCEDIMENTO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
9	bem ... bem distante mesmo da capital ... tinha é uma ... tinha a casa ... a casa lá que eles iam passar né ... passar um tempo lá e tinha uma avenida bem movimentada que passava no meio ... e do outro lado tinha outro casarão bem velho ... todas ... todas as duas casas eram grandes e velhas né ... bem velhas ... aí nessa ... nessa casa morava um velho né ... sozinho ... a casa grande ... mas ele morava é ... morava sozinho né ...	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
10	e deixou uma frase ... pra ele ... deixou uma frase aí muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... aí/ cobriu lá o corpo né ... e levou lá pra o ... o:: fazer a necropsia lá né ... aí ele foi pra casa né ... e ficou pensando só nisso né ... como é que aquele menino havia morrido ... aí foi pra casa né ... aí quando foi à noite ... nessa ne/ nessa noite ... aí ele ... dormindo lá no ... no ... no quarto aí ... aí viu a:: o menino lá que tinha morrido ...	NOITE	ESSA X	FA	NA	DT	ORAL	G4	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
11	e as crianças começaram a ficar com medo né ... aí tentaram sair do cemitério ... foi que num acharam mais ... o cemitério era muito grande ... num acharam mais a saída ... aí quanto mais eles iam andando mais eles entravam no cemitério ... era muito grande ... aí subiram nessa parte assim né ... que é ... fica na parte de baixo e tem a parte alta e nessa parte de ... de ... deram lá na ... na ... num campo bem grande assim	PARTE	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR

12	... tinha uma mulher e tinha um cachorro né ... e o cachorro foi atropelado na estrada e a mulher dele também foi atropelada na estrada lá ... (...) o velho assim que recebeu ele ... mal tocou na porta ele disse a mesma frase que o cara que t/ o cara que tinha morrido né ... aí ele disse se arrepiou logo todinho né ... "vixe maria ... então esse aí é ... tava morto também" ... aí pronto ... mas ele entrou sempre num é ... aí o velho "não vamos tomar uma cervejinha aqui" né ... aí ele abriu o jogo ... aí ele abriu o jogo ... aí ele abriu o jogo logo né ... "é ... eu também morri ... é ... nessa estrada ... e como eu tava sozinho ... fui o último a morrer ...	ESTRADA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
13	eu acho que não haveria uma ... um entrosamento melhor entre a seleção ... e ... eu acho que iria melhorar né? ia melhorar muito né? já que ... o entrosamento hoje em dia é ... é muito importante né? já que num é os treinamento também ... pra entrosar esse time ... se houvesse ou então é ... se convo/ em vez de convocar jogadores de um time e de outro ... convocasse um time que tivesse melhor no ... no ... no ... no: no campeonato brasileiro ... e nesse caso o time mais entrosado e ... e melhor ... que vinha ... vem se saindo ... vem melhor ... se saindo melhor ... seria o São Paulo ... seria o mais lógico ... eu acho que já ... que estamos nessa situação ... uma única saída seria essa ...	SITUAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
14	... esses jogadores que tão fora ... tavam fora ... na Europa ... tavam de férias atualmente num ... não estão bem fisicamente ... e o que num acontece com os jogadores daqui que estavam em plena atividade num é? se fo/ se fosse escalado os jogadores daqui ... convocado esses jogadores daqui ... que jogam aqui ... eu acho que estaria melhor também ... E: o ...com ... é: você acha que ... o futebol brasileiro hoje virou empresa? como é isso? i: não ... eu acho que ... o ... o futebol quando virar empresa ... vai melhorar né? mas enquanto ... enquanto está essa situação ... num tem condições porque ... todos os jogadores ... cada um procurando ... cada um queria ganhar mais ...	SITUAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G2	REL. OPINIÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
15	aí depois tem o prédio ... aí depois você desce ... tem o prédio dois ... não ... tem é ... o ... a pracinha ... tipo uma pracinha assim ... do lado direito tem o estacionamento dos carros dos professores ... tem uma mangueira bem grande ... em baixo lá ... aí do lado esquerdo também tem uma quadra ... uma quadra lá muito ruim ((riso)) tem aí depois que você sai desse ... dessa pracinha tipo essa pracinha ... aí tem o prédio dois ... o térreo do prédio dois ... que lá se encontra do lado direito ...	PRACINHA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
16	tinha um ... um cemitério ... aí chamava cemitério maldito ... (...) Foi no cemitério com ele e disse que o terreno onde era o cemitério era indigeAN e portanto não poderia ser construído ANda, para quebrar isso, acabar com essa maldição era preciso que fosse encontrado alguma coisa que estava escondido, umas pedras santas que estavam AN parte mais autô do cemitério, foram lá, mais não encontraram e voltaram para casa, dizendo que iriam procurar outro dia, pois, já estava bastante tarde.	MALDIÇÃO	ESSA X	FA	NA	AN	ORAL	G3	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
17	Foi outro dia no cemitério com o velho, levando ferramentas para cavar, depois de muito procurar encontraram as pedras, sim mais antes disso o homem descobriu que o velho já havia morrido também e como essas história nunca tem fim, termina assim.	HISTÓRIA	ESSA X	FA	NA	DM	ESCRITA	G4	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
18	Há também interesses por parte do presidente da FIFA, João Havelange que também tem seus interesses. Mais daí surgiu interesses em colocar nosso futebol no lugar de destaque, onde a cada ano vem perdendo mais e mais credibilidade por parte da imprensa internacional está difícil. Na minha opinião os cartolas são os principais causadores dessa situação, pois, no Brasil é assim, você não pode trabalhar só, sem que haja gente manipulando por trás.	SITUAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AE	ESCRITA	G1	REL. OPINIÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
19	tive que fazer uma plástica aqui e aqui né ... e se tivesse sido até ... talvez se tivesse sido outro tipo de ... de ... operação ... tivesse costurado assim ... talvez hoje tivesse apa/ aparecendo a ... a marca né? (...) ... i: aí foi terrível ... o motorista só teve um corte na ... na ... na ... na testa aqui ... ((pausa)) sim ... o motorista né? como eu ... como eu havia dito ... tinha ... teve só um ... um corte na ... na ... na testa né ... e ... ficou fazendo os curativos né ... e depois recuperou-se né ... mas eu ... eu tive é ... apesar de ter ficado bom né ... com essa ... essa cirurgia que fiz ... mas tive seqüelas né ... fiquei com seqüelas como ... meus dentes ficaram num sei quantos anos ...	CIRURGIA	ESSA X (Z)	FA	NC	AA	ORAL	G2	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
20	todas as duas casas eram grandes e velhas né ... bem velhas ... aí nessa ... nessa casa morava um velho né ... sozinho ... a casa grande ... mas ele morava é ... morava sozinho né ... é ... nessa outra casa ... tava desocupada né ... que eles iam ... num tinha vizinho pra lá ... aí era ... a família era um menino ... uma menina ... o pai dela ... a mãe dela ... e um gato ... ((riso))	CASA	ESSA (Z) X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR

21	todas as duas casas eram grandes e velhas né... bem velhas ... (...) muitos dias aí ... chegou esse velho lá na casa dele ... chegou esse velho na casa deles ... esse velho que morava em frente a eles ... na outra casa do outro lado da pista ... aí ... como é ... fez ... é pra ... chegou a eles ... pra fazer amizade com eles né ... aí ... junto a essa ... essas duas ... essas duas casas ... descendo assim uma ribanceira ... tinha um ... um cemitério ... aí chamava cemitério maldito ...	CASAS	ESSA (Z) X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
22	... I: forçado ... ha/ ha/ havia antigamente era uma ... uma tribo de índio né ... aí você sabe que onde há essa ... essas tribo de índio ... há um ... um ... é:: local santo que eles chamam né ... ali num pode ser construído nada ... nem ... nem cemitério nem nada ... também né ... aí ... havia ... onde tinha a parte baixa do cemitério e a parte alta do cemitério onde os índios lá fazia ... os negócio dele lá ... os culto dele lá ...	TRIBO	ESSA X (Z)	FA	NC	DM	ORAL	G4	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
23	o gato foi atropelado por umas dessas carretas que passavam na ... na ... na ... lá na ... lá na avenida lá né ... só que quando ele foi atropelado ... só tava o pai da menina em casa ... o pai da menina em casa né ... a mulher dele e os dois filhos tinham ido pra cidade ...	CARRETAS	ESSA X (Z)	FA	NC	DM	ORAL	G4	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
24	aí os indígenas expulsavam ... os espírito do ... do ... dos indígena lá expulsava as pessoas que ... que eram enterradas ali né ... expulsava e só achando esse negócio lá deles lá ... essas pedras lá que tinham ... desenterrando lá é que a/ acabava com a maldição né ...	PEDRAS	ESSA X (Z)	FA	NC	DM	ORAL	G4	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
25	e agora no terceiro andar ou ... no terceiro prédio ... tem essa ... essas coisa que eu já lhe falei que tem em baixo né ... biblioteca ... auditório ... a sala dos professores ...	COISA	ESSA X (Z)	FA	NC	CT	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
26	... a terceira unidade que funciona lá na ... na avenida Salgado Filho ... antigo Hiper Veículos que é ... só o curso de biologia ... que funciona no ... nos dois turnos ... (...) a UNIEPEC funciona em ... em três unidades ... uma é essa que eu falei que é composta de três prédios ... (...) ... na ... na primeira unidade só que bem resumido né? sim ... fora os ... sim ... fora os laboratórios de biologia que num tem lá né ... mas tem laboratório de biologia ... as salas de aula né ... os banheiros ... o estacionamento ... dos professores ... os professores só da UNIEPEC né ... e ... lá ... essa ... essa unidade ... essa terceira unidade ... ((carro passando)) ela também num tá ... tá funcionando provisoriamente ... apesar de ... apesar do curso vai é:: o curso vai continuar funcionando lá ... mas ... ainda ... vai ainda ... vão ser feitas outras reformas né ...	UNIDADE	ESSA (Z) X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
27	vai ser construída uma unidade ... vai ser futuramente ... vai ser um complexo esportivo ... (...) I: é ... bem melhor do que ... a que existe ... que também num é ... pra falar a verdade num existe ... complexo esportivo na UNIEPEC não existe ... pra gente ... pra o pessoal treinar tem que ... se alu/ alugar o Palácio dos Esportes ... alugar o Sílvia Pedrosa ... outros lugares aí ... porque a gente num ... num tem aonde treinar ... o pessoal de lá num tem aonde treinar ... então com essa ... essa unidade aí que será construída ... futuramente ... no Jiquí vai melhorar muito ... pra gente ... pena que eu num vou tá mais lá ((riso))	UNIDADE	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
28	tem umas salas maiores ... as salas menores ela:: ela tem a capacidade mais ou menos de ... pra sessenta ou setenta alunos ... um aluno por metro quadrado folgado ... (...) ... sim ... a ... a ... as ... sim ... as salas menores né ... é:: é isso né ... aí elas têm capacidade ... essa capacidade que eu disse pra sessenta ... é ... sessenta ... setenta alunos	CAPACIDADE	ESSA X (Z)	FA	NA	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
29	E: Carlos ... você disse que gosta de falar sobre futebol e ... é um tema que você gosta de discutir né? então ... é ... qual a sua opinião é sobre:: o futebol né ... que a seleção brasileira tá apresentando ... a/ ultimamente? I: é ... bom ... eu acho que ... a culpa não está no ... no ... no ... na comissão técnica ... no ... do futebol apresentado pelo ... no Brasil atualmente né ... eu acho que vem de ... vem de cima né ... se ... se num houvesse essa politicagem toda né ... que há né ... em torno do ... do ... do futebol ... se cada um num ... num tivesse seu ... seu jogador na ... na ... na cabeça ... porque quem tá ... quem tá escalando o time não é o técnico ... da seleção ... quem tá escalando o time são os ... é são as pessoas que estão por fora né?	POLITICAGEM	ESSA X (Z)	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL. OPINIÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
30	se é a partir do momento que derem liberdade pro técnico escalar a seleção ... só ... vai a tendência é ... é melhorar e também ... também a ... por parte dos jogadores se houver mais vontade ... menos interesse pelo ... pelo dinheiro mas ... se ... se preocupar mais em jogar futebol do que em ganhar dinheiro né? como já aconteceu agora com ... com Caraca eu acho que ele pediu dispensa né? pediu pra sair ... pediu pra sair e ... todo mundo sabe ... porque ele pediu pra sair ... porque ele já tem um bom contrato no Japão ... né? num vai ... num vai arriscar a cabeça ... só pra pertencer a essa seleção bagunçada	SELEÇÃO	ESSA X (Z)	FA	NA	AD	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR

31	Mas voltando a seleção brasileira, no tocante aos jogadores, não existe mais aquela vontade, aquele interesse em mostrar um bom futebol, em provar que está sendo bem remunerado e tem que jogar, hoje em dia só há interesse em ganhar dinheiro, ninguém se importa em mostrar o que sabe fazer. (...) Será que iria resolver o problema? Será que mudando iria dar tempo para colocar as coisas nos eixos em tão pouco tempo de trabalho? A melhor alternativa ainda é trabalhar com o que tem, fazendo com que os jogadores tenham mais garra, mais vontade, pois, só assim iríamos conseguir amenizar essa falta de interesse , esses problemas que andam rondando a nossa seleção.	FALTA	ESSA X (Z)	FA	NA	AE	ESCRITA	G3	REL. OPINIÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
32	e as crianças começaram a ficar com medo né ... aí tentaram sair do cemitério ... foi que num acharam mais ... o cemitério era muito grande ... num acharam mais a saída ... aí quanto mais eles iam andando mais eles entravam no cemitério ... era muito grande ... aí subiram nessa parte assim né ... que é ... fica na parte de baixo e tem a parte alta e nessa parte de ... de ... deram lá na ... na ... num campo bem grande assim	PARTE	ESSA X (Z)	FA	NC	DE	ORAL	G4	NARRATIVA	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
33	lá na ... na faculdade mesmo ... onde eu tenho meus amigos lá e tudo ... é a UNIPEC ... são é ... é composto de três prédios ... (...) a UNIPEC funciona em ... em três unidades ... uma é essa que eu falei que é composta de três prédios ... a outra é funciona no ... no ... na parte no noturno ... no Ferro Cardoso ... o colégio Ferro Cardoso ... que funciona ... os primeiros anos do ... dos cursos de humanas ... da área de humanas né ...	UNIDADE	ESSA (Z)	FS	NC	AD	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
34	E: untar né? I: é untar ... exatamente é essa a palavra que eu tava procurando ... é ... untar as formas depois de trinta ... trinta minutos eu ... coloco na ... na ... na pedra lá ... é ... faço o rolo né ... pra estirar a massa né ... estirar a massa e eu calculo mais ou menos a ... a metade né ... da massa que já é pra eu fazer duas né ...	(PALAVRA)UNTAR	ESSA	FS	NC	AM	ORAL	G0	REL. PROCEDIMENTO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
35	em vez de convocar jogadores de um time e de outro ... convocasse um time que tivesse melhor no ... no ... no ... no: no campeonato brasileiro ... e nesse caso o time mais entrosado e ... e melhor ... que vinha ... vem se saindo ... vem melhor ... se saindo melhor ... seria o São Paulo ... seria o mais lógico ... eu acho que já ... que estamos nessa situação ... uma única saída seria essa ...	SAÍDA	ESSA	FS	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF1C	MASCULINO	26 ANOS	SUPERIOR
36	aí ... aí eu cheguei na turma e disse ... "olha ... Luiz Andrade mandou dizer que não ia dar aula hoje" ... todo mundo iria pra casa depois e ia repor essa aula ...	AULA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
37	então tinha um advogado ... é a história desse advogado que ... era de família rica ... tradicional ... tinha um escritório ... tinha sua chácara no subúrbio e vivia muito bem ... era um homem solitário (...) então tinha um cara lá ... (...) vendendo sua vida a esse advogado ... então esse cara ... como advogado ... fez um pequeno testamento lá ... vendendo ... dando tudo o que era dele ... toda a sua fortuna em prol da família desse cara ... em troca disso ele ganharia a vida ... (...) a família do cara que vendeu a vida ... tomou posse dos bens (...) no entanto ... essa família era revoltada com essa pessoa que vendeu ... e queria muito conhecer essa pessoa ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
38	então tinha um advogado ... é a história desse advogado que ... era de família rica ... tradicional ... tinha um escritório ... tinha sua chácara no subúrbio e vivia muito bem ... era um homem solitário (...) então tinha um cara lá ... (...) vendendo sua vida a esse advogado ... então esse cara ... como advogado ... fez um pequeno testamento lá ... vendendo ... dando tudo o que era dele ... toda a sua fortuna em prol da família desse cara ... em troca disso ele ganharia a vida ... (...) a família do cara que vendeu a vida ... tomou posse dos bens (...) no entanto ... essa família era revoltada com essa pessoa que vendeu ... e queria muito conhecer essa pessoa ...	PESSOA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
39	a família do cara que vendeu a vida ... tomou posse dos bens (...) no entanto ... essa família era revoltada com essa pessoa que vendeu ... e queria muito conhecer essa pessoa ... (...) e a partir do momento que ele foi vivendo com essa família ... foi sentindo realmente a raiva ... todo aquele sentimento que a família tinha em relação ao outro ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
40	youê entra na sala de estar ... na sala de estar ... é uma sala relativamente pequena ... que ao lado direito tem uma ... a: a sala de jantar né ... então quando você termina essa sala de jantar ... composta de mesa ... cadeiras ... e alguns quadros ... você pega um pequeno vão ... que fica perto da escadaria que sobe para o segundo pavimento ...	SALA DE JANTAR	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
41	tem uns arranjos né que a gente sempre coloca na sala de estar ... é uma sala simples ... né ... então quando a gente retorna pra essa sala ... de frente à sala tem uma escadaria que dá para o segundo pavimento ... né ... onde estão os quartos de dormir ... banheiros ... essas coisas ... quando você termina de subir a escada ... em frente ... tem o quarto principal ... né ...	COISAS	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR

42	tem uns arranjos né que a gente sempre coloca na sala de estar ... é uma sala simples ... né ... então quando a gente retorna pra essa sala ... de frente à sala tem uma escadaria que dá para o segundo pavimento ... né ... onde estão os quartos de dormir ... banheiros ... essas coisas ... quando você termina de subir a escada ... em frente ... tem o quarto principal ... né ...	SALA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
43	é um quarto relativamente grande ... com guarda-roupa ... com cama ... penteadeira e todas aquelas coisas da minha filha ... boneca ... brinquedo ... televisão ... um monte de coisa e uma grande janela que dá para uma varanda íntima ... que a gente faz de sala de televisão ... essas coisas ...	COISAS	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
44	li: a cor da minha casa? ela é mesclada a minha casa ... né ... tudo o que você tem direito você tem ... porque a casa ... depois que eu comprei esta casa ... eu comecei a aumentar ... na hora que eu aumentei essa casa ... eu ainda ... a minha casa não está totalmente pronta ... né	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
45	... eu não gosto muito de peixe picante ... aí eu já tiro alguma coisa ... eu não gosto de determinada salada ... então eu já tiro essa salada ...	SALADA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
46	depois eu ralo cenoura bem ralada e também coloco pra ... nessa fritura ... depois eu pego tomate e pimentão e vou ... essas coisas eu vou colocando aos poucos ...	COISAS	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
47	... eu descanso as batatas ... corto-as ... bem cortadinhas ... aí faço um tempero para essa salada ... eu pego maçã ... eu jogo: eu corto maçã picada ... eu pego passas ... eu pego abacaxi ... eu pego cebola ... tomate e faço uma salada dentro desta salada ...	SALADA	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
48	eu descanso as batatas ... corto-as ... bem cortadinhas ... aí faço um tempero para essa salada ... eu pego maçã ... eu jogo: eu corto maçã picada ... eu pego passas ... eu pego abacaxi ... eu pego cebola ... tomate e faço uma salada dentro desta salada ... né ... coloco um pouquinho de azeite e coloco a maionese ... pouquinho ... depois eu pego um prato e: cubro esse prato com alface e jogo essa salada por cima ... né ... e ponho na geladeira ...	SALADA	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
49	eu pego óleo ... bastante óleo e coloco numa frigideira ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ...	PANELA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
50	se você ler a bíblia profundamente ... você vai ver que Deus não é esse Deus que a igreja protestante prega ... determinados grupos ... né ... Assembléia de Deus ... esse Reino de Deus ... essa igreja do Reino de Deus também ... elas fazem uma mistura ... ela faz uma mistura de tudo e você não sabe finalmente o que é que é essa igreja ... o que é que ela prega ... ela prega um deus camado ... cha/ na minha concepção de Deus ... Deus não é isso ...	IGREJA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G2	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
51	se você ler a bíblia profundamente ... você vai ver que Deus não é esse Deus que a igreja protestante prega ... determinados grupos ... né ... Assembléia de Deus ... esse Reino de Deus ... essa igreja do Reino de Deus também ... elas fazem uma mistura ... ela faz uma mistura de tudo e você não sabe finalmente o que é que é essa igreja ... o que é que ela prega ... ela prega um deus camado ... cha/ na minha concepção de Deus ... Deus não é isso ...	IGREJA DO REINO DE DEUS	ESSA X (Z)	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
52	público ... você chega e "ah ... eu me arrependi ... e pronto ... tô no reino de Deus" ... não é assim ... eu acho que existe um caminho a ser batalhado ... porque esse caminho é que vai ... suas provações ... de você mesma que também não deve ser imposta por ninguém ... essas provações que você passa não devem ser impostas por ninguém ... deve ser de você mesma ... você se descobrir ... que se arrependeu e resolver por si só passar por essas provações ...	PROVAÇÕES	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G2	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
53	então quando os nazistas ... existia ... na França ... existia aquelas famílias tradicionais ... né ... então tinha um advogado ... é a história desse advogado que ... era de família rica ... tradicional ... tinha um escritório ... tinha sua chácara no subúrbio e vivia muito bem ... era um homem solitário ... mas que se completava ... né ... então nessa época ... acontecia ... com a ocupação nazista ... acontecia o seguinte ... todos os dias naquelas vistorias ... né ... a ocupação pegava transeuntes e levava pra confinamento	ÉPOCA	ESSA X	FA	NA	DT	ORAL	G4	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
54	na hora que o advogado chega ... ele reclama ... "não ... não faça isso ... já sei quem você é" ... aí o outro diz assim ... "você já contou pra ela quem você é?" aí contou pra menina quem era o advogado ... nessa hora o advogado reage ... para livrar a menina e é morto por esse assassino ... né	HORA	ESSA X	FA	NA	DT	ORAL	G4	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
55	... tem uma porta de madeira muito grande ... né ... que ocupou quase toda a parede da sala e tem a sala ... você entra ... né ... você sobe mais um degrau nessa sala ... você entra na sala de estar ...	SALA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
56	saindo desse vãozinho você entra na cozinha ... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar ... né ... pra ... lavar louça é: todas essas outras coisas mais pesadas ... nessa cozinha tem duas portas ... uma à esquerda ... que dá pra cozinha auxiliar e à direita tem uma área de serviço ...	COZINHA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR

57	então pôe a batata pra cozinhar ... prepara o arroz ... né ... faz aquela limpeza total ... bem lavado ... preparo este arroz ... preparo um molho pra refogar esse arroz ... que eu coloco alho ... sal ... manteiga ... aí coloco cebola pra dourar ... nessa coisa ... né ... depois eu ralo cenoura bem ralada e também coloco pra ... nessa fritura ... depois eu pego tomate e pimentão e vou ... essas coisas eu vou colocando aos poucos ... depois que esse molho tá todo pronto ... eu jogo o arroz e deixo cozinhar o arroz ... com a tampa ... né	COISA	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G3	REL. PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
58	então pôe a batata pra cozinhar ... prepara o arroz ... né ... faz aquela limpeza total ... bem lavado ... preparo este arroz ... preparo um molho pra refogar esse arroz ... que eu coloco alho ... sal ... manteiga ... aí coloco cebola pra dourar ... nessa coisa ... né ... depois eu ralo cenoura bem ralada e também coloco pra ... nessa fritura ... depois eu pego tomate e pimentão e vou ... essas coisas eu vou colocando aos poucos ... depois que esse molho tá todo pronto ... eu jogo o arroz e deixo cozinhar o arroz ... com a tampa ... né	COISAS	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G0	REL. PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
59	O camdoblê também é uma religião com todos os rituais falando em Deus, claro que se sabe que neste seguimento existe aqueles que o utiliza para mal, sabe-se muito bem que esse mal existe e que esse mal implica na não existência de Deus nessas pessoas .	PESSOAS	ESSA X	FA	NC	AD	ESCRITA	G2	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
60	a gente tem um lavabo e à direita uma DÊensa onde eu guardo os mantimentos ... assim que ... saindo desse vaziozinho você entra na cozinha ... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar	COZINHA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
61	a parte de fora da casa tem uma cor meio ... assim ... acinzentada ... um verde ... quase cinza ... a área ... de baixo né ... a varanda de baixo é branca e as salas são brancas ... a cozinha é toda de azulejo e não tem ... é de cor bege ... já a escadaria ... que foi pintada posterior à armação da cozinha ... (...) ela foi pintada de uma cor ... de um amarelo quase bege ... não chega a ser amarelo ... nem chega a ser bege ... tá entre amarelo e bege ... quase rosa ... os quartos são brancos ... e a área externa ... todinha é dessa cor ... desse verde que não é verde ... chega a ser quase cinza	COR	ESSA X	FA	NA	CT	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
62	a macumba ... propriamente dita ... não deixa de ser uma forma de atingir Deus ... porque eles também falam em Deus ... só que sob outro aspecto ... o camdoblê também é dividido ... né ... eu não sou dessa religião ... não participo ... mas eu já li alguma coisa ...	RELIGIÃO	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
63	existe uma vida central que eu chamo ... eu chamo a fé ... porque a fé ... a gente ... a ciência diz que a terra gira em torno do seu próprio eixo ... ou seja ... a terra precisa de algo para se segurar e a gente precisa dessa fé ... então a fé em Deus é a mola para o centro do mundo ...	FÉ	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
64	O clorêto ao entrar em contato com a água fez aquele fogaréu, e foi aumentando, aumentando, até que se transformou numa grande explosão , dessa explosão o que restou foi um grande prejuízo para a escola, pois, todo material que estávamos limpando foi quebrado.	EXPLOÇÃO	ESSA X	FA	NA	AD	ESCRITA	G0	REL. PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
65	. O que importa salientar é que cada indivíduo tem seu Deus dentro de si e dessa forma cada um deve seguir a religião que melhor se acomoda seu conceitos.	FORMA	ESSA X	FA	NA	AE	ESCRITA	G0	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
66	até que ele teve uma idéia de retornar à sua chácara para ver como estava ... nesse ínterim da ... da ... enquanto ele estava preso e após a morte do cara lá ... do que vendeu a vida ... a família do cara que vendeu a vida ... tomou posse dos bens ... no caso ... a chácara ... né e a fortuna em dinheiro ... e ... ela ... ela tomou posse ... no entanto ... essa família era revoltada com essa pessoa que vendeu ... e queria muito conhecer essa pessoa	PESSOA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
67	... uma cozinha relativamente grande ... onde eu tenho freezer ... geladeira ... fogão ... uma mesa ... televisão ... à esquerda ... saindo dessa cozinha à esquerda eu tenho uma pequena cozinha auxiliar ... né ... pra ... lavar louça é: todas essas outras coisas mais pesadas ...	COISAS	(Z) ESSA (Z) X (Z)	FA	NC	DM	ORAL	G4	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
68	então a minha casa ... eu fiz uma reforma ... aí ela ficou um pouco diferente das demais ... tem ... ela é como se fosse um bloco ... tipo apartamento ... ela ficou quadrada ... tipo um apartamento ... não tem assim muito detalhes ... então essa é a nossa sala íntima que dá também pra rua ... com um grande portão de ferro ... toda fechada ... né ... porque hoje em dia tudo é fechado ... a gente não pode deixar mais nada aberto ... essa construção todinha é a construção do ... da área construída ... né ... mas eu ainda tenho por fora disso ... um quintal ... esse quintal é relativamente grande em termos de coisas que eu plantei ... mas em termos de área mesmo ele é pequeno ...	CONSTRUÇÃO	ESSA X (Z)	FA	NC	AE	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
69	... esse arroz ... quando ele tá assim ... quase cozido ... eu pego ele ... passo manteiga numa forma de bolo ... essas formas redondas de bolo e coloco esse arroz e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ...	FORMAS	ESSA X (Z) (Z)	FA	NC	DM	ORAL	G4	REL. PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR

70	eu faço muito lá em casa é um peixe frito ... então a primeira coisa que eu faço é ... pegar o cardápio e ver o que que eu vou fazer ... eu pego óleo ... bastante óleo e coloco numa frigideira ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... bem quente mesmo ... então essa posta de peixe ... ela já tá pronta ... já tá sequinha ... né ... eu coloco essa posta de peixe ... eu coloco pra fritar ... leva um determinado tempo ... eu viro pra ela ficar bem frita ... depois eu retiro essa posta de peixe ... coloco pra secar num papel ... como é que chama ... papel: que ... absorvente ... pra retirar o excesso de óleo ... então ele fica aquela posta de peixe bem seca ... então essa posta de peixe eu coloco num prato específico pra peixe	POSTA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
71	eu pego óleo ... bastante óleo e coloco numa frigideira ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... bem quente mesmo ... então essa posta de peixe ... ela já tá pronta ... já tá sequinha ... né ... eu coloco essa posta de peixe ... eu coloco pra fritar ... leva um determinado tempo ... eu viro pra ela ficar bem frita ... depois eu retiro essa posta de peixe ... coloco pra secar num papel ... como é que chama ... papel: que ... absorvente ... pra retirar o excesso de óleo ... então ele fica aquela posta de peixe bem seca ... então essa posta de peixe eu coloco num prato específico pra peixe	POSTA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
72	eu compro a posta de peixe e boto no limão ... e no alho e no sal e deixo curtir-lo ... (..) eu pego óleo ... bastante óleo e coloco numa frigideira ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... bem quente mesmo ... então essa posta de peixe ... ela já tá pronta ... já tá sequinha ... né ... eu coloco essa posta de peixe ... eu coloco pra fritar ... leva um determinado tempo ... eu viro pra ela ficar bem frita ... depois eu retiro essa posta de peixe ... coloco pra secar num papel ... como é que chama ... papel: que ... absorvente ... pra retirar o excesso de óleo ... então ele fica aquela posta de peixe bem seca ... então essa posta de peixe eu coloco num prato específico pra peixe	POSTA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
73	eu pego óleo ... bastante óleo e coloco numa frigideira ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de colocar em todas as panelas ... né ... então eu pego essa panela e boto com óleo ... deixo esse óleo ficar bem quente ... bem quente mesmo ... então essa posta de peixe ... ela já tá pronta ... já tá sequinha ... né ... eu coloco essa posta de peixe ... eu coloco pra fritar ... leva um determinado tempo ... eu viro pra ela ficar bem frita ... depois eu retiro essa posta de peixe ... coloco pra secar num papel ... como é que chama ... papel: que ... absorvente ... pra retirar o excesso de óleo ... então ele fica aquela posta de peixe bem seca ... então essa posta de peixe eu coloco num prato específico pra peixe	POSTA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G0	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	32 ANOS	SUPERIOR
74	se Deus é tão bom ... por que essa divisão de classe ... se ele prega a igualdade entre os homens?	DIVISÃO	ESSA X (Z)	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
75	então o seu trabalho ... tudo aquilo que lhe foi dado como dom divino ... porque ninguém é nada a troco de nada ... a gente sempre tem é ... essa ... essa coisa que vem por trás de cada indivíduo ... dessa força SUPERIOR que faz com que você se direcione pra determinado objetivo ... então ... o espiritismo ... eu sou mais tendenciosa a ele por isso ... porque ele me mostra ... me mostra é ... as explicações que eu questiono ... como é o caso dessas diferenças de classes ... essas coisas que a gente vê aí nesse dia-a-dia ... que a gente encontra por aí né ... é ... porque as coisas são assim ... porque as pessoas são assim ...	DIFERENÇAS	ESSA X (Z)	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
76	então o seu trabalho ... tudo aquilo que lhe foi dado como dom divino ... porque ninguém é nada a troco de nada ... a gente sempre tem é ... essa ... essa coisa que vem por trás de cada indivíduo ... dessa força SUPERIOR que faz com que você se direcione pra determinado objetivo ... então ... o espiritismo ... eu sou mais tendenciosa a ele por isso ... porque ele me mostra ... me mostra é ... as explicações que eu questiono ... como é o caso dessas diferenças de classes ... essas coisas que a gente vê aí nesse dia-a-dia ... que a gente encontra por aí né ... é ... porque as coisas são assim ... porque as pessoas são assim ...	COISAS	ESSA X (Z)	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR

77	então o seu trabalho ... tudo aquilo que lhe foi dado como dom divino ... porque ninguém é nada a troco de nada ... a gente sempre tem é ... essa ... essa coisa que vem por trás de cada indivíduo ... dessa força SUPERIOR que faz com que você se direcione pra determinado objetivo ... então ... o espiritismo ... eu sou mais tendenciosa a ele por isso ... porque ele me mostra ... me mostra é ... as explicações que eu questiono ... como é o caso dessas diferenças de classes ... essas coisas que a gente vê aí nesse dia-a-dia ... que a gente encontra por aí né ... é ... porque as coisas são assim ... porque as pessoas são assim ...	FORÇA	ESSA X (Z) (Z)	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
78	então o seu trabalho ... tudo aquilo que lhe foi dado como dom divino ... porque ninguém é nada a troco de nada ... a gente sempre tem é ... essa ... essa coisa que vem por trás de cada indivíduo ... dessa força SUPERIOR que faz com que você se direcione pra determinado objetivo ... então ... o espiritismo ... eu sou mais tendenciosa a ele por isso ... porque ele me mostra ... me mostra é ... as explicações que eu questiono ... como é o caso dessas diferenças de classes ... essas coisas que a gente vê aí nesse dia-a-dia ... que a gente encontra por aí né ... é ... porque as coisas são assim ... porque as pessoas são assim ...	COISA	ESSA X (Z)	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
79	você só vai entrar no reino de Deus se você realmente tiver arrependido ... e esse arrependimento é intrínseco de cada um e não é público ... você chega e "ah ... eu me arrependi ... e pronto ... tô no reino de Deus" ... não é assim ... eu acho que existe um caminho a ser batallado ... porque esse caminho é que vai ... suas provações ... de você mesma que também não deve ser imposta por ninguém ... essas provações que você passa não devem ser impostas por ninguém ...	PROVAÇÕES	ESSA X (Z)	FA	NA	AE	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
80	O importante é chegar a Deus, não importa como. A religião católica é boa, no entanto, não admite questionamento, ou seja, não consegue explicar determinadas coisas, como: se Deus é tão bom, por que nas ruas encontramos pessoas deficientes sofrendo? se Deus prega a igualdade, por que essa discriminação de classes?	DISCRIMINAÇÃO	ESSA X (Z)	FA	NA	DM	ESCRITA	G4	REL. OPINIÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
81	I: tem um filme que eu assisti que eu gostei muito ... chamado o décimo homem ... que é a narrativa ... ela começa falando da ocupação nazista na França ... esse filme é baseado é:: não totalmente na ocupação nazista ... mas de como ela foi feita ... como é que aconteceu essa ocupação na França ... né ...	OCUPAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G2	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	32 ANOS	SUPERIOR
82	E: e o professor ... como é que ficou nessa história? I: o professor ficou:: culpado ... né ... porque ... não culpado ... porque um professor fazendo uma experiência não tem nada ... não tem culpa no cartório ... né ... foi só uma ... E: mas ele assumiu a culpa ... I: assumiu ... bom ... a experiência foi essa ... que ficou ... assim ... na minha mente até hoje ... mil outras coisas que eu faço ... né	EXPERIÊNCIA	ESSA (Z)	FS	NA	AM	ORAL	G0	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
83	I: ah ... muita coisa ... a minha vida de estudante é cheia de história ... essa foi uma delas ... foi a que eu me lembrei agora ... assim de imediato ...	HISTÓRIA	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G0	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
84	joguei a chave no lixo ... e sai feito uma louca ... na escola ... procurando o diretor ... procurando o supervisor ... procurando o porteiro ... alguém que tivesse a chave pra abrir a porta ... aí ninguém tinha a chave ... porque a chave eu tinha jogado fora ... terminamos quebrando a porta pra poder o professor sair ... essa foi mais uma das minhas experiências de estudante ...	EXPERIÊNCIA	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G0	NARRATIVA	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
85	... a varanda onde a gente faz a nossa sala íntima para ver televisão ... assistir filme ... essas coisas ... então lá tem duas cadeiras grandes e duas redes armadas para a gente ver televisão ... e tem uma mesinha com televisão ... vídeo ... essas coisas ... então essa é a nossa sala íntima que dá também pra rua ... com um grande portão de ferro ... toda fechada ... né ... porque hoje em dia tudo é fechado	SALA ÍNTIMA	ESSA	FS	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
86	mas eu ainda tenho por fora disso ... um quintal ... esse quintal é relativamente grande em termos de coisas que eu plantei ... mas em termos de área mesmo ele é pequeno ... então lá eu plantei o pé de anador ... lá eu plantei o pé de pimenta ... tem laranjeira ... tem um limoeiro e os varais posteriores ... né ... porque eu tenho varal interior e varal exterior ... então essa é toda a construção da minha casa ... como a minha casa é construída ...	CONSTRUÇÃO	ESSA	FS	NC	AE	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
87	e a área externa ... todinha é dessa cor ... desse verde que não é verde ... chega a ser quase cinza ... essa é a cor da casa ... e a casa também ... ela não tem assim ... feitos de uma casa né ... ela é quadrada ... ela é como se fosse um bloco ...	COR	ESSA	FS	NA	AD	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF2D	FEMININO	31 ANOS	SUPERIOR
88	tem pessoas que gostam de molhos ... né ... é o caso da minha filha ... vai comer peixe frito ... então eu faço um molho rosê ... que é aquele molho que você coloca catchup e maionese bem batido ... fica com aquele sabor é ... bem adocicado que contrasta um pouco com o sal do peixe ... contrasta com o sal do peixe ... né ... então eu coloco essas duas [opções] para preferência ... quem preferir o limão ... tem o limão ...	OPÇÕES	ESSA (Z)	FS	NA	AE	ORAL	G2	REL. PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	32 ANOS	SUPERIOR
89	... enquanto isso eu cozinho umas batatas ... não é ... ainda na casca para ficar aquela:: pra ela não ficar muito molhada ... ela fica mais:: mole ... mas não fica molhada com água ... ela fica mole ... mas: mole sem ser aguada como essa outra que cozinha na água ...	BATATA	ESSA (Z) (Z)	FS	NC	DM	ORAL	G4	REL. PROCEDIMENTO	INF2D	FEMININO	33 ANOS	SUPERIOR

90	...! É ... eu vou: tem uma experiência que marcou a minha vida ... foi no mês de fevereiro ... no feriadão do carnaval onde a gente fez um retiro para ... pra uma praia de Coqueiros ... fica depois de Touro ... primeiro ... de bom que aconteceu foi que eu não esperava por essa viagem né ...	VIAGEM	ESSA X	FA	NA	AA	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
91	... então às vezes ele escolhia fulano ... fulano ... ninguém esperava né ... aí dizia (...) "fulano ... fulano de tal diga o ... o que você mais aprendeu" ... então cada um só dizia essa mesma palavra ... que tinha aprendido a amar verdadeiramente ao outro ... entender aquele amor colegial ... (...) nunca tinha entendido que era realmente ser um ser humano ... em termos de amor ... de compreensão ... de solidariedade ... de fraternidade ... eles só viam essa frase ...	FRASE	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
92	agradei porque Deus permitiu que eles vissem e que eles trouxeram uma experiência boa pra mim ... depois disso a gente veio pra casa ... depois a gente veio pra casa né e eu passei um: um bom tempo sentindo a mesma alegria ... foi assim uma experiência ... assim ... extraordinária e até hoje eu: num esqueci e guardo pra mim essa experiência	EXPERIÊNCIA	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
93	! bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família ... que muito me tocou onde essa família vivia à procura de uma terra ... a procura de: alimento ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
94	! bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família ... (...) ... o objetivo deles era chegar numa cidade ... porque eles acha/ eles tinham um pensamento essa família que: em qualquer cidade que eles chegassem eles iam encontrar logo uma solução ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
95	E: Glislaine ... é ... hoje nós vamos fazer uma narrativa recontada ... você vai me contar uma história que alguém contou pra você ... alguém contou essa história pra você ... e agora você vai me contar essa história ... (...) essa pessoa me falou dessa história me comoveu muito ... porque imagine você ... uma criança pobre ... mal nutrida ... ali no chão precisando de alguém que lhe levantasse ... que lhe desse uma força ... (...) me contaram assim...	PESSOA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
96	o pai dessa família entraram por trás ... ficou uns dias nessa casa ... só que continuava a deficiência de ... de alimento ... eles num tinham alimento ... aí ... esse homem começou a procurar comida ... e encontrou um rio que só era lama ... só era lama ... e ele teve coragem de tomar essa ... essa lama ...	LAMA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
97	e tomou aquela água velha ... aquela água horrível ... eu nem imagino ... aquela água de lama ... e tomou essa né ... e ficou feliz né ... depois um animalzinho ... outro animalzinho que eles tinha ... conseguiu encontrar uma ... um alimento pra eles e era uma caça e essa caça ... esse animal tinha sangrado a caça ... e vinha com: era um cachorro ... vinha com ... o cachorro vinha com a boca toda suja de sangue da caça	CAÇA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
98	! bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família (... 4 repetições do termo "família")ele dizendo né ... "mas eu trabalho pro senhor ... vivo na sua fazenda" ... e esse: esse proprietário da fazenda num tinha mais fazenda ... esse: e ele pedindo né ... "deixe eu ficar" ... e o seu: dono da fazenda não deixava ... que acontece? essa família ... teve que sair novamente à procura ... começou ... voltou pra o que tinha iniciado ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
99	e termina a história ... como: com eles em busca de outra cidade e assim vai ... e o ... e o que eu aprendi dessa história foi que: é: o ser humano ele aonde ele é ... vive ... ele depende ... depende de um alimento ... depende de uma vida digna e que no sertão onde fica con/ me contada essa história e eu tô passando pra você	HISTÓRIA	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
100	essa família ... teve que sair novamente à procura ... começou ... voltou pra o que tinha iniciado ... (...) porque no início como eu lhe falei da história ... porque todo ser humano é humano e todo ser humano precisa de viver ... não são como animais como foi contado que essa família viviam como animais ... chega até o momento em que eles se diziam que eram bicho e não gente e viviam em condições miserável	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
101	tem muitos pontos turísticos ... é uma cidade onde cativa ... ela ficou no meu coração ... a sua entrada chama: a rua onde: é a entrada da cidade chama-se Bela Vista ... essa cidadezinha : ela tem os pontos turísticos que é um rio e uma cachoeira ...	CIDADEZINHA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
102	possui duas pra/ pracinhas ... uma delas é situada na parte central ... é chamada Rua da Matriz ... essa Rua da Matriz é onde os casais se encontra ... muito movimentada ... é onde: se concentra todo o movimento ...	RUA DA MATRIZ	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
103	as festas que existe lá é mais nessa rua onde tem: essa Rua da Matriz ... subindo nessa cidade	RUA DA MATRIZ	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
104	subindo nessa cidade ... nós temos uma quadra ... nessa quadra nós encon/ nós encontramos uns jovens esportistas que todas as noites estão lá ... fazendo competições ... todas as noites tem uma competição ... (...) nós vamos descendo ... onde é essa quadra ... nós encontramos um ponto ... onde: esse ponto marcou: marcou a mu/ uma mudança na minha vida ...	QUADRA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR

105	porque lá não é muito desenvolvido ... mas esse é o melhor colégio ... lá tem ... três colégios ... um na Rua da Matriz ... que é só primeiro grau ... tem um lá perto: um colégio lá perto desse cruzeiro que eu fa/ que eu acabei de falar agora ... é mobral e esse colégio Joaquim da Luz ... que é nessa rua ... que essa rua se chama São Jo/ São José ...	RUA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
106	é a entrada da cidade chama-se Bela Vista ... essa cidadezinha:: ela tem os pontos turísticos que é um rio e uma cachoeira ...(...) ela tem essa cachoeira ... essa cachoeira ... é mais ... mais visitada aos domingo onde os jovens vão pra lá ...	CACHOEIRA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
107	é a entrada da cidade chama-se Bela Vista ... essa cidadezinha:: ela tem os pontos turísticos que é um rio e uma cachoeira ...(...) ela tem essa cachoeira ... essa cachoeira ... é mais ... mais visitada aos domingo onde os jovens vão pra lá ...	CACHOEIRA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
108	os jovens da cidade se deslocaram para uma barragem ... essa barragem ela é funda e gostosa de se ... de se banhar ... e todo mundo ia pra lá né ... fazia aquela festa todo mundo ... é::	BARRAGEM	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
109	lá as pessoas se divertiam o máximo ... achavam o vale das cascatas ... porque todo mundo ia pra lá ... se concentrava ... uns levava bebida ... num tinha um bar:: bar ... quem fosse levava bebida ... essas coisas ... né	COISAS	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
110	ao último dia eles pegam a padroeira né ... deles ... e saem pela cidade simbolizando o último dia e depois disso tem uma procissão no:: na ... no centro da cidade ... então vai de onze:: vai de onze horas da manhã ... eles fazem lá a adoração e de tarde ela ... a santa ... passela ... a romaria passela na cidade ... volta às quatro horas pra o altar da igreja e à noite já não tem mais nada ... foi dado por fim a festa ... (...) !: nas férias eu já ia ... já fui muitas vezes lá ... nas férias eu aproveitava ... quer dizer ... eu ia pros pontos mais turísticos ... mas só o que eu aproveitava mesmo lá como eu falei no início ... foi o que eu mais gostei ... foi essa igreja né ... onde mudou minha vida ...	IGREJA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
111	a solução dos meus filhos futuramente tá nas minhas mãos ... mas ele tem medo de enfrentar ... de encarar a realidade ... de pegar o seu direitos de voto e dizer assim ... "eu vou usar essa arma " ...	ARMA	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
112	tá todo mundo ligado nisso ... na copa ... nos:: nas novelas ... sei lá ... em todas as coisas eles se apegam ... se DEendem dos problemas e deixam ... vão deixando isso e amanhã ... futuramente ... meus filhos ... seus filhos ... vão tá nesse mundo sofrendo fazendo a mesma coisa pior ou pior ainda ... que a gente num sabe onde é que vai ... onde é que essa situação vai chegar	SITUAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
113	vamos buscar uma solução ... quando reúne as cabeças tudo junto ninguém mais sabe ... entra em desespero e diz ... "vamos deixar a corda correr solta" ou então demite ... se um tem uma idéia brilhante e num é de acordo com eles ... demite ... bota outro ... quer dizer ... há sempre essa rotatividade ...	ROTATIVIDADE	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G2	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
114	é uma revolução muito grande ... ele pode até criar os pés e pular um degrau ... mas sair de onde ele tá ... eu acho muito difícil ... é quase impossível ... é por isso que muitas pessoas dizem que não ... o ano dois mil ... tal ... num vai mais existir mais nada ... o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente essa esperança eu não tenho ...	ESPERANÇA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
115	A cidade de Espírito Santo está localizada entre Goianinha e Várzea, e ambas próximo a Natal. Nessa cidade temos diversos pontos turísticos, um deles é uma pequena cachoeira e uma barragem da qual a cidade é abastecida. A entrada dessa cidade é estreita e a rua se chama Bela Vista, ao chegarmos nesta cidade sentimos logo a situação econômica da cidade. Indo ao centro onde se concentra a classe média alta e baixa. E temos uma pracinha onde os namorados se encontram e as crianças andam de bicicleta fazendo a maior zuada, essa avenida chama-se rua da matriz	AVENIDA	ESSA X	FA	NC	AA	ESCRITA	G1	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
116	essa avenida chama-se rua da matriz e nela todo ano acontece uma festa tradicional , onde pessoas de diversas cidades, junto c/ as Espiritantenses comemoram a existência de sua padroeira, e essa festividade dura 10 dias encerrando com o passeio da imagem de escultura em torno da cidade.	FESTIVIDADE	ESSA X	FA	NA	AD	ESCRITA	G1	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
117	... !: é ... eu vou:: tem uma experiência que marcou a minha vida ... foi no mês de fevereiro ... no feriadão do carnaval onde a gente fez um retro para ... pra uma praia de Coqueiros ... a gente foi no sábado à noite ... passou o domingo ... a segunda ... a terça e voltamos na terça à noite ... passamos num:: é:: esse feriadão ... nessa praia ...	PRAIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
118	cada um tinha hora também determinada pra ir ao banheiro ... né ... fazer suas necessidades ... depois ... não tomava café ... a gente ia logo fazer o culto doméstico ... né ... de manhã ... então nesse ... nessa consagração pela manhã ... não só eu senti como todo mundo sentiu ... a gente tava lá ... e era um amor tão grande ...	CONSAGRAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR

119	era um amor verdadeiro ... depois disso a gente continuava o mesmo ritmo né ... tomava café ... descia pra praia ... brincava ... jogava ... voltava novamente ... à tarde ... aí à tarde ... aí à noite também ... né ... fazia: fazíamos as necessidades que qualquer pessoa normal ... aí o que: agora eu vi o meu aprendizado ... o que eu: muito: nessa: nessa viagem foi na despedida ... no último dia ... na terça-feira de manhã ... cada um foi agradecer ...	VIAGEM	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G2	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
120	nessa: nessa viagem foi na despedida ... no último dia ... na terça-feira de manhã ... cada um foi agradecer ... foi assim ... cada um tinha a oportunidade de falar ... mas falar o que tava sentindo ... e como era uma roda muito grande muitos jovens ... então era muito tempo pra cada um falar e pensando que ia dizer o que realmente tava sentindo ... então às vezes ele escolhia fulano ... fulano ... ninguém esperava né ... aí dizia "fulano de tal tem alguma coisa que mais sentiu ... que você mais aprendeu assim nessa viagem ..."	VIAGEM	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
121	... e nessa viagem eu aprendi que o bom mesmo ... o bom mesmo da vida é você realizar o que: o que a sua alma ... o que o seu espírito ... o que você realmente quer ... sair ... deixar liberar ... aí a partir daí eu comecei né ...	VIAGEM	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
122	um dos filhos dele devido criança né ... tem pouca resistência andar tanto ... começou a passar mal ... e caiu ali na ... na estrada ... e chorando sem alimento ... sem ... sem nenhuma cobertura no: sem nenhuma cobertura do sol e começou a se sentir fraco ... e nessa fraqueza ele caiu ... e ao cair ele: o pai dele muito grosso né ... disse ... "levanta menino" ...	FRAQUEZA	ESSA X	FA	NA	AN	ORAL	G0	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
123	me contaram assim que parece que ele tinha usado a banha pra bater na criança ... imagine você ... pra bater na criança porque ela tava: deitada ... mas depois com a repressão da mãe ... ele foi pegou a criança ... botou nos ombros e levou a criança ... e foi seguiu né ... caminho ... só que passou muitos dias nessa caminhada e chegou um tempo que eles num tinha mais nada ... absolutamente nada pra comer ...	CAMINHADA	ESSA X	FA	NA	AN	ORAL	G0	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
124	mataram esse animal que era de muita estima ... pra eles ... mas eles num queriam saber ... com fome ... num queriam saber mesmo ... continuaram até que um dia eles encontraram uma casa ... encontraram uma casa e nessa casa ... só que pra eles era um ... um motivo de alegria ... mas encontraram a casa e num podiam entrar na casa ...	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
125	l: bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família ... que muito me tocou onde essa família vivia à procura de uma terra ... (...) e aí eles forçaram a casa e só o motivo deles terem uma sombra era ... era motivo de felicidade ... eles foram por trás né ... o ... o pai de família né ... o pai dessa família entraram por trás ... ficou uns dias nessa casa ... só que continuava a deficiência de ... de alimento ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
126	l: bem ... eu vou falar sobre uma cidade que se chama Espírito Santo ... ela se localiza próximo a Goianinha ... nessa região Oeste ...	REGIÃO	ESSA X (Z)	FA	NC	AA	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
127	uma delas é situada na parte central ... é chamada Rua da Matriz ... essa Rua da Matriz é onde os casais se encontra ... muito movimentada ... é onde:: se concentra todo o movimento ... as festas que existe lá é mais nessa rua onde tem: essa Rua da Matriz ... subindo nessa cidade ... nós temos uma quadra ... nessa quadra nós encon/ nós encontramos uns jovens esportistas que todas as noites estão lá ... fazendo competições ...	RUA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
128	uma delas é situada na parte central ... é chamada Rua da Matriz ... essa Rua da Matriz é onde os casais se encontra ... muito movimentada ... é onde:: se concentra todo o movimento ... as festas que existe lá é mais nessa rua onde tem: essa Rua da Matriz ... subindo nessa cidade ... nós temos uma quadra ... nessa quadra nós encon/ nós encontramos uns jovens esportistas que todas as noites estão lá ... fazendo competições ...	QUADRA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
129	lá tem ... três colégios ... um na Rua da Matriz ... que é só primeiro grau ... tem um lá perto: um colégio lá perto desse cruzeiro que eu fa/ que eu acabei de falar agora ... é móbrel e esse colégio Joaquim da Luz ... que é nessa rua ... que essa rua se chama São Jo/ São José ...	RUA	ESSA X	FA	NC	CT	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
130	esse colégio ele tem uma: um descampado ... próximo a esse descampado: é ... lá onde fica os parques ... os circos ... os departamentos ... é ... de divertimento infantis ... lá onde as crianças brincam ... jogam também ... nessa parte fazia: é lá onde se situa também: é lá onde se situa também: uma ... uma rua que dá descida pra um rio	PARTE	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
131	A cidade de Espírito Santo está localizada entre Goianinha e Várzea, e ambas próximo a Natal. Nessa cidade temos diversos pontos turísticos, um deles é uma pequena cachoeira e uma barragem da qual a cidade é abastecida.	CIDADE	ESSA X	FA	NC	AD	ESCRITA	G1	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR

132	hora de dormir ... hora de acordar ... hora de fazer leitura bíblica ... hora da gente ter os momentos de perguntas ... que tinha os estudos e tinha gente fazendo ... que ia fazer perguntas:: que era geral/ geralmente à tarde ... é os cultos à noite né ... os debates sobre o:: é:: como ser jovem ... como comportamento ... todo ... é:: num esperava que fosse dessa forma ...	FORMA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G2	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
133	I: bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família ... que muito me tocou onde essa família vivia à procura de uma terra ... a procura de:: alimento ... e eu fi/e eu me sentia muito triste quando:: eu fiquei sabendo dessa história porque veja bem ... eles ... tiveram que deixar:: todos os seus parentes e foram em busca de um ... de um lugar pra se estabilizar ...	HISTÓRIA	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G2	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
134	o objetivo deles era chegar numa cidade ... porque eles acha/ eles tinham um pensamento essa família que:: em qualquer cidade que eles chegassem eles iam encontrar logo uma solução ... então eles iam à procura dessa cidade ...	CIDADE	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G2	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
135	I: bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma certa família ... que muito me tocou onde essa família vivia à procura de uma terra ... (...) o pai dele mandou que ele se levantasse e quando eu:: nesse momento quando alguém é:: essa pessoa me falou dessa história me comoveu muito ... porque imagine você ... uma criança pobre ... mal nutrida ... ali no chão precisando de alguém que lhe levantasse ...	HISTÓRIA	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
136	encontraram a casa e num podiam entrar na casa ... mas só em ter visto uma casa pra eles era ... era muito bom ... e aí eles forçaram a casa e só o motivo deles terem uma sombra era ... era motivo de felicidade ... eles foram por trás né ... o ... o pai de família né ... o pai dessa família entraram por trás ... ficou uns dias nessa casa ... só que continuava a deficiência de ... de alimento ...	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
137	eles vinham à procura de terra e encontraram ... mas começou a mesma falta de alimento ... e eles tiveram que peregrinar novamente ... e aí eles sai dessa terra ... vão pra outra cidade ...	TERRA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G2	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
138	e vão perdendo tudo novamente e começa a história ... de onde:: e termina a história ... como:: com eles em busca de outra cidade e assim vai ... e o ... e o que eu aprendi dessa história foi que:: é:: o ser humano ele aonde ele é ... vive ... ele depende ... depende de um alimento ...	HISTÓRIA	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G2	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
139	I: bem ... eu vou falar sobre uma cidade que se chama Espírito Santo ... ela se localiza próximo a Goiânia ... (...) lá nós temos um cruzeiro ... um ponto ... marco histórico ... onde marca o início dessa cidadezinha que antes como as demais eram matos ...	CIDADEZINHA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
140	I: bem ... eu vou falar sobre uma cidade que se chama Espírito Santo ... ela se localiza próximo a Goiânia ... (...) aí volta aquela vidinha ... novamente que todo mundo acha:: chato ... né ... pronto ... é isso que eu queria falar dessa cidade ... Espírito Santo ...	CIDADE	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
141	No caminho ocorreu um episódio que me deixou triste, comecei a refletir a dor de uma das crianças dessa história , quando ela caía na estrada por não ter mais capacidade física.	HISTÓRIA	ESSA X	FA	NA	AM	ESCRITA	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
142	É o seu patrão via-se obrigado a mandar ele sair da fazenda com sua família . Aqui recomeça a história dessa família de peregrinos , só que agora tinham menos, pois, lhes faltava o papagaio que haviam comido no caminho.	FAMÍLIA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ESCRITA	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	21 ANOS	SUPERIOR
143	A cidade de Espírito Santo está localizada entre Goiânia e Várzea, e ambas próximo a Natal. Nessa cidade temos diversos pontos turísticos, um deles é uma pequena cachoeira e uma barragem da qual a cidade é abastecida. A entrada dessa cidade é estreita e a rua se chama Bela Vista	CIDADE	ESSA X	FA	NC	AD	ESCRITA	G2	DESCRIÇÃO	INF3G	FEMININO	22 ANOS	SUPERIOR
144	Agora leve a massa a uma forma que esteja untada com manteiga e polvilhada com trigo, dessa forma você não correrá o risco da massa queimar.	FORMA	ESSA X	FA	NA	AE	ESCRITA	G1	REL. PROCEDIMENTO	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
145	... então cada um só dizia essa mesma palavra ... que tinha aprendido a amar verdadeiramente ao outro ... entender aquele amor colegial ... aquele amor que vivia:: vivia incumbido dentro	PALAVRA	ESSA (Z) X	FA	NA	CT	ORAL	G0	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
146	lá nós temos um cruzeiro ... um ponto ... marco histórico ... onde marca o início dessa cidadezinha (...) aí proibiram a cachoeira ... proibiram a barragem ... fizeram o quê? fizeram um:: fizeram um centro de lazer dentro da cidade ... um centro:: um dos centros de lazer fica próximo a essa Rua do Cruzeiro ... um dos centros ...	RUA	ESSA X (Z)	FA	NC	AA	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
147	e num sabe mais como votar e depois mete o pau ... comentam ... se lastimam ... se amaldiçoam e num vêem mais nada e é preciso um Dertamento muito grande:: como hoje tive a oportunidade de saber o que o nosso país tá atravessando ... essa fase de:: de uma revisão na constituinte ...	FASE	ESSA X (Z)	FA	NA	AE	ORAL	G2	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
148	você não tem direito a nada e você só tem direito a ser um cidadão se tiver é:: se você tiver saúde ... tiver uma educação e tiver segurança ... aí surge aquela pergunta ... então aquelas pessoas que ... como do sertão ... elas não têm direito à saúde ... a educação? ... são o quê? são gentes? são brasileiros? ou são só indivíduos? né ... quer dizer ... é um ... essa:: essa questão que eu tô te falando ... é uma questão muito polêmica ... ela tem muitos porquês ...	QUESTÃO	ESSA X (Z)	FA	NA	AE	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR

149	é:: um:: é um assunto que é muito extenso ... a economia realmente ... ela é um assunto que talvez se/ seja falado por muitos anos e pra resolvert seja uma pessoa de pulso muito forte ... pra que consiga dominar toda essa situação ... E: é essa sua opinião? I: é essa a minha opinião e eu espero que tenha solução ...	SITUAÇÃO	(Z) ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
150	E ele não vai para a cidade porque não tem estudo suficiente para trabalhar e mesmo se tivesse não conseguiria emprego. Devido a essa fase de recessão existente .	FASE	ESSA X (Z)	FA	NA	AE	ESCRITA	G1	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
151	... o ano dois mil ... tal ... num vai mais existir mais nada ... o fim do mundo ... num é bem por aí ... mas que o nosso país não tem mais jeito ... sinceramente essa esperança eu não tenho ... essa minha:: essa minha opinião sobre o nosso país ... sobre o nordestino que é o mais afetado ... é o que mais sofre ...	OPINIÃO	ESSA (Z) X (Z)	FA	NA	AM	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF3G	FEMININO	24 ANOS	SUPERIOR
152	a gente começou a criar um laço de amor entre os jovens e era como se fosse todos irmãos ... realmente se convivessem ali há muito tempo ... era essa a impressão que dava ...	IMPRESSÃO	ESSA	FS	NA	AE	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
153	... foi assim uma experiência ... assim ... extraordinária e até hoje eu: num esqueci e guardo pra mim essa experiência e espero que se repita mais vezes ... melhores do que essa e que todo mundo aprenda também a mesma coisa e que botem isso em prática ... essa é minha experiência ...	EXPERIÊNCIA	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
154	... foi assim uma experiência ... assim ... extraordinária e até hoje eu: num esqueci e guardo pra mim essa experiência e espero que se repita mais vezes ... melhores do que essa e que todo mundo aprenda também a mesma coisa e que botem isso em prática ... essa é minha experiência ...	EXPERIÊNCIA	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
155	... aí no caminho quando eles vinham:: à procura de uma cidade e eles não sabiam que cidade era essa que eles queriam ... mas eles ia à procura ... o objetivo deles era chegar numa cidade ...	CIDADE	ESSA (Z)	FS	NC	AD	ORAL	G0	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
156	e tomou aquela água velha ... aquela água horrível ... eu nem imagino ... aquela água de lama ... e tomou essa né ...	ÁGUA	ESSA	FS	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF3G	FEMININO	23 ANOS	SUPERIOR
157	o espetáculo da ... do ... do amanhecer foi fantástico ... é eu nunca me esqueço ... porque ... é uma coisa linda Marcos ... você ... eu acho que você já andou de avião e já deve ter visto essas coisa ... já/ já deve ter visto esse fenômeno ...	COISA	ESSA X	FA	NC	AE	ORAL	G2	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
158	? I: é a de um homem se/ é o homem ... que num tá nem aí pros perigos ((riso)) é ... eu acho que era o personagem que todos estavam usando ali ... e não tinham ... é ... e só eu tinha ... é essa consciência ou só eles sei lá ... ou eles também ...	CONSCIENCIA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G1	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
159	Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) um fenômeno paranormal aí que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ...	HISTÓRIAS	ESSA X	FA	NA	AM	ORAL	G1	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
160	Pelotas é uma cidade quase do tamanho de Natal ... linda ... linda ... linda ... linda ... sim ... tem uma reserva ecológica linda ... Reserva do Taim ... no percurso entre Pelotas e Rio Grande ... essa reserva é ... é a coisa mais linda que eu já vi assim ... é um ... é ... é tudo plano	RESERVA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
161	numa dessas levas de entra e sai ... entrou uma garota muito bonita ... um ... um tipo ... eslavo-polaca ... sei lá ... loira de cabelo ... cabelo bem amarelinho e loiro ... sentou-se ... era meio da noite já assim ... umas dez hora da noite né ... então essa garota entrou e sentou-se ao lado de um senhor que tava bebendo	GAROTA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
162	numa dessas levas de entra e sai ... entrou uma garota muito bonita ... um ... um tipo ... eslavo-polaca ... sei lá ... loira de cabelo ... cabelo bem amarelinho e loiro ... sentou-se (...) I: eu muito encabulado ... meu Deus ... o que que essa garota pode pensar ... se a minha mão deslizou ... e cair sobre sua perna ... ((riso))	GAROTA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
163	ele deveria escolher qual do ... do ... dos cardápios deveriam ser servidos pra ele ... porque ele se sentou numa mesa à parte da família Carrilho ... uma ele ... a família Carrilho preencheu uma mesa e ele ficou numa outra mesa com o motorista ... e ... eles tinham que escolher essa comida né ...	COMIDA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G2	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
164	naquele almoço ... ele resolveu ir comendo pequenas porções para não passar vergonha ... de cada prato que iam servindo ele ia comendo pequenas porções ... ele saiu um aristocrata pelo que eu pude perceber ... ele se saiu muito bem nesse almoço porque ele é: ele conseguiu contornar essa situação ... é ... comendo com moderação cada prato ... cada ... cada novidade que vinha aos olhos dele né?	SITUAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
165	... e ele morou numa casa Marcos ... uma casa que ele disse ... uma casa que deve ter sido é:: da época do imperador né ... uma casa ... uma casa tombada né ... em Petrópolis ... e ele con/ e ele descrevendo essa casa é uma coisa linda sabe?	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR

166	e ele morou numa casa Marcos ... uma casa que ele disse ... uma casa que deve ter sido é: da época do imperador né ... uma casa ... uma casa tombada né ... em Petrópolis ... e ele con/ e ele descrevendo essa casa é uma coisa linda sabe? (...) E: quem mora nessa casa? I: é: essa casa me parece que depois que o: segundo o Jorge me contou ... depois que os ... esse pessoal foi dono é ... foram os donos ... os Carrilhos ... então eles ... é ... a casa foi tombada e foi devolvida ao patrimônio histórico de Petrópolis	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
167	a casa foi ... ficou fechada e ele teve que voltar pra Natal ... mas ele contando a ... os arredores dessa casa ... ele disse que essa casa ficava assim ... em frente à casa tinha um ... um:: a casa tinha um pátio imenso ... segundo ele né?	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
168	e logo ... logo próximo dessa casa ... essa casa fica numa ... numa ... numa ... uma ... no cen/ ela fica rodeada de outras casas que formam no centro uma praça muito bonita ...	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
169	ela fica rodeada de outras casas que formam no centro uma praça muito bonita ... e que existe um lago ... um lago ... num sei se é artificial ... porque Petrópolis é serra né? ele conta que ... ne/ essa praça é muito bonita é:: tem:: pedalinhos no ... no ... no (lago) ... é pedalinhos ... barquinhos pra você ... pontes é ... sobre o ... o lago pra você passear com a família ...	PRAÇA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G2	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
170	I: o pessoal da família o conhecia há muitos anos já ... ele trabalhava há muitos anos desde ... ele foi bem garoto pra essa família né ... trabalhar ainda garoto ... chegou bem novo lá ... eu acho que uns vinte e um anos ... e ficou até a/ agora aos cinquenta e sessenta anos ... quase sessenta anos que ele tem ...	FAMÍLIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G2	NARRATIVA	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
171	E: agora ... quando você fala em Via Costeira ... você menciona mais o lado ... direito ... né? de quem vai () I: isso ... o lado direito é ... é ... é o lado mais preservado da Via Costeira ... mas o lado esquerdo ainda existem belezas a serem é ... observadas como as falésias ... que são ... elas são ... a formação delas é ... mais ou menos um barro argiloso ... cor de rosa com amarelo ... tonalidades de amarelo e ... e terra siena queimada ... que significa um vermelho carmim fechado ... muito bonito essa ... essa variação que fica do lado dos hotéis	VARIAÇÃO	ESSA X (2)	FA	NA	AE	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
172	mais na frente encontramos uma árvore com a raiz toda exposta ... uma árvore imensa ... inclusive eu te presenteie ... né ... com aquela fotografia? é a:: não sabíamos o que era mais belo ... se a copa da árvore ou a raiz ... porque a raiz parecia é ... parecia é ... ser maior do que a própria copa da árvore ... pelo ... pelas dimensões que ela ... conseguia atingir ... porque a duna foi escavada ... eu acho que também muito ... muito pelo ... as pessoas caminham lá ... dentro da duna e ... fizeram um caminho próximo a essa árvore	ÁRVORE	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
173	e a árvore num vive só de ... de oxigênio né ... ela ... oxigênio? é ... ela também vive de minerais da terra ... sim ... então registramos também essa árvore ...	ÁRVORE	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
174	lá nessa árvore nós encontramos um tipo de formiga que me assustou Marcos ... uma formiga gigante ... é ... uma formiga de uns seis centímetros ... preta e ... nós tentamos fotografá-la (...) ... I: é é ... nós a ... contemplamos um pouco ... falamos um pouco com essa formiga ... ((riso)) demos nossas é ... nossas é ... congratulações ... pedi licença a ela ... de estar invadindo o terreno dela ... a área dela ...	FORMIGA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
175	eu ficava preocupado de correr ali sozinho mas ao mesmo tempo ... ficava tranquilo porque ... eu num tinha nada pra ser roubado ... e se ele viesse ... se alguém viesse conversar comigo eu entraria ... eu tentaria entrar num acordo ... com essa pessoa ... até chamá-lo pra correr também ... ((riso))	PESSOA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
176	depois outro dia eu encontrei um pássaro daquele no quintal daqui de casa é ... nesse pé de pitanga ... essa semana ... porque minha irmã coloca milho e alpiste no quintal ... pra os pássaros comerem e outro dia eu vi um pássaro igual daquele aqui	SEMANA	ESSA X	FA	NA	DT	ORAL	G4	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
177	... eu tinha conversado com uma senhora ... uma amiga minha ... muito amiga minha que eu quero o maior bem a ela ... mas ela tinha me vampirizado ... porque ela tinha me falado uns assuntos assim super barra pesada da vida dela ... e última ... nos últimos ... nos últimos encontros nossos ela sempre falava essas coisas	COISAS	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G1	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
178	é um lugar lindo ... excelente ... ideal também pra você ... é: relaxar porque lá você tem ... além de uma brisa muito forte ... principalmente ANquela passarela ali ... você caminha uns ... uns oitenta metros e ... e está dentro da passarela já em frente à Redinha e você tem uma ... uma panorâmica da Redinha ... da Redinha Nova e Santa Rita ... depois Genipabu ... você vê todas aquelas praias então ... eu sempre costumava ir pra ali à tardinha ... e ficar sentado ... tomando banho ANquela praia ... que dá pra o lado da Redinha ... mas é ... de alguns tempos pra cá ... às cinco horas aquele pe/ aquele ... aquele trecho ali ... tá tra/ tá fechado né ... porque aquilo ali é área militar ... então a gente não pode assistir o pôr-do-sol ali ... porque ... os militares é ... vetam essa passagem a essa praia	PASSAGEM	ESSA X	FA	NC	AN	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR

179	... e você tem uma ... uma panorâmica da Redinha ... da Redinha Nova e Santa Rita ... depois Genipabu ... você vê todas aquelas praias então ... eu sempre costumava ir pra ali à tardinha ... e ficar sentado ... tomando banho naquela praia ... que dá pra o lado da Redinha ... mas é ... de alguns tempos pra cá ... às cinco horas aquele pe/ aquele ... aquele trecho ali ... tá tra/ tá fechado né ... porque aquilo ali é área militar ... então a gente não pode assistir o pôr-do-sol ali ... porque ... os militares é ... vetam essa passagem a essa praia	PRAIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
180	uma determinada fotografia é porque ... tudo nela me ... é deve ser transposto pra o trabalho ... se tiver alguma coisa incompleta eu já num quero aquela fotografia ... e eu fico nessa busca ... é de um trabalho completo de fotografia que eu num precise ... criar em cima dele ...que eu num precise criar muito em cima dele ... e essa fotografia aí ... eu ... eu quis é ... reproduzi-la tal qual o ... o ... o ... quero dizer ... quis reproduzir o quadro tal ... tal qual está na fotografia ... inclusive usando os	FOTOGRAFIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
181	... já trabalham muito por conta ... a orientação do professor é mínima ... do mestre né? então só quando surge alguma dúvida assim de ... porque o aluno ... sente dificuldade de fazer um mar ou ... um quebra-mar um negócio assim ... um ... um animal que num tava acostumado a pintar ou uma árvore ... uma tonalidade que ... que ele não sabe como ... aí ele chama o professor ... Lavoisier ... e ... o professor dá um toque ... ô ... faz assim ... assim ... mistura essa cor com essa que você vai obter esse resultado ... e a pessoa trabalha praticamente sozinho ... na sua ... na sua criação ...	COR	ESSA X	FA	NC	DE	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
182	E: porque você procura ser fiel também às cores né? I: também é as cores da fotografia mas num ... num existe uma cor ... eu acredito na ... na natureza que o homem ainda num tenha inventado essa pigmentação ... na ... nas mis/ nas misturas que o pintor vai fazendo ele vai obtendo aquelas tonalidades	PIGMENTAÇÃO	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
183	eu chamei o meu professor aqui só pra ele ... pra ele dar umas coordenadas na pintura desse mar aí ... porque eu tava meio inseguro de pintar o mar e ... quando ele veio aqui disse ... "Ítalo ... falta algumas ... alguns detalhes nesse mar ... é: dá um ... falta ... dá uma idéia de volume a essa onda ... o é: talvez você jogar um azul da prússia aqui mais forte	ONDA	ESSA X	FA	NC	DE	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
184	ele observou alguns detalhes que eu não tinha observado ainda ... tipo o reflexo da montanha lilás sobre ... sobre é ... na ... sobre as ondas ... as ondas mais próximas da montanha e dessa e ele disse ... "olha ... talvez fosse bom se você é ... espelhasse essa montanha aí sobre essas ondas ficaria um efeito muito bonito"	ONDAS	ESSA X	FA	NC	DE	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
185	ele observou alguns detalhes que eu não tinha observado ainda ... tipo o reflexo da montanha lilás sobre ... sobre é ... na ... sobre as ondas ... as ondas mais próximas da montanha e dessa e ele disse ... "olha ... talvez fosse bom se você é ... espelhasse essa montanha aí sobre essas ondas ficaria um efeito muito bonito"	MONTANHA	ESSA X	FA	NC	DE	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
186	... eu me perdi todinho e eu disse ... "Lavoisier ... o que que eu faço aqui?" ... aí ele ... tem alguns toques dele ali naquele mar ... E: mas isso direito mesmo assim ele pintando? I: direito ... ele dizia ... "não ... Ítalo ... não é assim ... faz assim" ... aí eu chegava lá e dava uma ... uma retocada ... E: você ... você ... você levou a tela ... I: eu fiz essa tela lá com ele ... E: Ponta Negra? I: é ...	TELA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
187	... I: é ... tem uma camada de gesso tinta e cola ... E: tinta branca ... I: tinta branca ... pra tapar os poros do tecido ... E: e o que é que ... por que é que tem um tipo diferente do outro? por que que é melhor pra pintura? I: sim ... no caso essa Ponta Negra ela teria ficado é ... muito bem se tivesse ... é sido ... colada sobre um eucatex ... entendeu?	PONTA NEGRA	ESSA X	FA	NC	DE	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
188	nessa minha visita à livraria eu encontrei um ... um ... um ... umas telinhas assim ... su/ ... su/ ... já prontas pra pintura ... e eu disse ... "esse trabalho aqui é muito bom ... quem ..." eu perguntei ao rapaz da loja que era meu conhecido ... da minha ... da minha cidade ... nós somos conterrâneos ... eu disse ... "Edson ... quem ... quem fez esse ... essa ... essas ... essas telinhas ?" ele disse ... "olha isso aí é um senhor ... que faz e deixa aqui pra vender ...	TELINHAS	ESSA X	FA	NC	DE	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
189	ele disse ... "olha isso aí é um senhor ... que faz e deixa aqui pra vender ... mas ele aparece muito pouco aqui" eu disse ... "olha Edson ... esse é o de melhor qualidade que eu já vi até hoje no mercado ... essa pessoa gosta muito de fazer esse trabalho ... então ... você não teria o telefone desse senhor pra ... pra eu entrar em contato com ele	PESSOA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR
190	um dia ... conversando com uma colega minha da ... da escola de pintura ... eu ... eu disse a ela que eu tinha esse telefone ... e a gente ... a gente se propôs a ir lá ... depois do trabalho ... dar uma passadinha lá no seu Carlos ... chegando lá encontramos um ... uma verdadeira oficina de ... de ... de quadros e nos tamanhos que você quisesse ... porque a esposa dele é pintora ... uma pintora do Paraná ... dona Marly ... e tem trabalhos belíssimos e ele nos apresentou a esposa dele ... e nos deixou à vontade ... e depois eu vim a saber que ele fazia essas molduras também ... confeccionava todas as molduras do ... dos quadros da mulher dele ...	MOLDURAS	ESSA X	FA	NC	AA	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF4I	MASCULINO	30 ANOS	SUPERIOR

540	e as mulheres de hoje é mais sem vergonha ainda que deixa pegar ... podendo num deixar ... ter respeito ... se valorizar ... não ... se desvalorizam ... podendo ela chegar ... quando tiver ... pegando ... dá uma tapa na cara ... uma bofetada assim ... "ei ... me respeite seu cabra" ... aí não ... num fazem isso não ... "aí num pegue não ... num pegue nisso aqui ... num sei aonde" ... a meu Deus do céu ... não ... sou não ... num sou dessas não ...	MULHERES	ESSA	FS	NC	AD	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
541	... I: o namoro ... namoro tem que ser ... tem que ser assim ... carinhoso ... sensível ... sensível ... assim ... é:: muito diálogo ... conversar muito ... num é? porque assim sem conversa ... sem essa coisa assim ... mas é que seja assim ... e um que se dê bem ... assim os dois que se dêem bem né? que são unidos ... eu acho casal bonito assim ... eu acho um casal lindo ...	COISA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
542	como uma festa também ... aquela festa ... de Pirangi num foi? aquela festa ali do Pirangi ... a festa de Pirangi ... (...) ... aí nessa festa eu fui ... aí paquerei um ... paquerei um ... aí tá bom ... paquerei ... aí paquerei com ... bem ... eu tava que:: tá/ no momen::to ... eu tava muito qui::nhã ... mas eu tava dançan::do ... tava me divertindo ...	FESTA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
543	os rapazes de hoje num tá com nada mesmo não ... porque é difícil encontrar um rapaz que seja fiel ... seja dedicado ... a pessoa ... é difícil agora ... tá muito difícil ... é agora tá tudo ... tudo um casal desmantelado ... tudo rapaz assim que num presta ... que sai ... agora é tudo de cabelo grande ... é tudo de brinco ... tatuagem ... essas coisa ...	COISA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
544	... porque tem mo::ça ... que é:: muito avançada ... passa também do sinal ... tem vez que num é nem o rapaz ... tem vez que o rapaz num quer nada ... tem vez que o rapaz nem pensa ... aí ela já vai ... dá o sinal ... aí por isso que ... aí também ... faz do mesmo jeito ... já que a moça quer ... ele vai fazer né? já que num é a mulher ... é o homem ... aí por isso que acontece essas coisa ...	COISA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
545	agora as moça é bem dizer ... tudo aí dentro ... aí dentro ... é tudo já quer dizer ... já ... já é mulher de vida ... como também ... assim de ... de treze ... quatorze ... doze ... assim sendo também sai à noite ... aí acontece alguma coisa ... um estupro né? essa coisa ... aí já também ... já num dá mais né? aí sempre acontece essas coisa ... aí o namorado ... começa a brigar ... num sei o quê ... aí começa ... aí tá grávida ... pronto ... começa também essas coisa de acontecer ... os dois ... transar ... e depois acontece uma gravidez ...	COISA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G0	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
546	agora as moça é bem dizer ... tudo aí dentro ... aí dentro ... é tudo já quer dizer ... já ... já é mulher de vida ... como também ... assim de ... de treze ... quatorze ... doze ... assim sendo também sai à noite ... aí acontece alguma coisa ... um estupro né? essa coisa ... aí já também ... já num dá mais né? aí sempre acontece essas coisa ... aí o namorado ... começa a brigar ... num sei o quê ... aí começa ... aí tá grávida ... pronto ... começa também essas coisa de acontecer ... os dois ... transar ... e depois acontece uma gravidez ...	COISA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
547	agora as moça é bem dizer ... tudo aí dentro ... aí dentro ... é tudo já quer dizer ... já ... já é mulher de vida ... como também ... assim de ... de treze ... quatorze ... doze ... assim sendo também sai à noite ... aí acontece alguma coisa ... um estupro né? essa coisa ... aí já também ... já num dá mais né? aí sempre acontece essas coisa ... aí o namorado ... começa a brigar ... num sei o quê ... aí começa ... aí tá grávida ... pronto ... começa também essas coisa de acontecer ... os dois ... transar ... e depois acontece uma gravidez ...	COISA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
548	começa também essas coisa de acontecer ... os dois ... transar ... e depois acontece uma gravidez ... aí ... ele diz que num vai assumir ... num é ruim? aí vai ter que casar à força ... aí quando os pais descobrirem ... "vai ter que se casar ... ah num sei o quê ... você vai ter que casar ... porque você engravidou minha filha ... e num sei o quê ... e aconteceu essas coisas"	COISAS	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
549	"eu casei com você por causa que eu te engravidei ... porque se num fosse por causa disso ... e também foi por causa do seu pai ... porque o seu pai quis isso e aquilo outro ... e fez eu casar com você ... mas se num fosse por isso eu num fazia" ... aí fica essas coisa também ... aí engravida e dá isso ... aí ele diz que num quer assumir ... aí acontece essa coisa do pai dizer que tem que casar ...	COISA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
550	"eu casei com você por causa que eu te engravidei ... porque se num fosse por causa disso ... e também foi por causa do seu pai ... porque o seu pai quis isso e aquilo outro ... e fez eu casar com você ... mas se num fosse por isso eu num fazia" ... aí fica essas coisa também ... aí engravida e dá isso ... aí ele diz que num quer assumir ... aí acontece essa coisa do pai dizer que tem que casar ...	COISA	ESSA X (Z)	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
551	I: é essa a minha opinião ... que não ... os namoros de hoje ... tá ... tá ôi ... lá embaixo ... tá 100 por cento lá embaixo 90 assim ... por cento em cima assim ... que dá ainda pra quebrar o galho ... que ... dá ainda pra ... resolver assim algum problema ... mas 100 por cento ainda num dá porque ... tá tudo ... trocando embaralhado ... tá briga ... é infidelidade ... é discussão ... é isso e aquilo outro ... aí já num dá certo ... eu ... a minha opinião é essa ...	OPINIÃO	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º

552	I: é essa a minha opinião ... que não ... os namoros de hoje ... tá ... tá ôi ... lá embaixo ... tá 100 por cento lá embaixo 90 assim ... por cento em cima assim ... que dá ainda pra quebrar o galho ... que ... dá ainda pra ... resolver assim algum problema ... mas 100 por cento ainda num dá porque ... tá tudo ... trocando embaralhado ... tá briga ... é infidelidade ... é discussão ... é isso e aquilo outro ... aí já num dá certo ... eu ... a minha opinião é essa ...	OPINIÃO	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G1	NARRATIVA	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
553	Nessa narrativa Experiencial falei sobre a excursão a Macelió que quase não foi porque falei para mãe que ia começa as provas.	NARRATIVA	ESSA X (Z)	FA	NA	AM	ESCRITA	G0	NARRATIVA	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
554	É nesse dia era o dia dos namorados porque dizem que quem com - um cinto e dar para pessoa que gosta prende essa pessoa .	PESSOA	ESSA X	FA	NC	AD	ESCRITA	G0	NARRATIVA	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
555	Como na Festa de São Francisco que eu fui minha amiga me chamou para dar uma volta com ele fui quando foi ela me mostrou um casal no maior sarro ele pegando nos seios dela e a safada deixava. Olha essas moças era para se valorizar não se desvalorizar deixa pega em todos os lugares ou quase todos.	MOÇAS	ESSA X	FA	NC	DM	ESCRITA	G4	NARRATIVA	INF3LF	FEMININO	16 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
556	a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo ... e no ... no fator de saúde ... minha é:: o meu nariz num tá mais com aquelas ... com inchações aqui do lado ... num tô espirrando direto ... tô tomando ... antes eu vivia lá ... é ... entopido de remédio ... tomando remédio aqui ... num sei quê ... e mês em mês tinha que tá lá no ... no ... no alergista ... aí agora não ... só tô ... sei lá com tratamento que é ... já tá acabando ... que é uma vacina lá ... e no final do ano ... fazer o que ... sei lá ... fazer até uma ... uma operação pra tirar o desvio () nasal ... então essa foi a me/ a melhor coisa que poderia ter acontecido comigo	COISA	ESSA	FS	NA	AE	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
557	"vamo embora pro shopping?" "bora ... gastar dinheiro" ... vou ao Circo da Folia ... agora na Vila Folia ficou mais difícil ... mas eu ia ao Circo da Folia ... porque mui/ muitos amigos fazem aniversário ... faz a festinha ... convida ... a ... o cara é legal ... num sei quê ... bom me convidam ... pego e vou ... uma reca assim ... um bando ... arrastão pra festa ... por isso que eu digo que essa foi a melhor coisa que aconteceu assim ... pra mim ...	COISA	ESSA	FS	NA	AE	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
558	... Deus fez um ... fez um cara que ... foi surgiu duma aposta ... como se fosse uma aposta assim ... entre Deus e o diabo né ... que ... Deus botava um cara no mundo ... aí o diabo ia botar um bocado de castigo assim ... ia tirar os filhos dele num sei quê ... a riqueza ... a mulher ... e ele ainda ... e Deus disse que ele ainda ia ... que ele ia ser clemente a Deus né ... aí pronto ... foi essa aposta aí ... botaram o cara no mundo ... o cara nasceu ...	APOSTA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
559	I: só ... só uma praia ... paradisíaca ... eu acho ... a casa onde eu fiquei ... num é minha ... é da minha tia ... Nubineuma ... é até irmã de Nubiacara ... aí é essa ... essa casa minha tia ... de vez em quando vai vernear lá ...	CASA	ESSA	FS	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
560	I: só ... só uma praia ... paradisíaca ... eu acho ... a casa onde eu fiquei ... num é minha ... é da minha tia ... Nubineuma ... é até irmã de Nubiacara ... aí é essa ... essa casa minha tia ... de vez em quando vai vernear lá ...	CASA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
561	... a casa é ... tem arquitetura branca lá ... é branca ... num é ... num é lajeada ... é uma casa ... acima de tudo simples ... mas comporta ... trinta pessoas naquela casa ... não tem quintal tem só a ... o quintal é na frente ... o que seria o quintal atrás ... é na frente ... tem um poço antes ... tem ... um poço onde a gente toma banho ... quando chega da praia ... essa é a casa de praia ...	CASA	ESSA	FS	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
562	... infelizmente tá se tornando um point ... o povo já tá ... já tá descobrindo ... já tá ficando meio ... cheio demais ... aí no início do veraneio dá ... dá muita gente ... foi eu acho que ... e de vizin/ vizinho a essa praia que a gente toma banho ...	PRAIA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
563	... tem outra praia lá que chama tartaruga ... a gente chama ela de tartaruga porque é la onde a tartaruga desovam ... no verão ... quando a gente vai lá ... a gente ... à noite sai com a ... com as ... com as lanternas lá ... fogo ... tochas ... só pra ver as tartarugas desovando ... e enterrar os ovos () no mar ... o que () nessa praia ... um negócio a ... um dos problemas é que ... a correnteza é muito ... muito forte aí é meio perigoso lá ...	PRAIA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
564	a sala é bem ampla ... maior que essa aqui ... a sala é bem ampla ... e no quarto de hóspedes seria ... tem duas camas ... um armário ... lá tudo de alvernaria ... duas camas ... o armário ...	SALA	ESSA X	FA	NC	DE	ORAL	G4	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
565	tem até as dunas atrás da casa ... que a gente num deixa de ir ... toda tarde a gente vai lá ... só pra ... só pra ver o sol se pôr ... só pra pegar a () de ver o sol se pôr ... aí tem ... nessa ... nessas dunas ... o povo já tá ... já tá comprando terreno ... já tá cercando ... mas mesmo assim a gente num deixa de ir por causa do ... sei lá ... pra ver o sol se pôr ... e ainda atrás dessas dunas tem um ... sei lá ... um terreno assim ... é ... que a gente num ... num tem acesso de jeito nenhum ...	DUNAS	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º

566	tem até as dunas atrás da casa ... que a gente num deixa de ir ... toda tarde a gente vai lá ... só pra ... só pra ver o sol se pôr ... só pra pegar a () de ver o sol se pôr ... aí tem ... nessa ... nessas dunas ... o povo já tá ... já tá comprando terreno ... já tá cercando ... mas mesmo assim a gente num deixa de ir por causa do ... sei lá ... pra ver o sol se pôr ... e ainda atrás dessas dunas tem um ... sei lá ... um terreno assim ... é ... que a gente num ... num tem acesso de jeito nenhum ...	DUNAS	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
567	ao redor da ga/ da lagoa é tudo verde a grama lá ... de lon/ de longe a gente vê os coelhos correndo ... isso é numa praia ... quer dizer ... perto da praia ... tem coelhos lá ... tem ... tem uns animais lá ... essa ... essa é a única ... há uma das partes da ... da praia ... uma barreta ... que a gente ... que a gente gostaria de ... de ter acesso ... mas num ... num há vias de acesso pra essa parte ... ela fica ... como se fosse ... a terra que o tempo esqueceu ... que o homem esqueceu ...	PARTE	ESSA	FS	NA	AD	ORAL	G2	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
568	ao redor da ga/ da lagoa é tudo verde a grama lá ... de lon/ de longe a gente vê os coelhos correndo ... isso é numa praia ... quer dizer ... perto da praia ... tem coelhos lá ... tem ... tem uns animais lá ... essa ... essa é a única ... há uma das partes da ... da praia ... uma barreta ... que a gente ... que a gente gostaria de ... de ter acesso ... mas num ... num há vias de acesso pra essa parte ... ela fica ... como se fosse ... a terra que o tempo esqueceu ... que o homem esqueceu ...	PARTE	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
569	a uns quinze minutos de carro ... a da ... da casa ... tem a lagoa de ... Arituba ... essa lagoa de Arituba é aonde a gente vai ... uma lagoa bem grande ... num é tão grande quanto a lagoa do Bonfim ... mas é uma lagoa bem grande que ...	LAGOA	ESSA X (Z)	FA	NC	AD	ORAL	G0	DESCRIÇÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
570	como eu disse antes ... eu ... que essa praia é muito ... é ótima ... é paradisíaca ... o negócio é que já tão descobrindo ... e já fizeram um clube lá	PRAIA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
571	:: pra poder fazer solo você tem que ... se/ seguir a seguinte regra ... dó com o primeiro ... com o polegar ... o dedo um ... no caso nê ... da mão direita ... dó polegar ... é ... ré segundo dedo ... Indicador ... mi terceiro dedo é ... médio ... é:: fá quarto dedo anelar ... cinco ... e sol quinto dedo ... o mínimo ... se você se ... se você se des/ desligar dessa regra ... você vai passar dedos por cima de dedo ... vai ficar uma coisa ... vai ficar ... vai deitar a mão ... o que não pode	REGRA	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
572	pra ... Isso é a técnica pra fazer solo ... você tem que ... tem que ter essa seguinte regra ... é:: os cinco dedos em ordem ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... cinco ... quatro ... três ... dois ... um ... e se passar dos cinco ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... aí você botar ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... três ... são só sete notas ... então um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... três ... são só sete notas ... então um ... dois ...	REGRA	ESSA (Z) X	FA	NA	CT	ORAL	G0	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
573	pra ... Isso é a técnica pra fazer solo ... você tem que ... tem que ter essa seguinte regra ... é:: os cinco dedos em ordem ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... cinco ... quatro ... três ... dois ... um ... e se passar dos cinco ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... aí você botar ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... três ... são só sete notas ... então um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... no caso ... então continuando pra ... essa é ... essa é a:: regra ... pra fazer solo ... e isso é pra fazer solo direito ... se quiser fazer ... bem feito ... bonito ... dá gosto assim de olhar ... é pra ser com es/ com essa seguinte técnica ... que eu acabei de dizer ... e pra fazer o mínimo ... o médio e o polegar ... ou então ... o anelar ... o indicador e o polegar ... de acordo com o acorde ...	REGRA	ESSA	FS	NA	AE	ORAL	G0	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
574	pra ... Isso é a técnica pra fazer solo ... você tem que ... tem que ter essa seguinte regra ... é:: os cinco dedos em ordem ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... cinco ... quatro ... três ... dois ... um ... e se passar dos cinco ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... aí você botar ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... três ... são só sete notas ... então um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... no caso ... então continuando pra ... essa é ... essa é a:: regra ... pra fazer solo ... e isso é pra fazer solo direito ... se quiser fazer ... bem feito ... bonito ... dá gosto assim de olhar ... é pra ser com es/ com essa seguinte técnica ... que eu acabei de dizer ... e pra fazer o mínimo ... o médio e o polegar ... ou então ... o anelar ... o indicador e o polegar ... de acordo com o acorde ...	REGRA	ESSA	FS	NA	AE	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
575	pra ... Isso é a técnica pra fazer solo ... você tem que ... tem que ter essa seguinte regra ... é:: os cinco dedos em ordem ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... cinco ... quatro ... três ... dois ... um ... e se passar dos cinco ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... aí você botar ... um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... três ... são só sete notas ... então um ... dois ... três ... quatro ... cinco ... um dois ... no caso ... então continuando pra ... essa é ... essa é a:: regra ... pra fazer solo ... e isso é pra fazer solo direito ... se quiser fazer ... bem feito ... bonito ... dá gosto assim de olhar ... é pra ser com es/ com essa seguinte técnica ... que eu acabei de dizer ... e pra fazer o mínimo ... o médio e o polegar ... ou então ... o anelar ... o indicador e o polegar ... de acordo com o acorde ...	TÉCNICA	ESSA (Z) X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º

576	pra leitura de partitura você tem que ... tem que ... tem que ter paciência porque ... o negócio ... você ... quando ... quando a pessoa tem ouvido pra ... quer pegar logo todas as músicas de ouvido ... “a num sei quê ... essa música eu quero aprender” ... aí você acaba esquecendo da partitura como eu no caso ...	MÚSICA	ESSA X	FA	NA	DE	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
577	eu tentei tocar Garota de Ipanema um dia desse ... mas acontece que a música começa num acorde na mão direita e na mão esquerda ... e a mão esquerda você faz acorde pra o ritmo ... e a mão direita você faz o solo ... acontece que o solo era feito em acordes também ... aí eu me atrapalhava ... queria fazer um acorde aqui ... e tinha que ser o mesmo na mão direita ... falta de coordenação né ... aí nesse ... aí eu tô treinando ... bastante pra poder ... pra poder tocar essa música num recital ...	MÚSICA	ESSA X	FA	NA	AD	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
578	... isso eu tando na frente da minha professora ... eu posso conhecer a música e posso querer tocar de ouvido ... ela ... “você tá olhando pra partitura?” aí eu ... “tô” ... mentira ... tava tocando pelo ouvido porque ... ela lê a partitura junto comigo né ... (...) aí ela diz ... “você tá tocando ... você tá tocando pelo ouvido” ... por isso que ela só passa as músicas assim que eu num conheço ... porque eu chegar lá ... pedindo a partitura de uma música ... “você tem essa? ” “não” ... mas tem ... só de ruim ela num ... que ela diz que num tem ... que ela sabe que eu vou tocar pelo ouvido	PARTITURA	ESSA	FS	NC	AD	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
579	se fosse o acorde de dó ... o acorde de dó ... é composto por três notas ... dó ... mi e sol ... aí o arpejo seria você ... dedilhar cada uma dessas notas ... é ... uma ... uma de cada vez ... dó ... mi ... sol ... sol ... mi ... dó ... dó ... mi ... sol ... mi ... dó ... sol ...	NOTAS	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
580	aí pra fazer a diminuta de dó ... tem que diminuir três tons da sétima ... ou seja ... você dá dó ... quando você dá ... você dá a sétima de dó ... com o dedinho ... o dedo mindinho ... você dá a sétima de dó e diminui três tons dessa sétima ... e a sétima do sol ... você faz com ... com o anelar ...	NOTA	ESSA (Z)	FS	NA	AD	ORAL	G1	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
581	o dó um e o dó dois é ... é pra fazer os acordes ... no dedilhado do violão ... são usados os quatro dedos ... só que quatro dedos ... só que dessa vez você vai ... excluir o mindinho ... que ... num é ... num é ... o mindinho num é utilizado pra fazer acordes maiores não ... o mindinho ... só é utilizado pra fazer acordes bemol e sustenidos ...	VEZ	ESSA X	FA	NA	DT	ORAL	G4	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
582	... o mindinho ... só é utilizado pra fazer acordes bemol e sustenidos ... isso na mão direita no dedilhado ... só são usados o ... nessa ordem ... o ... polegar ... polegar ... indicador ... médio e anelar ... não ... num é obrigado ser nessa ordem não ... pode ser o polegar e indicador ... anelar e médio ... ou polegar e médio ... anelar e indicador ...	ORDEM	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
583	... o mindinho ... só é utilizado pra fazer acordes bemol e sustenidos ... isso na mão direita no dedilhado ... só são usados o ... nessa ordem ... o ... polegar ... polegar ... indicador ... médio e anelar ... não ... num é obrigado ser nessa ordem não ... pode ser o polegar e indicador ... anelar e médio ... ou polegar e médio ... anelar e indicador ...	ORDEM	ESSA X	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
584	do jeito que a situação tá aqui no Brasil ... como é que são as ... as penitenciárias ... vivem estufadas ... e muitos deles são por crimes ... crimes bárbaros e até desumanos ... sou totalmente a favor ... porque além de ó ... diminuir ... diminuir a lotação da ... das penitenciárias ... sei lá ... serve de inibição pro ... pra outros ... outros assaltantes num come/ num fazerem a mesma coisa né ... e num ficarem impunes por causa disso ... que de repente ... que de repente sei lá um ... por um ato de corrupção ... aí são soltos ... poucos anos depois ... num cumpre a pena inteira ... aí voltam a fazer a mesma coisa pronto vai ... aí mais ... mais alguns anos ... uns anos a mais ... uns anos a menos ... eu sou totalmente a favor ... pra mim esse negó/ esse ... essa pena de morte poderia ser ... poderia ser ... adotada aqui no Brasil	PENA	ESSA X (Z)	FA	NA	AD	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
585	eu acho que a pena de morte além de servir pra ... diminuir a super lotação da penitenciárias ... é um () como eu disse antes ... uma forma de inibição pra outros que num ... num venha a fazer isso ... é essa ... é só ... é só essa a minha opinião assim por cima porque ... se for pra englobar tudo o sistema de ... o sistema de polícia aqui do Brasil que é super falho ... só funciona quando ... só faz ... só faz entrar em greve ... por melhores salários ...	OPINIÃO	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G0	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
586	eu acho que a pena de morte além de servir pra ... diminuir a super lotação da penitenciárias ... é um () como eu disse antes ... uma forma de inibição pra outros que num ... num venha a fazer isso ... é essa ... é só ... é só essa a minha opinião assim por cima porque ... se for pra englobar tudo o sistema de ... o sistema de polícia aqui do Brasil que é super falho ... só funciona quando ... só faz ... só faz entrar em greve ... por melhores salários ...	OPINIÃO	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G0	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º
587	daí a polícia é super mal equipada ... a polícia é super mal equipada ... e quando entram em greve pro ... pra conseguir verbas pra essas coisas ... CHIU ... passam a mão no ... passam a mão no dinheiro do ... do ... do pobre do ... do ... do ... passam a mão no dinheiro dos pobres dos policiais	COISAS	ESSA X	FA	NA	DM	ORAL	G4	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8º

588	eu vi uma reportagem ... que o ... o armamento dos bandidos dava assim ... deixava o ... o da polícia a desejar ... eles pegaram "ó isso aqui importaram ... se isso aqui tivesse ... se essa arma tivesse na ... na polícia do ... do Rio de Janeiro uma coisa dessa num teria acontecido" ... aí fizeram assim uma chacina ... uma coisa assim ...	ARMA	ESSA X	FA	NC	AD	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8ª
589	eu vi uma reportagem ... que o ... o armamento dos bandidos dava assim ... deixava o ... o da polícia a desejar ... eles pegaram "ó isso aqui importaram ... se isso aqui tivesse ... se essa arma tivesse na ... na polícia do ... do Rio de Janeiro uma coisa dessa num teria acontecido" ... aí fizeram assim uma chacina ... uma coisa assim ...	COISA	ESSA	FS	NA	AE	ORAL	G3	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8ª
590	eu acabei convencendo a classe inteira sem ... sem ... sem querer ... eu acho que eu era o único lá e eu acabei convencendo a classe inteira sem querer ... só que nesse dia eu tava inspirado demais ... falei até ... pelos cotovelos ... essa é minha opinião ... eu sou totalmente a favor ... a ... uma con/ é uma condição de que além de ... de diminuir a super lotação das penitenciárias ... pode ... pode servir como ... um chega pra lá nos bandidos ... "num faça mais isso não senão você vai morrer" ... né por essa de matou tem que morrer não ... tudo bem se o cara matou assim de um modo ... de um modo rápido e indolor ... tá bom ... só uma ... digamos que uma ... uma ... perpétua ... dá uma prisão perpétua pra ele pronto ...	OPINIÃO	ESSA	FS	NA	AM	ORAL	G0	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8ª
591	eu acabei convencendo a classe inteira sem ... sem ... sem querer ... eu acho que eu era o único lá e eu acabei convencendo a classe inteira sem querer ... só que nesse dia eu tava inspirado demais ... falei até ... pelos cotovelos ... essa é minha opinião ... eu sou totalmente a favor ... a ... uma con/ é uma condição de que além de ... de diminuir a super lotação das penitenciárias ... pode ... pode servir como ... um chega pra lá nos bandidos ... "num faça mais isso não senão você vai morrer" ... né por essa de matou tem que morrer não ... tudo bem se o cara matou assim de um modo ... de um modo rápido e indolor ... tá bom ... só uma ... digamos que uma ... uma ... perpétua ... dá uma prisão perpétua pra ele pronto ...	PESSOA	ESSA (Z)	FS	NA	AE	ORAL	G1	REL. OPINIÃO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8ª
592	você num concorda que eles tão sendo assassinos de uma outra forma? tirando dinheiro da ... da sobrevivência de muitas pessoas? l: é ... realmente ... mas ... não ... num acho que esse seja ... seja o caso de ... de ... de pena de morte não ... isso é um crime mas num é ... num é um crime como seria um ... a morte de ... depois de fazer uma tortura ... num sei quê ... acho que por causa disso num ... deveria ... deveria sim ter uma ... uma multa ... uma coisa assim sei lá ... vai pagar salário ... vai pagar o aumento de salário de um bocadinho de gente ... deveria ter uma pena certa pra esse tipo de crime ... mas como o povo o ... a justiça aqui no Brasil é cega ... surda e muda ... aí ... eu acho que só ... só pra esse tipo de crime hediondo ... essas coisa bárbara ... bárbara mesmo ... que deveria ser adotada a pena de morte ...	COISA	ESSA X (Z)	FA	NA	AE	ORAL	G3	REL. PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8ª
593	Um teclado, como o nome diz, é um instrumento musical composto de teclas. Essas teclas podem ser brancas (naturais) ou pretas (sustenidos ou bemóis).	TECLAS	ESSA X	FA	NC	AD	ESCRITA	G1	REL. PROCEDIMENTO	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8ª
594	Para facilitar o estudo, os teclados são divididos em oitavas que são espaços contados de oito em oito notas, excluindo as teclas pretas. Essa é só uma pequena base para iniciantes, pois é muito importante que qualquer tipo de músico tenha um bom "ouvido musical".	BASE	ESSA	FS	NA	AE	ESCRITA	G3	NARRATIVA	INF4VF	MASCULINO	14 ANOS	ENSINO FUNDAMENTAL 8ª
595	aí almoçaram e tudo ... e na volta ... esse meu ... primo da minha mãe tava meio bêbado ... mas insistiu e trouxe minha mãe ... isso já era de noite ... minha mãe ... meu pai ... meu tio ... irmão da minha mãe ... e minha tia também ... irmã da minha mãe (...) l: aí eu sei que o carro ... o eixo do carro quebrou ... aí meu pai não teve controle e capotou quatro vezes ... quatro vezes ... eu ... fraturei o braço ... machuquei o rosto ... porque eu levei uma pancada muito grande ... porque eu vinha dormindo ... o Emerson num teve nada ... meu irmão ... e: minha tia ... essa do primeiro acidente ... que entrou nas ferragens ... vinha no carro ... E: de novo ... l: de novo ... fraturou a cabeça ... dessa vez os osso saiu pra fora ... do crânio ... aí ... e minha mãe se machucou toda ... menos a barriga ...	TIA	ESSA (Z) (Z)	FS	NC	AD	ORAL	G3	NARRATIVA	INF4RM	FEMININO	19 ANOS	ENSINO MÉDIO